QVATORZE SERMOENS FVNERAES,

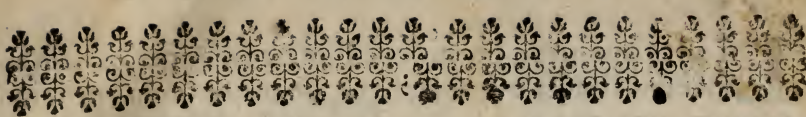
EM QUE SE ENCERRAM, HUMNA MANHÃ dos Finados, cinco com nova traça nos Anniverſarios dos Irmãos Terceiros, cinco em differentes Anniverſarios com diverſos titulos, hum na Prociſſam dos Oſſos que faz a Miſericordia na tarde dos Finados; & dous de Exequias:

Prégados na Cidade do Porto

Pelo M. R. P. Fr. LUIS DE S. FRANCISCO; Miſſionario, & Leytor Apoſtolico de Moral, Chroniſta, & filho da Provincia Obſervante de Portugal de N. P. S. Franciſco, natural da Cidade, & Corte de Lisboa, ſendo Cõmiſſario Viſitador dos ditos Irmaõs Terceiros:

Dedicados ao Illuſtriſſimo Senhor

DOM JOAM DE SOVSA,

do Conſelho de Sua Mageſtade, Biſpo na Dieceſi do Porto, & Similher da Cortina.

LISBOA,

Na Officina de MIGUEL DESLANDES, Impreſſor de S. Mageſtade.

Com todas as licenças nec[illegible]

LICENÇAS

Do Santo Officio.

O P. Doutor Luis da Annunciação, Qualificador do S. Officio, veja o livro de q̃ a petição faz menção, & informe com seu parecer. Lisboa 2. de Dezembro de 1687.

Soares. Pimenta. Noronha. Castro. Fr. Vicente.

EMINENTISSIMO SENHOR:

LI os Sermoens de que esta peticão faz menção, & nam achei nelles cousa dissonante a nossa Santa Fé, ou bons costumes. S. Eloy em 8. de Janeiro de 1688.

O Doutor Luis da Annunciaçaõ.

O Padre Mestre Fr. Joam Ribeiro, Qualificador do S. Officio, veja os Sermoens de que esta petição faz mençam, & informe com seu parecer. Lisboa 23. de Janeiro de 1688.

Soares. Pimenta. Noronha. Castro. Fr. Vicente.

EMINENTISSIMO SENHOR:

LI estes quatorze Sermoens Funeraes, & nelles nam topei com cousa que seja digna de reparo em ordem à censura tocante a este Santo Tribunal, antes se se lerem com espirito despertaràm os Fieis à Catholica, & muy meritoria acçam de orar, & offertar sacrificios a Deos pelas felices almas, que estam no Purgatorio. Lisboa, neste Convento da Santissima Trindade, em 13. de Junho de 1688.

O Doutor Fr. Ioaõ Ribeiro.

VIstas as informaçoẽs, pódemse imprimir os Sermoẽs de que a petiçaõ faz mençaõ, que prégou o Padre Fr. Luis de Saõ Francisco, & depois de impressos tornaràm para se conferir, & dar licença que corram, & sem ella nam correràm. Lisboa 27. de Agosto de 1688.

Soares. Pimenta. Noronha. Castro. Fr. Vicente. E.B.F. Azevedo.

Do Ordinario.

POdemse imprimir os Sermoẽs de que a petiçaõ faz mençaõ, & depois tornaràm para se conferir, & dar licença para correrem, & sem ella naõ correràm. Lisboa 10. de Setembro de 1688.

Serraõ.

Do Paço.

POdemse imprimir vistas as licenças do Santo Officio, & Ordinario, & depois de impressos tornaràm à Mesa para se conferirrẽ, & tayxarrẽ, & sem isso naõ correràõ. Lisboa 10. de Setembro de 1688.

Mello P. Roxas. Lamprea. Marchaõ. Ribeiro.

VIsto constar da informação atraz estar conforme com o seu Original, pòde correr. Lisboa 20. de Iunho de 1690.

Pimenta. Noronha. Castro. E.B.F. Azevedo.

POde correr. Lisboa 21. de Iunho de 1690.

Serrão.

TAxaõ este Livro em doze vintẽis. Lisboa 23. de Iunho de 1690.

Mello. P. Roxas. Lamprea.

INDEX

dos Sermões, que se contem neste livro.

Sermaõ I. Em dia dos Finados, p. 1.

Sermaõ II. No Anniversario dos Irmaõs Terceiros, p 20.

Sermaõ III. Ao mesmo assumpto, p. 39.

Sermaõ IV. Ao mesmo, p. 59.

Sermaõ V. Ao mesmo, p. 81.

Sermaõ VI. Ao mesmo, p 102.

Sermaõ VII. No Anniversario da Irmandade dos Clerigos, p. 120.

Sermaõ VIII. No Anniversario dos Irmaõs da Senhora da Conceição, p. 140.

Sermaõ IX. No Anniversario da Irmandade do Santissimo, & Chagas de S. Frãcisco, p. 162.

Sermaõ X. No Anniversario da Irmandade dos Passos, p. 182.

Sermaõ XI. No Anniversario dos Irmaõs da Misericordia, p. 199.

Sermaõ XII. Na Procissaõ dos Finados, p. 214.

Sermaõ XIII. Nas Exequias da S. Rainha p. 230.

Sermaõ XIV. Nas Exequias de Diogo Lopes de Souza, p. 256.

SERMAM I.

EM DIA DOS FINADOS.

LOUVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Venit hora, in qua omnes, qui in monumentis sunt, audient vocem Filij Dei: & qui bona fecerunt, ibunt in resurrectionem vitæ. Joann. cap. 5.

NEm todos os dias da vida aviaõ de ser só para os vivos, tambem avia de chegar na vida hũ dia, que fosse só para os mortos: todas as horas da vida gastaõ os vivos com os vivos, bem era que chegasse se quer hũa hora, em que os vivos tratassem só com os mortos: *Venit hora.* Todos os vivos ordinariamente se esquecem dos mortos, justo parece ser, que viesse hum dia, em que só dos mortos se lembrassem os vivos. Finalmente os vivos saõ os que sómente fazem seu papel no theatro desta vida; porém nesse dia, & nessa hora os que entraõ a fazer seu papel em aquelle funesto theatro, saõ só os mortos, bem que com hũa grande differença entre o dia de hoje, & o dia do Juizo do mundo, & o de quarta feyra de Cinza: que no Domingo do Iuizo entraõ todos os mortos sem exceiçaõ algũa; porque predestinados, & precitos todos haõ de aparecer entaõ, para serem outra vez julgados: & em quarta feyra de Cinza,

tambem sem exceição algũa, todos haõ de fazer seu papel; pois precitos,& predestinados, todos em pô, & cinza haõ de ser entaõ reduzidos, que esta he a lembrança,que a Igreja nos faz nesse dia: hoje porèm nem entraõ Bemavẽturados, pois jà gozaõ a vista de venturosos; nem precitos, pois jà estaõ no Inferno condenados; pelo que os que hoje entraõ a fazer figura neste theatro, saõ só almas dos mortos,que estaõ no fogo do Purgatorio padecendo cruelissimas penas, & purgando nellas todos seus defeitos nesta vida cometidos, & assim hoje seu he todo este dia, a Igreja lho aplica,para todos os fieis vivos fazerem hoje muitos suffragios por seus fieis defuntos. Mas ainda que o dia pareça seu todo, por serem as bemditas Almas nelle muito interessadas, persuadome com tudo, que tambem o dia he dos vivos, pelo muito que hoje os considero interessantes; & assim cuido eu, que hoje este dia he muito nos interesses para vivos,& para mortos: para mortos,porque pelo meyo dos suffragios, que lhes fazem hoje os vivos, vaõ hoje muitas almas a descançar na gloria por eternidades. Assim o affirma a ametade das palavras, que tomei por Thema: *Venit hora, ut omnes, qui in monumentis sunt, audient vocem Filij Dei.* E para vivos; porque em se lembrarem das bemditas almas, grangeaõ hum seguro muito efficaz para hirem gozar da vista de Deos. Assim o promete a outra ametade das palavras do nosso Thema: *Et procedent qui bona fecerunt, in resurrectionem vitæ.* Temos os assumptos do Sermão,recopilemolos todos em tres reparos,& seja o primeiro este,que nos offerecem as primeiras palavras deste nosso Thema.

Venit hora.

DIzem estas duas palavras, que he chegada hoje a hora. Aqui o reparo. Pergunto: Como avalia Christo nosso

nosso Senhor, & a Igreja (cujas saõ estas palavras) a toda a tarde de hontem, a toda esta noite passada, & a todo o dia de hoje, pelo breve tempo de hũa só hora? *Venit hora.* Toda a tarde, & noite passada, & todo este dia presente nam he dedicado pela Igreja aos suffragios das bemditas almas? Assim o vemos. Naõ dispoem a Igreja, que todos os vivos se lembrem de seus fieis defuntos? He certo. Noite, & dia naõ consta de vinte & quatro horas, & assim passa na verdade? Como pois avalia Christo tanto tempo pela brevidade de hũa só hora? *Venit hora.* A duvida he grãde, queira Deos que acertemos com a reposta della. Cõsidero eu, que chama Christo a tanto tempo hũa só hora, para nos reprehender por este modo do grande descuido, que ha nos vivos para com os mortos, pois saõ para com elles taõ descuidados, que naõ avendo no anno mais que hum só dia deputado para esta piadosa lembrança, inda neste dia se naõ lembraõ os vivos das almas de seus fieis defuntos, mais que escaçamente hũa só hora: *Venit hora.* Cuido que me naõ engano nisto que considero: & inda mal, que taõ grande he este descuido para com as bemditas almas do Purgatorio, como nos mostra cada dia a experiencia, tanto à custa das penas, & tormentos das bemditas almas, que por isso ellas estaõ bradando com sentidos ays, & repetidas queixas: *Miseremini mei, miseremini mei: memor esto judicij mei: charitas fraternitatis maneat in vobis fratres charissimi.* Bem; mas agora pergunto: Que razaõ averà para este tão grande descuido? Em que se fundáraõ os vivos para tanto esquecimento de seus fieis defuntos? Porque bebéraõ tantos Lethes de esquecimento para com as almas bemditas? A maior razão a meu ver he; porque hum morto val o mesmo que hum esquecimento. Quantos ossos de terra se lançaõ em hũa sepultura, tantos de esquecimento se lanção sobre o defunto corpo; & como as almas do Purgatorio, saõ almas de de-

funtos, por isso para com os vivos saõ almas taõ esquecidas. Provemos a supposiçaõ, & ficarà corrente o conceito.

Mortos na lembrança dos vivos, saõ o mesmo que esquecidos.

Mortos para a lembrança dos vivos montaõ tanto como esquecidos, disse-o jà expressamente o Espirito Santo: *Mortui ultra mercedem non habent, oblivioni enim tradita est memoria illorum*; & por isso Iob comparou com a cinza a memoria dos mortos: *Memoria vestra cineri comparabitur.* E que simpatia tem a cinza com esta memoria, para que Iob compare esta memoria à cinza? A Glossa Interlineal responde: *Quia ibi ponitur ubi aura rapit.* Parecese esta memoria com a cinza, porque a cinza com qualquer bafo de vento logo desaparece, & mais naõ lembra, tal he a memoria de hum morto na lembrança de hum vivo. Que bem o entendeo tambem assim David, dizendo em hum Psalmo, que a sepultura era a terra do esquecimento! *In terra oblivionis.* E mais acima diz: *Dormientes in sepulchris quorum non est memor amplius.* E no Psalmo 57. compára os sepultados com as correntes das aguas: *Ad nihilum devenient tanquam aqua decurrens.* E com razão muita; porque assim como a agua, que vay correndo, apenas aparece, quando desaparece, & logo esquece, tal he a memoria dos vivos, para com os mortos. Mais. Lançais hũa pouca de agua na terra, pouco dura, menos corre, porque logo se some; verdade he, que deixa sinal na terra molhada, porèm muito brevemente se seca a terra, & nem rasto deixa, nem memoria de que tal agua ali ouve: da mesma sorte nos mortos para com os vivos. Verdade he, que no enterrò fica a terra molhada, porque ficão as lagrimas nos olhos humedecidos, mas dentro de breves dias se enxugão as lagrimas, & bebem Lethes de esquecimentos, sem rasto, nem sinal de memoria para com o sepultado. Que bem Genebrardo na exposição deste Psalmo! *Quoniam memoria mortuorum apud homines interit.*

Genebrard.

Atè

Atè Christo comparou a sua morte ao esquecimento, que por isso elle diz pela boca de David o seguinte: *Oblivioni datus sum tanquam mortuus à corde.* E agora entenderáõ o grande mysterio, que encerra repetirse no divinissimo Sacramento do Altar tantas vezes a memoria: *Quotiescunque feceritis, in mei memoriam facietis. Recolitur memoria passionis ejus. Memoriam fecit mirabilium suorum. Memoriale tuum à generatione in generationem*, explica Hugo Cardeal: *Sanctissimum Sacramentum, quod traditum est in memoriam.* Pergunto: Para que tanta repetiçaõ de memoria? Direi. Està Christo no divinissimo Sacramento representadamente morto: *Mortem domini annuntiabitis.* E achou o Senhor, que o mesmo era ter hũas representaçoens de morto, que estar totalmente esqueçido na memoria dos homens; & para evitar este esquecimento, & persuadir algũa memoria, era muito necessaria huma memoria muito repetida, & huma grande repetição de memoria; porque tal como isto he o esquecimento dos vivos para com os mortos. Encareçamos mais esta conclusaõ.

He isto tanto verdade, & he tam practicado isto no mundo, que para se poder crer, que ha de hum morto alguma lembrança, & se guarda algum respeito a hum morto, saõ necessarios muitos testemunhos muito calificados, & divinos. Diga-o o Sol na morte de Christo. Tenho eu reparado com alguma curiosa atenção, que em o eclipse do Sol, quando Christo morreo, todos os quatro Evangelistas falláraõ. Leãonos, & acharáõ o que digo; porèm na anticipaçaõ das luzes, que o mesmo Sol fez na madrugada alegre de Christo resuscitado, S. Marcos sómente fallou expressamente: *Valdè manè una sabbathorum veniunt ad monumentum, orto jam Sole.* Pergunto, & difficulto: Porque razaõ falláraõ todos os Evangelistas no eclipse, & hum só na anticipação? Não foi tudo obse-

Para se crer q̃ aos mortos se guardaõ respeitos, he necessario aver testemunhas calificadas, & divinas.

quio feito a Christo? Assim passa. Que mais teve hum, que outro, para que o da morte seja taõ applaudido, & o da Resurreição passe com tanto silencio? Direi. Christo resuscitado, era Christo vivo, & para se crerem memorias obsequiosas feitas a hum vivo, qualquer testemunho basta; mas para se crerem memorias, & obsequios feitos a hum Christo morto, he necessario, que quatro Evangelistas contestes o testemunhem, & em taõ boa hora, que inda assim se crea; porque não he isto o que se practica no mundo, senam muito pelo contrario. Ià eu agora me nam admiro de que sejaõ as mortes humas tirannas estragadoras das amisades mais empenhadas, & dos amores mais refinados. Diga-o o successo funesto do enterro de Jonatas. Morreo Jonatas no melhor da vida, na flor da idade, quando os poucos annos prometiáo largas esperanças, que estas saõ as sem-razoens da morte: David o seu grande amigo, & taõ obrigado, acompanhou o defunto corpo à sepultura, diz o sagrado Texto: *Porro Rex sequebatur pheretrum*; porèm reparo eu, que naõ diz o Texto, que chorasse, nem hũa só lagrima. Valhame Deos! Que he isto David? Nisto parou aquella vossa vehemencia de amor com aquella uniaõ das duas almas: *Conglutinata est anima Ionathæ animæ David*? Aquelle incendio amoroso: *Diligebat eum quasi animam suam*? Se nas lagrimas se protestáo as finezas, se os suspiros testemunhaõ os affectos, como faltáo aqui estes testemunhos, como náo saem a publico estes abonadores? Oh naõ vem, que hia o corpo de Ionatas defunto no esquife! Pois que muito. Morreo Jonatas, acabouse a amisade: he Ionatas morto, por isso nam he Ionatas amigo: quando muito averà hum acompanhamento de corpo presente por cumprimento do mundo, por ser razão de estado; mas por amor, nem amisade, não he isto o que se costuma no mundo. Esta tambem he a razão, porque a Lazaro vivo intitulou Christo

Cõ a morte se acabaõ as amisades, & finezas, &c.

ſto amigo: *Lazarus amicus noſter dormit*; mas tanto que morreo, jà naõ foi amigo, foi ſómente Lazaro: *Lazarus mortuus eſt.* E por iſſo a Joſeph Viſo-Rey do Egypto, a quem os Egitanos queriāo muito, & viviāo muito obrigados, diz o ſagrado Texto, que o enterráraõ, mas não declara ſentimento algum, que fizeſſem no ſeu enterro. Eisaqui como as maiores amiſades, os mais amoroſos affectos, & as mais apertadas obrigaçoens naõ paſſaõ das rayas da morte, & paſmão nas ſombras da ſepultura, onde tudo he eſquecimento: *Mortui ultra mercedem non habent, oblivioni enim tradita eſt memoria illorum.* E porque iſto he o que ſuccede com as bemditas almas do Purgatorio, por ſerem almas dos defuntos, por iſſo a Igreja Catholica avalia com o Evangelho a tarde de hontem, & dia de hoje pelo eſpaço de hũa ſó hora: *Venit hora.*

Oh que grande he o eſquecimento, que ha no mundo para com as bemditas almas, por ſerem almas de mortos! & ſem duvida, que por iſſo ellas pela boca de Iob clamão, & bradaõ, dizendo com repetidos ays, & laſtimoſos gemidos: *Miſeremini mei, miſeremini mei, ſaltem vos amici mei.* E pela boca do Eſpirito Santo tambem formão as ſuas triſtes queixas, dizendo a cada hum de nòs: *Memor eſto judicij mei, ſic enim erit & tuum.* E não quero outra prova melhor para eſta verdade (que prouvéra a Deos tanto o não fora) que a experiencia quotidiana, porque eſta foi ſempre a mais calificada prova. Dizeime por vida voſſa, de quantos teſtamentos ſabeis, cujos legados ha tantos annos, que eſtão por comprir, & dividas por ſatisfazer, fideicommiſſos por reſtituir, & obras pias de Miſſas, Officios, azeite de alampadas, caſamentos de orfaõs, & mercearias por pagar, eſtando as pobres almas, que vos deixaõ o ſeu dinheiro, & a ſua fazenda, que trabalháraõ, cançárão, & ſuárão para acquirila, penando em crueliſſimos tormentos, padecendo muitas, & mui inſoportaveis dores

Exclamaçaõ, contra o deſcuido dos vivos.

dores por culpa do voſſo deſcuido, por maldade da voſſa preguiça, ſem vos lembrares dellas com os devidos ſuffragios, & com a ſatisfacão dos encargos: *Alij laboraverunt, & vos in labores eorum introiſtis.* Oh ambição diabolica! Oh tirania inhumana! Oh brutal fereza! exclama neſte paſſo o grande Padre S. Ieronymo: *Obliviſci quidem ſuorum, ac memoriam cum corporibus efferre meminiſſe parciſſimè inhumani eſt animi.* E S. Dionyſio Cartuſiano explicando aquellas palavras do Eſpirito Santo, *Memor eſto judicij mei, &c.* diz o ſeguinte: *Ideo ora pro me, ac ſubveni mihi, ſicut deſideras tibi poſt obitum ſubveniri.* Querem dizer: Lembraivos agora de nòs, aſſim como depois de voſſa morte aveis de querer, que ſe lembrem de vòs. Para bem, muito nos ouvera de mover eſta conſideraçam, que avemos de chegar todos a eſte taõ laſtimoſo eſtado, (& praza a Deos, que aſſim ſucceda) em que agora ſe vem as bemditas almas; por nòs ha de paſſar (em tão boa hora que hoje fora) o que por ellas agora paſſa, & que nam tendo duvida alguma, que iſto ha de ſer aſſim, ſeja tanto o voſſo deſcuido, tão publico o noſſo eſquecimento: Oh cegueira! Oh laſtima! Oh miſeria! E ſem deſculpa alguma, que ſe dè caſo, que haja filhos, irmãos, maridos, & mulheres, que comão, bebão, viſtão, & calcem, joguem, & com pompas, oſtentaçoens, & regalos bem eſcuſados, paſſem a vida ſem ſe lembrarem dos que lhe deixáram por amor, & parenteſco os ſeus bens. Ha maior tirannia? Ha mais deshumana crueldade? Fiai ora a voſſa alma de quem cá fica, & vereis o que vos ſuccede; fiai a voſſa ſalvaçam dos voſſos herdeiros, ou teſtamenteiros, que depois da morte vòs chorareis o erro da voſſa cega confiança, poſta na memoria dos vivos, em quem ſe nam acha mais que deſcuidos, preguiças, & eſquecimentos, como a Igreja hoje com eſta palavra do Evangelho tão emphaticamente vos reprehende, & adverte, chamando a

S.Hieron.

S.Dionyſ. Cartuſ.

tanto tempo, breve eſpaço de huma hora. *Venit hora.*

Bem eſtà (a meu ver) a repoſta, & conſideraçaõ, que fica ponderada ſobre eſta primeira palavra do noſſo Thema, ſenaõ tivera huma grande replica occaſionada deſta acção preſente, que temos à viſta. A replica he eſta: Que a Igreja avalie todo eſte dia, tarde, & noite paſſada pela brevidade de hũa ſó hora, a reſpeito do deſcuido, & eſquecimento dos vivos para com os mortos, muito embora, que ſó aſſim ſe póde explicar tam grande deſcuido, & eſquecimento; porém que tem que ver eſta repoſta neſta occaſiaõ, em que vemos eſtes irmãos vivos taõ ſolicitos, & lembrados todo o anno com Miſſas, diſciplinas, reſponſos, & hoje principalmente com eſta pompa funeral taõ decoroſa, & tão luzida para o bem, & ſoccorro das almas de ſeus irmãos defuntos, com que provão bem ſeu amoroſo zelo para com ellas? Como pòde ter lugar a reprehenſaõ onde ſe acha tanto deſvelo? A replica he boa, queira Deos que aſſim o pareça a repoſta. Reſpondo: Que eſtà muy proporcionada eſta advertencia para hũa, & outra couſa, aſſim para o amor deſtes irmãos, como para o deſcuido dos vivos, para ambos os intentos tem muita proporçaõ; porque ſe o deſcuido dos vivos he taõ grande, que lhes parecem muitos annos huma ſó hora que ſem amor ſe occupaõ com os mortos, & quando muito huma ſó hora ſe occupáraõ com elles (como fica ponderado) muito pelo contrario paſſa no amor, & zelo deſtes irmãos; pois tantas horas de hum anno, em que ſe occupaõ com os mortos, creyo eu, que lhes parece huma ſó hora, & não ſe admirem diſto, porque aſſim o coſtuma avaliar o amor. Eſtilo he do amor verdadeiro parecerem lhe muitos annos de ſervir, breves horas de merecer; imagina que tudo he pouco para merecer, o que amante ſe dedica a ſervir. Diga-o o enamorado Jacob, perdido de amores pela ſua fermoſa, & querida Rachel.

A quẽ ama tudo o que faz lhe parece pouco, os annos parecẽ dias.

Diz

Diz o ſagrado Texto, que ſervio ſete annos Jacob a Labão por amor de Rachel ſerrana bella : *Servivit ergo Iacob pro Rachel ſeptem annis.* E foi muito exceſſivo o amor, com que ſe deliberou a ſervir : *Præ amoris magnitudine.* Chegou o praſo dos ſete annos, pedio Jacob a paga prometida ; porém Labão uſando de engano, em lugar de Rachel lhe dava Lia. Vendoſe o pobre Jacob aſſim enganado, movído do amor que a Rachel tinha , offereceoſe de novo a ſervir outros ſete annos, como ſe a não tivera merecida : *Servivit ſeptem alijs annis por Rachel apud eum.* O reparo que aqui faço agora, he no encarecer o Texto o amor do primeiro ſerviço, & nam o do ſegundo. Diz que o ſerviço dos primeiros ſete annos, foi ſerviço muito amoroſo : *Præ amoris magnitudine*; & o ſerviço dos ſegundos ſete, foi ſerviço de moço de ſoldada : *Serviens apud eum.* O primeiro ſerviço foi fidalgo, & o ſegundo foi mecanico ; iſto como ? porque ? Antes eu diſſera o contrario, porque no primeiro ſerviço , ſervio fiado na palavra de hum homem ancião , & honrado ; mas no ſegundo ſerviço, jà hia com deſconfiança do primeiro engano , que quem lhe mentio huma vez , tambem lhe mentiria outra ; & aqui apurou Iacob a ſua maior fineza. Como pois trocou o Texto os termos, encarecendo mais o amor do primeiro ſerviço, que o do ſegundo ? Mais. Em que moſtrou Iacob neſte primeiro ſerviço tão grande amor ? Reſpondo a tudo. Notem, que diz o Texto, pareciaõ os primeiros ſete annos, breves horas a Iacob, & muito poucos dias os muitos dias de ſete annos : *Videbantur ei pauci dies*; pelo contrario nos ſegundos ſete , lhe pareciaõ os ſete annos aſſim como eraõ : *Serviens ſeptem alijs annis apud eum.* E vendoſe Iacob enganado por Labaõ ſeu ſogro , nenhuma queixa formou do engano, porque cuidou que era muito pouco o merecimento do ſeu ſerviço tam dilatado ; & como Iacob aſſim procedeo em ſervir, por iſſo o ſagrado Texto

encare-

encareceo tanto o ſeu amor, & mais o do primeiro, que o do ſegundo ſerviço; porque eſta he a pedra de toque em que a fineza do amor mais ſe deſcobre. Ià que vimos iſto no amor humano, vejamolo agora com mais gala no amor divino, que ſó eſte he amor verdadeiro.

Diz S. Ioaõ, que ſabendo o Senhor Ieſus que era chegada a ſua hora, tendo ſempre amado aos ſeus, que tinha no mundo, os amou entaõ com muito maior extremo: *Sciens Ieſus quia venit hora ejus, &c. cum dilexiſſet ſuos, qui erant in mundo, in finem dilexit eos.* Se quizerem averiguar que hora he eſta, para o averiguar, naõ baſtaõ todas as horas da vida humana, & ſem numero ſam os diſcurſos, que ſe tem feito ſobre eſta hora; & naõ ha para que eſpantar diſto, que como todos convem ſer a hora das maiores finezas de Chriſto, como o meſmo Evangeliſta diz expreſſamente: *Dilexit in finem* (tem outra letra, *ſine fine*, & outra letra, *præter finem, contra finem*) finezas, & extremos do amor de Deos, não ha lingua, que os poſſa declarar, nem diſcurſo, que os poſſa comprehender. O que ſuppoſto, niſto por hora nam reparo; o em que reparo ſómente, he em chamar o Evangeliſta a eſte tempo dos amoroſos, & maiores extremos do amor de Chriſto, huma ſó hora: *Sciens quia venit hora ejus.* E fundo aſſim o reparo. O acto da Encarnaçaõ, o acto do Naſcimento, nam foraõ ambos actos de grande amor? Aſſim o affirma S. Ioaõ: *Sic Deus dilexit mundum, ut Filium ſuum unigenitum daret.* Prégar Chriſto, cançar, ſuar, chorar, converter, obrar prodigios milagroſos, dando ſaude a huns, vida a outros, naõ foraõ actos muito amoroſos? Quem averà que o duvide? Darſe ſacramentado, padecer, & morrer crucificado, naõ foraõ actos de ſeu amor muito intenſos? Evidencia he eſta de que ninguem duvida: *Maiorem hac dilectionem nemo habet, ut animam, &c.* Por eſta maneira, & conta, que he do tempo de Deos encarnado atè o tempo

po

po de Deos ſepultado, em que Chriſto contou trinta & tres annos de vida, tudo foraõ actos de amor exceſſivo. Sendo pois iſto aſſim, como recopila o Evangeliſta o eſpaço largo de trinta & tres annos, no breve eſpaço de hũa ſó hora: *Sciens Ieſus quia venit hora ejus?* E ſe quizerem eſtreitar eſta hora ao tempo de ſua partida, que foi ſua payxaõ, & morte, como diz o Evangeliſta: *Vt tranſeat ex hoc mundo ad Patrem*; iſto cõmummente aſſim explicado, inda o reparo eſtà como eſtava, porque deſde a priſaõ atè a ſepultura paſſáraõ muitas horas. Como pois ſe intitula eſte largo eſpaço por hũa ſó hora: *Sciens quia venit hora ejus?* Direi o que niſto alcança o meu diſcurſo: Era tempo das maiores finezas de Chriſto, & parece que ſe moſtrava Chriſto pouco fino, ſe tanto tempo o nam avaliára por huma ſó hora, ſenam imaginára que era pouco tempo para merecer, eſte tempo em que amante ſe diſpoz a obrar. Fallou aqui o Evangeliſta, como quem tanto ſabía o que no amoroſo peito de Chriſto paſſava, como quem tudo via, quanto eſtava no peito: *Qui ſupra pectus Domini in cæna recubuit.* Vem jà como he propriedade do amor avaliar largos tempos, & dilatados annos por horas breves? parecerem poucas horas de merecer, annos dilatados de ſervir? Eis-aqui pois a razam clara, porque hoje o Evãgeliſta nas palavras do noſſo Thema diz, que a reſpeito do amoroſo zelo deſtes irmãos, todo o eſpaço deſte anno, & todas as horas largas de hontem, & de hoje, nam ſaõ para elles mais que o breve eſpaço de huma ſó hora: *Venit hora.*

In qua omnes, qui in monumentis ſunt, audient vocem Filij Dei. Muito me dilatei na verdade em as primeiras palavras, ſerei mais breve nas ſeguintes. Diz o Evangeliſta nas palavras, que eſte he o tempo, & a hora em que todos os que eſtam nas ſepulturas ouvirám a voz do Filho de Deos. Pergunto em primeiro lugar, que voz he eſta, que hão

haõ de ouvir? E que diz esta voz? Se tomarem esta voz no sentido literal, entendese (a respeito dos mortos sepultados) a voz divina, que no fim do mundo ha de chamar todos ao Iuizo universal: *Surgite mortui, venite ad judicium*; porèm no sentido anagogico,& acomodaticio,pòde entenderse da voz de Deos, que hoje chama para o Ceo as bemditas almas, que estaõ no Purgatorio sepultadas, por este modo: *Venite benedicti Patris mei possidete Regnum vobis paratum à constitutione mundi*; assim como no dia do Juizo ha de chamar os predestinados. Isto supposto, entra o reparo,& pergunto: Porque razaõ serà hoje mais o dia,& a hora, em que as bemditas almas haõ de sair de suas penas, do que em qualquer outra hora, & dia? Que maior circunstancia ha no dia de hoje, do que em qualquer outro dia,& hora? Muito grande, & eu a direi. He o dia de hoje dedicado pela Igreja com especialidade aos suffragios das bemditas almas, & como naõ ha meyo mais efficaz para as bemditas almas sairem de suas penas, do que os suffragios, que lhes fazem os Fieis, assim de Missas, como de Officios,& Responsos, esmolas, & penitencias, por isso a Igreja diz com o Evangelho, que hoje he o dia,& hora particular de sairem as bemditas almas de suas penas no Purgatorio, & irem â vista de Deos na gloria. *In qua omnes qui in monumentis sunt,&c.* Provemos isto que suppomos. Tem os suffragios grande efficacia para livrarem as bemditas almas das penas? Assim o affirma expressamente S. Ioão Chrysostomo, allegando o exemplo dos filhos de Iob, que pelo sacrificio do pay foraõ ouvidos de Deos. *Si Iobi filios* (diz elle) *patris victima purgavit, quid dubites à nobis quoque, si pro dormientibus offeramus, solatium quidem illis accessurum.* O mesmo affirma Santo Athanasio, trazendo o exemplo da vide, & do vinho: *Sicut vitis florescit extra in agro, & odorem sentit in utre reclusum, sicque conflorescit, ita intelligimus peccatorum animas*

Suffragios tem grande efficacia para fazerem sair as almas do Purgatorio.

S. Chrys.

animas participare beneficentiam. Para confirmação disto entenderáõ agora o motivo, que teve a Igreja para ordenar o Officio de defuntos em tal fôrma, que tivesse sómẽte Vesperas, Matinas, & Laudes, sendo que em todos os mais Officios, inda no Officio parvo de nossa Senhora, & de outras devoçoens particulares, sempre encerraõ as sete Horas Canonicas; & o motivo desta especialidade foi (diz S. Ieronymo) porque nas Vesperas da tarde se representa o Purgatorio, nas Matinas os suffragios, & nas Laudes a gloria. E o mesmo he entrarem as bemditas almas do Purgatorio no Ceo, que aver suffragios por ellas na terra. E por isso antiguamente (como testemunha o mesmo S. Ieronymo) no seu tempo tinhão as Antiphonas das Laudes Alleluia no fim de cada hũa, como tambem no introito, & gradual da Missa: *Antiquitus resonabant Psalmi, & aurea tecta templorum Alleluia*; & acrecenta aqui o Incognito sobre isto mesmo: *Ad denotandum quod optata eis requies dabatur illa die.*

S. Ieron.

Tanto he como isto a efficacia que tem os suffragios, & para mais realçar esta efficacia, acrecentemoslhe este encarecimento devoto. Tal he esta efficacia, que parece quebra as portas do Ceo com a força, & em certo modo parece, que atè contra a vontade divina mete as almas no Ceo. Assim parece que o affirma S. Malachias. *Verè* (diz o Santo) *Regnum Cælorum vim patitur, & violenti rapiunt illud.* Alludem a este intento estas palavras, que Christo disse a respeito da penitencia, que o grande Bautista prégava; & se Christo disse, que a penitencia tinha este effeito para com os vivos peccadores, que muito que tenhão o mesmo effeito os suffragios, para com as bemditas almas em penas? Se Iacob com a oraçaõ acompanhada de lagrimas: *Oravit, & flevit*, fez tanta força, & pode tanto com Deos, que o mesmo Deos lhe cometeo partido: *Dimitte me*: se o Santo Moyses tanto pode com

Suffragios parece, que quebraõ as portas do Ceo, &c.

Deos,

Deos, por ſer hum homem Santo,que andava à falla com Deos, que chegou o meſmo Deos a pedirlhe , que o deixaſſe caſtigar o Povo ingrato, como ſe Moyſes tivera a Deos atado : ***Dimitte me, ut iraſcatur furor meus*** : ſe Araõ poſto entre os mortos,& vivos fez com ſua deprecaçaõ parar de repente o fogo do divino caſtigo, que vinha ſobre eſtes,& aquelles: ***Stans inter mortuos, & viventes pro populo deprecatus eſt , & plaga ceſſavit***; & ſe os rogos dos Varoens juſtos fazem ſuſpender, & raſgar a ſentença de Deos, como affirma S. Ieronymo : ***Domini ſententia Sanctorum precibus frangitur*** ; como naõ obraráõ muito melhor iſto meſmo os rogos, deprecaçoens , & ſuffragios , naõ de hum ſó Varaõ juſto, de dez, ou de vinte, mas de toda a Igreja Catholica, que he a que os applica pelas bemditas almas, que no Purgatorio eſtáo jà ſentenciadas, ſendo a Igreja eſpoſa de Chriſto muito benemerita,& engraçada? Grande força tem pois os ſuffragi s com Deos, & porque hoje he o dia pela Igreja particularmente dedicado para ellas, por iſſo nas palavras do noſſo Evangelho ſe diz, que eſta he a hora, & o dia em que aquelles,que eſtáo no carcere do Purgatorio,ouviráõ a voz divina , que os chama para os Ceos : ***Venit hora, ut omnes, qui in monumentis ſunt, audient vocem Filij Dei.***

Et qui bona fecerunt, ibunt in reſurrectionem vitæ. Somos chegados às ultimas palavras do noſſo Thema.Querem dizer: Todos os que hoje fizerem bem, ſoccorrendo com ſuffragios as bemditas almas, iráõ lograr venturoſamente a reſurreiçaõ da vida eterna. (Neſte ſentido anagogico,& acomodaticio ſe devem entender hoje eſtas palavras.) O que ſuppoſto,pergunto : De fazer ſuffragios pelas bemditas almas ſe ſegue ver a Deos no Ceo, & ſegurar para a alma a ſalvaçaõ? Sim. Porque ſe paga Deos muito deſta muito ſanta,& piedoſa devoçaõ. Aſſim a intitula o livro ſegundo dos Machabeos: ***Sancta ergo,& ſalubris eſt***

Grãde couſa he tratar das bemditas almas, & grangea grandes favores do Ceo.

cogi-

cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur. E Saõ Ioaõ Damasceno acrecenta, que he hum retrato da bondade divina esta occupação: *Hæc felix divinæ bonitatis imago, dum quis alijs non minus quàm sibi gratiam, & salutem exposcit.* E o Espirito Santo diz, que he muito entendido, & sabio todo aquelle, que com as bemditas almas se empenha, & as toma muito à sua conta: *Qui suscipit animas sapiens est.* Acrecenta a Interlin. *Quasi patronus.* E isto porque? A Glossa aponta a razão muito para o que temos dito: *Quia sibi ut sublimius cum Deo regnet procurat.* Porque com esta santa, & pia occupação se grangeaõ graos summos da gloria no Ceo. Vejamos hũa figura desta verdade no Testamento Velho. Mandou Deos a hum Anjo, que marcasse com hum Tau, que era hũa marca ao modo da letra T, a todos os que achasse em Ierusalem chorando, compadecidos dos males alheios, que se padeciaõ por peccados: *Signa Tau super facies virorum gementium, & dolentium super cunctis abominantibus, quæ fiunt in medio ejus.* Notem, que esta marca era divisa dos predestinados, que se haviaõ de salvar, como he cõmum sentir dos Expositores sagrados. Isto supposto, pergunto: Porque serà indicio certo da salvação chorar peccados alheios, & os males que se padecem por elles? Direi. Porque esta he hũa acção de piedade, de que Deos muito se paga, & como obrigado della, por isso promete o seguro da salvaçaõ, mandando logo sinalar as testas dos que haõ de ser predestinados: *Signa Tau super facies virorum gementium, & dolentium.* Ouçaõ a Santo Agostinho, que com sua costumada agudeza faz esta aplicação ao nosso caso. *Orandum igitur* (diz o Santo) *pro defunctis, sic enim semper boni erimus, sic pij, sic mala morte perire non poterimus.* Grande cousa na verdade he esta occupaçaõ taõ pia, santa, & meritoria. Digamos o ultimo encarecimento, & com elle acabo todo este Sermão.

S. Ioaõ Damasceno.

Grangeaõ se grandes graos de gloria com esta devoçaõ.

De

De tanto valor he esta santa occupaçaõ, que naõ levanta menos a quem nisto se occupa, que aos foros de hũa divindade apparente; porque se só ao poder divino toca o poder meter no Ceo, isto parece que faz quem com suffragios tira do Purgatorio as almas, & as livra das penas. Com hũa figura me declaro, & confirmo o que tenho proposto. Vendose Abraham estrangeiro em terra alhea com sua querida Esposa Sara defunta, sem ter, nem sete palmos de terra, em que pudesse enterrala, foyse ter com os filhos de Heth, & pediolhes, que quizessem usar com elle a misericordia de lhe darem huma sepultura: *Date mihi jus sepulchri vobiscum, ut sepeliam mortuum meum.* E logo lhes fez outra petição por este modo: *Intercedite pro me apud Ephron, ut det mihi speluncam duplicem.* Peçovos, que sejais meus intercessores para com Ephrom, que me queira dar huma sepultura larga. Aqui a difficuldade. Pergunto: Se os filhos deste saõ os que haõ de dar a sepultura, como pede, que sejaõ seus intercessores sómente para ella? Isto he encontrar as petiçoens. Não he (responde a Glossa) porque o que Abrahaõ na realidade aos filhos de Heth pedia, era sómente, que para com Ephrom fossem suas valias, & intercessores, & achou Abraham discretamente, que tanto montava serem elles os que intercediaõ, como serem os mesmos que davaõ; naõ era menos serem intercessores, que doadores; tanto importava serem a causa de elle ter a sepultura, como ser cada hum delles o que lha dava. Bem digo eu logo, que sendo os nossos suffragios o meyo causal de sahirem as almas bemditas de suas penas, ficarem livres do Purgatorio, & consequentemente entrarem no Ceo, he o mesmo, que se deraõ o Ceo ás almas, & como dar o Ceo só compete a Deos, ficaõ tendo hũas representaçoens apparentes da divindade, todos os que fazem suffragios pelas almas, & se empenhão nisto com ellas; & assim com muito fundamento se diz

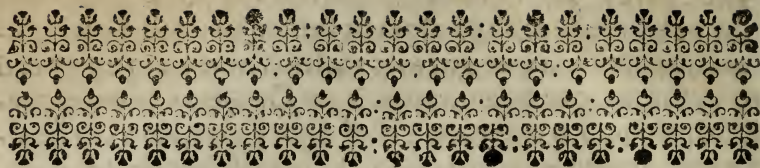
He como divino quẽ livra do Purgatorio as almas.

hoje no nosso Evangelho, que este he o dia, & esta he a hora, em que todos os que fazem hoje bem pelas almas, seguraõ para sy a vida eterna, graos summos de gloria, & representaçoens de divindade: *Venit hora in qua, &c.* Authorizemos isto com huns exemplos.

Testemunha o Padre Alonso de Andrada no grao 32. de seu Itinerario, que conheceo em Madrid hum homem Letrado, & nobre, o qual era tão devoto das bemditas almas, que mandou dizer por ellas em sua vida mais de duzentas mil Missas, alèm de hũa quantidade de esmolas que repartio, & obras pias que fez, tudo aplicado a esta sua devota tenção; & a maravilha maior neste caso foi, que tendo começado sua vida com mui limitado cabedal, deixou no fim da vida a seus filhos trinta mil Cruzados de renda, & vio a sua familia ennobrecida com Habitos, Officios, & Titulos muy honrosos, & chegando a noventa annos de idade, vio netos, & bisnetos, & descendentes atè a quarta geraçam, & morreo bem logrado com grandes demonstraçoens de predestinado, de sorte, que se pudéra chamar o ditoso Abraham da Ley da Graça.

Tambem Iacobo de Vitriaco no livr. 3. p. 3. conta, na vida que escreveo da Veneravel Maria de Ogniens, que estando esta serva de Deos assistindo aos Officios de huma mulher, que avia sido muy devota das almas, vio que Christo Senhor nosso baixou do Ceo acompanhado de muitos Santos, com os quaes celebrou hum Officio por esta defunta, cantando a versos os Psalmos, assim como cà fazemos: & a Rainha dos Anjos acompanhada das Santas do Ceo tambem celebrou outro Officio, por outro devoto semelhante, como refere o citado Padre Alonso de Andrada; & diz, que este devoto se chamava Lourenço Rato, o qual todos os dias rezava pelas almas o Officio de Defuntos, dava esmolas, ouvia Missas, corria Estaçoens, tudo a esta tençaõ aplicado; & mereceo dizerlhe nosso Senhor:

nhor: Proſegue filho em tua devoçaõ quanto puderes, que eu offereço por tua alma os ſuffragios, que fazes pelas almas,& farei que gozes as meſmas honras, que gozaõ os defuntos, por quem rogas,& no Ceo terás grande premio, pelo muito que meu Filho diſto ſe agrada; & finalmente morreo acompanhado das bemaventuradas almas, com grande conſolaçaõ da ſua.

Oh ditoſos Irmaõs,os que com taõ amoroſo deſvelo vos empregais todo o anno,& principalmente neſte dia, & hora,no bem das bemditas almas do Purgatorio! que venturoſos,& diſcretos ſois neſte voſſo emprego, & neſta voſſa taõ pia,& louvavel occupaçaõ! Continuai com ella: *Intende propere procede.* Aumentai eſtes affectos: *Indies creſcatis*, para que aſſim vos conſerveis em hũa boa vida, & com boa vida tenhais hũa boa morte em graça, & depois della muitos tronos de gloria: *Ad quam nos perducat, qui ſine fine vivit,& regnat in ſæcula ſæculorum.* Amen.

SERMAM II.

No Anniversario dos Irmáos Terceyros.

LOUVADO SEJA O SANTISSIMO Sacramento.

Miseremini mei, miseremini mei, saltem vos amici mei.
Job cap. 19.

JA que por obrigaçaõ de meu officio hey de continuar este Sermão todos os annos, em quanto durar a minha obrigaçam, de proposito andei buscando alguma traça curiosa, com que pudesse agradar aos ouvintes, para que a repetiçaõ da mesma materia fique na variedade dos motivos aprazivel, & com os varios motivos da mesma materia se entranhe mais a doutrina delle nos coraçoens dos Catholicos, pois he taõ importante para todos. Permita Deos que me saia a obra cortada à medida do meu desejo. Repartidos pois os motivos, vem a ser por este modo a repartiçaõ delles. Neste anno ouviremos aos mortos pedindo favor de soccorro aos vivos. No seguinte ouviremos aos vivos respondendo aos

aos mortos. No terceiro ouviremos aos mortos conver-
ſando huns com os outros ſobre os vivos. No quarto ou-
viremos aos vivos practicando ſobre os mortos. No quin-
to ouviremos a Deos fallando com mortos, & vivos. E
finalmente no ſexto a mortos, & vivos, dando repoſta a
Deos. Eſtà feita a repartiçaõ, ſegueſe darmoslhe princi-
pio.

Miſeremini mei, miſeremini mei, ſaltem, &c.

MUito grande ſem duvida deve ſer o deſcuido dos
vivos para com as almas dos fieis defuntos, pois
debaixo daquelle triſte pano conſidero com Job as mui-
tas almas dos voſſos fieis defuntos Irmãos, eſtarem repe-
tindo laſtimoſos brados aos ſeus Irmãos vivos. Muito
grãdes ſem duvida devem ſer ſuas penas, pois ſaõ taõ repe-
tidas ſuas queixas: com todo o exceſſo grandes devem
ſer ſeus tormentos, pois ſaõ taõ multiplicadas as vozes de
ſeus queixumes. Laſtimoſa practica na verdade, & bem
triſte converſaçaõ deve ſer a ſua, pois toda ſe cifra em ſen-
tidos queixumes de tormentos com rogos de ſoccorros
para alivio de ſuas affliçcoens; donde colho, que grande
ſem-razaõ he a dos vivos para com as bemditas almas em
ſeus deſcuidos; porque ſe eſtas almas foraõ o que agora
ſomos, & tambem avemos de ſer o que ellas ſaõ agora,
porque naõ nos lembraremos dellas nas ſuas penas? No-
tavel cegueira por certo he eſta noſſa; pois ſendo a noſſa
vida huma continua roda, que nunca em ſeu curſo pára, &
vẽdonos nòs, os que agora andamos cá por ſima no alto da
roda, ir rodeando là para debaixo della muito mais de-
preſſa do que nòs imaginamos, aſſim nos deſcuidamos das
penalidades de humas almas, que já lá eſtaõ em baixo,
tendo como nòs rodeado cá por ſima, porque a ſermos
nòs mais lembrados dellas, tenho por infallivel, que nam

foraõ ſuas vozes taõ repetidas, nem ſeus brados ſentidos taõ multiplicados. *Miſeremini mei, miſeremini mei, &c.* Palavras ſaõ eſtas de Job, que aplicadas no ſentido acomodaticio às bemditas almas, & em Portuguez traduzidas, querem dizer: O paſſageiros viventes, que curſais a eſtrada deſſa vida, ſuſpendei por hum pouco o voſſo paſſo, & parai no curſo de voſſa viagem; adverti que tambem nòs fomos o que ſois agora, & que muito brevemente ſereis o que agora ſomos; conſiderai advertidos, que a meſma fortuna aveis de correr, que nòs agora corremos: *Memor eſto judicij mei, ſic enim erit & tuum,* & neſte tenebroſo lugar vos aveis de ver, em que agora nos vemos; reparai que o meſmo aveis de padecer, que nòs agora padecemos; compadeceivos pois de noſſas penas, ſoccorreinos em eſtes noſſos trabalhos, acodinos em eſtes noſſos tormentos, & naõ ſejais para o ſoccorro taõ deſcuidados, & para o alivio taõ eſquecidos, que iſto he paſſar a praça de inhumanos: *Memoriam ſuorum efferre plusquam inhumani eſt animi.* E quando finalmente as razoens do ſangue vos naõ obriguem, pelo menos enterneçaõvos as razoens de amigos; porque tal vez ſe achaõ os ſoccorros, & ternuras mais certas nos amigos, que nos parentes: *Saltem vos amici mei.*

Eis-aqui os laſtimoſos queixumes, & ſuſpiros enternecidos da triſte practica, que eu hoje conſidero tem as bemaventuradas almas dos Irmãos Terceyros defuntos, com os ſeus Irmãos Terceyros vivos. O que ſuppoſto, ficaõnos neſtas palavras de Job dous reparos, com que formaremos dous diſcurſos, & ſeja logo o primeiro. Supponho, ſegundo o que tenho dito, que a repetiçaõ dos brados, & duplicaçaõ das vozes, naſce do grande deſcuido, que tem os vivos para com as almas dos fieis defuntos, que eſtaõ no Purgatorio em penas mui rigoroſas. O que ſuppoſto, pergunto: Que razaõ averà para que os vivos ſe

eſ-

esqueçaõ tanto das bemditas almas ? Porque seráõ para comellas taõ descuidados? Que motivo averà para taõ grande esquecimento? Direi o que nisto considero. Estaõ as bemditas almas no Purgatorio padecendo crueis penas, estão em o fogo sofrendo tormentos insoportaveis, cercadas estaõ em aquelle tenebroso sitio de rigorosas penalidades; & como saõ almas, que estaõ nestes apertos taõ trabalhosos, por isso ordinariamente se naõ lembraõ dellas os vivos, por isso os vivos se esquecem tanto de defuntos, inda que sejaõ parentes em sangue muito chegados, ou amigos mui intimos, porque regularmente neste mundo naõ ha quem ponha os olhos em gente semelhante para soccorrela; donde nasce, que tanto monta estar hũa pessoa em trabalhos acompanhada, como estar para o soccorro solitaria. Assim o disse jà là o Poeta: *Dum fueris felix multos numerabis amicos, tempora si fuerint nubila solus eris.* E hum discreto de nossos tempos comparou galantemente os amigos desta vida às noites, & às Andorinhas. Notem: Que as Andorinhas em quanto he Veraõ em casa se vos metem, ahi moraõ, ahi criaõ, & nunca de casa se vos saem; porèm em chegando o Inverno, logo se vaõ embora, & nam vos sabem mais a porta, nem as vedes mais dos olhos. Nas horas do dia vereis a praça mui acompanhada de gente, & mui assistida, vereis a vossa casa com muito amigo, & mui frequentada de conversaçaõ, apenas saem huns, quando entraõ outros, estes descem, & aquelles sobem; porèm chegando as horas da noite, jà todos se despedem, & a pouco a pouco se vaõ embora, & vos deixaõ solitario, & assim fica a praça, & a vossa casa sem pé de pessoa, que os olhos vos ponha. Taes como isto, sem mais, nem menos, saõ os amigos desta vida; em quanto duraõ as horas do dia, & o Veraõ das felicidades; em quanto vos vem prospero, & vos sopra a fortuna com riquezas, ou postos, tendes amigos aos centos,

Ninguẽ nesta vida se lembra de quem tem trabalhos, & desgraças.

Similes.

tos, naõ vos largão a escada, nem vos saem de casa; porèm Deos vos livre de que vos vejais em algum aperto, ou desgraça do revez da fortuna, ou trabalho, porque naõ haõ de saber mais a porta, nem sobir a escada, & tal vez, nem vos haõ de tirar o chapeo, nem sabervos o nome, para acodirvos, & soccorrervos; se te vi, naõ te conheci. Em conclusaõ, aveis de acharvos só, quando vos consideraveis mais acompanhado, como a praça, como a casa, & como as Andorinhas, que isto he o que cõmummente se practica no mundo. Ora vejaõ para isto hũa bem singular prova em dous Textos sagrados, cotejados ambos.

Provas do sobredito.

Chegou Christo à vista de hum Paralitico, & compadecido delle, lhe perguntou se queria saude: *Vis sanus fieri?* Respondeolhe o Paralitico por este modo: *Hominem non habeo, qui mittat me in piscinam.* Senhor (diz o Paralitico) que importa querer eu saude, se eu nam vejo aqui hum só homem, que me meta no banho. Aqui a duvida. Pergunto: Como diz o Paralitico, que nam avia ali hum só homem, se o Evangelista diz, que ali estava hũa numerosa multidaõ de gente: *Erat ibi multitudo magna?* Ou o Paralitico mente, ou o Evangelista naõ falla verdade? porque a soledade he exclusaõ da companhia, & quem està acompanhado, nam està só: como pois se encontraõ o Paralitico, & o Evangelista? Ora naõ se encontraõ; porque o Evangelista falla, segundo o q̃ na realidade passava, & o Paralitico fallou, segundo o que na realidade padecia, & o estilo do mundo, que nesta materia se practíca, que he naõ aver amisade, para se compadecer de quem padece; & assim verdade he, que ali estava muita gente, porèm como este Paralitico com trinta & oito annos de enfermo padecia muito trabalho, & necessidade, achou discretamente, que ninguem se avia de compadecer delle em suas penalidades, & por isso disse, que estava só, estando muito acompanhado: *Hominem non habeo: erat*

ibi

ibi multitudo magna. Jà o Profeta Jeremias o entendeo assim, quando lamentando o desemparo da Cidade Santa de Jerusalem disse, que a Cidade estava muito só, & muito acompanhada: *Quomodo sedet sola Civitas plena populo?* Solitaria, & com muita gente? Ha maior contradiçaõ? Como he isto possivel, se quem vive no retiro da soledade, sente a falta da companhia, & onde ha companhia, nam se sente soledade? Ora vejaõ o estado em que a Cidade santa estava, & descobriràõ o mysterio. Viase feudataria: *Facta est sub tributo*: as suas donzellas mal tratadas, & descompostas: *Virgines ejus squalidæ*: & viase com amargos sentimentos oprimida: *Ipsa oppressa amaritudine*; & como em taõ lastimoso estado se via taõ oprimida, & trabalhada, por isso ninguem della se compadecia, & assim tanto montava para a compayxaõ estar só, como muito acompanhada: *Quomodo sedet sola, &c.* Em conclusaõ, se quizeres pezar quanto valeis, pondevos nas balanças dos trabalhos, & logo vereis o que pezais nos poucos amigos que tendes. Eis-aqui pois a primeira razaõ, porque ordinariamente os vivos se esquecem tanto das bemditas almas; porque saõ almas, que padecem grandes tormentos, & estão em grandes trabalhos, & por isso repetem brados, & duplicão rogos: *Misereminі mei, miseremini mei, &c.*

Temos dado hũa razaõ, demos outra. He taõ grande o descuido dos vivos para com as bemditas almas, porque saõ almas que estaõ na outra vida ausentes, & com estas naõ perseveravaõ amorosas lembranças, inda que as finezas fossem muito refinadas. Notem a prova. Fallando Christo com seus sagrados Discipulos, lhes fez esta pergunta: *Si quis diligit me?* Està aqui por ventura alguem, que me tenha amor? Aqui o reparo. Pergunto: Como Senhor? Que he o que perguntais? Naõ està aqui hum Pedro, taõ fino amante, que vos faz testemunha do seu amor:

Naõ se guardaõ respeitos amorosos a ausentes.

amor: *Tu ſcis Domine, quia amo te*; & diz que darà por vòs a vida: *Tecum paratus ſum, & in carcerem, & in mortem ire?* Nam eſtà aqui hum Thomè, que vendo em voſſo corpo chagas de hum anno, vos confeſſa divino: *Dominus meus, & Deus meus?* Naõ eſtà aqui hum Ioaõ igualmente amado, que amante: *Quem diligebat Ieſus?* Como pois duvidais de tanto amante taõ refinado: *Si quis diligit me?* Ora vejaõ a occaſiaõ em que o Senhor poz a duvida, & logo entenderáõ o motivo della. Eſtava o Senhor nas veſperas de ſua partida para o Padre, queria auſentarſe do mundo: *Exivi à Patre, veni in mundum, iterum relinquo mundum, & vado ad Patrem.* E como o Senhor vio q̃ era eſte tempo de ſua auſencia, governandoſe pelo eſtilo que corre no mundo, achou que era hum como impoſſivel conſervar nenhum dos Diſcipulos para com elle correſpondencia, nem lembrança amoroſa; porque nas auſencias tropeção as mais refinadas: donde veyo S. Bernardo a chamar às auſencias madraſtas do amor: *Noverca amoris eſt.* Agoſtinho diſſe, que eraõ do amor hũa morte viva: *Amantibus cum diſcedunt ſua mors eſt.* E o meſmo diſſe o melifluo Bernardo: *Dum prope eſt, quod amatur, viget amor, languet cum abeſt.* Por maneira, que he a auſencia o verdugo do amor mais exceſſivo, & o algoz do bem querer mais vividouro, & em concluſaõ vòs o coſtumais dizer entre vòs: Taõ longe dos olhos, tão longe do coração; & requintando iſto digo, que baſta hũa muito breve auſencia, para fazer resfriar o amor, & amiſade mais empenhada. Vejaõ-no na amiſade do copeiro de Faraò com Joſeph.

Contiuùa. Tinha o copeiro de Faraó contrahido no carcere com Ioſeph hũa amiſade mui amoroſa, & lhe eſtava o copeiro muito obrigado, porque lhe tinha adevinhado hum ſonho de ſua liberdade, & à viſta deſta obrigação lhe prometeo por deſempenho, que em ſe vendo reſtituido ao

ſeu

ſeu antigo eſtado, elle logo ſe empenharia em ſoltalo. Adverte agora o Texto ſagrado, que ſuccedendo a liberdade do copeiro, aſſim como Ioſeph a tinha vaticinado, o copeiro ſe nam lembrou mais de Ioſeph, nem fez caſo de ſua amiſade: *Succedentibus tamen proſperis, præpoſitus pincernarum oblitus eſt interpretis ſui.* Pergunto: Qual ſerà a cauſa deſta novidade? Qual o motivo de tão grande eſquecimento? Seria por ventura, porque ſe vio entronizado, & no tempo de felicidades nam ha amigos? Bem poderia ſer, porque aſſim ſe practíca na Corte; mas a razaõ a meu ver foi, porque o copeiro ſahia do carcere, auſentouſe, & baſtou eſta taõ breve auſencia, para fazer extinguir huma correſpondencia tão amoroſa, & huma obrigação de amiſade tão preciſa. Que couſa eſta tão uſada no mundo. Eis aqui pois as duas principaes razoens, porque ordinariamente os vivos ſaõ tão eſquecidos das bemditas almas. São almas cercadas de tormentos rigoroſos, poſtas em grandes apertos, & ſaõ almas, que eſtão auſentes, & deſta vida muito alongadas, & porque ſam eſtas, por iſſo eſtão no Purgatorio tão eſquecidas dos vivos; & porque o eſquecimento dos vivos he tão grande para com ellas, por iſſo ellas repetem os brados, duplicão os rogos, & multiplicão as vozes tão ſentidas: *Miſeremini mei &c.*

Exclamação.

Ah Chriſtãos, ſe pois o eſquecimento, & o deſcuido he tão grande nos vivos para com as bemditas almas, que fazeis, & como vos não deſenganais, para tratares logo da voſſa em quanto podeis? Lembrovos, que aos que cà ficão depois de vòs eſtares ſepultado, ſó lhes peſa de lhes nam deixares mais fazendas, para comerem, jugarem, & triunfarem, deixandovos eſtar encarcerados em penas, & elles com regalos. Aqui cabe agora o que jà Chriſto là diſſe, parece que alludindo a eſte noſſo intento: *Alij laboraverunt & ſeminaverunt, vos autem in labores eorũ introiſtis*: hũ a cavar, & ſuar para ajũtar, outros para comerẽ, & regalaremſe

com

com o que o outro ajuntou, o defunto em penas, & o ſucceſſor com delicias. Na Lenda de Santa Luzia ſe conta, que perſuadindo a ſua mãy vendeſſe a ſua fazenda, & fizeſſe bem pela ſua alma em ſua vida, a mãy lhe reſpondeo, no ſeu teſtamento deixaria iſto por ſua morte declarado. Acodio a Santa dizendo: Senhora mãy, & quem lhe ſegurou a V.M. que poderà fazer teſtamento, & terà tempo para iſſo? alèm de que, digame, que candea he a que nos alumea, a que vai adiante, ou a que de noite fica atraz? Ficou a mãy confuſa, & logo fez o que a filha lhe tinha aconſelhado, mandando dizer Miſſas, & dando muitas eſmolas. Toma agora diſto exemplo, ô peccador, que me ouves, nam ſejas cego, & ignorante, nem tenhas tão alucinado o entendimento, que te deſcuides em materia tão importante. Abre os olhos, & reconhece eſtas verdades, que ſaõ mui palpaveis, nam ſejas como os Iſraelitas, que com a cegueira do juizo, nas horas do meyo dia davaõ com as cabeças pelas paredes: *Quaſi cæci palpavimus in meridie, impegimus in pariete.* Mas agora pergunto eu: Qual ſerà a razaõ, porque tantos ſe deſcuidaõ em ſeu negocio, que he para a ſua ſalvaçaõ taõ importante? Porque ſenão reſolvem a fazer ſeu teſtamento, & diſpor de ſua fazenda? Que he o que os retarda, que os detem, & que os cega? Porque ſenão deſenganaõ com a experiencia quotidiana? Entre outras razoens, a que me parece mais adequada he eſta: Naõ trataõ os viventes da ultima diſpoſição, que convem a ſua alma, porque como todo o vivente traz o penſamento entregue ao deſejo de dilatar a vida, cuida que com diſpor de ſua fazenda, & tratar de ſua alma jà apreſſa a morte; imagina que o meſmo he fazer hum teſtamento, que ſubirlhe a morte pela eſcada acima, ſendo que he muito às aveſſas do que cuida; pois trazer diante dos olhos a lembrança da morte, he o meyo mais efficaz para dilatar o praſo da vida, & riſcar da lembrança a me-

A lembrãça da morte eſtẽde a vida, & o eſquecimento apreſſa a morte.

à memoria da morte, he caminho aberto para vir a morte apreſſada. Provemolo.

Tendo Deos creado a Adaõ, & tendo-o feito ſenhor univerſal de todo o creado, com liberdade abſoluta para uſar de tudo quanto eſtava das portas a dentro do Paraiſo, hũa ſó couſa lhe exceptuou, & foi huma arvore, que eſtava no meyo do Paraiſo: *De omni ligno comedes, de ligno autem, quod eſt in medio Paradiſi, ne comedas*; & logo lhe poz pena de morte, ſe tocaſſe nella: *In quocunque die comederis, morte morieris.* Pergunto: Com que intento poria Deos eſte preceito a Adão? Se ha de comer de tudo, que importa que coma deſta arvore? & ſenam ha de tocar nella, & ha de ter em ſy a morte eſta arvore, nam fora melhor nam creala? Aſſim parece, mas nam he aſſim, & eu direi o que niſto o meu juizo alcança. Tinha Deos creado a Adão na juſtiça original, & conſervado Adão neſte eſtado, avia de ter hũa vida taõ larga, que nam avia de morrer, mas chegando a certo termo de tempo, avia de ſer tranſplantado no Ceo, & como Adão avia de ter eſta tão larga vida, achou Deos, que para ſer aſſim, o meyo mais ſeguro era ter à viſta a morte, porque com eſta lembrança alongava ſeguramente a vida; pelo que eſte foi, a meu ver, o motivo divino. Vejaõ agora o que fez o Demonio invejoſo em contrapoſiçaõ diſto. Vaiſe ter com Adaõ, & metelhe na cabeça, que tal morte não avia na arvore, nem tal couſa lhe lembraſſe: *Nequaquam moriemini*; deulhe credito Adão, & comeo, & o meſmo foi perder a lembrança da morte, do que perder a vida: *Donecque revertaris in terram de qua ſumptus es, quia pulvis es.* De ſorte que tendo aos olhos a morte, conſervava a vida, & perdendo eſta preſença, apreſſou a morte. Ià David parece que tambem aſſim o conheceo em hum lanço que teve com ſeu filho Salamão na hora da morte acerca de Joab ſeu inimigo, & foi o caſo, que eſtando o Rey às portas da mor-

morte, despedindose, & lançando a benção a seu filho, por ultima despedida, lhe encomendou debaixo da sua benção, que sempre désse a entender ao seu inimigo Ioab, que como filho de bençaõ intentava vingar a offensa paterna: *Non deduces canitiem ejus cum pace ad Inferos.* Ha mais prodigioso caso? Parecevos, que està bom o arrependimento de hum Rey Santo? Quando avia de perdoar, ao menos na hora da morte, deixa encomendada a vingança? Que he isto que fazeis Santo Rey? Olhai que vos condenais, porque obrais contra hum divino preceito, que manda perdoar a inimigos. Ora reparem, que David naõ mandou ao filho que se vingasse, senaõ que désse sómente mostras a Ioab, de que intentava vingarse; & isto a que fim? Direi. Era David hum homem Santo, que sempre trazia a morte tanto diante dos olhos, que atè hum bocado de paõ que metia na boca, era com a memoria da morte: *Cinerem tanquam panem manducabam.* E como isto assim fosse, & tivesse da morte taõ grande conhecimento, fallou como quem bem a conhecia, & fez comsigo este discurso: Joab meu inimigo, em quanto me tinha vivo, por ter a hum Rey aggravado, cuidava que em cada canto topava com a morte, andava com o olho sobre o hombro, & trazia a morte nos olhos, & com esta lembrança conservou atègora hũa vida larga; porèm como agora me vir morto jà, cuidará que està livre, & assim ha de esquecerse da morte, & com este esquecimento se lhe ha de abreviar a vida: pois para que se lhe nam abrevie, delhe meu filho a entender, que se quer vingar; porque assim conservará a memoria da morte, & por este modo terà larga vida: foi lanço este mui proprio de hum Rey taõ santo; porque naõ ha duvida, que com a memoria da morte se dilata a vida, & se encurta com o esquecimento della.

Exclamação.

Eis-aqui outro engano inda muito peor do que o engano cego, que jà là fica ponderado. Cuidas (ó peccador)

dor) que por te lembrares de tua morte, logo ſe acaba a tua vida, & por tratares com cuidado diſcreto do bem da tua alma, por iſſo apreſſas a tua morte? Grande cegueira na verdade, notavel engano, & deſvario ſem deſculpa! Digaõme: Sabeſe de alguem atè hoje, que por cuidar na morte morreſſe mais depreſſa? Conheceo-ſe atègora alguem, que por fazer ſeu teſtamento, ou por mandar dizer Miſſas, & fazer Officios, por iſſo tiveſſe menos vida? Naõ por certo, creio que nunca tal ſe vio, nem ouvio. Que he pois, ò peccador cego, o que te engana? Que te detem para naõ tratares logo do bem de tua alma, & do que tanto te importa á tua ſalvaçaõ? Que te entorpece o juizo para eſte deſcuido em ſemelhante materia taõ neceſſaria, ſe agora com todo o teu juizo perfeito, & com boa ſaude deſcanſado para fazeres o teu teſtamento bem feito, tomas conſelhos, riſcas muitas regras, emendas muitas couſas, fazes muitos treslados, dormes ſobre iſto muitas noites, & inda depois acrecentas codicillos & fazes declaraçoens; que ſerà quando eſtàs com os tresvalios febricitantes, com a fraqueza do corpo, com a falta do diſcurſo, com as lagrimas dos filhos, com os ſuſpiros da mulher, ou dos criados, & com as ancias mortaes, que he mais que tudo? Oh valhame Deos, & que triſte eſpectaculo he eſte, que confuſo teſtamento ſerà o teu neſtes termos taõ apertados! Quem me dera ter agora o eſpirito de hum S. Paulo, para te entranhar bem eſta taõ doutrinavel advertencia! mas já que eſte me falta, ouçaõ a S. Ioaõ Chryſoſtomo a eſte intento. *Multo amplius* (diz o Santo) *ſatisfactoria ſunt apud Deum bona opera facta à vivente, quàm ſi eadem fiant pro eodem mortuo.* Nam cuides, que he o meſmo fazeres as boas obras por ti vivo, como fazerem-nas outros por ti depois de morto, porque vai muito de hũa couſa a outra. Se tu peccador, a quem tanto te importa, te deſcuidas, que confiança louca he a que poens em outrem? & mais quando

do o Espirito Santo diz, que maldito he o homem, que em outro se confia: *Maledictus homo, qui confidit in homine.* Ha pois maior cegueira, que esta? Ora digo, que senaõ pòde dar juizo mais entorpecido, que chegar a fiar de outrem aquillo que naõ prestei para mim; deixar para a morte, o que pudéra ter feito em vida; guardar para a doença, o que pudéra fazer em saude; & levar a candea nas costas, que pudéra ir diante dos olhos. O que supposto, trate cada hum de fazer o que tanto lhe convem, para segurar sua salvaçaõ, & naõ o fazendo, saiba de certo, que fiando o bem de sua alma do esquecimento dos vivos, ha de dar depois repetidos brados, & sentidas vozes, como hoje estaõ dando as bemditas almas, dizendo com Iob: *Miseremini mei, miseremini mei.*

Saltem vos amici mei. Entra o segundo reparo. Pergunto, para formarmos o segundo discurso: Porque pedem as bemditas almas dos Terceiros defuntos aos seus Irmãos vivos, que se lembrem dellas? Porque foraõ em uniaõ amorosa seus irmãos na vida. Porque senaõ valem estas almas de seus pays, ou filhos, & mais parentes, consanguineos, amigos; só destes Irmãos se valem? Porque, direi. A meu ver acertáraõ discretamente estas almas nesta eleiçaõ do soccorro, que fizeraõ, porque julgáraõ, que muito mais certo tinhaõ o seu soccorro na piedade dos Irmãos amigos, do que na dos seus mais chegados parentes carnaes, & nisto senaõ enganáraõ; porque não ha duvida, que muito mais certa he a compaixaõ para o soccorro em aquelles, do que nestes. Não nego, que he muito bom ter bons parentes; porém tambem he certo, que naõ ha tam bom parente, como he ter hum bom amigo; porque mais depressa ha de faltar a piedade naquelles, do que nestes. Vejamolo em Isac com os filhos de Jacob, & Esau. Levou Iacob a bençaõ de Esau furtada, em quanto Esau andava caçando no monte, & chegando da caça pedio

Mais certo he o soccorro em amigos, que em parentes carnaes.

ao

ao pay a benção do morgado, que lhe competia por ſer irmão mais velho: eſcuſouſe o pay dizendo, que ſó hũa benção tinha, & que eſta ſeu irmão jà fraudulentamente a tinha levado, fingindoſe o que naõ era; porque na materia da ambição, nem irmãos ſe perdoão. Ouvindo iſto Eſau, começou a desfazerſe em lagrimas, repetindo entre laſtimoſos ſuſpiros ſeus enternecidos queixumes: *Cùmque ejulatu magno fleret.* Reparou o pay niſto, & enternecendoſelhe as paternaes entranhas, pozlhe a mão ſobre a cabeça, & afagando-o lhe diſſe, que nam choraſſe, porque elle lhe daria hũa benção tão boa, como a de Iacob; & aſſim o fez com effeito: *In rore cæli, & in pinguedine terræ deſuper erit benedictio tua.* Aqui o reparo. Pergunto: Se Iſac inda agora acaba de dizer, que não tem benção para dar, como teve tão depreſſa benção? tambem as cans de Iſac enganão? & tambem na morte ſe mente? donde ſahio eſta benção, que atègora nam tinha? Oh que ſaõ filoſofias de amor ſecretas! Notem. Iſac aqui fez duas figuras com o filho, & as meſmas fez o filho com o pay; huma era da natureza, outra do amor. Em quanto Eſau pedio a benção ao pay em razão de ſer filho mais velho, pondo o pay os olhos neſta obrigação da natureza, negoulhe a benção, faltandolhe com a compaixão natural: porèm quando Eſau depois recorreo ao tribunal do amor, metendo por interceſſoras as lagrimas, pondo o pay os olhos nellas, logo amoroſo ſe compadeceo; de ſorte que a data da benção, foi traça ſutil do amor, acabando eſta, o que nam pode fazer a razaõ da natureza, fazendo Iſac por amante, o que nam fez por pay, & levando Eſau pelo amor, o que nam pode levar pelo ſangue. Jà Jonatas tambem aſſim o uſou com ſeu pay, em favor do ſeu amigo David.

Quiz Saul matar a David por hũas deſconfianças,

Mais depressa se falta a hũ pay do que a hũ amigo.

que delle tinha; soube-o Jonatas filho de Saul, & no mesmo instante em que o soube, foi logo à pressa fazer aviso a David para livralo, revelandolhe todo o segredo paterno: *Et indicavit Ionathas David dicens, &c.* Pergunto: Que he isto que fazeis Princepe illustre? sois traidor a vosso pay? este he o exemplo, que dais aos vassallos? olhai que vos cahirá em casa esse máo exemplo. Oh deixem, que fez Jonatas comsigo este discurso: Se guardo o segredo a meu pay, falto com a obrigaçam do amor ao meu amigo; se o aviso, & lhe descubro o segredo, falto na lealdade de filho a meu pay: apertados termos: mas nestes cortese pelas razoens de filho, & nam pelas razoens de amigo: prevalecão as razoens de meu amor às razoens de meu sangue; porque para mim naõ montaõ tanto as obrigaçoens do sangue, como as do meu amor: andou nisto Jonatas como amante, & discreto amigo; porque nam ha duvida, que muito menos prepondéraõ as obrigaçoens da natureza, do que as da amisade; pelo que muito discreta, & advertidamente clamão, & pedem soccorro as bemditas almas dos Irmãos Terceyros defuntos aos seus Irmãos Terceyros vivos, como Irmãos do amor, naõ fazendo conta de o pedirẽ a parentes por vinculo do sangue obrigados: *Saltem vos amici mei.*

Inda aqui descubro outra circunstancia nesta fraternidade da Ordem Terceyra, que faz muito ao nosso proposito, & vem a ser, que esta irmandade fraternal he espiritualmente contrahida, & por ser tal prepondéra mais do que o parentesco da cõsanguinidade: & a razão disto he; porque nam ha duvida, que muito mais intimamente apertados saõ os parentescos do espirito, do que os do sangue, nam tem que ver vinculos de consanguinidade com os vinculos espirituaes.

Mais apertados saõ os parentescos do espirito do que os do sangue.

Diz

Diz Chriſto, que quem fizer a vontade de ſeu Pay, eſte tal fica com elle tam eſtreitamente aparentado, que he ſeu pay, ſua mãy, & ſeu irmão: *Qui fecerit voluntatem Patris mei, ipſe meus frater, & mater, & ſoror mea eſt.* Pergunto: Como he poſſivel que nenhum de nòs poſſa ſer pay, nem irmão de Chriſto, ſe Chriſto nam teve pay em quanto homem, & em quanto Deos ſó o Eterno Padre foi ſeu Pay; & nem em quanto Deos, nem em quanto homem teve irmãos? Que modo pois de parenteſco he eſte que temos com Chriſto? Ouçaõ ao meu Serafico Doutor S. Boaventura, que ſolta a difficuldade muito ao noſſo intento: *Non ſolùm adhærentes ſunt cognatione carnali, ut beata Virgo Maria, ſed ſpirituali dilectione, ut quælibet anima ſancta.* Chriſto veyo ao mundo a fazer a vontade de ſeu Eterno Pay, como elle meſmo diz: *In hoc conveni in mundum, ut faciam voluntatem Patris mei.* E aſſim todo aquelle que faz a vontade do Eterno Padre, faz por eſpirito, o que Chriſto fez por obra, & niſto ſe conforma eſpiritualmente com Chriſto; & como iſto aſſim ſeja, achou Chriſto, que quem por lanço de eſpirito ſe conforma com ſua divina vontade, fica taõ aparentado com elle, como ſe fora ſeu pay, & ſeu irmaõ. Inda nam provei tudo o que propuz, paſſo avante. Saõ os parenteſcos do eſpirito muito mais apertados que os do ſangue. Eſta foi a propoſta, provemola com eſte meſmo lugar. Notem dizer o Senhor, que quem faz a vontade de ſeu Eterno Pay, he ſeu pay, & ſeu irmaõ; & o meſmo diſſe eſte Senhor em hũa occaſiaõ, em que lhe diſſeraõ, que eſtavam ſeus irmãos, & ſua mãy fóra eſperando por elle: *Mater tua, & fratres tui ſtant foris*; ao que o Senhor reſpondeo: *Quæ eſt mater mea & fratres mei? Ecce mater mea, & fratres mei; qui enim fecerit voluntatem Patris mei, hic frater meus, & ſoror, & mater mea eſt.* Que

 he

he o que dizeis, que està aqui minha mãy, & meus irmãos? Sabei, que minha mãy, & os meus irmãos saõ aquelles que obedecem à vontade de meu Eterno Padre. Reparem bem nisto; de sorte que affirma o Senhor sermos seus pays, & irmãos: como he isto possivel, se por vinculo de sangue quem he irmão, nam pòde ser pay, & quem he pay nam pòde ser mãy? Assim passa quanto aos vinculos da consanguinidade: porèm muito differente moeda corre quanto ao vinculo espiritual; porque os vinculos do espirito saõ muito mais estreitos, & passaõ muito além dos vinculos do sangue; faz o espirito parentescos, que naõ pòde fazer a natureza. Eis-aqui pois o acertado fundamento com que as bemditas almas se valem para o soccorro, mais dos seus Irmãos Terceyros vivos, do que dos seus parentes consanguineos, fiando o emparo muito menos destes, do que daquelles: *Saltem vos amici mei.*

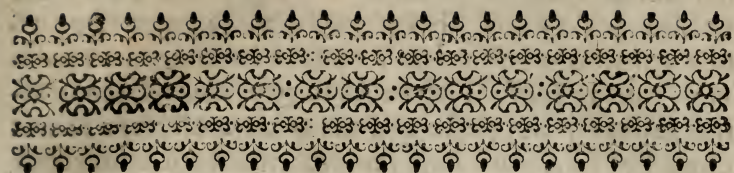
Tenho acabado o Sermaõ, porque tenho satisfeito aos discursos que propuz no principio delle, & o que de tudo isto resta he, que nam demos occasiaõ a formarem tantas queixas, & multiplicarem tantos brados lastimosos as bemditas almas, compadeçamonos com mais cuidado dellas, pois estaõ em tantas penas, & lembrenos, que tambem avemos de padecellas. Oh ditosas almas as dos Irmãos Terceyros, pois nos seus Irmãos vivos tem irmãos espirituaes, & amigos verdadeiros, que em toda a roda do anno, todos os dias se lembraõ dellas com muitos, & varios suffragios de disciplinas, Oraçoens, Responsos, & Missas, de que todos somos boas testemunhas. Continuai pois em taõ santa occupaçaõ, porque com ella fazeis tambem vosso negocio: pois assim grangeais para vòs almas, que sendo bemaventuradas, haõ

de

de ser vossas intercessoras muito agradecidas por primorosas, quando là vos vires em penas, & eu vos seguro, que com sua intercessaõ vos vejais brevemente livres dellas, como o mostra o exemplo, que se segue. Conta S. Dionysio Cartusiano, que hũa mulher muito virtuosa, chamada Getrudes, devotissima das almas do Purgatorio, offerecia a Deos por ellas todas quantas boas obras fazia, & pedia sempre a Deos, que fosse servido mostrarlhe a alma que estivesse mais desemparada no Purgatorio, para que por ella fizesse toda a diligencia de suffragios até a livrar das penas. Ouvio-a o Senhor, porque lhe concedeo que ella visse huma alma mui necessitada, pela qual logo se empenhou com tantos suffragios, que a livrou, & sendo livre, mostroulhe logo o Senhor outra, & assim foi vendo, & livrando muitas almas desemparadas; chegou finalmente à velhice, & vendose na hora da morte, tentou-a o Demonio, persuadindo a, que nenhuma cousa tinha feito em satisfaçaõ de seus peccados, por quanto tudo tinha dado às almas do Purgatorio, & se tinha despedido de tudo, & assim naõ podia salvarse sem boas obras; mas Christo Senhor nosso, que nos maiores apertos acode, lhe apareceo, animando-a, & lhe disse: Filha, nam te afflijas com este pensamento diabolico, porque eu que prometi cento por hum ao que tiver caridade com seus proximos, eu te dobrarei a caridade, que has tido com as almas, & receberei por ti tudo o que has offerecido por ellas, & tambem te dobrarei o premio da gloria, & farei que em tu espirando bayxem todas as almas que subiraõ ao Ceo por tua causa, & te acompanhem, & levem comsigo a tua alma ao Ceo. Assim o comprio o Senhor como fidelissimo que he em suas promessas, & assim acabou a vida esta mulher devota das almas.

Eis-aqui o que monta a lembrança das almas: quem averà pois, que com ellas ſenaõ empenhe, para ſegurarmos depois do curſo deſta vida eſſa eterna gloria? *Ad quam nos perducat Dominus meus Ieſus Euchariſticus Filius Mariæ.*

Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento.

SER-

SERMAM III.

No Anniverſario dos Irmãos Terceyros.

LOVVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Nos ergo, quoniam fratres ſumus, in omni tempore memores ſumus veſtri in ſacrificijs quæ offerimus, & in obſervationibus noſtris, ſicut decet meminiſſe fratrum. 1. Machab. c. 12.

O anno paſſado ouvimos os mortos rogando, & pedindo repetidamente ſoccorro aos vivos; neſte temos para ouvir os vivos reſpondendo aos mortos: entaõ ſe queixáraõ os mortos do deſcuido dos vivos: *Miſeremini mei, miſeremini mei, ſaltem vos amici mei*; hoje moſtraõ os vivos a primoroſa ſatisfaçaõ, que deraõ a eſtas queixas mui bem fundadas pelos mortos: *Nos ergo, quoniam fratres ſumus, &c.* Contèm eſtas palavras parte de hũa repoſta que Jonatas mandou aos Sparciatas ſobre a conſervação da fraternal

nal amiſade, que jà de tempos antigos avia entre ſeus predeceſſores, & apontando nella as razoens que tinha para ſer continuada, remata tudo com as palavras, que no noſſo Thema ficão referidas, dizendo aſſim nellas: [Suppoſto que meus anteceſſores, & nòs com elles fomos atè hoje ſempre irmãos em armas comvoſco, & muito amigos verdadeiros, para prova da lealdade que ſempre vòs guardàmos, ſabei que ſempre vos trouxemos na memoria mui impreſſos, ſem jà mais nunca de vòs nos eſquecermos, aſſim em noſſos ſacrificios, ritos, & ceremonias, como em todas as mais deprecaçoens, que todos os dias a Deos fazemos, teſtemunhando com eſta noſſa continua lembrança a fé da noſſa fraternal, & verdadeira amiſade.] Iſto he o que montaõ as palavras que tirei do livro dos Machabeos, & eſtas meſmas conſidero eu hoje, que dizem os Irmãos da ſagrada Ordem Terceyra vivos, reſpondendo à petição, & queixa dos ſeus Irmãos defuntos. O que ſuppoſto, ſerà hoje o meu empenho moſtrar a todos, que me naõ engano no que conſidero; & para fundar todo o Sermão, façamos logo hum reparo ſobre as primeiras palavras do noſſo Thema.

Nos ergo, quoniam fratres ſumus, in omni tempore memores veſtri.

DIz Jonatas neſta ſua carta aos Sparciatas, que para prova do amor que ſempre teve com elles, manifeſta a memoria que ſempre delles conſervou em todo o tempo. Aqui o meu reparo. Pergunto: Que dependencia tem o amor da lembrança, para que com a lembrança ſe califique o amor? De ſorte que amiſades amoroſas ſe abonão com memorias lembradas, & iſto ſem interpolaçaõ de tempo? Porque? Direi. A razaõ a meu

meu ver he; porque como o amor,que reſide na vontade, traz conſigo preſa a potencia da memoria, daqui ſe ſegue naõ poder deixar de ſer lembrado, quem ſe dedicou a ſer amante,& ſer amor eterno, o que he eterna lembrança, como diſſe Seneca: *Da amantem,ſume memorantem.* Vejamolo em Chriſto Senhor noſſo,que foi o exemplar do maior amor. Eſtava o Senhor no Horto orando, & apenas chegou a ter huma hora de oraçaõ, quando logo a largou, & veyo ter com os Diſcipulos, que achou adormecidos: *Venit ad Diſcipulos ſuos,& invenit eos dormientes.* Tornou a orar, inda bem naõ tinha huma hora de oraçaõ, quando outra vez ſe levantou,& veyo ver os Diſcipulos. Tornou terceira vez a orar, & inda naõ tinha hũa hora completa de oração, quando levantandoſe della veyo fazer aos Diſcipulos terceira viſita: *Venit iterum ad Diſcipulos.* Pergunto: Que deſaſocego he eſte voſſo taõ grande, Deos da minha alma? Largais a Deos por amor dos homens,quando nos enſinais, que larguemos todo o humano por amor do divino: *Primùm quærite Regnum Dei?* Eſtais na oraçam occupado com a redempção do mundo, & largais tres vezes hum negocio de tão grande empenho, ſó para viſitar a voſſos Diſcipulos, que eſtão dormindo? Não baſtava a fineza de hũa viſita? a que fim tres repetidas? Direi: Tinha o Senhor dito aos Diſcipulos, que era ſeu verdadeiro amigo: *Vos amici mei eſtis: cùm dilexiſſet ſuos &c.* E como iſto aſſim foſſe,achou Chriſto,que para abonar a verdade diſto que tinha affirmado, devia moſtrar que naõ avia hora em que naõ eſtiveſſe de ſeus Diſcipulos mui lembrado,& que em todo o tempo continuava delles a memoria, calificando com eſte teſtemunho de ſua lembrança a fineza de ſeu amoroſo cuidado. Fechemos eſte primeiro Diſcurſo com o meu Deos ſacramentado, que he hum epilogo compendioſo do amor mais fino.

Todo o amante fino he mui lẽbrado em todo o tempo,& hora.

Re-

Reparei jà por algũas vezes em ſe deixar Chriſto Senhor noſſo ſacramentado com repetido titulo de memoria: *Quotieſcunque feceritis, in mei memoriam facietis: Recolitur memoria paſſionis ejus: Memoriam fecit mirabilium ſuorum: Memoriale tuum à generatione in generationem*, diz David, & explica S. Bernardo: *Memoriale tuum, ideſt Sanctiſſimum Sacramentum, quod traditum eſt in memoriam.* O que ſuppoſto, pergunto: Porque razão ſe levantarà o Santiſſimo Sacramento com o titulo antonomaſtico de memoria, & porque deixaria Chriſto neſte divino Sacramento taõ encomendada eſta memoria? Reſponde Euſebio Emiſen. que falla muito ao noſſo intento. He o divino Sacramento hum epilogo abreviado das finezas divinas, como diz o ſagrad Concilio Tridentino: *In illo divitias amoris ſui effudit.* He o amor dos amores, como lhe chama S. Bernardo: *Amorem amorum.* E como o diviniſſimo Sacramento ſeja eſte, por iſſo he memoria antonomaſtica; de ſorte que o meſmo foi ſer Deos ſacramentado amor exceſſivo, do que ſer memoria continua. E notem mais, para ficar a prova de todo adequada, que a hora amoroſa de que falla S. Ioaõ: *Sciens quia venit hora ejus, cùm dilexiſſet, dilexit in finem*, foi hora de memoria, porque foi hora de amores dobrados, *cùm dilexiſſet dilexit.* Oução agora o Padre Euſeb. Emiſ. *Vt quotidiana Redemptio perpetua amoris eſſet memoria, & perennis illa victima viveret in memoria.* Porque naõ ha duvida, que as leys do amor andaõ agrilhoadas com as memorias continuas, & tanto tem quem ama de lembrado, quanto tem de amante em todo o tempo; & por iſſo Jonatas abonou ſeu amor com a ſua memoria cõtinua nas palavras do noſſo Thema: *Nos ergo quoniam, &c.* Deſta meſma ſorte conſidero eu hoje os Irmãos Terceyros vivos, abonarẽ o ſeu amor para com ſeus Irmãos defuntos, dizendolhes, que com

a con-

a continua lembrança que tem delles, bem califica ó o quanto ſaõ verdadeiros amantes: *Nos ergo quoniam,&c.*

Temos ſatisfeita a primeira duvida,& fechado com ella o primeiro Diſcurſo; ſegueſe a ſegunda, & entremos no ſegundo Diſcurſo com ella. Pergunto: Que lembrança ſerà eſta, que abona hum amor taõ exceſſivo? Não nos dilatemos mais na duvida, porque o noſſo meſmo Texto logo a declara. A lembrança com que o amor taõ calificadamente ſe abona, he aquella que ſe conſerva nos ſacrificios, oraçoens,& mais deprecaçoens divinas: *In ſacrificijs quæ gerimus,& obſervationibus noſtris, ſicut decet, meminiſſe fratrum*; porque naõ ha duvida que niſto ſe manifeſta a fraternal,& verdadeira amiſade amoroſa (Que couſa taõ propria para eſta noſſa acção preſente.) Bem, mas agora pergunto: E porque ſerà eſte modo de lembrança teſtemunha fiel de hũ amor refinado? Porque calificarà hum amor taõ grande eſte modo de memoria? Ora demos a razaõ, & a meu ver he; porque como com eſta lembrança ſe ſolicíta o bem das almas que eſtão no Purgatorio padecendo muitas penas, & ſe grangea o alivio de ſeus tormentos, propriedade he inſeparavel de quem ama, naõ poder ver mal algum no bem amado, ſem que logo naõ trate de acodirlhe com o remedio apreſſado; o meſmo he chegalo a conhecer, que logo tratar do alivio. Provemos iſto para fundarmos o noſſo Diſcurſo.

He bem altercada queſtaõ entre os Expoſitores, qual de dous pays ſe moſtrou mais fino amante no ſentimento da morte de dous filhos: ſe David na morte de Abſalão, ou Iacob na fingida morte de Ioſeph? Por ambas as partes ha Padres muito abonados, porèm eu para o meu intento farei hoje as partes do ſentimento de David, & digo que muito mais amante, & cõ maior exceſſo ſe moſtrou David, do que Iacob, no ſentimen-

Quem finamente ama, apenas vè a neceſſidade no amado, quando logo trata de acodirlhe cõ o remedio.

to funeral; nada tem que ver o ſentimento amoroſo de Jacob com o de David. A razaõ diſto he; porque inda que Iacob queria eternizar no Inferno o ſeu tormento: *Deſcendam ad Infernum lugens*, com tudo não tratou de ſolicitar remedio à morte do filho,& neſte deſcuido ficou o ſeu amoroſo ſentimento muito abatido; David pelo contrario, poſto que ao parecer deſejou terminar o ſentimento com a morte, com iſſo eſtà, que à cuſta da ſua vida tratou de achar à morte do filho remedio: *Fili mi Abſalom, Abſalom fili mi, quis mihi det ut moriar pro te*? & com eſte deſvelo naõ ha duvida, que ficou o ſeu amor muito acreditado; & jà por eſta meſma razaõ moſtrando as irmãas a Chriſto ſeu irmaõ Lazaro morto, não lhe pediraõ que o reſuſcitaſſe, & ſómente lhe lembráraõ o amor, que lhe tinha,& o mal que padecia: *Domine, ecce quem amas infirmatur*; porque acháraõ (diz a Aguia Africana) que Chriſto como divino amante, logo avia de remedialo, & aſſim ſuccedeo com effeito: *Amanti enim ſufficit, ut noverit, non enim amat, & deſerit*; porque eſta he a propriedade do amor refinado, acodir com todo o empenho,& a toda a preſſa ao dano que padece o bem querido: & por iſſo Ionatas com os ſacrificios,& deprecaçoens continuas que fazia, calificou o ſeu amor para com os Sparciatas; & o meſmo fazem os Irmãos Terceyros vivos, para com ſeus Irmãos Terceyros defuntos: *In ſacrificijs, & oblationibus noſtris quas gerimus.*

Os ſuffragios aliviaõ logo das penas as bẽditas almas, & as metẽ no Ceo.

Bem, mas agora entra outra pergunta, & he eſta: Com eſtes ſacrificios, oblaçoens, & deprecaçoens, ſe remedeaõ as penas que padecem as bemditas almas dos Irmãos defuntos? iſto como, ou porque? Que calidade tem os ſuffragios para produzirem taes effeitos? Eu o direi. Saõ os ſuffragios ſobreditos taõ efficazes, que logo aliviaõ as bemditas almas de ſuas penas,& as fazẽ voar

ao Ceo direitas. Aſſim o diz expreſſamente o Angelico Doutor Santo Thomás, explicando aquellas palavras do Profeta Zacharias no cap.13. *Ducam tertiam partem per ignem, & uram eos, ſicut uritur argentum, & probabo eos, ſicut probatur aurum.* Aſſim o diz o Profeta, ou Deos por elle: Hei de meter a terça parte no fogo, & queimalla nelle, aſſim como a prata ſe queima na fornalha, & ſe apura nella, & entaõ ſe me pedires por ella, ſeràs ouvido logo. Eſtas palavras explica o Doutor Angelico dizendo, que pela terceira parte ſe entendem as bemditas almas do Purgatorio, porque as outras duas partes, que aqui Deos paſſa em ſilencio, ſaõ as almas dos Infieis, & máos Chriſtãos, que como precitos ſaõ no fogo do Inferno atormentados. Notem aqui de caminho agora todos, que ſegundo iſto que temos dito, muito mais em numero ſaõ os precitos, do que os predeſtinados; & dizer Deos, que pedindo o Profeta, logo ſerà ouvido, foi dizer Deos, que eſcaſſamente ſe faráõ ſuffragios, & deprecaçoens pelas almas que eſtaõ em penas, quando logo no Ceo ſeráõ ouvidas as taes deprecaçoens, para logo as ditas almas ſairem das penas, & voarem ao Ceo direitas: *Orationibus, & eleemoſynis, & ſacrificio ſalutari non eſt dubium defunctorum animas relevari, ut cum ex miſericordia agatur à Domino, partes duæ in terram diſpergentur, & deficient, ideſt infideles, & mali Chriſtiani damnabuntur, tertia pars relinquetur, ideſt animæ pænitentium per Purgatorium: ipſe populus Chriſtianus invocabit me orationibus, & eleemoſynis, & ſacrificio, & exaudiam eum alleviando pænas eorum & abbreviando.* Largas, mas angelicas palavras na verdade, naõ as pudéra eu inventar para o noſſo intento mais proprias. A iſto meſmo atirou ſem duvida (diz o douto Ioaõ de S. Geminiano) aſſemelhar o Profeta Oſeas as almas do Purgatorio às aves, que voaõ do Egypto, & da Syria para as ſuas terras:

S.Thóm.

Volabunt

Oſeas. *Volabunt quaſi aves ex Egypto, & quaſi columba de terra Aſſyriorum, & collocabo eos domibus ſuis, dicit Dominus.* Mas pergunto eu aqui agora: Que ſemelhança póde aver entre as aves, & as bemditas almas? Reſponde o douto Padre: Tem eſta ſemelhança; porque aſſim como as aves, por naõ terem azas para voarem, andaõ mui raſteiras, & com as azas logo voaõ ao ar mui altaneiras, da meſma ſorte as bemditas almas ſem as azas do ſacrificio, & mais ſuffragios, eſtão no lugar baixo do Purgatorio encarceradas, porèm tanto que tem eſtas azas dos ſuffragios, logo voaõ ao Ceo muito apreſſadas: *Sicut avis* (diz o Padre) *aſcendit ſurſum duabus alis, ſic animæ Purgatorij eleemoſyna, & oratione ad gloriam Paradiſi facile tranſmigrant.*

Simile.

S. Gemin.

Eis aqui a grande efficacia que tem os ſuffragios dos Irmãos vivos, para com as almas de ſeus defuntos; & jà fundado niſto diſſe S. Malachias, quando com os ſuffragios tirou do Purgatorio a alma de ſua irmãa, que o Reyno dos Ceos padecia com elles violẽcia: *Verè Regnum Cælorum vim patitur.* Notem agora acerca diſto, que entre todos os varios modos de ſuffragios, o que tem o principal lugar entre todos, & com maior efficacia, he o do ſacroſanto ſacrificio da Miſſa, que pelas bemditas almas a Deos ſe offerece; eu o moſtro logo com a razaõ, & com Textos divinos. Com a razaõ; porque todas as obras virtuoſas ſaõ aceitas de Deos *ex opere operantis,* como dizem os Theologos; mas o ſacroſanto ſacrificio da Miſſa he aceito a Deos *ex opere operato.* E quem duvída, que vai muito grande differença dos merecimentos de cada hum de nòs, a reſpeito dos merecimentos de Ieſu Chriſto, que no ſacroſanto ſacrificio ſe offerecem, tanto quanto vai do finito ao infinito, & de huma pura creatura a hum Deos humanado? alèm de que, como as mais obras virtuoſas tomaõ o principio do merecimen-

S. Malach.

Entre todos os ſuffragios, o da Miſſa he o de maior valor, & utilidade.

to moral da cauſa efficiente, que ſomos os que as obramos, & como em nòs ſempre ha algumas manchas de defeitos, por mais juſtificados que ſejamos, pois *Nullus ſine crimine vivit, nemo ex omni parte beatus*; ſeguefe daqui, que ſempre as noſſas obras vão envoltas com eſtas fezes,& com eſta liga maculada; pelo contrario, como no ſacrificio ſacroſanto da Miſſa ſe offerece ao Eterno Padre a Payxaõ, & morte de Ieſu Chriſto ſeu Filho, Cordeiro immaculado, claro he, que muito mais que tudo he aceito a Deos o ſacroſanto ſacrificio da Miſſa; alèm do que,pelo meyo das noſſas obras, nós ſomos os que pedimos,& requeremos a Deos pelas bemditas almas; porém no ſacrificio da Miſſa Ieſu Chriſto he o requerente,& o que pede ao Eterno Padre,pela interpoſiçaõ do Sacerdote que celebra, como diz o ſagrado Concilio Tridentino: *Idem nunc offerens Sacerdos, qui ſe ipſum in cruce obtulit*; & inda affirma o Padre Soares, & Egidio Louvanienſe, que não ſó na terra, mas no Ceo ſe offerece Chriſto peſſoalmente; do que tudo ſe ſegue, que muito differentemente ha de ouvir Deos a Ieſu Chriſto ſeu Filho, do que a cada hum de nòs: & daqui tambem ſe ſegue, que por eſte fundamento naõ he infalivel, & certa a aceitaçaõ divina dos noſſos ſuffragios; porém no ſacrificio da Miſſa, a aceitaçaõ he infalivel pela razaõ ſobredita, & aſſim o affirmaõ os Theologos com Vaſq.& Soar.

Temos apontadas as razoens, ſeguemſe os Textos. Querendo Chriſto Ieſus reſuſcitar a Lazaro,chorou primeiro: *Lacrymatus eſt Ieſus.* Aqui o reparo, & pergunto: Para Chriſto fazer hum milagre he neceſſario que chore? Porque? Chriſto ſem chorar naõ fez muitos milagres? Não tem duvida; pois como chorou para fazer eſta reſurreição de Lazaro? Reſpondo com S. Zeno. Lazaro morto metido na ſepultura era figura de

hũa

huma alma do Purgatorio em Lazaro figurada; offerece pois Christo por valia ao seu Eterno Pay lagrimas de seus olhos, & foraõ estas taõ efficazes, que logo fizeraõ a resurreiçaõ de Lazaro: *Quia lacrymis* (diz o Padre) *Filij sui Salvatoris nostri ipso Cælo Pater flectebatur.* Mostrou Christo nas lagrimas o empenho com que pedia a vida de Lazaro, & foi tal a efficacia, & valor que para com o Eterno Padre tinhaõ as suas lagrimas, que o mesmo foi chegar por este modo a pedir, que logo o Eterno Padre conceder; se pois isto succedeo na occasiaõ em que Christo offereceo lagrimas, vejaõ o que serà na occasiaõ do sacrificio da Missa, em que offerece toda a sua Payxão com correntes sanguinolentas; claro he, que muito mais nesta, que em qualquer outra occasiaõ serà Christo ouvido com a maior aceitação, que dar se pòde. Tem visto este Texto, vejaõ outro.

S. Zen.

Diz o Espirito Santo no Eccles. que offereçamos a Deos hum sacrificio muito suave, & cheiroso, de sorte que lhe seja muito agradavel, & que este conste de hũa memoria de paõ, & de hum paõ de memoria: *Da suavitatem, & memoriam similaginis.* E diz mais, que sobre este sacrificio lhe botemos hum pouco de azeite: *Et impinguat oblationem.* Assim o explica nosso Mestre Nicolao de Lyra. Que o Espirito Santo falle aqui do Santissimo Sacramento, eu o naõ tenho por duvida, porque paõ de memoria, assim o intitula a Igreja: *Recolitur memoria passionis ejus*; & o mesmo Senhor assim o intitula: *Quotiescunque feceritis, in mei memoriam facietis.* Que o azeite seja symbolo da misericordia, tambem nenhũa duvida padece. Assim o diz Laureto: *Oleum in simila est misericordia Dei.* O que supposto, dizer o Espirito Santo, que façamos a Deos sacrificio de paõ de memoria, o qual lhe he muito suave, & agradavel, & que

que lhe botemos por cima azeite, foi querer com eſta figura advertirnos, que o ſacrificio da Miſſa, em que ha paõ de memoria, & todo he de miſericordia, he para Deos o mais agradavel, & o mais efficaz de todos quantos ha, para logo alcançar de Deos o que ſe lhe pede. Que grande couſa he o ſacrificio da Miſſa entre todos os ſuffragios da Igreja! E por iſſo S. Ioaõ vio muitas almas que bradavaõ, metidas por debaixo dos Altares: *Vidi animas ſub Altare clamantes.* Pelo que, com muito fundamento diz o noſſo Thema, que nos ſuffragios que ſe fazem pelas almas, ſe moſtra o amor que temos, pois tratamos dos ſeus alivios em ſuas rigoroſas penas, como bons amantes, & amigos, & irmãos verdadeiros: *Nos ergo quoniam, &c.*

Inda aqui noto outra circunſtancia, que tambem muito aumenta a efficacia dos ſuffragios ſobredita; & he, ſerem eſtes preſentes ſuffragios feitos em cõmunidade junta de Irmãos, como diz o noſſo Thema: *Nos ergo, quoniam fratres ſumus*; & aſſim paſſa, porque nam ha duvida, que os ſacrificios, ſuffragios, & deprecaçoẽs feitas em communidade junta, montaõ muito mais, & ſaõ de Deos muito mais aceitas, do que as que faz cada hum em particular. Aſſim parece, que jà Chriſto Senhor noſſo no lo deu a entender, quando diſſe: *Vbi duo, vel tres congregati fuerint in nomine meo, ibi ego ſum*; & em outra parte o diz inda mais claramente: *Si duo ex vobis conſenſerint ſuper terram, de omni re quacunque petierint fiet illis à Patre meo*; & ſobre iſto diz S. Ioão Chryſoſtomo o ſeguinte: *Multitudinem unanimem reveretur Deus in precando, & velut in pudore juſtius non audet illis negare.* Guarda Deos grandes reſpeitos aos rogos de hũa cõmunidade, & naõ ſe atreve, em certo modo de fallar, a negar eſtas ſuplicas. Ora vejaõno. Cuidaràõ que careceo de myſterio baixar o Eſpirito Santo à terra no

Oraçoẽs, & deprecaçoẽs feitas em cõmunidade, ſaõ mais efficazes, & a Deos mais agradaveis, que as particulares,

tempo em que os Apoſtolos eſtavaõ todos no Cenaculo congregados? *Cum complerentur dies Pentecoſtes, erant omnes pariter in eodem loco, & factus eſt repente de Cælo ſonus.* Imaginaráõ que foi ſem particular ordem divina eſtarem os Diſcipulos no Cenaculo todos em cõmunidade congregados, quando o Senhor lhes deu paz ſentado no meyo delles: *Cum fores eſſent clauſæ, & Diſcipuli congregati, ſtetit in medio eorum, & dixit eis: Pax vobis?* Pois enganaõſe, ſe aſſim o imaginaõ, porque teve iſto grande myſterio, diz S. Pedro Chryſol. E o myſterio foi, que como o Eſpirito Santo queria cõmunicar aos Apoſtolos a infuſaõ de ſeus dons, & graças, & Chriſto queria dar ſua amoroſa paz, que foi ſingular beneficio, que fez a ſeus Diſcipulos, achàraõ pois aſſim o Eſpirito Santo, como Chriſto, que o tempo mais conveniente para fazer eſtes favores, era quando os Apoſtolos eſtiveſſem juntos em cõmunidade congregados. *Spiritus Sanctus* (diz o Padre) *Apoſtolis in unum congregatis ubertate totæ fontis ſui illabitur, cujus ſimul Diſcipuli operarentur adventum Dominica præceptione communis.* Moſtráraõ o Eſpirito Santo, & Chriſto por eſte modo, que o que mais a Deos agrada, ſaõ as deprecaçoens, & mais oraçoens, que em communidade ſaõ feitas, mais do que as particulares. Ora fechemos eſte aſſumpto cõ hum lugar para eſte intento mui adequado.

S.Pedr. Chryſ.

Tinha Deos começado a caſtigar o povo Iſraelitico ingrato com o mal de peſte, & diz o Texto ſagrado, que começando o caſtigo pela manhãa, repentinamente parou em certo tempo: *Immiſit Dominus peſtilentiam in Iſrael à manè uſque ad tempus conſtitutum.* Perguntaõ agora Liran. & Abul. que tempo foi eſte em que de repente o divino caſtigo parou? E reſpondem, que o tempo era do occaſo do Sol, quando na ſepultura do mar ſe enterra: *Durabat hæc peſtis à manè uſque ad veſperam.*

Agora

Agora pergunto eu : Porque naõ pararia este castigo,ou mais tarde, ou mais cedo ? Porque ao por do Sol, & nam ao nacer delle ? Os mesmos Padres apontão a razaõ; & foi, porque ao por do Sol começava o povo Israelitico junto em cõmunidade a fazer a oraçam, que entaõ se costumava : *Incipiebant enim sacrificium à Solis occasu, & durabat usque ad auroram* ; & porque Deos vio esta deprecaçaõ feita em congregação junta, por isso parou Deos com a ira da vingança,& suspendeo o castigo,& se abrandou de todo , convertendo os castigos em favores : *Incipiebant enim sacrificium,&c.*

Suffragios dos Irmãos Terceyros.

Sendo pois tudo isto assim , que bem provão sua fraternal amisade,& seu verdadeiro amor os Irmãos da sagrada Ordem da Penitencia vivos, para com seus Irmãos defuntos ! pois he nelles mui viva a continua lembrança em todo o instante de tempo, assim em todos os sacrificios, como em todas as suas deprecaçoens , exercicios espirituaes,& mais acçoens virtuosas, tanto publicas, como particulares; & para abonado testemunho disto que digo, vede o q̃ fazẽ nessa Capella,& por esses Claustros em toda a roda do anno,as disciplinas,as varias penitencias,& mortificaçoens, as muitas Missas, & annaes, que mandão dizer, os Nocturnos que mandão fazer, os Responsos quotidianos, as esmolas que dão , & em conclusaõ este Officio com esta pompa funeral que vedes tão solemne,& magestosa , & tudo aplicado pelas almas dos seus Irmãos defuntos , encomendando de noite as suas almas por essas ruas tresnoitados. Que vos parece esta amorosa amisade ? Bem calificada està com esta tão viva lembrança, & pòdem com muito grande fundamento dizer os Irmãos vivos às almas de seus Irmãos defuntos as palavras do nosso Thema,que Ionatas disse aos Sparciatas: *Nos ergo,quoniam fratres sumus,&c.* Oh que discretamente andais acertados, Irmãos vivos,

nesta vossa taõ santa, & caritativa occupaçaõ dos suffragios que fazeis por vossos Irmãos defuntos! porque com elles naõ só grangeais o bem da gloria para as bemditas almas, livrando-as de taõ terriveis penas, mas ainda para vòs grangeais o seguro de hũa boa morte, & com ella a salvaçaõ eterna. Assim o affirma S. Agostinho: *Orandum est pro defunctis, sic enim semper boni, sic pij, sic mala morte perire non poterimus.* Mais dizem estas palavras, do que eu tenho dito; porque dizem, que he cousa impossivel poder morrer mal, nem viver mal, nem deixar de salvarse, quem nos suffragios das almas se empenha. Notem bem a energía destas duas palavras: *Non poterimus*, & basta serem de hum Santo Agostinho para terem toda a sua authoridade; & para maior abono disto mesmo, reparem no que se segue.

Quem nos suffragios das almas se empenha, naõ pòde morrer mal, & salvase seguro.

Fallando David com os moradores de Galaad na occasiaõ em que tinhaõ sepultado a Saul, lhes disse estas palavras: *Benedicti vos à Domino, quia fecistis misericordiam hanc cum Domino vestro Saul, sepelistis eum, nunc vobis retribuet quidẽ Dominus misericordiam.* Abendiçoados sejais de Deos, ô moradores de Galaad, os q̃ obrastes esta misericordiosa sepultura com Saul, Deos vo la ha de recompensar pelo mesmo modo misericordioso. Dous saõ os reparos que faço nestas palavras. O primeiro he chamar David a estes homens abendiçoados de Deos, titulo este que pertence dar só Christo nosso Senhor, porque no dia do Juizo ha de dizer aos predestinados que levar consigo à gloria: *Venite Benedicti Patris mei, percipite Regnum, quod vobis paratum est.* O segundo he dizer David, que Deos lhe ha de pagar pelo mesmo modo de misericordia. Pergunto agora: E jà taõ depressa saõ abençoados, & predestinados os que tem misericordia com os defuntos, & o mesmo modo de misericordia com que obráraõ, ha de ser na satisfaçaõ que

Tem certa, & superabũdante a misericordia de Deos.

que de Deos haõ de alcançar? Sim. Porque eſte he o valor que tem para com Deos a acção de tratar piedoſo ſobre o bem dos defuntos, que eſtaõ na outra vida, & jà neſta vida parece hum deſtes predeſtinado, & aſſim como trata de tirar as almas das penas, tambem Deos ſe ha de empenhar com elle em o livrar dos tormentos, pagandolhe da meſma ſorte. Ouçaõ a Hugo Cardeal concluindo o que fica dito: *Retribuet vobis Dominus miſericordiam, quia plus retribuet hoc modo, quàm meruiſtis.* Naõ ha mais dizer a noſſo intento. Occupaivos em tirar almas do Purgatorio, tratai do bem dos defuntos, pois aſſim ſois predeſtinados, & Deos ha de livrar tambem as voſſas almas do Purgatorio, & levalas ao Ceo: *Retribuet vobis miſericordiam.* Encareçamos mais iſto.

Quemlivra almas do Purgatorio he Anjo do Ceo.

Quem nos ſuffragios das bemditas almas ſe empenha, fica parecendo hum Anjo da gloria. Ponderemos com advertencia aquelle milagroſo ſucceſſo da liberdade de S. Pedro eſtando encarcerado. Grande reparo merece, ver que as portas do carcere repentinamente ficáraõ de par em par abertas, & as algemas cahiraõ a S. Pedro das mãos, & os grilhoens dos pès: *Porta ultro aperta eſt ei, & ceciderunt catenæ de manibus ejus*; & com tudo iſto veio hum Anjo mandado por Deos, que o mandou ſair para fóra, & o veyo guiando atè o pór ſalvo: *Percuſſo latere, dixit: Surge velociter; & ceciderunt catenæ de manibus ejus.* Aqui o reparo. Pergunto: Que neceſſidade tem S. Pedro de que hum Anjo o guie, & tire para fóra do carcere, ſe a porta eſtava aberta, & as algemas lhe cahiraõ das mãos, & os grilhoens dos pés? Direi. S. Pedro metido no carcere era figura de hũa alma, que eſtà no carcere do Purgatorio, & para o Ceo nos dizer, que quem ſe empenha em tirar almas do carcere do Purgatorio he Anjo, por iſſo eu creio, que permitio o Ceo, que hum Anjo tiraſſe a S. Pedro do carcere.

 Enca-

Encareçamos mais isto. Digo: quem nesta santa occupaçaõse empenha, fica parecendo como hum Deos na terra.

He a modo de hũ Deos na terra.

Mandou Deos a Moysés, que fosse prégar a Faraò, para que désse liberdade ao seu povo cativo, & escusandose Moysés por humildade, rompeo Deos nestas palavras: *Ecce constituo te Deum Pharaonis*: Eu te faço Deos de Faraò, & irás a Egypto com poderes de Deos. Duas saõ as duvidas que aqui tenho, hũa he de fazer Deos a Moysés Deos de Faraò, quando Deos he hum só no Ceo, & na terra. Como he isto possivel? Segunda duvida. A que fim fazia Deos a Moysés Deos de Faraò? Que mysterio terà toda esta disposiçaõ divina? Direi o que nisto alcanço: jà eu disse em outra occasiaõ, que o fizera Deos para nos mostrar por este modo quanto engrandece a hum humilde, pois pelo mesmo caso que Moysés se achou indigno de ser Embaixador, por isso mesmo ficou logo no solio de Deos entronizado, que assim levanta Deos aos humildes. Boa razaõ; mas para o nosso intento digo, que levantou Deos a Moysés nesta occasiaõ, naõ só porque o fez Prégador (que os Prégadores haõ de ser venerados como huns Deoses) senaõ porque o mandava livrar o povo, que estava cativo de Faraò, & quem livra encarcerados, tem semelhanças de Deos. Era este povo no sentido anagogico, figura das bemditas almas, que estaõ no Purgatorio agrilhoadas, & como isto assim seja, quiz Deos jà entaõ mostrar nesta figura, que quem se empenha em livrar do cativeiro do Purgatorio as bemditas almas, fica parecendo hum Deos, & com semelhanças de divino. Ouçaõ a S. Joaõ Damasceno, apoiando isto que tenho proposto: *Hæc felix divinæ bonitatis imitatio est, dum quis alijs non minus, quàm sibi gratiam, & salutem exposcit*. Ditosos pois vós mil vezes, ò filhos da sagrada Or-

S. Joaõ Damasc.

dem

dem da Penitencia: *O felix nimium ſua ſi bona norit*; pois com eſta voſſa acçaõ taõ piedoſa, & fraternalmente amoroſa, dos ſuffragios que fazeis taõ continuados pelas almas dos voſſos Irmãos defuntos, ficais ſegurando hũa boa morte, & com ella naõ ſó a vida eterna, mas cada hum de vòs fica parecendo hum Anjo encarnado, & com propriedade de divino; & nem ainda iſto ſómente, ſenaõ que com eſta taõ pia occupaçaõ grangeais outro naõ pequeno intereſſe, qual he o de teres amigas muito primoroſas, & pontualmente agradecidas, que vos acudaõ peſſoalmente com o ſoccorro, tanto na vida, como na morte. Eu o moſtro em huma figura, que para iſſo he bem propria.

Vendoſe Eliſeo muito obrigado daquella viuva de Sarepta, chamada Sunamitides, & deſejando deſempenharſe com ella, agradecendolhe diſſe o ſeguinte: *Sedule in omnibus miniſtraſti nobis, quid vis ut faciam tibi? nunquid habes negotium, ut loquar pro te Regi?* Nobre viuva, honradamente nos acodiſtes, & com muita caridade remediaſtes o aperto em que nos vimos, pelo que vos eſtamos muito obrigados, vede em que quereis que vos ſirvamos, & ſe tendes com ElRey algum negocio, para que nelle com ElRey nos empenhemos, porque para tudo nos tendes muito certos como primoroſos agradecidos. Pergunta agora Theodoreto: Porque razaõ naõ fez logo o Profeta Eliſeo algum beneficio à viuva, ſendo aſſim, que podia fazello, pois tinha o eſpirito de Elias dobrado? Para que fez eſta offerta de futuro, podendo dar de preſente, & dà duas vezes, quem dà logo? O meſmo Padre, que levantou a duvida, a ſolta: *Cum poſſet ſtatim divinum exhibere auxilium, vult etiam humanam aſſequi curationem.* Verdade he, que bem pudera o Profeta fazer logo à viuva algum beneficio, porém aſſim moſtravaſe hũa ſó vez agradecido, & eſta ſó vez para o

Saõ as almas mui agradecidas, & fazẽ bens a quem as ſoccorre.

feu primorofo agradecimento era muito pouco, & por iffo quiz moftrar à viuva fua bemfeitora, que em toda a occafiaõ o tinha a feu lado, para lhe affiftir peffoalmente em tudo. Da mefma forte, & inda com muito maior primor, & pontualidade fe verifica ifto mefmo nas bemditas almas do Purgatorio, pois fendo almas da outra vida, & almas bemaventuradas, claro eftà, que faõ muito primorofas, & pontualmente agradecidas; & affim todas na occafiaõ de noffa neceffidade fe achaõ para o noffo foccorro, & amparo mui prefentes, & muito melhor do que Tobias, quando fe confeffou efcravo agrilhoado do Anjo S. Rafael, pelo ter amparado, & foccorrido na occafiaõ de huma fua jornada, em que padeceo grande neceffidade: *Si me ipfum tradam tibi fervum, non ero condignus providentiæ tuæ.* Para calificaçaõ final defte Difcurfo, aponto dous exemplos com que acabo.

Exemplos.

Conta Fr. Luis dos Anjos no feu Jardim de Portugal, que em o Mofteiro das Freyras de Alamquer, fete legoas de Lisboa, ouve hũa Freyra, chamada Acacia da Payxaõ, mui afamada por fua virtude, principalmente pela grande devoçaõ que tinha às bemditas almas do Purgatorio; adoeceo, & chegou aos ultimos termos da vida, quando eftando agonizando, fe ouviraõ junto à fua cama vozes fonoras, que deleitavaõ os ouvidos, entre as quaes efpirou a enferma, & indo a enterrar foram viftas muitas luzes, que acompanhavaõ o feu corpo com as fobreditas vozes, & logo fe ouvio cantar hum Officio de Defuntos, do que admirado todo o Mofteiro, conhecéraõ claramente, que eraõ as bemditas almas, que vieraõ acompanhar, & honrar a alma de fua bemfeitora; & affim o permitio a divina Mageftade, para dar a conhecer quanto val efta taõ pia, & fanta devoçaõ, & quanto faõ as almas agradecidas. Quafi por efte mef-

meſmo modo ſuccedeo a hum Religioſo,que Santa Getrudes vio em hũa viſaõ depois de morto, adornado com joyas de muito preço, mas carregado com hum grande peſo, o qual era dos deſcuidos, & imperfeiçoens que avia cometido na vida, & as joyas eraõ os ſuffragios que elle avia feito pelas almas,& por elles foi levado ao Ceo. Tem viſto eſtes exemplos para o tempo da morte? Vejaõ-nos agora para o tempo da vida.

No Promptuario dos exemplos conta Carrilho,que hum grande Duque, por conſelho de hum Religioſo de noſſo Padre S. Domingos,inſtituîo de ſuas rendas algumas Capellanias, & mandava dizer grande numero de Miſſas, & dava muitas eſmolas, tudo por tençaõ das bemditas almas, no que gaſtava toda a ſua fazenda, & por eſta cauſa, aſſim os criados, como os parentes, vendo que naõ lhes ficariaõ as ſucceſſoens que eſperavaõ, rayvoſos diſto tomáraõ odio contra os Eccleſiaſticos, que diziaõ as Miſſas, & tratáraõ de o odiar com outro Princepe poderoſo ſeu viſinho, do que reſultou virem a deſafios, & a batalhas,& querendo eſte Duque valerſe de ſeus vaſſallos, achou os contra ſy amotinados, & lhe diſſerão, que ſe valeſſe dos Clerigos,& Frades por quem repartia ſeus bens. Vendoſe pois o Duque neſte aperto ſem gente, & o inimigo poſto em campo, vio vir de repente por ſua parte hum eſquadraõ de gente armada, toda muy luzida, & todos armados com cruzes nos peitos, & chegando para elle hum, que parecia o Governador do eſquadraõ, lhe diſſe: Não temas Duque,que aqui tens em tua defenſa almas, que do Purgatorio tens tirado. Vendo pois o inimigo tanta gente contra ſy junta, com temor logo mandou cometer partidos, & fazer pazes, offerecendolhe pagar todos os gaſtos da guerra, quantos eſtavaõ feitos, & feitas deſta ſorte as capitulaçoens,ficárão ambos amigos,& deſapareceo o eſquadraõ

armado; do que admirados todos os que ſe acháraõ preſentes, ſem ſaberem que gente era aquella, nem donde viera, inquirirão do Duque a verdade, que logo contou a todos o ſobredito ſucceſſo, com o que ficáraõ todos muito devotos das bemditas almas, & o dito Duque ficou inda muito mais devoto, do que atè entaõ era.

Ah Chriſtãos, que grande, & proveitoſa devoçam he eſta das bemditas almas! como moſtraõ eſtes exemplos: exercitaivos pois nella, empregaivos com grande deſvelo neſtes ſuffragios, porque ſendo tão efficazes para as livrares das penas, & meteres de poſſe da gloria, como tendes viſto, tambem intereſſais com elles amigas leaes, & poderoſas para vos ampararem, tanto na vida, como na morte, tanto para o temporal, como para o eſpiritual. Eis-aqui o exercicio mais proveitoſo que podeis ter, aſſim em voſſa vida, como na morte; & eſte, a meu ver, he aquelle de que falla o Eſpirito Santo no Eccleſ. dizendo, que rende hum agradecimento dobrado: *Eſt datum cujus retributio duplex*; & he aquelle de quem Vicent. Belvacenſ. diz, que levanta os cahidos em culpas, ſuſtenta aos que eſtaõ perto de ſerem cahidos nellas, dà paciencia aos que padecem trabalhos, faz que ſe cõpadeçaõ todos delles, perſuade penitencia aos peccadores, & enſina perſeverança aos contritos. Se pois iſto aſſim he, quem averà, que naõ ſeja muito devoto das bemditas almas? para que por eſte caminho tenhaõ muitos bens juntos, & ſegurem o principal bem de todos os bẽs, que he neſta vida a graça, & na outra a gloria: *Ad quam nos perducat Dominus meus Ieſus Euchariſticus.*

Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento.

SERMAM IV.

No Anniverſario dos Irmãos Terceyros.

LOVVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Merito hæc patimur, quia peccavimus.
Geneſ. 44.

IA que nos dous annos paſſados ouvimos aos mortos pedindo aos vivos, & os vivos reſpondendo aos mortos: neſte preſente anno avemos de ouvir aos mortos praticando huns com os outros. E que triſte, & laſtimoſa pratica ſerà eſta! pois he de almas que eſtão em terriveis penas, padecendo rigoroſos tormentos. Ora ouçamos jà o que dizem: *Merito hæc patimur, &c.* Juſtamente padecemos, porque aſſim o merecem noſſos peccados. Bem conhecemos que os noſſos tormentos ſaõ juſto caſtigo de noſſas offenſas, tudo merecemos pelo muito que delinquimos. Notavel conformidade eſta na verdade, que moſtraõ

ſtraõ ter as bemditas almas do Purgatorio em ſuas bem terriveis penas,& inſoportaveis affliçoens! Muito he para notar o como eſtaõ conformes; O que ſuppoſto, pergunto: Qual ſerà a cauſa porque eſtas bemditas almas tem hũa taõ grande conformidade? Qual o motivo porque eſtaõ tão conformes com ſuas penas? Demos jà a primeira razão,& he eſta. São almas juſtas, que jà eſtão para o Ceo predeſtinadas, & por iſſo cõmummente as intitulamos almas bemditas, & como ſam eſtas, por iſſo eſtão aſſim tão conformes no rigor de ſeus tormentos, porque nam ha duvida,que almas ſemelhantes ſe conformão muito com ſeus trabalhos, & vivem com a vontade divina muy conformes. Provemos iſto. Que maiores trabalhos ouve no mundo, que os de Job? tanto aſſim que ſó eſtes antonomaſticamente ſe chamão trabalhos, & com razão muita, porque o Demonio lhe nam deixou couſa alguma, em que lhe nam tocaſſe,& atè a propria peſſoa lhe nam eſcapou; & ſendo iſto aſſim, eſtava Job tão contente, & conforme com a vontade divina, que louvava a Deos por elles,& nam ſe fartava de o louvar: *Dominus dedit, Dominus abſtulit, ſicut Domino placuit, ita factum eſt, ſit nomen Domini benedictum.* Pergũto: Donde naſceria a Job eſta tam grande conformidade? eſtar tão contente com tanto trabalho junto? Direi. Vejão: quem era Job? Era hum homem muito do agrado divino, canonizado pela divina boca, como o meſmo Senhor diſſe ao Demonio: *Num conſideraſti ſervum meum Iob, quod non ſit ſimilis ei in terra, ſimplex, & rectus, timens Deum, recedens à malo, & adhuc permanens in innocentia ſua?* Ah ſim; & Iob era eſte? pois bem he que eſteja com Deos tam conforme, porque aſſim ſe conformão com Deos os que ſam verdadeiramente juſtos. Tem viſto iſto na Ley Eſcrita, vejão-no agora no Author da Ley da Graça.

Os Santos cõformaõſe muito nos ſeus trabalhos com a vontade divina.

Eſta-

Eſtava Chriſto orando no Horto, & taõ affliɛto ſe vio na oraçaõ, em que o Anjo lhe apareceo com hum Caliz, que repreſentava todos os tormentos de ſua ſagrada Payxaõ, que pedio a ſeu Eterno Padre paſſaſſe delle aquelle taõ amargoſo Caliz: *Pater mi, ſi poſſibile eſt, tranſeat à me Calix iſte.* Fallando o Senhor deſte Caliz meſmo pela boca de David diz, que o ſeu Caliz foi para elle de tanto contentamento, que o fez como endoudecer de alegria: *Et Calix meus inebrians, quàm præclarus eſt.* Aqui a duvida. Se o Caliz foi taõ inſoportavel, como foi taõ delicioſo? Iſto implica; porque goſtos, & penas, alegrias, & peſares ſaõ termos mui diſtantes, diſſe jà o Eſpirito Santo: *Tempus flendi, tempus ridendi.* Como pois ſe equivoca Chriſto aqui niſto que do ſeu Caliz diz? Ora notem o que o Senhor logo acreſcenta: *Spiritus quidem promptus eſt, caro autem infirma.* A alma eſtava mui conforme com a divina vontade: *Spiritus quidem promptus eſt*; mas o corpo como fraco recuſava na conformidade: *Caro autem infirma*; & porque a alma aſſim eſtava reſignada, & conforme, por iſſo o Caliz lhe pareceo taõ doce: *Et Calix meus inebrians, &c.* Porèm como na fragilidade do corpo faltava eſta reſignaçaõ, & conformidade, por iſſo o Caliz lhe pareceo taõ aſpero, & inſoportavel: *Tranſeat à me Calix iſte.* Era a alma de Chriſto bemaventurada, & porque era eſta, por iſſo eſtava muito conforme com a vontade divina em a ſua Payxão taõ amarga, porque aſſim o fazem os juſtos nos ſeus maiores trabalhos. Eis aqui a primeira razaõ porque as bemditas almas eſtão em ſeus grandes tormẽtos taõ conformes com elles: *Merito hæc patimur.*

Segunda razaõ. Eſtão tão conformes com ſeus tormentos, porque eſtão com os olhos levantados ao Ceo para onde tem certeza que haõ de ir, & naõ ha duvida que pôr os olhos no Ceo que ſe eſpera, faz adoçar os mais

Pôr os olhos no Ceo faz doces os maiores trabalhos.

mais rigorosos trabalhos. Vejaõ-no em Adão. Não ha duvida, que foi Eva a causa de todos os trabalhos que Deos deu a Adaõ, porque se ella tanto o naõ persuadíra, nunca elle do pomo vedado coméra, que assim consta do Texto sagrado: *Comedit, deditque viro suo, qui comedit*; & sendo isto assim, sempre fiz grande reparo em que Adaõ vendose com as mãos cheas de calos de puxar pelo cabo de hũa enxada, & os pès feridos com abrolhos, & espinhos, lançado fóra do Paraiso, & de Princepe supremo que era, tornado em hum lavrador rustico, sem embargo de tudo isto, se mostrou a tudo como insensivel, sem formar nem hũa leve queixa contra Eva. Pergunto: Em que se fundaria Adaõ para guardar tão grande silencio, & se naõ mostrar sentido? Direi. Avendo Deos de formar a Eva da costa de Adaõ, fez adormecer a Adaõ: *Misit Dominus soporem in Adam.* Este sono, diz Santo Agostinho, foi hum extasi que Adaõ teve, no qual Deos lhe mostrou o Ceo per modum transeuntis; o que supposto, considerando depois Adaõ, que por causa de sua Esposa Eva vira o Ceo, bastou esta consideraçaõ, para que todos os trabalhos lhe ficassem parecendo mui suaves, & se conformasse muito com elles. Que bem hum douto moderno Expositor do Genes. *Vt quamvis postea tot ærumnarum, ac laborum causa fuerit, nunquam tamen ad desidium provocarit*; & para mais confirmaçaõ disto, vejaõ o que os Actos dos Apostolos dizem do martyrio de S. Estevaõ. Dizem que as pedras com que o ferião, eram favos de mel doce que o recreavão: *Lapides illi dulces fuerunt*; & assim lhe pareciam, porque tinha postos os olhos em Deos, & no Ceo para onde caminhava: *Ecce video Cælos apertos, & Iesum stantem.* Ora fechemos este Discurso com hũa novidade, a meu ver, sobre os cravos, & lançada de Christo em hũa Cruz posto.

Cha;

Chama a Igreja aos cravos de Chriſto doces: *Dulces clavos*; & à lança cruel: *Mucrone diro.* Pergunto: Porq̃ acha a Igreja, cuja penna guiou o Eſpirito Santo, que os cravos foraõ para Chriſto doces, & a lança cruel? Antes eu diſſera o contrario: porque a lança ferio o lado de Chriſto morto, & morto nam ſentio a lançada; porèm os cravos atraveſſáram as mãos de Chriſto vivo, & vivo ſentio muito os golpes dos cravos: como pois trocou a Igreja os termos? & ſuppoſto que nam pode errar a Igreja, qual ſeria o myſterio deſta equivocaçam myſterioſa? A duvida he cõmua, mas creyo q̃ o nam he a repoſta. Quando os cravos feriram a Chriſto, tinha Chriſto poſtos os olhos no Ceo, eſtava fallando com Deos: *Pater, ignoſce illis*: *Pater in manus tuas cõmendo Spiritum meum*; & como Chriſto tinha poſtos no Ceo os olhos, por iſſo os tormentos lhe parecéram mui doces: *Dulces clavos*; pelo contrario, quando o ferio a lança, tinha afaſtados os olhos do Ceo, & poſtos na terra: *Inclinato capite*; & como apartou os olhos do Ceo, logo os tormentos lhe parecérão crueis: *Mucrone diro.* Eis-aqui pois a ſegunda razão porque as bemditas almas eſtão tão conformes com o rigor dos ſeus tormentos; tem poſtos os olhos no Ceo para onde certamente hão de ir, & por iſſo os ſeus tormentos lhe parecem mui doces, & ſuaves: *Merito hæc patimur.* Ah Chriſtãos, aprendamos das bemditas almas, levantando em noſſos trabalhos os olhos ao Ceo, que eu vos ſeguro nos fiquem parecendo poucos, & ſuaves; pareçamonos niſto com as aves, & nam com os peixes. Notem, que eſtando as aves comendo, ſe déſtes hũa palmada, ou lhes atiraſtes com a pedra, logo todas eſtendendo as azas voão para cima, levantando os olhos ao Ceo; pelo contrario os peixes ouvindo a palmada, ou ſentindo a pedrada, logo ſe vão ao fundo, põdo os olhos nelle. As aves ſam figura dos juſtos, diz Ruper-

Similes.

to:

to: os peixes figuram os peccadores, diz S. Ieronymo: a palmada, & pedrada, ſam figura dos trabalhos que Deos nos dà, & aſſim os juſtos levantam a Deos os olhos nos trabalhos, conformandoſe muito com elles, o que nam fazem os peccadores, pondo os olhos na terra com raivas, praguejamentos, & deſeſperaçoens. Conformemonos pois com a vontade de Deos, que nada ſe faz ſem a ſua divina vontade, reſolvendonos que aſſim o merecemos, imitando as bemditas almas, & dizendo com ellas: *Merito hæc patimur.*

Demos terceira razam para eſta tam grande conformidade das bemditas almas, & a meu ver he; porque conſideram, que com eſtes ſeus tormentos, em que purgão ſuas culpas, ſe fazem capazes de lograrem no Ceo tronos glorioſos; porque eſta he a prematica divina inviolavel, & Ley do Rey do Ceo infalivel, que pelo modo de padecer ſe entre no Ceo a gozar, diz S. Ambroſio: *Hoc jus eſt apud cæleſtem Regem.* Vejamos iſto em S. Paulo. Convertido o Apoſtolo, diz elle meſmo, que foi em certa occaſiam levado ao terceiro Ceo, onde vio os ſegredos de Deos: *Raptus uſque ad tertium Cælum, vidi arcana Dei, quæ non licet homini loqui.* Pergunto: Se Deos o levou ao terceiro Ceo, porque o nam levou a mais, ou menos Ceos, pois huns querem que ſejaõ nove, & outros que ſejaõ onze? ſó ao terceiro? porque? Direi fundado no meſmo Apoſtolo. Diz elle, que tres vezes foi açoutado, tres vezes ſe vio afogado: *Ter virgis cæſus ſum, ter naufragium pertuli*; & como tres vezes padeceo eſtes trabalhos perſeguido, por iſſo foi ſó ao terceiro Ceo levado; porque pela medida do que ſe padece he que no Ceo ſe deſcanſa. Por iſſo o meſmo Apoſtolo diz em outra parte: *Non coronabitur niſi qui legitime certaverit*; & S. Gregorio Papa diz: *Pro modo laboris erit magnitudo præmiorum*; & por iſſo do meſmo Apo-

Pelo modo do padecer neſta vida ſe goza o premio na outra.

Apoſtolo diſſe Chriſto a Ananias, que lhe avia de moſtrar quanto lhe importava padecer: *Ego oſtendam illi quanta oporteat pati pro nomine meo*; & iſto porque? O meſmo Senhor o diz: *Iſte eſt mihi vas electionis.* Era hum ſogeito para o Ceo eſcolhido, & para aſſim o ſer, claro eſtà que com trabalhos ſe avia de diſpor, & por iſſo Deos muitas vezes nos permite os trabalhos. Olhem. Deos ſe ha neſta materia com noſco, como o pay com o filho, & o Meſtre com o diſcipulo. Açoutaõ, & daõ a palmatoada no filho, & no diſcipulo. Por ventura he para ſeu mal? Naõ, ſenaõ para muito bem ſeu, para que eſtude, & ſeja homem mui authorizado; pois o meſmo he nos trabalhos que Deos nos dà, & por iſſo ſaõ muito para eſtimados: quer Deos naõ ſó que entremos na gloria, ſenaõ que tenhamos grandes premios nella, & para iſto quer que padeçamos, porque pela medida do que ſe padece, he que o Ceo ſe logra. Oh ſe aſſim bem o conſideraramos, & que mui outro fora o modo com que nos averiamos em noſſos trabalhos!

Conhecer q̃ os trabalhos ſaõ juſto caſtigo de noſſos peccados, faz que pareçaõ ſuaves.

Inda deſcubro quarta razaõ, & he eſta. Conformaõſe tanto as bemditas almas com ſeus grandes tormentos, porque conhecem que tudo o que padecem he mui juſto caſtigo de ſuas culpas, & naõ ha duvida, que eſte conhecimento do juſto caſtigo, faz conformar muito a hũa peſſoa no maior rigor delle. Vejaõ-no em dous Textos, hum do Teſtamento Velho, outro do Novo. Vendoſe Job cercado todo de trabalhos, queimadas as fazendas, arruinadas as caſas, mortos os criados, & os filhos, & elle meſmo feito deſde os pès até a cabeça hũa chaga viva, ſem ter outro refugio mais que o de raſpar as boſtellas com hũa telha: *Et tegula radebat ſaniem*; neſta tempeſtade desfeita de taõ rigoroſos tormentos, mui conforme com elles, levantava a Deos os olhos, dizendo aſſim: *Dominus dedit, Dominus abſtulit,*

lit, ſicut Domino placuit, ita factum eſt, ſit nomen Domini benedictum. Deos que me deu os bens, foi ſervido tirar-mos, fez-ſe ſua vontade, ſeja elle muito bemdito. E taõ conforme eſtava, que reprehendendo-o ſua mulher deſta taõ grande conformidade, elle colerico lhe reſpondeo: *Quaſi una de ſtultis mulieribus locuta es.* Andai para tonta, fallais como mulher ſem juizo. Pergunto agora: Donde viria a Job eſta taõ grande conformidade? Qual ſeria a cauſa de eſtar tão conforme em tanto trabalho? Ora eu a deſcubro em outras palavras, que o meſmo Job diſſe neſta meſma occaſiaõ: *Vtinam appenderentur peccata mea in ſtatera quibus iram merui* Oxalà (diz Job) que jà vira peſar os meus peccados, pelos quaes eu juſtamente mereço todos eſtes trabalhos. Notem, que conhece, & confeſſa que ſaõ os ſeus trabalhos juſto caſtigo de ſeus delitos, & como teve eſſe conhecimento, eſte foi o que lhe occaſionou taõ grande conformidade: *Quibus iram merui, ſit nomen Domini benedictum*; porque nam ha duvida, que aſſim ſe conformaõ os que aſſim conhecem. Tem viſto o Texto do Teſtamento Velho; vejaõ agora o Texto do Teſtamento Novo.

Pregado eſtava o meu amoroſo Ieſus entre dous ladroens no monte Calvario, & ambos o eſtavaõ blasfemando: *Latrones qui crucifixi erant cum eo, improperabant ei.* Eis que de repente o ladraõ da maõ direita jà outro muito differente do que até entaõ era, começa a reprehender mui aſperamente ao companheiro da maõ eſquerda moſtrandoſe mui conforme com eſte caſtigo que padecia: *Reſpondens autem alter, increpabat eum, dicens, &c.* Pergunto: Donde naſceo eſta taõ grande conformidade? inda agora mao ladraõ, & jà ladrão ſanto? inda agora blasſemo, & jà convertido? porque? Vejão o que eſte ladrão diſſe na reprehenſaõ que deu ao companheiro:

Matth. 27.

Luc. 23.

panheiro : *Nos quidem juſte,nam digna factis recipimus.* Nòs (diz elle) padecemos juſtamente pelo que fizemos, iſto he juſto caſtigo de noſſos delitos. Ah ſim; & o bom ladraõ teve eſte conhecimento? pois que muito que eſteja taõ conforme com o que padece ? porque ordinariamente eſta conformidade reſulta deſte conhecimento. Ah Chriſtãos, acabemos de conhecer, que os trabalhos que padecemos ſaõ muitas vezes juſto caſtigo de noſſos peccados , & inda neſte caſtigo he Deos para com noſco muito miſericordioſo, pois nos converte em trabalhos deſta vida os tormentos que aviamos de padecer na outra; faz hũa troca amoroſa, tanto quanto he compenſar os tormentos do Purgatorio com os trabalhos que neſta vida nos permite; & que nam reconheçamos eſſa divina miſericordia, para nos conformarmos muito com noſſos trabalhos? oh cegueira ſem deſculpa! Aprendamos pois das bemditas almas , & da ſua grande conformidade: *Merito hæc patimur.*

Inda quero apontar quinta razaõ, & ſerà a ultima. Eſtaõ, a meu ver, as bemditas almas taõ conformes com ſeus rigoroſos tormentos , porque inda entre elles ſe conſideraõ jà almas bemaventuradas, que como tem a certeza da divina promeſſa , ſabem que tanto montaõ em Deos as ſuas promeſſas de futuro,como as poſſes de preſente, & por iſſo conſideraõ que jà ſaõ o que haõ de vir a ſer. Provemos a ſuppoſição, & ficarà corrente o conceito. Argumentavaõ os Iudeos em hũa occaſiam com Chriſto, & ſe algũa vez achei razão aos Iudeos , foi neſta occaſião , porque o argumento foi eſte. Diſſe Chriſto aos Iudeos, que elle era muito mais velho do que Abraham,& que Abraham deſejára muito velo, & o vio muito à medida do ſeu deſejo : *Abraham pater veſter exultavit ut videret diem meum : vidit, & gavi ſus eſt.* Arguiraõ-no então os Iudeos,dizendo: *Nondum*

Tanto mõtaõ em Deos as promeſſas de futuro , como poſſes de preſente.

Joann.8.

quinquaginta annos habes, & Abraham vidisti? Se tu inda nam chegas a sincoenta annos, & Abraham ha mais de trezentos que he morto, como o viste, nem elle a ti? Elle me vio, disse o Senhor, porque antes de elle ser já eu era: *Antequam Abraham fieret, ego sum.* Eis-aqui o argumento dos Iudeos; & por isso eu digo, que sem os olhos da Fé, parece que tinhaõ razaõ. Como avemos pois de resolver este forçoso argumento, pois he certo que Christo, nem mentio, nem se enganou? Direi, & vaõ comigo. Tinha Deos prometido a Abraham, que de sua descendencia avia de sahir o divino Messias: *In te, & in semine tuo benedicentur omnes generationes*; & como lhe tinha feito esta divina promessa, achou Christo que tanto monton ter Abraham esta promessa divina, como ter a posse de presente: *Vidit, & gavisus est.* Que bem o entendeo assim jà David, quando disse: *Beati qui sperant in Domino*; & em outra parte: *Lætentur omnes qui sperant in te.* Ditosos, & bemaventurados saõ os que esperaõ em Deos, alegremse todos os que nelle esperaõ. Tambem S. Paulo assim o entendeo, dizendo: *Reposita est mihi corona justitiæ, quam reddet mihi Dominus in illa die.* Notem dizer o Apostolo, que tem jà a Coroa: *Reposita est mihi*, & que Deos lha ha de dar: *Quam reddet mihi*; de sorte que ajunta a posse de presente com a esperança de futuro. Ora fechemos este Discurso com o meu Senhor sacramentado.

Continùa. Diz este Senhor, que quem dignamente o comer, logra logo a vida eterna: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, habet vitam æternam.* Em outra parte diz, que terà a vida eterna ao futuro: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum.* Grande duvida. Se ha de ter a vida eterna ao futuro, como a tem logo de presente? E como pòde ter a vida eterna de presente hum viador nesta vida? contra o que nos ensina S. Paulo:

lo: *Ibi eum videbimus facie adfaciem, nunc per ſpeculum in ænigmate*? Reſpondo com o que fica dito. Naõ vem, que promete Chriſto a vida eterna: *Vivet in æternum*? Pois tanto monta eſta divina promeſſa de futuro, como a poſſe logo de preſente: *Habet vitam æternam.* Com muito engenho me authoriza o penſamento Santo Agoſtinho: *Ipſa ſpes tam certa eſt* (diz o Padre) *ut omnibus hujus ſæculi delicijs proponenda ſit.* Mui bem fundadas pois ſe conformaõ,& alegraõ as bemditas almas do Purgatorio no rigor de ſeus tormentos, conſiderandoſe jà bemditas; & agora entendo eu,que com particular myſterio,& ordem do Ceo chamais ordinariamente às almas do Purgatorio, bemditas almas, & outras vezes as intitulais,almas ſantas.

Temos viſto ſinco motivos porque as bemditas almas eſtaõ com os ſeus tormentos taõ conformes: *Merito hæc patimur*. Oh ſe aprenderamos dellas eſta conformidade com a vontade divina! E que grande bem nos fora, ſe cada dia tomaramos eſta poſtilla, & ſe recordaramos bem eſta liçaõ todos os dias, que nos daõ as bemditas almas na cadeira do fogo em que eſtaõ metidas, com as palavras do noſſo Thema, que ficão repetidas: *Merito hæc patimur!*

Quia peccavimus. Confeſſaõ as bemditas almas, que padecem pelo que peccáraõ; o motivo de ſeus tormentos, ſaõ os ſeus peccados, de ſorte que ſenaõ peccáraõ,naõ padecéraõ. Eſtou por eſta confiſſaõ,mas agora pergunto: Dizem as bemditas almas, que padecem pelos peccados que cometéraõ? Como he iſto poſſivel, ſe a Theologia nos enſina, que ao Purgatorio vaõ ſómente as almas dos que morréraõ em graça perdoados, ou no Sacramento da Penitencia *in re*,ou pela contriçaõ com o Sacramento *in voto*, o que nam tem duvida algũa; & ſendo iſto aſſim,que vão deſta vida perdoados,

como pòdem padecer no Purgatorio por ſeus peccados: *Quia peccavimus?* A duvida tem muita força, mas a ſoluçaõ me deſempenha della. Notem. A cauſa porque padecem, ſaõ aquellas couſas de que neſta vida ſe faz mui pouco caſo; porque ſaõ mui poucos os que fazem caſo de venialidades. Eu me declaro com alguma miudeza, porque aſſim o pede eſta materia, & quizera que todos abriſſem os olhos de ſua cegueira nella. Ordinariamente nam ſe faz caſo de peccados veniaes, & ſe alguem vos reprehende diſto, com a boca chea de riſo lhe reſpondeis: Que vai niſto? he hũa venialidade, nam he peccado mortal. Que vai niſto, dizeis? Eu vos direi agora o que vai. He verdade que nam vai a condenaçaõ do Inferno eterna, mas vaõ as penas inſoportaveis do Purgatorio, que nam differe do Inferno mais que ſó na duraçaõ eterna, & em tudo o mais he o Inferno, no ſitio, nos tormentos, & nos miniſtros delles. Vai, eſtares por tantos, ou tantos annos privados da viſta de Deos, & dos gozos do Ceo, & da companhia dos bemaventurados. Que vos parece? Vai pouco niſto? Montaõ pouco venialidades? Pois eis aqui o que he rezar com pouca devoçam, ouvir Miſſa com pouca atenção, eſtar na Igreja com pouca reverencia, dizer palavras jocoſas, & murmurar em materias leves, dar algum peſar ao proximo, & fazer boas obras com imperfeição, & outras acçoens ſemelhantes a eſtas, que ficam apontadas, que todas ſe pagaõ, & expiaõ no fogo do Purgatorio com rigoroſos tormentos; & ſe agora cuidais que ſam argueiros, là vos hàõ de parecer montes; agora imaginais que ſó ninherias, là vos ham de parecer mui peſadas; ſe agora vos rides là aveis de gemer.

O que mōtaõ venialidades.

E nam ſó por eſtes motivos ſe padece no Purgatorio ſenam tambem pelo reato dos peccados mortaes perdoados. Eu me declaro, que ſou mui amigo de clareza.

Porque ſe padece no Purgatorio.

reza. O peccado mortal, em quanto offenſa divina, tem em ſy duas couſas: a primeira he ſer hũa culpa objectivamente infinita, por ſer Deos infinito o offendido nella; a ſegunda he ter pena eterna, comenſurada com a culpa da offenſa. O que ſuppoſto, a efficacia da virtude do Sacramento da Penitencia faz, que nelle fique o peccador perdoado abſolutamente de toda a culpa, & quanto á pena, comutaſe ſómente a que era eterna em hũa temporal, ſegundo o arbitrio do juizo divino, & aſſim o que ſe avia de padecer no Inferno eternamente, ſe padece temporalmente no Purgatorio, & a iſto porque aſſim ſe padece, chamaõ os Theologos reato da culpa; & advirtaõ todos agora com muita atençaõ a ſeguinte advertencia, que he importantiſſima, ſendo que ſe faz della muito pouco caſo neſta vida; & he, que eſta comutaçaõ da pena eterna em a temporal por mais, ou menos annos do Purgatorio, a regùla Deos noſſo Senhor, ſegundo a maior, ou menor dor, a maior, ou menor diſpoſiçaõ, o maior, ou menor exame de conciencia, o maior, ou menor propoſito reſoluto da emenda com que o penitente ſe chega ao Sacramento da Penitencia. Aſſim o enſinaõ os Theologos Moraliſtas. Oh ſe niſto bem ſe reparára, & como foraõ bem differentes as confiſſoens que ſe fazem cada dia, ſem o devido exame, dor, propoſito, & diſpoſiçaõ, com taõ grande prejuizo dos penitentes! Oh como repararáraõ mais os peccadores nos peccados veniaes, & nas imperfeiçoens em que agora taõ pouco reparaõ! Como treméraõ das ninherias, de que elles agora galanteaõ, & gracejando dizem, que he mais, ou menos quatro dias de Purgatorio! E pois eſtamos nos termos dos peccados veniaes, taõ pouco conhecidos dos peccadores, deixaime fazer huma breve digreſſaõ, para conhecimento do muito que para a ſalvaçaõ ſaõ eſtes peccados prejudiciaes.

O que mõtaõ os peccados veniaes, & o q̃ delles se segue.

O peccado venial, como diffinem os Theologos, he hũa transgressaõ indirecta, ou imperfeita do divino preceito, a qual inda que nam priva ao transgressor da graça, & amisade de Deos, nem merece pena eterna, com tudo como procede em materia naõ licita, & a Deos nada agradavel, faz o transgressor menos grato a Deos, & Deos se mostra querimonioso, & como amuado, negando os auxilios especiaes que dà aos seus favorecidos; & porque naõ mataõ a alma, assim como fazem os peccados mortaes, por isso se chamão veniaes, porque he mais facil a venia delles; & inda que isto assim he Theologicamente em rigor tomado, com tudo tem particulares circunstancias malignantes, com que me atrevo a dizer, que em certo modo fallando, muito maior cautela se deve ter para com os peccados veniaes, do que para com os mortaes; & a razaõ disto he, porque de hum peccado venial, de que se não faz caso, succede abrirse porta franca para muitos peccados mortaes, & muitas insolencias, que aliàs poderà ser senão cometérão. Vede-o em Adão, que por hum só passo que deu escusado no Paraiso, resultou a perdição de todo o mundo. Experimentai o em David, que por olhar curiosamente para Bersabè, desta vista se lhe seguirão todas as perdiçoens, que chorou todos os dias de sua vida. Considerai-o em aquelles primeiros Anjos, que por hum só pensamento consentido, de Anjos se tornáraõ Demonios. Notem, que o Leaõ a ninguem teme, & só de ouvir cantar hum gallo, ave muito pequena, estremece. Desprezou o Gigante a David pelo ver pequenino, & este desprezo lhe occasionou o ficar morto, & degollado: hum rato basta para derrubar a hum Elefante: os soldados de Josué desprezáraõ os moradores de Hay, por terem pouca gente, & daqui procedeo voltarem as costas fugitivos, & derrotados. Fazendo Xerxes guerra a Gre-

Grecia, perſuadioſe que ſua preſença baſtava para conſeguir a victoria; porém eſte deſprezo do inimigo, & vãa confiança ſua, o fez ſahir desbaratado. Deſenganaivos pois todos, que deſprezar as couſas por pequenas, he arriſcarvos a grandes danos. Nam eſtà o vigor da arvore na eſcarcha, porèm ſe lha tiraõ, ou ſeca, ou apodrece: nam tem força hũa goteira de agua contra hũa abobeda, com tudo hũa goteira deſprezada faz que huma abobeda ſe arruine: de hũa faiſca deſprezada ſe levanta muitas vezes hum grande incendio. Taes como iſto ſaõ os peccados veniaes, de que ſe nam faz caſo, & por pequenos ſe deſprezão. Reparai pois, que por hum ponto ſe desfia toda hũa meya; por hũa pedra ſe arruina todo hum edificio; por hũa ſó brecha ſe eſcala hũa Cidade, & por hum pequeno deſcuido ſe perde hũa victoria; & aſſim fazei muito caſo de peccados veniaes, pois ſaõ porta aberta para peccados mortaes, & com o deſprezo delles periga muito a ſalvação das almas; & finalmente por eſtes padecem, como jà fica ponderado, tantos tormentos, & tão rigoroſos no Purgatorio as bemditas almas.

Similes.

Vejão hũa figura deſta ponderaçam em o Levitic. onde Deos mandava, que das aves que ſe lhe offereceſſem em o ſacrificio, ſe lançaſſem as pennas, & os papos junto ao Altar no lugar das cinzas: *Veſiculam vero gutturis, & plumas projiciet prope Altare, in loco in quo cineres effundi ſolent*; & acreſcenta logo, que ſe acenda alli hũa fogueira: *Et adolebit ſuper Altare, lignis igne ſuppoſito.* Que lugar tão proprio para o noſſo intento, inda que figurativo ſómente; porque o lugar das cinzas com hũa fogueira junto ao Altar, que he o ſitio em que ſe offerecem a Deos as victimas, para elle aplacar o caſtigo de noſſas culpas, quem pòde duvidar que he hũa figura mui propria do fogo, & lugar do Purgatorio, onde as

almas

almas, como victimas do Altar, purificão suas culpas, & assim aplacão a Deos por ellas irado? Os papos, & as pennas, como saõ hũa cousa muito leve, & de muito pouca conta nas aves, fazem a figura dos peccados veniaes, & imperfeiçoens. O que tudo supposto, mandar Deos que no holocausto, que se lhe fizer para o aplacarem quando mais irado, se obre esta ceremonia, foi sem duvida querer jà entaõ misticamente dizernos, que no fogo do Purgatorio purificaõ as bemditas almas as venialidades nesta vida cometidas, de que se faz muito pouco caso nesta vida, & assim se pagaõ em penas, para que assim purificadas se possaõ fazer victimas do Ceo a Deos mui agradaveis. Notem a agudeza de S. Agostinho, como sente isto mesmo: *Illic sermones otiosi, cogitationes iniquæ, illic multitudo levium peccatorum expirabunt.* Nam ha mais dizer para o nosso intento.

S. Agostinh.

No Sacramento da Penitencia se cõmutaõ as penas eternas em temporaes.

Tem visto como no fogo do Purgatorio se padece por peccados veniaes, & leviandades, & reatos; vejaõ agora como as penas eternas se cõmutaõ no Sacramento em temporaes. Descobri a figura no Livro segundo dos Reys. Referese nelle, que tendo o Profeta Natam certificado a David do perdaõ do seu peccado: *Dominus quoque transtulit peccatum tuum*, logo acrecentou, que em pena do mesmo peccado lhe morreria o filho successor do Reyno: *Verumtamen, quoniam blasphemare fecisti, propter verbum hoc, filius, qui natus est tibi, morietur.* Pergunto: Se Deos lhe perdoou, como o castiga Deos? Perdão, & mais castigo implicão. Sim serà, mas aqui não; porque o castigo da blasfemia, era a pena eterna do Inferno, & esta lhe cõmutou Deos na pena temporal que David avia de ter na morte do filho morgado. *Videte* (diz aqui Origenes) *benignum Dominum misericordiam cum severitate miscentem, pænæ modum justa, & clementi deliberatione pensantem.* Nam faltou Deos

2 Reg. 12.

Origen.

Deos ao castigo,& mais à misericordia, comutando em pena temporal a que de rigor de justiça avia de ser pena eterna. Eis-aqui como Deos comuta no Sacramento da Penitencia a pena eterna do Inferno na pena temporal do Purgatorio.

Resta verem ultimamente, como segundo as disposiçoens do penitente regùla Deos os annos das penas do Purgatorio, & para isto me aproveito da semelhança figurativa de que usaõ os Moralistas, acerca do Sacramento da Penitencia. Assemelhaõ-no elles a hũa mesinha que o Medico aplica a hum enfermo, porque o Confessor, dizem elles, he Medico espiritual da alma, & como as mesinhas que os Medicos aplicaõ, aproveitaõ, segundo a disposiçaõ que achaõ no enfermo porque segundo o Filosofo, *Actus activorum sunt in patiente disposito:* da mesma sorte o Confessor, Medico espiritual da alma, aplicando a mesinha ao enfermo penitente, obra nelle esta mesinha, segundo a disposiçaõ em que o acha, & assim se as disposiçoens do penitente saõ boas, obra bem a mesinha, senaõ saõ taõ boas, menos a mesinha obra; pelo que, segundo as sobreditas disposiçoens, vai Deos, Medico real de nossas almas, regulando os annos das penas do Purgatorio; & notem hũa cousa mui particular de grande consolaçaõ para os peccadores penitentes, & he, que taõ boas pòdem ser as disposiçoens, que perdoe Deos nam só toda a culpa, mas toda a pena, & morrendo assim hum penitente, và logo direito ao Ceo sem passar pelo Purgatorio. Venturoso peccador, ditoso penitente este que souber aproveitarse desta doutrina. Reparai pois todos, & considerai bem, que na vossa maõ està poderes ir ao Ceo direitos, fazendo nas confissoens hũas disposiçoens mui perfeitas, & depois fazendo varias penitencias, com que vades diminuindo os annos da comutaçaõ no Purgatorio, por

Regùla Deos no Sacramento da Penitẽcia as penas do Purgatorio, segundo a disposiçaõ do penitente, &c.

tal modo, qũe na hora da voſſa morte vos acheis de todo livres, & perdoados. Que deſculpa pòdes ter, ó peccador, de aſſim o nam fazer, eſtando na tua maõ? pelo amor de Deos, que abras os olhos, & ponderes bem eſta exhortaçaõ com que te perſuado a ſalvaçaõ de tua alma; nam repares em mortificar o teu corpo, para que reyne a tua alma no Ceo. Aſſim o diz o Eſpirito Santo: *Fili ſerva animam tuam, & da illi honorem ſecundùm meritum ſuum.* Não troques o eterno pelo temporal, medita nas penas que padecem as bemditas almas no Purgatorio, & o porque padecem tantos tormentos: *Quia peccavimus.*

Sap. 12.

Exemplos.

Rematemos jà todo eſte Sermaõ com alguns exemplos aos noſſos Diſcurſos mui proporcionados, & ſeja o primeiro de Santa Lidovina, a qual converſando com hum Sacerdote muito virtuoſo, vieraõ ambos a fallar nas penas do Purgatorio, acerca das quaes diſſe o Sacerdote (como muita gente diz, inda prezados alguns de mui ſabichoens, & diſcretos, dizem menos advertidamente) Jà eu là me tomára, inda que padeceſſe tantos annos, quantos grãos tem huma moſtardeira, pois jà entaõ tenho eu a minha ſalvação ſegura. Ficou a Santa muito magoada de ouvirlhe iſto, & com gemidos lho eſtranhou muito, dizendolhe: Que he o que dizeis Padre? Taõ pouco confiais da miſericordia divina? Se ſoubereis bem que lugar he o do Purgatorio, & o que là ſe padece, nunca tal couſa diſſereis. Morreo em breve tempo eſte Sacerdote, & fallandoſe nelle, perguntáraõ algũas peſſoas à Santa, em que eſtado eſtaria eſte Sacerdote. Notem bem a repoſta da Santa, & emendemſe os ignorantes preſumidos, do grande erro que cometem, quando aſſim fallaõ. Bem eſtà (diſſe a Santa) mas inda eſtivera muito melhor, ſe vivendo ouvera confiado mais nos merecimentos de Chriſto, & menos

Pur-

Purgatorio tivera agora, ſe mais o ouvera temido. Aqui veráõ o pouco que baſtou para penar eſte Sacerdote taõ virtuoſo. De S. Pedro Damiaõ ſe conta, que dezoito annos eſteve no Purgatorio ſó pela deleitaçaõ que teve de ouvir hũa ſó cantiga, que na rua ſe cantava eſtando elle na ſua cella recolhido. Eis-aqui o muito pouco porque no fogo do Purgatorio ſe padece tanto. Vejaõ agora a conformidade que as bemditas almas tem no meio de tanto tormento, conſiderando que eſtaõ em via para a gloria.

Em a Villa de Zamora, onde eu me achei em Miſſaõ, vi o ſinal do ſucceſſo ſeguinte. Ha neſta Villa dous Conventos, hum de Frades de noſſo Padre S. Franciſco, outro de Frades de noſſo Padre S. Domingos. Avia neſtes dous Conventos dous Frades Leigos, que eram Procuradores de fóra, & ambos virtuoſos, & muito amigos. Correndo a amiſade eſpiritual, fizeraõ entre ſy concerto, que ſendo Deos aſſim ſervido, o que morreſſe primeiro apareceria ao que ficaſſe, para lhe dizer o eſtado que tinha no juizo divino. Feito o concerto, ſuccedeo morrer primeiro o Franciſcano, & no outro dia depois da morte, andando o Dominico preparando o Refeitorio, entrou pela porta dentro o Franciſcano defunto. Perturbouſe o Dominico tanto que o vio, mas elle lhe diſſe, animando-o que nam temeſſe, pois era Deos ſervido que vieſſe comprir o concerto feito, & que lhe vinha dar conta do eſtado em que eſtava; & logo acrecentou, que eſtava no Purgatorio padecendo crueliſſimas penas, & que as avia de padecer por eſpaço de quinze annos. Admirouſe muito o Dominico de ouvir iſto, por quanto lhe aſſiſtira à cabeceira, & o vira morrer com os Sacramentos, mui contrito, & arrependido, & aſſim lhe perguntou: Que cauſa avia para eſtar padecendo por tanto tempo tanto tormento? Ao que o defunto

Exemplo.

funto refpondeo: Saberàs, que he o juizo de Deos tam meudo,& rigorofo, que por eu nam fazer cafo de repartir as reçoens aos Frades com defigualdade, dando algumas melhores aos meus amigos, & nem difto me confeffei, por iffo he que agora peno, mas como hei de ir ao Ceo, & conheço que mereci efte caftigo, por iffo eftou mui conforme com a divina vontade; & porque faibas o que padeço, olha para o que faço, & logo levantando a maõ, deu huma palmada no canto de huma taboa do Refeitorio, & no mefmo tempo fe levantou huma lavareda de fogo, & ficou a taboa queimada, que inda hoje affim fe conferva, com huma gradinha de ferro por cima, para memoria defte fucceffo. Eis-aqui o que no Purgatorio fe padece, & a conformidade com que neftes feus tormentos eftaõ as bemditas almas. Vejaõ agora como Deos recebe em fatisfaçaõ das culpas o que nefta vida fe offerece por ellas,& como fe pòde padecer tanto, que fe và ao Ceo direito.

De hum Conego Regrante fe conta no Livro dos Exemplos,& o traz o Itinerario Efpiritual, que fendo encarcerado por algumas culpas, que como mancebo com o fervor do fangue avia cometido, reconhecendo feus erros, tomou o carcere com notavel paciencia, & conformidade, fazendo nelle algumas penitencias, atè que finalmente nelle morreo. Eftando pois hum Religiofo Santo em oraçaõ, vio a Igreja banhada de luzes, & a Chrifto Senhor noffo acompanhado da Virgem Maria, & de outros Santos em numerofo concurfo; & vio que logo o Padroeiro da Igreja pedio a Chrifto pela alma do defunto, tomando por valia a Virgem Maria Senhora noffa, a qual intercedendo por efta alma, foi logo levada ao Ceo, tomandolhe o Senhor em defconto de feus peccados a paciencia, & penitencias, que avia tido no carcere, defcontando com ellas as penas que

avia de ter no Purgatorio. Conta tambem o meſmo Itinerario Eſpiritual, que ouvindo huma grande peccadora prégar ſobre os prodigioſos effeitos da miſericordia divina, que a ninguem ſe nega, ficou taõ rendida, que logo veyo buſcar o Prégador, & ratificandoſe no que tinha ouvido, pedio ao Prégador, que pelo amor de Deos a ouviſſe logo de confiſſaõ, & aſſim o fez o Prégador, & tendolhe ouvido enormiſſimas culpas, conſiderando que penitencia lhe daria adequada a ſua confiſſaõ, veyo a reſolverſe, que por penitencia lhe dava tornar no outro dia a ouvilo prégar; aſſim o fez obediente, & taes foraõ os ſeus gemidos, & foi ſua dor taõ grande, que foi baſtante para lhe tirar logo alli a vida, & cahio morta. Os circunſtantes que viraõ eſta morte repentina, ſem ſaberem a cauſa, & conhecendo-a por publica peccadora, ficáraõ mui laſtimados, imaginando que aquella alma ſe perdéra, & o Prégador pedio com muita inſtancia a todos, que ſe puzeſſem em oraçaõ, & pediſſem a Deos por aquella alma. Aſſim o fizeraõ todos, & eſtando orando ſe ouvio huma voz que diſſe: Nam neceſſita eſta alma, que rogueis por ella, antes ella rogarà por vòs; de ſorte que a efficacia da dor que teve, foi baſtante para a meter logo no Ceo, abſolvendo-a de toda a culpa, & de toda a pena.

O que de tudo iſto ſe colhe he, que aprendamos das bemditas almas a conformarmonos muito com Deos, & ſua ſanta vontade em todos noſſos trabalhos, & perſeguiçoens; aprendamos dellas a conhecer, que tudo o que padecemos he juſto caſtigo de noſſos peccados, & que muito mais merecemos; imitemolas na conſideraçam que fazem da gloria que as eſpera, com que tudo ſe lhes facilita, & ſuaviza; acabemos de conhecer o quanto móta para as penas aquillo que chamamos liviandades, & imperfeiçoens, & quanto peſa nam levar à confiſſaõ hũa

boa

boa diſpoſiçaõ previa, hũa dor, & propoſito verdadei-ro;& para que iſto mais vos mova, quando nam baſtem os diſcurſos que ficaõ feitos, & os exemplos que ficaõ apontados, baſtem eſtes brados, que hoje vos daõ eſtes Prégadores defuntos de almas da outra vida, porque ſempre eſtes moveráõ muito mais que tudo o deſta vida. Troquemos hoje todos o modo de viver, para que poſſamos com Chriſto reynar, conſervandonos neſta vida em graça, para que logremos na outra aumentados tronos da gloria: *Ad quam nos perducat meus Euchariſticus Ieſus. Amen.*

Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento.

SERMAM V.

No Anniverſario dos Irmãos Terceyros.

LOVVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Ecce dies Domini veniet, crudelis, & indignationis plenus, & iræ, furorisq; ad peccatores terræ conterendos. Iſai. cap. 13.

Alavras ſaõ eſtas do Profeta Iſaias, fallando com os peccadores vivos, & cõmummente do dia do Juizo final de Deos interpretadas pelos ſagrados Expoſitores, porque em tudo convem com o rigor do dia do Juizo final, & eſte he o ſentido deſtas palavras litteral; porèm no ſentido anagogico ſe pòdem mui bem entender do dia em que as bemditas almas entraõ nas rigoroſas penas do Purgatorio, pois ſaõ ellas taes, como logo nos moſtraráõ os Diſcurſos; & ſe o dia final he do juizo de Deos, tambem do juizo de Deos he o Purgatorio das bemditas almas;

 & ſen-

& sendo isto assim, da mesma sorte que o Profeta Isaias avisa os peccadores praticando com elles, tambem eu considero, que do mesmo modo estaõ hoje os vivos praticando huns com os outros sobre o cruel dia, em que as bemditas almas entraõ a padecer rigorosos tormentos no Purgatorio, & advertindose huns aos outros do que lhes ha de succeder, fallaõ com as palavras do nosso Thema, na maneira seguinte: *Ecce dies Domini veniet, crudelis, & indignationis plenus, &c.* Advirtamos, consideremos, & lembremonos muito do terrivel, & cruel dia, que nos ha de vir, como veyo às bemditas almas, que estaõ padecendo no Purgatorio tam terriveis tormentos, que parece està Deos enfurecido de ira contra ellas: *Iræ furorisque*, & q̃ as quer de todo destruir: *Ad peccatores terræ conterendos.* O que supposto, este serà todo o empenho deste Sermaõ presente, mostrarmos quaes saõ os tormentos, que padecem no Purgatorio as bemditas almas. Comecemos pois os Discursos, & permita o Ceo, que com o terror delles se apartem muitos peccadores de suas culpas, & segurem sua salvação muitas almas.

S. Dionys. Cartus. S. Greg. Pap. Eodem igne crematur damnatus, & purgatur electus.

Primeiramente padecem as bemditas almas pelo sitio do lugar em que estaõ; porque segundo a opiniaõ de S. Dionysio Cartusiano, com outros Padres, o lugar he o mesmo que o do Inferno, inda que outros dizem, que he outro lugar separado; & ou seja o mesmo, ou outro, todos convem em ser hum lugar subterraneo, escuro, & tenebroso, que segundo as medidas Mathematicas, fica mil legoas da superficie da terra, & por ser lugar taõ tenebroso, & escuro, causa às bemditas almas hum mui reciproco tormento, porque assim o occasionaõ semelhantes lugares. Vejaõ-no em David. Falla o Real Profeta do rigoroso tormento, que seus inimigos lhe deraõ, & diz que o meteraõ em hum lugar escuro, & tene-

Qual he o lugar do Purgatorio.

Psalm. 143.

& tenebroso, como se faz aos mortos: *Collocavit me in obscuris sicut mortuos sæculi*, & q̃ isto lhe magoou muito a alma, & lhe atravessou o coração: *Et anxiatus est super me spiritus meus, & in me turbatum est cor meum.* Pergunto: Nam achou David outro peyor mal de que se queixasse, senaõ só deste? porque só deste formarà o seu queixume? Respondo. Porque verse aqui posto, foi o tormento para elle mais desabrido de todos quantos teve. Oh que rigoroso tormento he o do Purgatorio por este motivo! Diga-o o Espirito Santo no Livro da Sabedoria: *Tenebroso oblivionis velamento dispersi sunt paventes horrende.*

Quaes saõ os ministros dos tormentos delle.

Associa este tormento, & muito o aumenta, serem os Demonios, como em effeito saõ, os ministros, por cuja conta correm os tormentos das bemditas almas; & serem estes, os Demonios, grandes inimigos das almas declarados, faz tambem o Purgatorio mais horrendo, & medonho; porque naõ ha duvida, que saõ tormentos insoportaveis aquelles, que saõ por ordem de inimigos dispendidos, & muito mais do que quaesquer outros. Vejaõ-no em Esther a respeito de Aman. Queixandose Esther de Aman a ElRey Assuero, formou por este modo o seu queixume: *Traditi sumus ego, & populus meus Aman, ut conteramur, jugulemur, & pereamus: utinam in servos venderemur, & periremus, tolerabilius esset malum, & gemens tacerem.* Accusados, & entregues estamos em poder de Aman eu, & todo o meu povo, para sermos perseguidos, até serem todos degolados; & oxalá jà o foramos, porque tudo com paciencia sofreramos, & nos calaramos, com tanto que naõ interviesse nisto Aman, que he o executor. Aqui a duvida. Pergunto: Se o povo ha de perder a vida, & ser degolado, que importa que Aman seja, ou naõ seja o executor? que faz, nem desfaz intervir nisto Aman? que? Muito.

He grande tormento padecer a mãos de inimigos.

Saibaõ quem era Aman? A mesma Esther o diga: *Hostis,& inimicus est pessimus iste Aman.* Era Aman hum inimigo declarado deste povo. Ah sim? pois bem diz Esther, que muito mais a magôa considerar, que Aman inimigo capital do povo seja o executor destas mortes, do que a mesma morte, & outro qualquer tormento mais rigoroso. Notem agora para os nossos termos, que onde a Vulgata diz, *Hòstis*,lè a Biblia Regia, *Diabolus*; de sorte que o inimigo declarado he o Diabo no sentido moral,& Esther he figura de hũa alma.O que supposto, muito maior pena causa a hũa alma ver, que o Demonio seu capital inimigo seja o ministro dos seus tormentos no Purgatorio, do que os seus maiores tormentos. Eis-aqui o segundo motivo,que faz mui cruel para as bemditas almas o Purgatorio. Vejamos o terceiro, que consiste na calidade dos tormentos.

Que tormẽtos se padecem noPurgatorio.

Padecem as bemditas almas dous generos de tormentos insoportaveis; a hum delles chamaõ os Theologos, *pæna damni*, & ao outro *pæna sensus.* A pena damni, consiste na privaçaõ da vista de Deos; a pena sensus, consiste em varios modos de tormentos,que se padecem na apprehensaõ imaginaria. Estar huma alma privada da vista de Deos, he taõ cruel tormento, inda que seja por poucos dias, que se naõ pòde explicar com palavras algũas. Diga-o a Virgem Maria, quando perdeo no Templo ao seu querido Filho; porque depois que o achou entre os Doutores sentado, formou o seu amoroso queixume desta maneira: *Fili, quid fecisti nobis sic? Ego,& pater tuus dolentes quærebamus te.* Filho do meu coraçáo, que pena he esta,que nos causastes assim? andandovos buscando eu,& vosso pay? Náo reparaõ em a Virgem Maria naõ declarar o intensivo da dor que teve nos tres dias do menino perdido? & só diz que esteve magoada assim: *Sic*? Que quererà significar este *sic*? Oh!

Grande tormento he estar privado da vista de Deos, inda por breve tempo.

Oh! he o que temos dito. Foi tal a magoa da Virgem, & de S. Joseph na privaçaõ tridua do menino Deos, que naõ se atreveo a explicala: *Quid fecisti nobis sic?* Privaçaõ da vista de Deos, inda muito breve, sabese sentir, mas naõ se pòde declarar; reservase para a magoa do peito, mas naõ para a jurdição da lingua. Por isso no dia do Juizo Deos ha de fundar o castigo rigoroso dos condenados nesta divina privaçaõ: *Discedite à me maledicti.* Notem o *discedite*, & por isso tambem na occasiaõ em que os Judeos quizeraõ sacrilegamente apedrejar a Christo: *Tulerunt lapides, ut jacerent in eum*, o castigo que o Senhor lhes deu, foi ausentarse, & deixalos: *Iesus autem abscondit se*; & o mesmo fez na occasiaõ em que Herodes lhe degolou o seu grande Precursor o Bautista, porque entaõ os deixou, passando o mar da outra banda: *Abijt Iesus trans mare Tiberiadis*; & jà tambem Job no meio dos seus maiores trabalhos, só desta privaçaõ divina he que mais, que de tudo o mais se queixava: *Cur faciem tuam abscondis?* E finalmente, querendo Deos aggravar o castigo do ingrato povo Israelitico, fundou isto na privaçaõ de sua divina vista: *Abscondam faciem meam ab eis, & sagittas meas complebo in eis.* Eis-aqui o gravissimo tormento da pena damni, que padecem no Purgatorio as bemditas almas; vejaõ agora o tormento da pena sensus.

Vem este a ser, como jà fica dito, padecerem varios tormentos, assim dos sentidos, como das potencias na apprehensaõ imaginaria; & por serem tormentos da imaginaçaõ, saõ tormentos insoportaveis, & mais do que perder a vida saõ custosos. Estando Christo no Horto, lhe mostrou hum Anjo na representaçaõ de hum Caliz toda a sua Payxão sagrada, & vendo-a o Senhor, ficou taõ angustiado, ou enfastiado, que pedio a seu Eterno Padre, fosse servido passar delle aquelle Caliz

Insoportaveis tormētos saõ os da imaginaçaõ.

de tanta amargura: *Pater mi, si possibile est, transeat à me calix iste.* Estando este mesmo Senhor no Calvario, taõ contente ficou com suas penas, que se mostrou sequioso de mais tormentos. *Sitio maiora tormenta*, diz S. Agostinho. Pois como? quando no Horto inda naõ padece, jà se enfastia, & no Calvario, onde os tormentos saõ tempestades desfeitas, & nam tem parte no corpo em que caibaõ mais chagas, ahi deseja mais tormentos? porque? Direi. No Horto era a Payxão na imaginação representada, & no Calvario era Payxaõ em realidade padecida, & vai tanto de hũa cousa a outra, que sendo só apprehensaõ imaginaria, nam se atreve Christo com ella, & sendo Payxaõ, & morte em realidade, mostra que isto lhe nam dà pena algũa. Agora entenderáõ a causa porque este Senhor no Calvario disse, que a sua Payxaõ era sómente consumada: *Consummatum est*; porém fallando della no Thabor, diz o Evangelista, que era Payxaõ com excesso, ou excessiva: *Loquebantur de excessu, quem completurus erat in Ierusalem*; porque nam ha duvida, que faz muito excesso hũa payxaõ representada na imaginação, a hũa padecida na realidade. Jà por esta mesma causa vendo Balthasar tres dedos de hũa maõ, que em a parede fronteira lhe escreviāo, causoulhe tanto assombro esta vista, que mudou a cor, perdeo o tino, & ficou sem alento algum humano: *Tunc facies Regis cõmutata est, & cogitationes ejus conturbabant eum.* Interpretoulhe as letras desta Escritura Daniel, & a interpretação foi, que seria o seu Imperio destruido, & elle morto: *Divisum est Regnum tuum*; & ouvindo isto o Barbaro, mandoulhe dar hum colar de ouro, & nam fez isto nelle algum abalo: *Tunc jubente Rege indutus est Daniel purpurà, & circumdata est torques aurea collo ejus.* Que contrariedade he esta? socegase Balthasar, quando avia de alterarse, & inquietase, quando avia de socegarse?

Dan. 5.

cegarſe? com as letras que vé ſe perturba,& com a ſentença de morte nam ſe abala? porque? Direi. A razaõ a meu ver foi, porque as letras que via cauſavaõlhe na imaginação hũa conſideração do que ſeria, & aſſim padecia na imaginaçaõ; com a nova da deſtruição,& morte, ficou certo do que na realidade era, & vai muito do que na imaginaçaõ ſe padece,ao que na realidade ſe ſente; & a razaõ diſto he: porque quem eſtà certo de hum dano, ſó eſte mal padece na certeza delle; mas quem na incerteza imagina,& vacilla, padece quantos males a imaginação lhe repreſenta, porque he hũa eſponja de triſtezas, que chupa todos os pezares, he hũa recopilação abreviada de todos os ſentimentos, & tanto aſſim, que ſempre a imaginaçaõ os repreſenta peyores do que ſaõ na realidade os males. Provemos eſte requinte da imaginação.

A imaginaçaõ repreſenta os males maiores do que ſaõ na realidade

Tendo os filhos de Jacob vendido para Egypto a ſeu irmaõ Ioſeph, para disfarçarem eſta aleivoſa venda, tingiraõ no ſangue de hum cabrito a tunica do irmaõ vendido (que nem irmãos eſcapaõ de aleivoſias por invejas) & apreſentaraõ-na ao pay, dizendolhe, que tinhaõ achado em aquelle laſtimoſo eſtado a tunica de ſeu irmão: *Vide tunica filij tui ſit, an non?* O que vendo o pay, com ſoluços,& gemidos, rompeo dizendo banhado em lagrimas: *Fera peſſima devoravit filium meum Ioſeph, deſcendam ad Infernum lugens.* Ay de mim,que hũa cruel fera deſpedaçou a meu filho Joſeph, no Inferno o hey de ir prantear. Naõ reparo por hora em dizer,que o ha de prantear no Inferno, reparo ſó em affirmar que huma cruel fera o deſpedaçou. Pergunto: Quem diſſe a Iacob que huma fera o deſpedaçara? Os filhos tal couſa lhe nam diſſeraõ; como adevinhou? donde o inferio? Não pudéra morrer de huma quéda, não o matarião com huma eſpada, ou bacamarte? Claro he q̃ ſim.

Como affirma pois o que nam ſabe? Direi. Vendo Iacob a tunica enſangoentada, imaginou na morte do filho, & logo a imaginação lhe repreſentou o peyor, que era morrer feito em pedaços: *Fera peſſima devoravit filium meum Ioſeph*; porque ſempre a imaginação repreſentou o peyor mal do que he na realidade. Eis-aqui o tormento da pena ſenſus, que padecem as bemditas almas.

Inda aqui noto outra circunſtancia neſta pena ſenſus, & he, padecerem as bemditas almas em todos os ſentidos, & potencias com muitos, & diverſos modos de tormentos, o que faz mui cruel eſte ſeu modo de padecer; porque nam ha duvida, que tormentos ſobre tormentos multiplicados, ficão ſendo mui crueis, & inſoportaveis. Que bem o entendeo aſſim Ieremias, lamentando os pezares daquella triſte Princeſa de Ieruſalem! Diz o Profeta, que foram os males da Princeſa de tal calidade, que nam admitião conſolação, nem tinhaõ cura: *Non eſt qui conſoletur eam: quis medebitur tui?* Pergunto: E que males eraõ eſtes, para ſerem taõ crueis? Porque eraõ taõ irremediaveis? O meſmo Profeta o diz ſe eu me nam engano: *Plorans ploravit.* Eraõ taes ſeus males, que lhe faziam correr humas lagrimas ſobre outras, humas cahião, & outras naſcião, apenas ſe penduravaõ humas nas faces, quando jà outras ſe aſſomavaõ aos olhos, & apenas appareciaõ nos olhos humas, quando da madre do peito ſahiaõ fontes: *Plorans ploravit. Per hoc* (diz a Gloſa) *continuatio fletus deſignatur*; & porque os males eraõ tão continuos, & multiplicados, por iſſo eraõ males crueis, & irremediaveis. Ora vejam iſto meſmo no amoroſo peito de Chriſto crucificado. Intitula a Igreja a lança, que ferio o peito de Chriſto, cruel: *Mucrone diro criminum*; & nam ſei em que conſiſta aqui a crueldade, pois foi dada a lançada em hum

Tormentos q̃ aſſentaõ ſobre outros ſaõ inſoportaveis.

cor-

corpo morto, privado de todo o ſentimento; que o foſſem os mais tormentos, muito embora, pois foraõ feitos a hum corpo vivo, mas a lâçada em hum corpo morto, porque? Direi com novidade ſobre o muito que tenho dito niſto. Eſtava Chriſto na Cruz ferido de mãos, & pès, tinha todo o corpo de tal ſorte ferido, que não avia onde pudeſſe caber mais ferida, & ſobre tanta ferida, lá foi buſcar a lança o coração dentro do peito, abrindo nelle huma brecha: *Lancea latus ejus aperuit*; & aſſim ficou ſendo ferida ſobre muitas feridas, & chaga ſobre muitas chagas, & porque teve eſta circunſtâcia, por iſſo foi tão cruel, & niſto deſcobrio a Igreja a crueldade: *Mucrone diro*. Eſta meſma circunſtancia tem os tormentos da pena ſenſus, que no Purgatorio padecem as bemditas almas.

Padecem as bemditas almas mais outro tão cruel tormento, qual he o de verem, que lhe venha o tormento por ordem de Deos, de quem eſperavaõ o alivio, & ſoccorro. Cruel tormento he eſte na verdade. Diga-o Iob, que foi hum exemplar da paciencia. Dando Deos liberdade ao Demonio, para que perſeguiſſe a Iob muito à medida da ſua vontade: *Ecce in manu tua eſt, tange eum*, pedio o Demonio a Deos, que lhe déſſe hum pouco de fogo do Ceo, para lhe queimar as fazendas, ſearas, & gados, & aſſim lho concedeo Deos: *Ignis Dei cecidit de Cælo, & oves, puerosque conſumpſit.* Aqui o meu reparo. Pede o Demonio a Deos fogo do Ceo empreſtado, & porque? falta ao Demonio fogo no Inferno? nam era mais barato ao Demonio trazer do Inferno fogo? Sim era; mas notem, que o intento do Demonio era fazer deſeſperar a Iob com a perſeguição, & achou o Demonio, que ſó eſte fogo do Ceo era para iſto mais activo, & acomodado, porque queimar a Iob tudo com o fogo do Inferno, nam era iſto para Iob a

Virem os tormentos donde ſe eſperavam os alivios, he inſoportavel tormento.

Iob. 1.

maior

maior pena, porque do Demonio que outra cousa podia esperarse sendo seu inimigo? mas ver Iob, que quando esperava do Ceo o alivio, & o soccorro, do Ceo baixava o fogo que o destruia, isto era tormento insoportavel, & bastante para fazer desesperar ao mais sofrido; & nisto calificou Iob a sua singular paciencia, vendo que lhe vinhaõ os tormentos donde esperava os alivios: *Ignis Dei cecidit de Cælo, &c.* Em outra occasiam se queixou muito o mesmo Santo Iob de huns seus amigos, por este modo: *Usquequo affligitis animam meam, & atteritis me sermonibus?* Que seja possivel me veja eu afrontado de vòs com palavras? tormento he este, que me chega à alma. Pergunto: Se o Santo Iob com hũa incrivel paciencia sofreo quanto lhe fez o Demonio de males, como mostra agora, que nam pòde sofrer estas afrontas, formando estes queixumes tão sentidos? Respondo com Origenes. Eraõ estes homens seus amigos, dos quaes esperava favores, & honras, & verse Iob deshonrado por estes, foi isto para elle tormento tão cruel, que lhe ferio a alma, & nam pode dissimulalo: *Vir nequissimus adversarius etiam ad hoc pervenit, ut amicos in inimicos converteret, & sodales adversarios efficeret*; & por isso atè Christo Senhor nosso, sendo quem foi na paciencia, dissimulando em toda a sua Payxão tantas bofetadas, afrontas, & tormentos, só de huma bofetada que lhe deram em casa de Annás he que se queixou: *Cur me cædis?* Aqui nam pode dissimular o sentimento; & a razão foi, porque segundo S. Vicente de Ferr. Malco a quem o Senhor acabava de curar a orelha cortada, foi o que lhe deu a bofetada, & ver o Senhor, que quando esperava ter a Malco por amigo obrigado a honralo, deste mesmo Malco lhe vinha a maior afronta de huma bofetada, isto lhe apurou a paciencia tanto, que o fez romper neste sentido queixume: *Cur me cædis?* E por isso

Iob. 19.

Orig.

iſſo finalmente Deos converteo as aguas do Nilo em ſangue, para maior caſtigo dos Egypcios, porque vendo elles que quando os Iſraelitas ſaciavão a ſede com eſta agua, elles cuidando que tambem bebião agua, para ſeu dano mortifero bebiaõ ſangue, para que com eſta circunſtancia creſceſſe mais o tormento do ſeu caſtigo. Aſſim o diz o Eſpirito Santo no livro da Sabedoria: *Pœnas paſſi ſunt inimici illorum à defectione potus, cum abundarent filij Iſrael.* Verem pois as bemditas almas, que eſtaõ atormentadas por ordem de Deos, de quem em ſeus tormentos eſperavaõ alivio, & ſoccorro, eis-aqui hum cruel tormento, que padecem no Purgatorio.

Sap. 11. Aqua utebantur Hebræi, ſanguis autem Ægyptijs Nilus factus eſt, hæc erat ſumma calamitas, diz aqui o Theodoreto.

Inda padecem outro, que na minha eſtimação ſenaõ he peyor tormento, nam he menor deſte, & vem a ſer, eſtarem predeſtinadas, & perto jà de verem a Deos, & com tudo nam poderem velo. Cruel tormento he eſte na verdade. Vejamolo. Alcançou Ioab del Rey David perdoar a ſeu filho Abſalaõ, concedeolhe o Rey que tornaſſe para ſua caſa, & pudeſſe vir atè a primeira ſala do Paço, mas que dalli nam paſſaſſe para fallar com elle: *Revertatur in domum ſuam, & non videat faciem meam.* Pergunto: Se David lhe perdoou o delito, porque nam quer que lhe veja a cara; & ſe naõ quer que o veja, para que lhe dà licença que entre no Paço? Direi. Queria David darlhe com diſſimulaçaõ hum rigoroſo caſtigo, & achou que por eſte modo lho dava. Fez conſigo David eſte diſcurſo. Que eſte ingrato filho me naõ veja andando deſterrado, naõ lhe ſerà mui penoſo, porque o deſterro lhe moſtra o impoſſivel de poder verme; porém ver elle que jà lhe tenho perdoado, & pòde entrar no Paço, mas com prohibiçaõ de poder verme, & fallarme, iſto ha de ſer para elle hum tormento de toda a crueldade, & aſſim quero caſtigalo

2. Reg. 14. Eſtar perto de hũ bem, & naõ poder lograllo he terrivel tormento.

rigo-

rigoroſo. Andou David diſcretamente diſcurſivo,porque naõ ha tormento como eſte taõ rigoroſo , he huma recopilaçaõ multiplicada de todos os tormentos. Eu o moſtro no caſtigo que Deos deu a Eva noſſa māy primeira. Peccou Eva arraſtando as obrigaçoens em que a Deos eſtava pela liviandade de abocanhar hum pomo, quando irado Deos contra ella lhe intima rigoroſos caſtigos, & foi o primeiro de todos: *Multiplicabo ærumnas tuas, & conceptus tuos:* Hei de darte huma multiplicaçaõ de trabalhos, quando algum filho conceberes,terás tormentos multiplicados nelle. Aqui o reparo. Pergunto: E que circunſtancia tem a concepçaõ dos filhos, para que ſeja huma multiplicaçaõ de trabalhos? Direi. Concebido o filho no ventre da māy , paſſaõ nove meſes em que tendo-o dentro de ſy o nam póde ver com ſeus olhos, & achou Deos que era iſto o maior tormento de caſtigo que podia dar às mulheres , ter o bem taõ perto de ſy, & nam o poder lograr com a viſta : *Multiplicabo ærumnas tuas, & conceptus tuos*; & por iſſo finalmente querendo Deos caſtigar o ſeu povo, o poz à viſta da terra de promiſſaõ, & o nam deixou entrar dentro. Eis aqui o outro cruel tormento, que no Purgatorio padecem as bemditas almas, eſtarem de verẽ a Deos certas, & mui perto, & nam o poderem ver como deſejaõ.

Oleaſtr. Decreverat enim Deus, quod fæmina fætum jam efformatũ ſtatim illum non emitteret, ut patiatur in deſiderio.

Inda conſidero outra circunſtancia de tormento que muito afflige as bemditas almas, & he, padecerem no Purgatorio, ſendo almas; porque tormentos que tocão na alma, martyrizaõ muito cruelmente mais do que todos juntos, quantos tocaõ no corpo. Tinha a Cananea huma filha , que endemoninhada padecia crueis tormentos, que lhe fazia o Demonio ; laſtimada a māy ſe chegou a Chriſto, pedindolhe remedio para eſta afflicçaõ, & fez a petiçaõ por eſte modo : *Miſerere mei Domine*

Tormentos que tocam na alma ſaõ mui cuſtoſos.

mine fili David, filia mea male à Dæmonio vexatur. Compadeceivos Senhor de mim, porque tenho hũa filha mui atormentada do Demonio. Reparem no modo da petiçaõ. Pede para ſy o remedio, confeſſando que o mal he da filha. Como aſſim? Se quem padece he a filha, porque nam pede para a filha o remedio, ſenam para ſy: *Miſerere mei*? Oh deixem, que andou eſta mulher diſcreta; verdade he, que os tormentos do corpo a filha os padecia, porem a mãy por compayxão amoroſa padecia-os na alma, & peſando huns com outros tormentos, achou diſcreta, que nenhũa comparaçaõ tinhaõ os tormentos do corpo com os da alma. Por iſſo no ſacrificio de Iſaac todas as merces fez Deos ao pay, & nenhuma ao filho: o pay levou todos os louvores, & applauſos: *Quia feciſti rem hanc*; & o filho nenhuns. Pois que he iſto? tambem Deos guarda os eſtylos da ſem-razaõ do mundo, onde huns tem o merecimento, & outros o applauſo? Oh que nam he iſſo, ſenaõ que o filho offereceo o corpo ao ſacrificio, & o pay a alma magoada nelle, & por iſſo à viſta do padecer do pay, nam avultou o padecer do filho. Que bem S. Pedro Chryſologo com o ſeu pico coſtumado! *Quia ibi tota patris erat paſſio, ubi filius immolabatur*; & por iſſo finalmente Chriſto avendo de reſuſcitar o filho da viuva de Naim, poz os olhos para ſe compadecer, nam em o filho morto, ſenam em a mãy viva: *Quam cum vidiſſet*; & tambem o acompanhamento, diz S. Lucas, que era feito à mãy, & nam ao filho: *Et turba multa Civitatis ibat cum illa*; porque magoada a mãy na alma, hia mais morta do que o filho corporalmente morto, que tanto como iſto ſobrepujaõ os tormentos do corpo aos tormentos da alma; & eis-aqui a circunſtancia que eu conſidero nos tormentos que padecem as bemditas almas no Purgatorio, ſerem tormentos de almas.

S.Chryſ. Vide prudentiam mulieris, non dixit, miſerere filiæ, ſed mei.

S. Pedro Chryſ.

Final-

Grande tormento he faltar o soccorro em quem justamente se esperava.

Muito custa este desemparo.

Finalmente concluo as circunstancias com outra, que a meu ver, tambem he para as bemditas almas hum terrivel tormento,& vem a ser, quando vem as bemditas almas que lhes faltaõ com o soccorro , & amparo aquelles de quem justamente o esperavaõ. Diz David, que estando vivo, estava como morto: *Factus sum sicut homo sine adjutorio inter mortuos liber*; & acrescenta logo, que tinha a alma taõ affligida,que nam avia mal algum, que a sua alma nam padecesse : *Quia repleta est malis anima mea.* Pergunto: E que causa averia, para que David padecesse tanto tormento? O mesmo David o diga: *Factus sum sicut homo sine adjutorio.* Vejome desemparado, sem quem me soccorra; & achou David que neste seu desemparo estavaõ todos os males da vida encerrados : *Repleta est malis anima mea.* Tem visto isto em David? vejaõ-no agora em Christo. Nos braços de huma Cruz pregado estava o meu amorosissimo Iesus,entregando jà os ultimos alentos da vida no poder da morte , quando fallando com o Eterno Padre , formou este amoroso queixume: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Ah! meu Deos,meu Deos,para que assim me desemparastes? Pergunto: Se o Senhor em toda a sua Payxaõ nunca abrio a boca para se queixar, como diz Isai. *Tamquam ovis ductus est ad occisionem , & non aperuit os suum* , como só agora se queixa taõ sentidamente? porque reservaria para esta ultima hora este seu taõ sentido queixume? Respondo. Oh! naõ vem, que aqui se queixa do desemparo de hum pay, que tam justamente devia soccorrello , & parece que se descuida no soccorro? Ah sim? pois que muito , que tendo Christo sofrimento para calarse em toda a Payxaõ , só agora nam possa dissimular este queixume do seu desemparo , porque tanto como isto saõ para sentidos, desemparos semelhantes; & por isso Ieremias diz, que os tor-

tormentos que padecia a Princeſa de Iſrael, eram tormentos ſem remedio: *Quis medebitur tui?* porque ſe via em hum grande deſemparo: *Et non eſt qui conſoletur eam*; & por iſſo o Paralitico nam ſe queixou de trinta, & oito annos da ſua enfermidade, & ſómente ſe queixou do deſemparo de nam ter, nem hum ſó homem, que neſte ſeu trabalho o ſoccorreſſe: *Hominem non habeo.* Eis-aqui a circunſtancia do tormento, que eu diſſe padecem no Purgatorio as bemditas almas, quando ſe vem deſemparadas.

Tenho ponderado eſte tormento das bemditas almas, & agora notem acerca delle, que naõ pòde darſe maior crueldade, que eſte deſemparo, & deſcuido irracional dos viventes, para com as álmas de ſeus defuntos. Aſſim o exclama Santo Agoſtinho: *Clamant igitur quotidie, qui jacent in tormentis; clamant, & pauci ſunt qui reſpondeant; ululant, & non eſt qui conſoletur eos. O quam grandis crudelitas fratres: ô quam grandis inhumanitas.* E eu me atrevo a dizer, fundado no rigor da Theologia, que todos os que ſe deſcuidaõ, & vivem deſcuidados das bemditas almas, peccaõ mortalmente, & eſtam em peccado mortal. Notem o fundamento Theologico. Cómummente enſinaõ os Doutores no Tratado da Caridade, que temos obrigaçaõ de ſoccorrer ao noſſo proximo, vendo-o em grave neceſſidade, & naõ nos reſultando diſto grave dano, & nam o fazendo aſſim, peccamos mortalmente. Iſto naõ tem duvida; ſendo pois iſto aſſim, vejaõ ſe corre eſta doutrina com maior razaõ nas bemditas almas, que eſtão em taõ graviſſima neceſſidade, como fica ponderado, ſem poderem remediarſe, pois eſtaõ em eſtado de nada poderem obrar, nem merecer? Digaõ-me: Se hũa peſſoa ſe eſtivera affogando, ou queimando, & vòs lhe naõ acodireis podendo ſem dano voſſo, peccarieis mortalmente? He certo

S. Agoſtinho.

Naõ acodir ao bem das almas, he materia de cõdenaçaõ; & porque?

certo que ſim: logo o meſmo paſſa no eſtado das bemditas almas. Alèm de que, ſegundo Banh. & Valenc. com outros Theologos, he peccado mortal naõ enterrar hum defunto, podendo fazello ſem prejuizo proprio, logo com mais razaõ, a reſpeito das almas dos defuntos deſemparadas, & neceſſitadas. E finalmente (ſe como todos dizem) pecca mortalmente o que paſſa muito tempo ſem ſoccorrer, podendo, as neceſſidades do proximo, inda cômuas, & ordinarias, ſendo pobre; vejaõ ſe peccarà mortalmente quem por muito tempo ſe deſcuidar de ſoccorrer as pobres almas do Purgatorio, mais pobres, & deſemparadas, que todos os pobres deſta vida juntos? Vem jà a obrigaçaõ que temos de ſoccorrermos as bemditas almas em ſeus intoleraveis tormentos? naõ haja pois deſcuido em materia taõ importante.

Exclamaç.

Chriſtãos, conſiderai bem todos tudo o que fica ponderado com as palavras do noſſo Thema: *Ecce dies veniet crudelis, & indignationis plenus, iræ atque furoris.* Olhai, que tambem eſte dia ha de chegar a cada hum de nòs, ponderemos bem agora os terriveis tormentos, que padecem as bemditas almas, & tambem nòs havemos de padecer. Dizem ellas, que toda a maõ de Deos eſtà armada contra ellas: *Quia manus Domini tetigit me*; & ſe três dedos ſómente da mão de homem, fizeraõ tremer, & eſtremecer ao Rey Balthaſar, porque lhe eſcreviaõ a ſentença na parede: *Apparuerunt digiti quaſi manus hominis ſcribentis in parietis ſuperficie, tunc facies Regis immutata eſt*; & ſe hum ſó dedo da maõ de Deos fez eſmorecer, & deſtruir aos Egypcios: *Digitus Dei eſt hic*: vejaõ que ſerà, naõ os dedos, mas toda a maõ de Deos empenhada: *Quia manus Domini tetigit me*? & nam cuidem, que encareço iſto muito, porque chegou o Papa Innocencio a dizer, que parece eſtar Deos com a ira

Iob.19. S. Agoſt. Nunquã in carne tanta inventa eſt pæna. Dan. 5. S. Anſelm. De quibus minimum maius eſt, quam maximum. Exod. 8.

a ira enfurecido: *Tanta erit incendij vehementia, quod quasi furere videberis etiam in electos*; nam porque isto caiba em Deos, mas porque he encarecimento do muito que Deos està indignado como juiz recto em seu justo juizo. Se agora trememos tanto só de hum ameaço de Deos, ou pelo trovaõ, ou pelo rayo, ou pela peste, ou pela fome, ou pelos terremotos, que serà no Purgatorio, onde nam saõ ameaços, senão tudo execuçoens de rigorosissimos tormentos? Aqui vem bem aquellas palavras dos Trenos de Jeremias: *O vos omnes, qui transitis per viam, attendite, & videte.* Là castigou Deos a huma figueira, deixando-a amaldiçoada, & logo se secou toda: *Nunquam ex te fructus nascatur... continuo aruit*; & vendo os Discipulos este divino juizo taõ rigoroso em hũa arvore, ficáraõ todos pasmados, & assombrados: *Mirati sunt discipuli.* Que serà pois ver o juizo divino enfurecido contra as bemditas almas? Oh! pelo amor de Deos, que se considere bem isto, porque bem considerado, eu vos seguro, que tireis muitos frutos desta consideraçaõ, naõ só muita lembrança das almas, mas muita melhora das vossas vidas. Estragado, & desalmado foi Dimas toda a vida, & hũa só vez que se lembrou do juizo de Deos: *Neque tu times Deum, nos quidem juste digna factis recipimus*, logo ficou taõ melhorado, que se vio hum bemaventurado do Ceo: *Hodie mecum eris in Paradiso.* Ora rematemos tudo com alguns exemplos, porque sempre estes intimidáraõ mais que as palavras.

Atè Deos parece que està irado contra as almas.

Refere Cantipatro, que ouve em seu tempo hum homem de vida mui exemplar, & penitente, o qual chegando à idade de velho, teve huma mui penosa enfermidade, & posto que a sofria com muita paciencia, com tudo pedia a Deos, que o levasse desta vida. Ouvio o Deos, & foi servido mandarlhe hum Anjo a di-

zerlhe da ſua parte, que eſcolheſſe huma de duas couſas, ou ir ao Purgatorio a penar tres horas nelle,& ficar com iſto livre das dores, ou penar hum anno no Purgatorio, & acabado elle ſobir logo ao Ceo. Eſcolheo eſte homem o breve tẽpo de penar ſó tres horas no Purgatorio, & no meſmo tempo que fez eſta eſcolha, o Anjo lhe ſeparou a alma do corpo,& levou-a ao Purgatorio. Apenas o Anjo ſe apartou, quando elle começou a bradar pelo Anjo, & perguntado que queria, reſpondeo: Oh Anjo Santo, & como me has enganado, pois metendome aqui ſó por tres horas, hum anno me parece que ha que eſtou aqui penando. Ao que o Anjo reſpondeo: Os Anjos de Deos a ninguem enganão, & tu es o que eſtàs enganado, porque inda agora aqui entraſte, mas a terribilidade deſtas penas que ſentiſte, faz parecerte o que na verdade nam he; & porque conheças bem a verdade com que te fallo, ſaberàs que inda o teu corpo eſtà em caſa, ſem ſer enterrado, & aſſim ſe queres tornar ao corpo a padecer o que padecias, Deos te concede iſto. Elle entaõ moſtrandoſe mui contente, lhe diſſe: Anjo Santo, naõ digo eu hum anno ſó da minha enfermidade, mas atè o dia do Juizo a padecerei antes que experimentar eſtas penas por breves inſtantes; torname logo ao corpo, que eu ſerei hum Prègador experimentado deſtas penas taõ crueis, & deſenganarei a todos, para que nam façaõ pouco caſo dellas. Aſſim o fez o Anjo, tornou a alma ao corpo a tempo em que eſtava para ir à ſepultura, mas deſpertando do lethargo, contou o que lhe avia ſuccedido, com admiraçaõ de todos os que o ouviaõ; & daqui por diante ſofreo com muita paciencia a ſua enfermidade, que lhe durou hum anno, & no fim delle morreo cõ ſinaes evidentes de predeſtinado. Quaſi o meſmo ſe conta de S. Gregorio Papa, pela qual razaõ tornando a ſua alma ao corpo, como

O ſucceſſo do mãcebo, que ſonhãdo ſe via no Purgatorio, amanheceo todo branco, & o roſto encarquilhado, &c.

mo tinha grandes dores do eſtamago, concedeolhe o Senhor, que as nam teria em quanto diſſeſſe Miſſa, & porque a Miſſa duraſſe mais tempo, inſtituio as Miſſas cantadas, & o canto do orgaõ, razaõ eſta porque o canto do orgaõ ſe chama, *Cantus Gregorianus*. O doutiſſimo Palafor no ſeu livro intitulado, *Luz a los vivos, eſcarmiento a los muertos*; & o Padre Alonſo de Andrade no ſeu Itinerario Eſpiritual, trazem notaveis exemplos a eſte intento, que deixo por brevidade. Tem viſto os exemplos acerca da terribilidade das penas do Purgatorio; vejaõ-nos agora acerca do quanto monta para eſta, & para a outra vida ſoccorrermos as bemditas almas, & livrarmolas deſtas penas.

Conta o Padre Alonſo de Andrade no ſeu Itinerario Eſpiritual grao 32. §. 16. com outros graviſſimos Authores, que ouve em Roma hum homem mui principal, mas mui enredado em vicios, & eſtragado em varias torpezas, & ſendo eſte, tinha hũa ſó virtude, & era, a grande devoçaõ que tinha às almas de todos os defuntos com eſmolas que dava, & Miſſas que mandava dizer. Sahindo pois huma noite a recrearſe na ribeira do Rio Tibre, onde huns ſeus inimigos o eſtavaõ eſperando eſcondidos em hum boſque, para lhe atirarem, & o matarem ſem algum remedio. Na entrada deſte boſque junto à eſtrada eſtava enforcado hum mal-feitor, & eſquartejado, pendurados os quartos pelas arvores, por ordem da juſtiça. Indo pois eſte homem para entrar no boſque, vio que os quartos baixáraõ das arvores, & ſe ajuntáraõ todos com a cabeça, & juntamente veyo eſte mal-feitor caminhando para elle, que eſtava atonito, paſmado, & todo medroſo do que via, & com razaõ muita. Pegoulhe o dito eſquartejado do braço, & com huma ſuave violencia o fez deſcer do cavallo em que eſtava, & poz-ſe nelle; ao que o dono nam reſiſtio, por-

que nem em ſy eſtava. Poſto pois o juſtiçado a cavallo, começou a caminhar pelo boſque dentro, & pouco tinha entrado, quando o acometéraõ quatro homens armados, os quaes diſparando bacamartes o feriraõ mortalmente a ſeu ver, por quanto o Cavalleiro fingio que cahia em terra, fazendo viſages, como ſe morréra, & dando gemidos. Os matadores receando ſerem ſentidos, & que acodiſſe gente às vozes, logo fugiraõ, & o Cavalleiro cavalgando outra vez, ſe veio ter com o dono do cavallo que eſtava immovel, & como ſonhando do que via. O Cavalleiro juſtiçado deſcendoſe do cavallo, lho entregou, dizendolhe: Teus inimigos te eſperavaõ para te tirarem a vida, mas Deos tendo reſpeito aos bens que fazes pelas almas dos defuntos, te livrou por eſte modo deſta morte repentina, & do Inferno onde hias parar por teus peccados, ordenandome que recebeſſe em teu lugar as balas. Agora te exhorto da parte do meſmo Deos, que emendes a tua vida, anda mui diſpoſto para a tua morte taõ incerta, rende ao Senhor as graças, & perſevéra neſta tua devoçaõ, que tanto te aproveitou. Dito iſto tornaraõſe a dividir os quartos, & ficáraõ pendurados nas arvores como de antes. Aſſombrado o homem de tudo o que tinha por elle paſſado, ſe veyo para caſa mui confuſo, & mudou tanto a vida, que vendendo logo tudo quanto tinha, diſtribuio a pobres, & em ſuffragios pelas almas, & ſe fez Religioſo, acabando na Religiaõ com grande opinião de virtude, & aſſim o pedia o ſucceſſo.

Chriſtãos, tendes viſto os exemplos; o que ſe ſegue he, que vos aproveiteis delles, temei aquellas penas, & ſede mui devotos deſtas almas taõ penalizadas; porque o temor encaminha ao mais deſencaminhado, diz o Eſpirito Santo: *Qui timent Dominum mandata ejus cuſtodiunt*; ſobre o que diz S. Thomás: *Per timorem Domini*

Prov. 28.
S. Thom.

ni

ni omnis declinat à malo,& facit bonum; donde veyo a dizer S.Gregorio Papa, que o temor era hũa pesada ancora, que tem maõ na naveta da nossa alma: *Anchora cordis pondus est timoris.* E se isto faz o temor, nam o faz menos esta devoçaõ, pois ella he a que muito nos aproveita, diz o mesmo Doutor Angelico: *Suffragia quæ pro alijs fiunt, facientibus prosunt.* Tomai esta exhortação, recolhei-a na alma, & fiquevos bem impressa na memoria; & já que hoje falláraõ os vivos com os vivos, seja esta nossa pratica continua, sobre as penas que padecem os nossos defuntos, para que assim nos desapeguemos desta miseravel vida, & nos affeiçoemos aos verdadeiros bens da gloria: *Ad quam nos perducat meus Eucharisticus Iesus. Amen.*

Louvado seja o Santissimo Sacramento.

SERMAM VI.

No Anniversario dos Irmãos Terceyros.

LOUVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Ecce dati sunt vobis carbones, sedebitis super eos, & erunt in adjutorium vobis. Eccles.c.42.

Emos hoje o melhor assumpto de todos quantos atègora ficão discursados, porque para isto basta que seja Deos o Author deste assumpto, & seja hoje o Prégador neste funesto aparato. Lembrados estareis, que no primeiro Sermão ouvimos aos mortos deprecando aos vivos, no segundo ouvimos aos vivos respondendo aos mortos, no terceiro ouvimos aos mortos praticando huns com os outros sobre a causa de seus tormentos, no quarto ouvimos praticar aos vivos sobre as terriveis penas que padecem as almas, & neste Sermaõ presente ouviremos a Deos prégando a mortos, & vivos. E que discreto, elegante,

gante, & edificativo serà este Sermaõ de tal Prégador! Adverte Deos nelle com as palavras que ficaõ repetidas, que se lembrem muito todos, assim vivos, como mortos; que os carvoens abrasados do fogo do Purgatorio foraõ ordenados pela divina disposiçaõ, para servirem de banco de postilla, em que os mortos jà estão, & os vivos haõ de vir a estar sentados tomando lição, a qual bẽ estudada franquearà a entrada na gloria, & farà voar as almas para ella: *Ecce dati sunt vobis carbones, sedebitis super eos, &c.* Lição he esta taõ certa, & infallivel, que naõ he menos que pela Igreja definida, & para isto notem o seguinte.

Ha lugar deputado para se purgarem culpas veniaes antes de entrar no Ceo.

Que haja hum lugar certo deputado na outra vida para as almas, que saem desta, purgarem certas calidades de culpas, antes de entrarem na gloria, sem embargo de morrerem na graça divina (que por isso este lugar se chama Purgatorio) he conclusaõ muito a pesar da canina malicia heretica, definida pelos sagrados Concilios, especialmente pelo sagrado Concilio Tridentino na sess. 25. do Purgatorio, & larguissimamente o provaõ todos os Santos Padres, & Doutores Classicos, com muitos fundamentos de razoens, lugares do Testamento Velho, & Novo, & infinitos exemplos no tratado que fazem desta materia, confundindo a heretica pravidade que isto nega, só para viverem com liberdade de conciencia, sem temor algum divino; & nam me detenho por hora mais com elles, porque alèm de naõ ser gente racional com que nenhum homem de razão se detenha, os livros estão cheos, & os Pulpitos naõ saõ cadeiras de disputas, & até o mesmo Concilio Tridentino nos prohibe disputarmos esta materia nos Pulpitos; & como isto assim seja, por curiosidade sómente predicativa, & para consolação dos Fieis Catholicos apontarei alguns lugares da sagrada Escritura figurati-

vos, com que esta verdade Catholica se califica.

Primeiramente consta do cap. 3. do Genes. que tanto que nossos primeiros pays peccáraõ, arrastando as obrigaçoens em que a Deos estavaõ pelo liviano toque de hum pomo vedado, logo Deos poz hum Cherubim à porta do Paraiso, com hũa espada de fogo na mão, para defender a entrada do Paraiso: *Collocavit Dominus ante Paradisum voluptatis Cherubim, & flammeum gladiũ atque versatilem ad custodiendam viam.* Que esta espada de fogo fosse figura do fogo do Purgatorio, assim o affirma Santo Ambr. *Postquam peccator est exclusus, cæpit esse romphæa ignea, quam posuit Deus, quæ antea non erat quando peccatum non erat; culpa cæpit, & baptismum ignis cæpit, quo purificentur, qui Paradisum redire cupiunt, ut ingressi dicant: Transivimus per ignem, & aquam.* Largas, mas para o nosso intento divinas palavras. Querem dizer: Começou o Purgatorio com o peccado, & assim todo o peccador que quizer entrar no Ceo, primeiro ha de estar no Purgatorio, para poder dizer no Ceo, que passou por fogo, & agua, como diz David. Jà a isto mesmo atirou aquillo que disse Job: *Est locus in quo conflatur aurum*, usando da metafora similitudinaria do artifice, que para fazer huma joya de muito preço, primeiro apura o ouro na fornalha; & assim o faz Deos às bemditas almas, que haõ de ser joya da gloria, apurando-as primeiro na fornalha do Purgatorio, diz o Angelico Doutor Santo Thomás com S. Bernardo Sen. E finalmente isto mesmo parece que jà nos quiz dar a entender o grande Bautista, quando disse, que elle bautizava em agua, mas apos elle vinha, quem avia de bautizar em fogo: *Ego quidem baptizo vos in aqua in pænitentiam, ipse baptizabit vos in Spiritu Sancto, & igne.* E este fogo entende o doutissimo Bed. do fogo do Purgatorio: *Sunt qui ita exponunt, quod in præsenti in Spiritu, & in futuro bap-*

Job. 23.

Matth. 3.

Bed.

baptizentur in igne, videlicet, quod tunc de levibus quibuſdam peccatis, quæ tunc nobis euntibus adhæſerint, Purgatorij ignis ante ultimum judicium baptiſmate permundemur.

Suppoſto pois, que ha Purgatorio, ſaibamos agora: Com que intento, & a que fim o decretou Deos tanto que vio o peccado? Direi: Decretou-o Deos, porque como Deos nam permite, que na ſua Corte do Ceo entre couſa alguma coinquinada com ſombra, nem maſcarra alguma de peccado, como expreſſamente diz S. João: *Non intrabit in ea aliquid coinquinatum*, & já Deos noſſo Senhor o deu aſſim a entender na grande limpeza, que mandava aver nas aves, que lhe ouveſſem de ſer ſacrificadas, & nos vaſos do ſerviço do Templo, & no candelabro do Propiciatorio, porque tudo queria que foſſe de ouro fino, & muito purificado: *Veſtivit eam de auro puriſſimo intus, ac foris, fecit Propitiatorium de auro mundiſſimo, &c.* E como toda a alma que paſſa deſta vida regularmente, inda que vai perdoada da culpa, com tudo ſempre leva hũa mancha, & nodoa a que os Theologos chamaõ Reato, & tambem levaõ algũas liviandades, & imperfeiçoens de que nam fizeraõ caſo neſta vida, nem penitencia algũa, por iſſo no fogo do Purgatorio haõ de purificar tudo iſto, como em huma fornalha de ouro, ſegundo o Eſpirito Santo: *Sicut aurum in fornace probavit electos ſuos.* E que bem o diſſe hum Douto! *Si ex auro puriſſimo omnia erant vaſa Sanctuarij quibus adminiſtrandum erat corruptibile ſacrificium, quanto magis vaſa, quibus incorruptibilis gloria puriſſimæ divinitatis dignabitur ſeipſam infundere omnimoda examinatione, antequam ad Sancta Sanctorum inferantur?* Bem claramente falla eſte Douto, mas inda mais claramente falla o penitente Rey David. Ouçamolo.

Porque ordenou Deos o Purgatorio.

Sap. 3.

Fal-

Fallando David com Deos em aquelle ſeu taõ penitente Pſalmo, diz aſſim: *Amplius lava me ab iniquitate mea, & à peccato meo munda me.* Lavaime mais, Senhor, da minha maldade, & me alimpai do meu peccado. Reparem neſte modo de fallar. Pergunto: Para que pede David a Deos, que o torne a lavar depois de o ter lavado; & que outra vez o alimpe depois de eſtar limpo? Ora notem. Fallou David como quem tinha ſido taõ grande peccador, & ſabia bem o que continhaõ de maldade os peccados, & o que paſſa na Corte de Deos acerca delles, que na Corte de Deos nam entra couſa alguma, que naõ eſteja mui limpa, & purificada de toda a maſcarra, & nodoa da mais pequena culpa, & como inda que o peccado, ſegundo jà fica dito, eſteja todo perdoado quanto à culpa, com tudo deixa inda o reato da pena, & ficaõ as liviandades eſquecidas, & penitencias mal ſatisfeitas, o que tudo deve ſer purificado; por iſſo ſabendo David tudo iſto, fallou na ſobredita fórma: *Amplius lava me ab iniquitate mea, &c.* E notem mais, que fundado niſto meſmo, acreſcentou logo mais abaixo o ſeguinte: *Aſperges me Domine hyſsopo, & mundabor, lavabis me, & ſuper nivem dealbabor.* Borrifaime, Senhor, com hum hyſope de agua, & lavaime atè ficar taõ limpo, & puro como a neve. De ſorte que pede David dous lavatorios para ſeus peccados, hum para ſe limpar da culpa, outro para ſe purificar dos reatos, & liviandades, conhecendo que com eſtà nodoa, & maſcarrà nam podia entrar no Reyno da gloria, ſem eſtar della purificado. Que bem Theodoreto, confirmando eſte penſamento! *Iam enim per Nathan veniam mihi dediſti, verum adhuc purgationibus indigeo. Rurſus ergo lava me Domine, ut omnes peccati ſordes abſtergas.* Eis-aqui pois o intento final com que Deos noſſo Senhor ordenou o fogo do Purgatorio para as bemditas almas: para que pu-

Theódor.

pudeſſem entrar na gloria, purificadas as mais leves culpas neſte fogo: *Ecce dati ſunt vobis,&c.*

Requintemos eſte motivo que fica apontado. Purifica tanto eſte fogo as bemditas almas, que ficaõ no meſmo eſtado em que ficáraõ, quando foraõ bautizadas; porque o fogo do Purgatorio he hum bautiſmo de fogo, aſſim como he o bautiſmo da agua, & ambos produzem os meſmos effeitos. Nam he o teſtemunho menos calificado, que da boca do grande Bautiſta. Prégava o grande Bautiſta nas prayas do Jordaõ, quando em hũa das ſuas affamadas prégaçoens, diſſe eſtas palavras: *Ego baptizo vos aqua, ipſe autem baptizabit vos in Spiritu Sancto, & igne.* Dous bautiſmos tendes, diz S. Joaõ, para o remedio de voſſos peccados, hum, que he o que eu faço com agua, & outro, que he aquelle, que o que vem apos de mim vos ha de fazer por ordem do Eſpirito Santo em fogo. Pergunta o veneravel Béda, que ſegundo bautiſmo he eſte de que aqui trata o grande Bautiſta? & reſponde, que he o bautiſmo do fogo do Purgatorio, porque em tudo he mui parecido com o bautiſmo ſacramental da agua: *Sicut enim nunc in remiſſionem peccatorum ex aqua, & ſpiritu renaſcimur, ita etiam tunc de levibus peccatis Purgatorij ignis baptiſmate perfundimur.* E iſto meſmo quiz já David dizernos neſtas ſeguintes palavras: *Tranſivimus per ignem, & aquam*; o que explicando Santo Ambroſio diz: *Culpa cæpit, & baptiſmum cæpit, quo purificentur qui in Paradiſum redire cupiunt.* E finalmente eſta he a razão, como tudo já fica dito, porque Deos noſſo Senhor decretou o fogo do Purgatorio: porque aſſim como o fogo tudo queima, & conſume, ſem deixar raſto algum do que foi, mais que cinzas frias; da meſma ſorte o faz o fogo do Purgatorio nas bemditas almas, queimando, & conſumindo ainda as menores liviandades, & reatos de culpas, ſem

O Purgatorio he hum bautiſmo de fogo, como he o bautiſmo da agua.

S. Ambr.

deixar rasto algum dellas, & este he o grande proveito que tem as bemditas almas de estarem sentadas nos bancos abrasados do Purgatorio, feitas carvoens, & tomando a postilla da predestinaçaõ, com que entram na gloria muito alegres, como hoje nos diz o nosso divino Prégador neste seu Sermaõ: *Ecce dati sunt vobis carbones, sedebitis, &c.*

Sendo pois este o grande proveito que tem as bemditas almas de estarem no fogo do Purgatorio, nam he tambem menor o proveito que delle tiraõ as almas dos vivos; quando com a consideraçaõ se sentaõ nestes bancos abrasados. Vejamos jà os proveitos. O primeiro he, porque senam ouvera este fogo do Purgatorio, que nos espera, parece que em certo modo, ficaramos todos os viventes desesperados de podermos entrar no Ceo, & consequentemente todos perdidos, & sem remedio condenados. Aponto o fundamento, porque nam pareça a conclusaõ temeraria, & não he meu, senaõ de Conrado Kinglio, que nos seus lugares cõmuns o ponderou jà ha muitos tempos. He certo (diz elle) que na sua Corte do Ceo nam consente Deos entre cousa alguma, que nam for muito pura, & santa, como jà fica dito. He certo, que ninguem nesta vida por mais justo que seja deixa de cometer alguns peccados veniaes, ou quando menos imperfeiçoens, que isto he o que Christo diz: *Septies in die cadit justus*; & o que tambem diz S. Ioaõ Evangelista: *Si dixerimus quia peccatum non habemus, ipsi nos seducimus, & veritas in nobis non est*; & atè o Filosofo com ser Gentio disse: *Nullus sine crimine vivit.* Em conclusaõ, tambem he certo, que nesta vida (regularmente fallando) senaõ purificaõ os viventes totalmente de todas as suas culpas, inda as mais leves, mas sempre ficão algumas fezes dellas, que se chamão Reatos, como ensinaõ os Theologos, & o affirma Santo Ambrosio:

Senaõ ouvera Purgatorio, parece que desesperaramos de podermos ir ao Ceo.

Placere Deo hic perfecte nemo potest. O que tudo supposto,jà com evidencia se segue, que se faltára aos viventes a esperança de poderem depois da morte purificar perfeitamente no Purgatorio suas almas de todas as sobreditas culpas, sem duvida,que muitos, ou todos desesperáraõ de poderem ir ao Ceo, & assim desesperados se condenariaõ, & para evitar esta taõ grande ruina, decretou Deos em favor dos viventes este lugar do Purgatorio. Vejaõ com que elegancia o diz o doutissimo Rofens. *Confert spei ne protinus, ut morbus aliquis gravis nos inopinatos oppresserit desperemus, putantes omnia, vel levissima de quibus hic non satisfecimus in gehenna puniri.* Naõ ha mais dizer ao nosso intento; & assim com muito fundamento diz hoje o nosso divino Prégador a respeito dos viventes: *Ecce dati sunt vobis carbones, sedebitis,&c.*

Rofens.

O segundo proveito, que nesta consideraçaõ interessaõ os viventes, he evitarem com ella muitas offensas divinas. Com este intento considero eu, que disse David,que baixassem ao Inferno os viventes: *Descendant in Infernum viventes.* Assim o explica Ecberto: *Quatenus hoc ipso magis commoverentur vivi Deum revereri, & offensam ejus cavere.* E a razaõ disto he; porque como este fogo considerado causa grande medo, naõ ha cousa que mais refree a hum peccador,para nam offender a Deos, como o temor deste fogo. Vejamos isto em huma figura do Testamento Velho muito propria para isto. Diz Daniel, que vio hum rio de fogo mui arrebatado, o qual sahia do rosto de Deos: *Fluvius igneus, rapidusque egrediebatur à facie ejus.* Aqui a difficuldade. Pergunto: Rio de fogo? quem jà mais vio tal rio? rio de agua sim. Mais. Diz o Profeta, que sahia do rosto de Deos; & porque nam das mãos,ou pés, ou olhos? Ora notem, que por este fogo, entende a grande

Com a lembrança, & temor do Purgatorio se evitaõ muitas offensas divinas.

Ecbert.

luz

luz da Igreja Santo Agoſtinho, o fogo do Purgatorio, o rio ſignifica a ſabedoria, como diz o Eſpirito Santo no Eccleſ. *Ego ſapientia effudi flumina*, & o roſto tomaſe aqui pela boca, por figura de Rethorica, em que a parte ſe toma pelo todo; & como iſto aſſim ſeja, quiz dizer Daniel neſta ſua profecia, que eſte rio do fogo do Purgatorio era hum rio de ſabedoria, que enſinava a naõ offender a Deos, & evitar muito ſuas offenſas, & por iſſo ſahia da boca de Deos: *Egrediebatur de ore Dei*; & ſe nam offendendo a Deos ſe ſegura a ſalvaçaõ, oh que rico, & facil caminho para huma peſſoa ſe ſalvar he eſta conſideraçaõ! Que fazeis viventes, que vos naõ aproveitais della, para vos ſalvar? Ponderai bem eſtes lucros, & intereſſes que tirais de vos ſentares com a conſideraçaõ neſtes bancos de fogo feitos carvoens, que por iſſo hoje o noſſo divino Prégador vos adverte neſte ſeu Sermaõ, que vos ſenteis neſtes carvoens, porque tirareis delles grandes utilidades: *Ecce dati ſunt vobis carbones, ſedebitis, &c.*

Quem conſidera que ha de verſe em alguns trabalhos, logo ſe cõpadece dos alheos.

Inda neſta conſideraçaõ deſcubro outro proveito mui lucrativo, que he para as bemditas almas do Purgatorio, porque he certo, que quem nas penas do Purgatorio conſidera que ha de verſe, logo dellas ſe compadece, & do ſeu bem com todo o empenho trata. Aſſim ſuccede ordinariamente neſte mundo. Vejamolo. Irado Deos contra Adaõ pela injuſta tranſgreſſaõ do divino preceito, baixou do Ceo, para rigoroſamente caſtigalo: *Adam ubi es? cur comediſti de ligno, de quo præceperam ne comederes*; mas de repente mudou de intento, porque ſe moſtrou de Adaõ taõ compadecido, que lhe fez hum veſtido de pelles: *Fecit ei Deus tunicas pelliceas.* Pergunto: Que moveria a Deos para tanta compaixaõ? porque mudaria de intento? porque ſe converteo tanta ira em tanta miſericordia? Reſpondo, que

a meu

a meu ver, a causa foi,porque vio Deos a Adaõ despido, em traje de peccador,& considerou, que tambem assim avia de verse a segunda pessoa divina: *Ecce Adam quasi unus ex nobis factus est*; & bastou esta consideraçaõ, para que Deos logo ficasse taõ compadecido,& taõ trocado: *Fecit ei Deus tunicas pelliceas.*Pregado Christo na Cruz, apenas abrio Dimas a boca para pedir ao Senhor remedio: *Domine memento mei,* quando o Senhor sem dilaçaõ algũa se compadeceo tanto delle,que mais apressado foi em o remediar, do que Dimas em pedir: *Hodie mecum eris in Paradiso. Vberior* (diz aqui Santo Ambrosio) *misericordia quàm precatio.* Pergunto: E porque se mostraria Christo aqui taõ compadecido? Direi o que entendo. Considerou Christo que estava padecendo em huma Cruz , assim como estava Dimas em outra , & esta consideraçam foi o motivo da compaixaõ taõ apressada, que usou com Dimas que lha pedia. Jà David assim parece que o entendeo dizendo, que bemaventurado he o que considera sobre os pobres: *Beatus qui intelligit super egenum , & pauperem.* Parece que avia de dizer, que he bemaventurado o que dà a esmola, porque ao pobre importa que se lhe dè a esmola,& nam que se considere sò a sua necessidade; mas diz bem David, porque achou que o mesmo era considerar, que Deos que fez a este pobre, o podéra tambem fazer a elle, como compadecerse para logo lhe dar a esmola; de sorte que tanto monta esta consideraçaõ, como a obra executada: *Beatus qui intelligit* ,*&c.* E ninguem melhor, que as bemditas almas, assim o entendeo, pois pedindonos soccorro,& compaixaõ para suas penas, pedem-na com estas palavras: *Memor esto judicij mei, sic enim erit & tuum, mihi heri,tibi hodie.* Lembraivos de nòs,& deste nosso juizo, porque assim ha de ser o vosso. *Ideo ora pro me*(explica S.Dionys. Cartusiano)

Eccles. 38.

Cartus.

ac ſubveni mihi, ſicut deſideras tibi poſt obitum ſubveniri.

Agora acreſcento eu, que neſte intereſſe lucrativo das bemditas almas, tambem entraõ de companhia lucrativos intereſſes para os vivos, que ſe compadecem dellas, porque nam ha duvida, que a compaixaõ das almas, naſcida da conſideraçaõ de ſuas penas, faz reputar a hum vivente por bemaventurado da gloria. Huma figura do Teſtamento Velho nos califica eſta verdade. Querendo Saul vingarſe dos Amalecitas, chamou a Cyneo, que era hum homem mui bemquiſto no povo, & diſſelhe, que ſe afaſtaſſe dos Amalecitas, porque lhe nam ſuccedeſſe ter mà morte miſturado entre elles: *Abſcedite ab Amalec, ne forte involvam te cum eis.* Pergunto: Porque uſaria Saul eſte lanço tam amoroſo com Cyneo? porque lhe faria eſte aviſo tam cauteloſo? O meſmo Saul apontou logo o motivo. *Tu enim feciſti* (diz elle) *miſericordiam filijs Iſrael, cum aſcenderent ab Ægypto.* Façovos eſte aviſo tam prevenido, porque tiveſtes compaixão, & uſaſtes miſericordia com os filhos de Iſrael, quando ſahiram do Egypto; & quem ſe empregou neſte lanço de piedade, nam he juſto que ſe arriſque a huma morte deſgraçada, & perca ſer no Ceo bemaventurado. Notem, que eſta ſahida do Egypto moralizada, repreſenta a ſahida que fazem as almas deſta vida para a outra. A miſericordia que Cyneo teve com os Iſraelitas, denota a piedade Catholica dos ſuffragios, que os Fieis fazem pelas bemditas almas, compadecidos de ſuas penas. O que ſuppoſto, fazer Saul a Cyneo eſte amoroſo aviſo, foi darſenos a entender com eſta figura, que nam permite Deos morra de mà morte, & arriſque a ſalvaçam, quem movído da conſideraçam das penas ſe compadece das almas; & como ter ſegura a ſalvaçam, val o meſmo que ſer bemaventurado,

Vſar miſericordia cõ alguem, faz ſer hũa peſſoa bemaventurada.

por

pòr iſſo com muito fundamento fica dito, que em certo modo pòdem contarſe entre os bemaventurados todos os viventes, que aſſim ſe compadecem das bemditas almas com ſuffragios. Que bem Santo Agoſtinho authorizando eſte penſamento! *Orandum igitur eſt pro defunctis, ſic enim boni ſemper erimus, ſic pij, ſic mala morte perire non poterimus.* E por iſſo o Eſpirito Santo diſſe no livro dos Machabeos: *Sancta, & ſalubris eſt cogitatio pro defunctis exorare.* Notem, que ajunta o conſiderar, *Cogitatio*, com o rogar, *Orare*, & diz que iſto he huma couſa muito ſanta, & ſalutifera: *Sancta, & ſalubris eſt*, pois faz bemaventurados do Ceo. Eis-aqui os lucrativos intereſſes, que tiraõ, aſſim os vivos, como os defuntos, que com a conſideração ſe ſentão nos bancos abraſados, & feitos carvoens no fogo do Purgatorio; & por iſſo o noſſo divino Prégador diz neſte ſeu Sermão, que a conſideraçaõ dos carvoens do Purgatorio he hũa grande valia de muito lucro para vivos, & mortos: *Ecce dati ſunt vobis carbones, &c.*

S. Agoſt.

2. Mach. 12.

Que grande amor he eſte de Deos! pois com eſta ſua divina traça do Purgatorio nos ſolicita o bem, & remedio, nam ſó para eſta vida, ſenaõ para a outra. Rara fineza na verdade! que ſe moſtre Deos taõ cuidadoſamente vigilante na noſſa ſalvaçaõ, aſſim dos vivos, como dos defuntos. Que bom, & fiel amigo! pois tanto o achamos na morte, como na vida, & ſó iſto he ſer amigo, & ter amor verdadeiro. Jà o moſtrei no terceiro Sermaõ; mas agora eſmaltemos eſte divino amor, & queira Deos, que ſaya bem o eſmalte. Manda Deos, que morra Moyſes: *Mortuus eſt Moyſes jubente Domino.* Difficulto aſſim. Se Deos era taõ grande amigo de Moyſes, que fallava com elle, como cà falla hum amigo com outro; porque manda tirarlhe a vida? iſto he ſer amigo de Moyſes? Sim he, pelo que logo ſuccedeo.

He verdadeiro amigo, quem ſe lembra depois da morte, como ſe lembrou na vida.

Apenas morreo Moyſes, quando o meſmo Deos o ſepultou: *Sepelivit eum in valle*; & para Deos moſtrar, que era ſeu verdadeiro amigo, provou a amiſade, moſtrando que tanto delle ſe lembrava na vida, como depois da morte, que era o meſmo na morte, que tinha ſido na vida, porque ſó iſto he amor verdadeiro. Reparo he muito cõmum correr ſangue, & agua do lado de Chriſto morto, ſendo que eſta corrente nam foi neceſſaria para a redempçaõ do mundo, que jà com a morte eſtava completa, *Conſummatum eſt*. Porque correria pois? Direi, ſobre o muito que niſto tenho dito. Tinha Chriſto pelo amor do mundo dado em vida ſangue do corpo, & como o ſer amigo em vida, nam he a prova mais calificada da amiſade, quiz o Senhor calificar ſua amiſade amoroſa, com dar o ſangue depois de morto; & com eſta differença grande, que em vida deu o ſangue do corpo, mas depois da morte deu o ſangue do coraçaõ, que he o ſangue do amor. *Vulnus lateris* (diz Theophilacto) *amoris vulnus*; & por iſſo S. Gregorio Papa encareceo muito o amor da Magdalena, quando ſe nam apartou do corpo de Chriſto ſepultado. *Penſandum eſt quanta vis amoris mulierem accenderat, quæ diſcipulis recedentibus à monumento non recedebat.*

Se pois eſte he o amor que Deos nos moſtra, ſe para com noſco he taõ verdadeiro amigo, como fica ponderado nos carvoens do Purgatorio; que he do amor, & amiſade com que lhe correſpondemos? como o ſervimos, & amamos? Pois ſabei Chriſtãos, que he o fogo do Purgatorio hum remedio, que Deos inventou para noſſo bem, taõ realengo, que nam ha outro ſemelhante a elle; & o fundamento diſto he, porque eſte remedio he univerſal para todos, aſſim vivos, como defuntos, ſem exceiçaõ algũa de peſſoas, ſegundo jà fica ponderado, & o remedio que aſſim he univerſal ſem reſpeito al-

gum

gum particular, he ſem duvida hum mui realengo remedio, & de grande credito divino. Provemolo. Em dous montes acclamáraõ a Christo Rey supremo, no deſerto, & no Calvario; porèm ouve huma differença, & foi, que no deſerto fugio Christo com o corpo ao titulo: *Cum cognoviſſet quia venturi erant, ut raperent eum in Regem, fugit in montem ipſe ſolus*; porèm no Calvario aceitou o titulo com muita vontade, que iſto moſtra aquella inclinaçaõ da cabeça: *Inclinato capite.* O que ſuppoſto, pergunto agora: Porque aceitaria Christo eſte titulo Real no Calvario, & nam em o deſerto? Aò contrario diſſera eu que avia de ſer, porque no Calvario tinha Chriſto as mãos atadas, & Rey com mãos prezas, nam he bom Rey; no deſerto ſim, onde tomando o pão nas mãos, multiplicouſe o paõ, & Rey que multiplica o ſuſtento dos vaſſallos, eſte he bom Rey: como pois fez Chriſto o contrario? Direi. No deſerto verdade he, que ſuſtentou Chriſto milagroſamente a cinco mil peſſoas, porém eſte milagre naõ abrangeo mais que aos vivos, que eſtavaõ preſentes; pelo contrario no Calvario, eſtava Chriſto dando o ſangue para a redempçaõ do mundo, & eſte ſangue derramado nam foi ſó remedio para os preſentes, ſenaõ tambem para os auſentes, & nam aproveitou ſó aos vivos, ſenaõ tambem aos defuntos, que no Limbo eſtavaõ encarcerados, de ſorte que foi remedio univerſal para todos, ſem exceiçam alguma de peſſoas, & por iſſo achou Chriſto, que lhe nam convinha ſer Rey no deſerto, onde o remedio era particular, no Calvario ſim, onde o remedio era univerſal, porque ſe aquelle titulo o desluzia, eſte o acreditava. Nam vi couſa mais propria para o noſſo intento. He o fogo do Purgatorio hum bem, & remedio univerſal tanto para vivos, como para defuntos, como jà fica ponderado, & por ſer eſte, ſem duvida alguma he

O remedio que he realengo, ha de ſer para todos ſem exceptuar peſſoa algũa.

hum remedio muito realengo, & de grande credito divino; pelo que com muito fundamento diz hoje Deos neste seu divino Sermão, que se sentem todos nos carvoens do Purgatorio abrasados para que com esta liçaõ grangeem hum bem muito util, & hum remedio muito realengo, tanto vivos, como defuntos: *Ecce dati sunt vobis carbones, sedebitis super eos, &c.*

Tenho acabado o meu Sermaõ, porque jà tenho ponderadas as palavras do Sermaõ de Deos. O que de tudo isto resta he, que quem quizer ser alma bemaventurada no Purgatorio, faça o que Deos lhe ensina neste seu divino Sermaõ, & eu lhe seguro que seja alma bemaventurada, porque assim o promete o nosso divino Prégador: *Beati qui audiunt verbum Dei, & custodiunt illud.* Obedecei pois hoje todos a taõ divino Sermaõ, rendei os coraçoens a taõ divinas palavras, que naõ he razaõ haja à vista dellas coraçoens endurecidos: *Hodie si vocem ejus audieritis, nolite obdurare corda vestra.* Adverti, que Deos hoje com este seu Sermaõ vos chama, & quer vos sirva de vocaçaõ divina. Oh! nam deixeis passar esta occasiaõ, que a maré he boa, & se a occasiaõ dizem, que he calva, pegailhe pela guedelha, nam deixeis passar a maré, que por hũa maré perdida, se perde hũa monçaõ, & perdida a monçaõ, se perde huma nao da India. Considerai bem nos carvoens abrasados do Purgatorio, vede que aveis de estar sentados nos bancos delle, tomando postilla de fogo; se agora vos sentares com a consideraçaõ, eu vos seguro que brevemente sejais Doutores graduados nos desenganos do mundo, porque esta consideraçam jà fez mudanças milagrosas em muitos peccadores mui estragados; & para que esta minha exhortaçaõ mais se imprima em vossos coraçoẽs, & se entranhe em vossas almas, ouvi ao doutissimo Belvacense, escrevendo nesta materia. Diz o douto con-

Exclamaç.

templativo,

templativo, que eſta meditaçaõ he para muitas couſas mui proveitoſa, pois levanta aos cahidos em culpas, ſuſtenta os que eſtaõ arriſcados a cahir, perſuade paciencia aos perſeguidos, incita a compadecer, & ſoccorrer os trabalhos alheyos,move a fazer penitencia de peccados,& emendaremſe os peccadores, faz que perſeverem os arrependidos,& que amem a Deos os mais deſcuidados,& para comprovaçaõ de tudo iſto, refere o exemplo ſeguinte, que teſtemunha ſer verdadeiro.

Confeſſandoſe hum peccador mui eſtragado com o ſeu Biſpo, de enormiſſimos peccados que tinha cometido, pelos quaes pareceo ao Biſpo devia darlhe rigoroſa penitencia para ſatisfaçaõ delles, porém o penitente nam quiz aceitarlha, & como o Biſpo era prudente, diſſimulou-o ſofrido, mandando-o fallar com hum Santo Abbade Eremita, que perto dalli morava, para que o perſuadiſſe. Obedeceo o penitente, & fallando com o Abbade, o Abbade ſe canſou em perſuadilo alguns dias, & o fruto que tirou do ſeu trabalho, foi que o penitente aceitaria a penitencia, ſe foſſe de ſorte que nam paſſaſſe de huma ſomana. Ficou o Santo Abbade com iſto muito alegre, & aceitou o partido do penitente, & logo lhe mandou que foſſe com hum companheiro do dito Abbade a certo valle ſolitario, onde achariaõ hum homem, ao qual o dito ſeu companheiro entregaria o penitente da parte do Abbade, para que lhe déſſe algũa penitencia muito breve, que naõ paſſaſſe de hum dia natural, & logo acabado o dia lho largaſſe com a vida,& ſaude que levava. Fez ſe pelo companheiro a entrega a hum Demonio, que em figura humana disfarçado no dito valle acháraõ paſſeando, & feita a entrega, ſe voltou o companheiro para caſa,& tornando no outro dia a buſcar o penitente, o achou cruelmente atormentado,& trazendo-o ao Abbade,o Abbade

Exemplos.

o mandava ir embora, ſem querer que fizeſſe mais penitencia; porem o penitente reſpondeo, que tal liberdade nam queria, porque quem tinha viſto o que elle vira em taõ breve tempo, devia fazer penitencias toda a vida, & aſſim viveo mui outro differente do que até entaõ vivera, nam ſe rindo jà mais em todo o reſtante de ſua vida, acabando-a mui penitentemente.

Conta Iacobo de Voragine, que eſtando hum ſoldado caſado deitado com ſua mulher na cama, vieraõ a fallar ambos ſobre hum ſoldado defunto, & como eſte caſado era de muito mà lingoa, & fora inimigo do defunto, começou a dizer muito mal delle; mas o defunto lhe appareceo de repente, pedindolhe perdaõ dos aggravos paſſados, pois Deos lhos tinha perdoados, & no Purgatorio eſtava pagando por elles, & logo lhe moſtrou o fogo em que ardia, pedindolhe que mais nam fallaſſe mal delle. Ficou à viſta diſto o ſoldado taõ atemoriſado, & medroſo, que nam podia lançar palavra; & lhe prometeo encomendalo muito a Deos dalli em diante, & fazer ſuffragios por elle. Mudou logo a vida, deixando a de ſoldado, & porque o defunto lhe avia dito, que dentro de dous annos morreria, neſtes dous annos fez rigoroſas penitencias, & morreo com grandes demonſtraçoens de ſua ſalvaçaõ.

Vltimamente conta S. Gregorio Papa no livro dos ſeus Moraes, que hum mancebo na flor da idade, mui prendado dos dotes da natureza, mas mui pouco dos da graça, por quanto andava mui diſtrahido em varias torpezas da ſenſualidade, em que os poucos annos precipitaõ os mancebos. Deitado pois na cama, ſonhou que ſe via no fogo do Purgatorio com varios tormentos, que lhe davaõ os Demonios, & foi tal a apprehenſaõ deſte ſonho, & a afflicçaõ deſte aperto ſonhado em que ſe vio, que com a ancia deſpertou gritando, ſem poder

der tomar reſpiraçaõ. Acodiraõ os pays, que eſtavam dormindo, aos gritos, & deſconheceraõ-no, porque tinha os cabellos como velos de lãa, ſendo de antes fios de ouro, o roſto todo enrugado, os olhos fumidos, de ſorte que parecia hum velho de cem annos. Admirados os pays lhe perguntáraõ a cauſa dos gritos, & do eſtado em que eſtava? Contou elle o ſonho, & vendoſe a hum eſpelho, conheceo a ſua mudança, & deſenganado da vida, foi logo veſtir hum habito religioſo, deſprezando todos os averes do mundo, & acabou a vida penitentemente, tornado Cordeiro, o que atè entaõ era Lobo, ou Leão deſatado em todo o vicio; que eſtes effeitos faz o Purgatorio, inda quando ſómente ſonhado, que ſerà experimentado na realidade? Sirvaõ pois eſtes exemplos de mudarmos todos as vidas, & abraçarmos taõ verdadeiros deſenganos. E vòs Irmãos, que ſois filhos da Penitencia, tratai muito de evitar eſtas penas com penitencias, aprendei bem a liçaõ, que hoje vos dà o noſſo divino Prégador: *Ecce dati ſunt vobis carbones, ſedebitis ſuper eos, &c.* Eſtai certos, que com eſta liçaõ bem decorada fugireis dos vicios, ſeguireis as virtudes, fareis penitencias, vivereis em graça, & entrareis na gloria: *Ad quam nos perducat meus Euchariſticus Ieſus. Amen.*

Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento.

SERMAM VII.

No Anniverſario da Irmãdade dos Clerigos, em S. Pedro de Miragaya do Porto, 1672.

LOVVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Habemus Altare, de quo edere non habent poteſtatem, qui in tabernaculo deſervierunt. Paul. ad Hebr. 13.

COnſidero eu hoje neſtas palavras huma pratica laſtimoſamente queixoſa, que no Purgatorio tem entre ſy as almas dos ſenhores Sacerdotes defuntos, fallando queixoſos, & laſtimados huns com os outros, propondo, a meu ver, a ſua queixa por eſte modo. Que ſeja poſſivel (dizem eſtas almas ſacerdotaes) que tiveſſemos em vida tantos Altares para fazermos ſacrificios, & que nam poſſamos nòs agora celebrar nos Altares? que remediaſſemos com os ſacrificios dos Altares a tantos, & que nos nam poſſamos remediar

mediar com os noſſos ſacrificios ? que tiveſſemos remedio para outros,& que o naõ tenhamos agora para nòs ? que foſſemos Sacerdotes com uſo em quanto vivos,& que nam poſſamos uſar do noſſo officio do ſacerdocio agora mortos? que nos permaneça o caracter clerical da alma,& que noſſas almas eſtejaõ impedidas para o exercicio deſte caracter? que ſoccorreſſemos a tantos neſtas penas , & que nam poſſamos remediarnos neſtes taõ crueis tormentos ? Rigoroſo caſo , tormento terrivel,& ſevéro caſtigo eſte , que por ordem de Deos nos he dado. *Habemus Altare,de quo edere non habent poteſtatem, &c.* Eis aqui o fundamento da laſtimoſa pratica, em que as almas dos ſenhores Sacerdotes defuntos formaõ o ſeu triſte,& juſtificado queixume. O que agora ſe ſegue he examinarmos, ſe he bem juſta, & arrezoada eſta ſua queixa; & força ſerà, que para fazermos juridico,& ajuſtado eſte exame , vamos ponderando as palavras do Apoſtolo S. Paulo,que tomei por Thema , & em que eſtà fundado o queixume.

Habemus Altare, de quo edere non habent,&c.

Queixaõſe laſtimadas eſtas almas ſacerdotaes, porque ſendo Sacerdotes, & tendo o poder do caracter indelevel na alma, nam pòdem uſar do ſeu poder para fazerem nos Altares ſacrificios, & remediaremſe com os ſacrificios dos Altares. Eu lhes acho em verdade muito fundamento para eſta ſua taõ laſtimoſa queixa. E a razão diſto he; porque nam ha duvida , que nam poder lograr hũa peſſoa o bem que poſſuia , & iſto tendo-o à viſta,& como dentro de caſa, he hũa deſmarcada pena; verſe hũa peſſoa impoſſibilitada para o remedio do ſeu dano, tendo-o debaixo da mão , & como de portas a dentro, he ſem duvida hum tormento mui deſabrido.

Pro-

Ter o remedio, & nam poder aproveitarse delle, he grande tormento, estádo elle à vista.

Provemos esta proposta, pois nella se funda o queixume. Lançou Deos a Adaõ do Paraiso pelo peccado de ambicioso desobediente (que hũa ambição, & hũa desobediencia nam merecem no juizo divino menor castigo.) Diz agora o Texto sagrado, que poz Deos hum Cherubim na porta do Paraiso com huma espada de fogo, para defender a Adaõ a entrada: *Collocavit Dominus ante Paradisum voluptatis Cherubim, & flammeum gladium, atque versatilem ad custodiendam viam.* Aqui a minha duvida, & pergunto: Se Deos queria que Adaõ nam entrasse no Paraiso, nam era muito mais facil ferrolharemse as portas delle, com que se escusava Cherubim, & ficava a entrada impedida? para que ordenaria Deos, que estivessem as portas abertas, & o Cherubim por centinella dellas? Ora notem. Queria Deos castigar rigorosamente a Adaõ, & achou que só assim fazia o castigo mui rigoroso; porque se Adaõ querendo entrar achára as portas ferrolhadas, inda que isto fora para elle tormento, com tudo nam seria muito rigoroso; porém ver Adão o Paraiso com a porta aberta, o caminho desempedido, & nam poder entrar, estando junto a ella, isto lhe aumentava a magoa com todo o excesso, & por isso Deos ordenou, que estivessem as portas abertas. Pareceme, que estou ouvindo dizer a Deos: Eu lancei fóra a Adaõ em castigo do seu taõ grande delito, & quero que este castigo de sua expulsaõ, lhe sirva de tormento mui rigoroso, & para isto assim succeder, disponho que veja Adaõ as portas abertas do Paraiso, & a estrada franca para elle, porém a entrada impedida, porque assim lhe ficarà sendo cruelmente rigoroso este castigo. Ratifiquemos mais isto, alèm das provas que jà em outro Sermaõ ficaõ apontadas.

Vio S. Joaõ em hũa das suas visoens do Apocalypse a hũa mulher, que estando em vesporas do parto, gritava com

com as dores de parir: *Et in utero habens clamabat parturiens, & cruciebatur ut pareret.* Que neſta mulher eſteja figurada a Virgem Maria Senhora noſſa, aſſim o affirmaõ muitos Expoſitores com S. Bernardo, Santo Ambroſio,& Santo Agoſtinho. O que ſuppoſto, pergunto: Se a Virgem Maria pario ſeu filho, ficando Virgem, & aſſim naõ padeceo as dores do parto; como diz o Evangeliſta, que as padeceo: *Clamabat parturiens?* Direi com Cornelio, Eſtio,& outros: que a Senhora nam padeceo dores no parto, mas padeceo dores em deſejar parir mais depreſſa, porque via que tinha ao ſeu querido Filho dentro do ſeu ventre recolhido, & tendo-o dentro de ſy meſmo nam podia velo à medida do ſeu deſejo,& eſta impoſſibilidade lhe occaſionou hum tormento taõ rigoroſo, como ſaõ as dores mortaes do parto, que por iſſo o Evangeliſta nam diz que teve dores parindo, ſenaõ que as teve para parir: *Et cruciebatur ut pareret.* Ouçaõ agora o Alapide: *Virgo cruciebatur ut pareret non dolore partus, ſed vehementi deſiderio, ac affectu pariendi, & videndi Chriſtum mundi Salvatorem.*

Cornel.

Eis-aqui o que cuſta o logro de hum bem, que eſtando à viſta ſe acha difficultado. Vejaõ agora o que cuſta hum remedio, que eſtando como de portas a dentro ſe vè impedido. Terrivel tormento he na verdade; eu o moſtro. Eſtavaõ os Philiſteos apoderados da Cidade de Belem, & David tinha lançado cordaõ à Cidade, quando antes de ſe começar a batalha, com o calor do tempo na campanha ſobreveyo a David hũa grande ſede,& para remedio della começou a ſuſpirar por hum pucaro de agua da ciſterna de Belem, que eſtava junto à porta: *O ſiquis mihi daret potum aquæ de ciſterna Bethlehem, quæ eſt juxta portam.* Pergunto: Porque deſejaria David, para apagar a ſede, mais eſta agua, do que qualquer outra? naõ he muito melhor a agua de qualquer fon-

Ter o remedio de portas a dẽtro, & nam poder aproveitarſe delle, grãde tormento.

fonte, ou poço,ou rio, que he agua natural, do que a agua da cisterna, que he agua da chuva? Claro he que sim: porque deseja pois David mais esta, que aquella agua? Aperto mais a difficuldade. Que circunstancia tinha estar esta cisterna junto à porta da Cidade, & porque naõ qualquer outra que estivesse mais de dentro? Direi. Queria David remediar sua sede, & nesta sua necessidade atendeo só à agua da cisterna de Belem, que estava junto à porta da Cidade, porque como à Cidade era sua,& elle estava junto à porta da Cidade sem poder entrar nella, porque os inimigos lhe impediaõ a entrada,considerando este remedio da sua sede assim impossibilitado tendo-o tão perto, & sendo de casa, isto era o que lhe occasionava a maior pena; de sorte que o naõ molestava tanto a sede que padecia, como não poder ter o remedio que desejava, estando tão perto delle; & porque isto para elle era hum cruel tormento muito insoportavel, por isso só disto se queixava: *O si quis mihi daret potum aquæ, &c.* Agora à vista disto entendo eu a razaõ porque aquelle cego de Jericò, que pedia esmola na estrada, dizendoselhe que Christo por elle hia passando, começou a dar vozes, derramando muitas lagrimas, de sorte que quanto mais o mandavaõ callar, mais entaõ bradava: *At ille magis clamabat cum increpabant eum ut taceret*; & a razão foi (diz a Aguia Africana Santo Agostinho) porque sendo até então cego, como não tinha o remedio tão caseiro, nem tão perto, compunhase com sua magoa, mas considerando que tivesse junto de sy quem lhe podia dar remedio a sua cegueira, como a outros o tinha dado, & que lhe faltasse este remedio, ficando como de antes cego, isto o fez bradar, gemer,& suspirar: *Timebat enim ut transiret, & non sanaret*; porque não ha duvida, que ter o remedio à vista,& como de portas a dentro, & velo impedido, he mui

S. Agost.

mui insoportavel tormento,como fica dito.

Eis aqui o motivo da lastimosa pratica que tem,& queixa que formão as bemditas almas dos senhores Sacerdotes defuntos, dizendo que tendo sido Sacerdotes na vida, & como taes tendo feito muitos sacrificios pelo bem, & remedio de outras almas, vem que naõ pòdem agora celebrar por sy, por estarem no Purgatorio privadas deste uso para o seu remedio, & isto he o que sobre tudo mais os magóa,& atormenta. Que seja possivel (dizem ellas) que nam possamos valernos a nòs, tendo valido a tantos? que sendo nòs Sacerdotes na vida,& fizemos tantos sacrificios nos Altares para suffragios de outros,nam possamos fazer agora hum só sacrificio de Altar para o nosso suffragio? Terrivel pena, tormento rigoroso: *Habemus Altare,de quo edere non possunt, &c.* Aqui noto eu agora outra circunstancia,que tambem muito lhes aumenta o tormento com todo o excesso, & he,ser o bem desta sua dignidade sacerdotal impedido,depois de ter sido por todo o tempo de suas vidas praticado, & cuido que nisto me naõ engano; porque nam ha duvida, que tanto mais se sente hum bem perdido, quanto por mais longo tempo foi logrado. Eu o provo. Lançando no rio Nilo os tristes pays a seu filho o menino Moysés, tendo só tres mezes de nascido,& arrependidos desta crueldade executada, com os olhos afogados em lagrimas, romperaõ nestas sentidas palavras: *Debueramus recens natũ exponere, per tres menses illũ aluimus,nobis maiorem tristitiã parantes.* Oxalà que tanto que nasceo este menino,o lançaramos logo no rio, & assim nos livraramos do sentimento que agora temos, pelo aver lançado agora. Pergunto: Em que se fundarião estes pays para assentarem consigo, que muito maior magoa lhes causava ser o menino lançado no rio depois de tres mezes de nascido, do que se logo o fora

Tanto mais se sente hũ bem perdido,quanto por mais tẽpo foi logrado.

o fora tanto que naſcéra? naõ era tudo crueldade, & naõ foi tudo tirania? Sim foi, mas com eſta differença, que ſendo o menino logo, tanto que naſceo, no rio lançado, era perder hum bem por breve tempo poſſuido, mas ſendo lançado depois de tres mezes de naſcido, era perder hum bem por mais largo tempo logrado, & nam ha duvida, que muito maior ſentimento cuſta a perda do que por tempo largo ſe logra, do que a perda do bem, que por breve tempo ſe poſſue; & para confirmaçaõ diſto meſmo, agora colheráõ a razaõ clara da differença, que ouve entre o ſentimento de Abraham na morte de Sara, & o ſentimento de Jacob na morte de Rachel. Dem-me atenção, que cuido a merece a prova.

Continùa. Morreo Sara, & Abraham ſeu eſpoſo ſentido da morte, pranteou-a com hum taõ notavel exceſſo, que nam contente com o ſeu pranto, juntou mulheres boas pranteadoras, para que o ajudaſſem a lamentar ſua perda. *Vocans aliquas quæ plangere ſolent*, diz o Abulenſe. Morreo tambem Rachel (que a morte em nada repara, a ninguem perdoa, & tanto ſe lhe dà de Saras velhas, como de Racheis moças, & fermoſas: diſſeraõ-no Horat. & Galvan. *Palida mors æquo pulſat pede pauperum tabernas, Regumque turres: Hanc pueri, atque ſenes pariter, juvenesque feruntur*) narrando o Texto, que o ſeu enamorado Iacob a ſepultára, nam declara que neſta morte, & enterro choraſſe huma ſó lagrima, & ſómente diz que a ſepultára: *Mortua eſt ergo Rachel, & ſepulta eſt.* Aqui a duvida. Pergunto: Que he iſto Iacob? niſto parou aquella voſſa tão vehemente affeição? niſto vieraõ a dar tantos extremos amoroſos de catorze annos? aſſim vos trocaſtes taõ outro na morte, do que ereis na vida? mais bem eſtou eu com Abrahaõ, que ſe moſtrou por ſentido tanto amante em vida, como na morte; iſto ſim, que foi que-

querer ſem mudar,& amor ſem mudança. Donde procederia pois eſta differença entre Abrahaõ , & Iacob? Seria das diminuiçoens do amor? Naõ, que Iacob ſempre foi amante verdadeiro mais que Abrahaõ. Seria pelas menos prendas de Rachel? Tambem não, que Rachel muito mais prendada foi do que Sara. Donde pois iſto procederia? Direi o que niſto entendo. Rachel foi hum bem por pouco tempo poſſuido,pois morreo na flor da idade , nam tendo dos annos da belleza mais que ſó a primavera della: *Mortua eſt ergo Rachel verno tempore*; & como foi hum bem por pouco tempo poſſuido, por iſſo foi pouco chorado: Sara pelo contrario, foi hum bem por muito tempo logrado, pois morreo em companhia de Abrahaõ, depois de cento & vinte & ſete annos de idade: *Vixit Sara centum viginti ſeptem annis*; & como Sara foi hum bem por muito tempo logrado, por iſſo foi na morte taõ amoroſamente ſentida, porque ſe aumentaõ os ſentimentos na perda dos bens, que ſaõ por muito tempo logrados. Eis-aqui pois o fundamento da circunſtancia , que fica apontada. Verem as bemditas almas dos Sacerdotes , que no largo diſcurſo da ſua vida lográraõ a dignidade Sacerdotal, remediando a tantos com ſeus ſacrificios, & que agora eſtão do uſo dos ſeus ſacrificios privados, & lhes nam val o remedio do ſeu ſacerdocio,nem pódem aproveitarſe dos ſacrificios delle, eſta he hũa conſideraçam mui deſabrida, que aumenta ſuas penas com todo o exceſſo,& por iſſo deſta dor taõ laſtimoſamente ſe queixão: *Habemus Altare,de quo edere non poſſunt,&c.*

Inda aqui deſcubro outra circunſtancia com que mais ſua dor ſobre todo o modo ſe exagera, & he, ſer a dignidade ſacerdotal , de cujo uſo ſe vem eſtas almas privadas,o maior bem, & honra que na vida tiveraõ. Conſideração, & circunſtancia he eſta ,que aumenta a

dor

Tanto mais o bem perdido se sente, quanto mais a grãdeza delle avulta.

dor com todo o extremo na occasiaõ de hum bem perdido; porque quanto mais a grandeza do bem perdido avulta, tanto mais o sentimento da perda se aumenta. Questaõ he bem altercada entre alguns dos Interpretes sagrados, qual de dous pays refinou mais o sentimento na morte de dous filhos, se Jacob na morte imaginada de Ioseph, se David na morte verdadeira de Absalaõ? Ià eu em outra occasiaõ fiz as partes de Iacob, fundado em querer no Inferno eternizar sua pena: *Descendam ad Infernum lugens*; mas agora hei de fazer as partes de David, fundado em David querer acabar a vida ao rigor do sentimento: *Absalon fili mi, fili mi Absalon, quis mihi det ut moriar pro te?* Porque quando o sentimento de Iacob nam excedeo os termos de hum pranto, & se contentou com o limite de hum sentimento lacrimoso: *Descendam ad Infernum lugens*; David nam satisfez sua pena, senaõ com morrer de sentido. Grande amor este, valente affeição: *Quis mihi det ut moriar pro te!* & assim muito mais se apurou a penalidade amorosa de David, do que a magoa de Iacob. Bem, mas agora pergunto eu: Porque razão seria maior o sentimento de David na morte de Absalaõ, do que o sentimento de Iacob na morte de Ioseph, sendo que Absalaõ era filho ingrato, & Ioseph era filho benemerito? Como pois estaõ trocados os sentimentos? Ora eu cuido, que acertei com a causa da differença. Notem. Absalaõ era hum Principe filho de Rey, & assim era hum homem muito grande; Ioseph era hum homem ordinario, filho de Iacob, quando muito hum homem honrado, & assim era de valia ordinaria, & como isto assim fosse, por isso o muito que Absalaõ avultava, fez crescer na sua perda o sentimento, & o pouco que Ioseph montava, fez diminuir a pena na perda, porque nam ha duvida, que a grandeza do bem perdido faz crescer a magoa no sentimento da perda.

perda. Eis-aqui a outra circunſtancia, que faz mui deſabridas as penas, que as bemditas almas dos Sacerdotes padecem no Purgatorio, & porque tanto iſto lhes cuſta, por iſſo ellas formão eſte ſeu laſtimoſo queixume: *Habemus Altare, de quo edere non poſſunt, &c.*

Outra circunſtancia inda mais apontão neſtas palavras eſtas bemditas almas, com que ſe publicão mui laſtimoſas, & he, que ſendo a meſa do Altar muito ſua: *Habemus Altare*, não tem liberdade para comer della, como outros comem, que não tem eſta calidade: *De quo edere non habent poteſtatem*, avendo neſta meſa hum manjar tão delicioſo, que a tudo ſabe: *Omne delectamentum in ſe habentem*; & ſendo eſtas almas tanto de dentro de caſa, eſtejão morrendo à fome, comendo os que ſaõ mais de fóra: *Cujus officium committi voluit ſolis presbyteris quibus ſic congruit, ut ſumant, & dent cæteris*; eſta he a ſua laſtimoſa queixa, & tem muita razão nella, porque aſſim paſſa na verdade; morrer de fome, tendo o pão de caſa, não comer de portas a dentro, vendo comer outros de portas a fóra, dor he que fere o interior da alma; faltar o pão ao dono, eſtando comendo-o o eſtranho, magoa que o coração muito laſtima. Vejão-no. Auſentandoſe aquelle mal aconſelhado mancebo, o filho Prodigo, da caſa de ſeu pay, ſó por ſeguir os dictames do ſeu deſordenado apetite, gaſtou em breve tempo ſua legitima em torpes ſenſualidades occupado, & vendoſe no miſeravel eſtado, em que o mundo coſtuma pór a quem o ſegue, deſpido, deſcalſo, & morto de fome, achando acaſo hũa pouca de landre, que a huns porcos avia ſobejado, neſta extrema neceſſidade, começou a queixarſe da ſua mà fortuna por eſte modo: *Quanti mercenarij in domo patris mei abundant pane, ego autem hic fame pereo!* Ay de mim, que me vejo morto de fome, eſtando mui fartos os criados de meu

Grande tormento he morrer de fome, tendo o paõ de caſa, & vendo-o comer os de fóra.

pay a esta hora! Em que vim a dar, taõ bem criado, & taõ mal fadado? Aqui o reparo. Pergunto: Que modo de queixa he esta, que faz este Prodigo? Que culpa lhe tem os criados, para que falle nelles, quando forma o queixume? Se elles comem o pão, he com o suor do seu rosto, & merecem-no com o serviço; para que se queixa pois dos criados? & para que falla nelles? Ià eu disse em outra occasião, que assim se queixára, porque tal he a inveja do mundo, que muito mais nos magoão os bens que vemos alheos, do que os nossos proprios males. Bem dito, & ainda mal que tanto assim he; mas agora digo com S. Hilario, que se queixou por este modo o Prodigo, porque verse morto de fome, sendo filho, & senhor da casa, quando os criados de fóra estavão abastados, esta circunstancia para elle era hum tormento mui insoportavel; ver comer o seu paõ aos de fóra, não tendo elle huma fatia de pão, isto he o que mais lhe atravessava a alma: *Fames paternæ domus revocat, quam saturitas exularat*, diz o Santo. Eis-aqui pois a circunstancia que lastimosamente faz romper em queixas às bemditas almas dos Sacerdotes: *Habemus Altare, de quo edere non poßunt, &c.*

S. Hilar.

Bem, mas agora se levanta aqui huma duvida, & he esta. Se as bemditas almas dos Sacerdotes aqui se queixão da fome: *De quo edere non possunt*; porque se não queixão tambem da sede? Assim como nesta mesa se come pão, tambem nella se bebe vinho: *Caro mea verè est cibus, & sanguis meus verè est potus*; porque não formão pois a sua queixa de não poderem nesta sua mesa comer, & mais beber, & só a formão de não poderem comer? Assim como a formão do pão, porque a não formão do vinho? A razão disto a meu ver he; porque se mostrão queixosas da falta do pão, por isso se nam queixão da falta do vinho, mostrando nisto, que como

Sa-

Sacerdotes tão caseiros, & dispenseiros deste divinissimo paó, como diz a Igreja: *Cujus officium committi voluit solis presbyteris, quibus sic congruit, ut sumant, & dent cæteris*, sabem muito bem o segredo, que neste altissimo mysterio Eucharistico se encerra, & he, ser aquelle paõ o mesmo, que aquelle vinho, porque hum só mesmo corpo de Christo està em aquelle pão, & vinho, como a Fè nos ensina: *Caro, sanguis, cibus, potus, manet tamen Christus totus sub utraque specie*; se bem com hũa differença (como nos ensina a mesma Fé) que na Hostia sacrosanta està a carne de Christo *ex vi verborum*, & por concomitancia o seu sangue; pelo contrario no Caliz, *ex vi verborum* està o seu sangue, & por concomitancia a sua carne; pelo que tanto monta fallar daquelle pão, como fallar juntamente daquelle vinho: *De quo edere potestatem non habent.* Mui discretas estão na verdade estas bemditas almas, neste modo com que formão a sua lastimosa queixa. Mas vejamos jà a ultima circunstancia, que apontão estas almas sacerdotaes, com que encarecem a sua sentida queixa.

A circunstancia he, serem almas de ministros, que toda a vida servirão no Altar Eucharistico, o qual serve às almas de hum seguro penhor da gloria: *Futuræ gloriæ nobis pignus datur*; & verem as almas destes ministros, que quando por premio dos seus sacrificios aviaõ de gozar glorias, estão no Purgatorio em penas, circunstancia he esta, que muito faz requintar a sua pena. Assim passa na verdade, porque não ha duvida, que custa muito ver, que falta o premio ao serviço, & que a gloria se troca em pena. Provemolo. Não ha mais rigoroso tormento, que ver faltar o premio esperado pelo serviço feito. Servio Iacob sete annos a Labão por amor de Rachel, & cheyo o prazo do serviço, esperou o logro da prenda prometida, quando Labão lhe trocou a

Muito custa ver faltar o premio ao serviço.

ſorte, dandolhe por eſpoſa a Lia, vendoſe pois o pobre de Iacob feito lavrador de amor, colhendo enganos, começou a formar ſentidos queixumes, derretendo dos olhos copioſas lagrimas: *Quid eſt quod facere voluiſti? nonne pro Rachel ſervivi tibi, quare impoſuiſti mihi?* Porque me enganaſte máo velho, ſe eu te ſervi pelo amor de Rachel, porque me metes em caſa Lia? Aqui a difficuldade, & pergunto: De que vos queixais Iacob deſarezoado? Se Labão vos dà a filha mais velha, que he a mais bem dotada, em que vos deixa Labão enganado? de ſorte que ficais com mais fazenda, & melhor dote, & inda eſtais queixoſo? ha tal ſem-razão? Oh! não he ſenão mui juſto o ſeu queixume. Via Iacob, que Rachel era o premio prometido do ſeu ſerviço, & faltandolhe Labão com Rachel, faltavalhe com o premio merecido, & como iſto aſſim era, inda que ficaſſe com melhor dote, & mais fazenda no deſpoſorio de Lia, muito maior pena lhe dava experimentar a falta do premio, que eſperava; porque nam ha couſa que tanto cuſte, como ver faltar o premio eſperado, com nenhuma outra couſa ſe alivia eſte tormento: que jà tambem por iſſo David ſe queixou mui ſentidamente de Saul, por lhe faltar com o deſpoſorio prometido de Michol, tendo-o ſervido na batalha do Philiſteo. Eis-aqui pois o que cuſtão as faltas do premio ao ſerviço. Vejão agora quanto magóa ver a gloria, & o goſto trocado em pena.

Muito cuſta ver a gloria trocada em pena. Na lẽbrança dos bens paſſados ſe aumentão as penas preſentes.

Caminhavão os Iſraelitas para a terra de Promiſſaõ por varios, & prolongados deſertos, quando chegando todos a hum caudaloſo rio, que por junto de Babilonia corria, ſe ſentáraõ para deſcanſarem da jornada, & apenas eſtiverão ſentados, quando começárão a correr dos olhos de todos a quatro, & quatro as lagrimas, de ſorte, que formandoſe nos olhos de cada hum novo rio, fizerão

raõ no de Babilonia hũa grande chea : *Super flumina Babylonis illic sedimus, & flevimus.* Pergunto: Se o sagrado Texto encarece tanto estas lagrimas nesta occasiaõ, porque nam faz mençaõ encarecida das que choráraõ em outras occasioens, no discurso de quarenta annos de desterrados ? porque nam repete estas lagrimas em outros lugares ? porque as guardárão só para aqui todas ? O mesmo Texto, se eu me não engano, aponta a razaõ: *Dum recordaremur Sion.* Lembrarãose aqui das glorias em Siaõ possuidas, & passadas , as quaes vião trocadas em tantas penas , & levados desta consideração à vista da corrente cristalina dizia hum para o outro: Ah! bom tempo aquelle, em que eu vivia dentro de minha casa com minha familia regalado, & agora me vejo faminto! Dizia outro : Ah ! tempos, tempos, como estais trocados, em Siaõ tinha eu criados , servos , & cavallos, agora vou a pè com o alforge às costas ! Acodia outro dizendo: Ah ! tempos mudaveis, & inconstantes, quem me dissera a mim, que tendo eu guardaroupas de galas com camas ricas, me avia de ver agora sem hũa camisa, vestido de remendos! Finalmente outro dizia suspirando : Ah ! vida enganosa, bem mal cuidei eu em algum tempo, que metesse na boca esta fatia de broa dura, quando me via abastado com tanta iguaria! Assim estavão todos alternando suas sentidas queixas com a saudosa lembrança de suas glorias passadas trocadas em penas, & por este modo aumentavaõ ao galarim seus pesares nestas tristes recordaçoens : *Dum recordaremur Sion* ; & porque estes erão os motivos , por isso assim formavão os seus tristes queixumes, porque não ha cousa , que a hum coração mais magoe , como ver trocadas glorias passadas em sentidas penas. Que bem a este intento S. Ioão Chrysostomo : *Venientes ad ea loca quibus convenerámus illachrimamur dictum illorum memores.*

S. Chrys.

Eis-aqui o muito fundamental, & arrezoado motivo, que tem as bemditas almas dos Sacerdotes na formalidade das suas queixas. Vem-se sem o premio do serviço que fizeraõ com seus sacrificios, trocada a honra, & gloria do seu sacerdocio, & do Altar, em tanta pena, quanta padecem no Purgatorio, sem poderem comer o pão sacramentado que comião, & sem o tabernaculo em que sacrificavão: *Habemus Altare, de quo edere potestatem non habent qui in tabernaculo deservierunt.* Grande pena na verdade, tormento mui desabrido, & magoa insoportavel. Ora almas bemditas dos senhores Sacerdotes defuntos, inda que segundo o que fica ponderado, justamente vos queixais, com tudo bem podeis enxugar hoje vossas lagrimas, aliviar vossas penas, & suspender vossos queixumes, pois tendes aqui tantos irmãos vossos Sacerdotes vivos, que juntos em fraternal união espiritual com tanto primor, & catholica piedade como estamos vendo, com os suffragios nos Altares vos enxugão as lagrimas, & remedeaõ os vossos queixumes, convertendo vossas penas em glorias, tirando-vos dessas penas com esta Eça tão politicamente authorizada, & com tantas lingoas de fogo ornada, & com este Officio tão aparatoso na consonancia de vozes, que parecem Anjos encarnados, além do Officio funeral do enterro tão magestoso, & das muitas Missas que na roda do anno se dizem por seus Irmãos defuntos, à vista do que toda a exageraçaõ fica menos, porque esta piedade Catholica he mais, & sendo isto assim, como he, digo senhores Sacerdotes, que nesta acçaõ me parece cada hum de vòs huma divindade. A prova he o desempenho do encarecimento.

Acodir a hũa necessidade he ser hũa divindade.

Chegáraõ os irmãos de Ioseph ao Egypto, para comprarem trigo, pela grande fome que avia em Mesopotamia, & foraõ taõ venturosos, que topáraõ com seu irmaõ

irmão Ioseph, que entaõ era Viso-Rey em aquelle Reyno, o qual esquecido dos aggravos passados, lhes fez muitos mimos, & hum entre os mais foi, mandar-lhes dar o trigo mui barato, & sobre isto mandou ao Celeireiro, que às escondidas lhes metesse o preço do trigo na boca do saco de cada hum. Despedidos do irmão se voltáraõ para a sua terra, & na primeira jornada curiosamente abriraõ os sacos para verem a bondade do trigo, quando topáraõ com o dinheiro, & vendo-o disseraõ pasmados huns para os outros: *Quid est hoc quod fecit nobis Deus?* Que he isto que vemos? que misericordia he esta que Deos teve comnosco? o dinheiro que demos pelo trigo aqui nos sacos? como he possivel? Aqui o meu reparo. Pergunto: Porque atribuem esta maravilha a Deos? Não seriaõ os medidores? naõ seria ordem de Ioseph, como na verdade foi? porque o atribuem pois só a Deos? Oh! que andáraõ mui discretos no que sobre isto juizáraõ. Viraõ que na necessidade da fome, que padeciaõ, acháraõ o soccorro com tanta liberalidade, que sobre levarem trigo, levavam o dinheiro, & vendo este taõ liberal, & amoroso empenho no remedio de sua necessidade, assentáraõ comsigo, & com muito fundamento, que quem assim os remediára, ou era Deos na realidade, ou homem com propriedades de divino, & nunca escapava de ser hum Deos, ou por aquelle, ou por este modo: *Quid est hoc quod fecit nobis Deus?* Iustamente digo eu pois à vista disto, que estes senhores Irmãos Sacerdotes vivos, mostraõ no seu grande empenho, que tem com as almas necessitadas dos seus Irmãos Sacerdotes defuntos, que saõ huns como Deos na terra, ou huns homens com representaçaõ de divinos; & vòs bemditas almas, bem podeis dizer hoje hũas para as outras, o que lá disseraõ os irmãos de Ioseph: *Quid est hoc quod fecit nobis Deus?*

Ora rematemos este Sermão, especificando mais isto ao nosso intento. Digo pois por conclusaõ especifica, que sendo os suffragios de Missas, por serem os Irmãos que os fazem Sacerdotes, he isto hum grande fundamento para ser este remedio entre todos o mais realengo, & para as almas o de maior interesse. Vejaõ-no em huma figura do Deuteronomio. Chamou Deos em huma occasiaõ ao povo Israelitico bemaventurado: *Beatus es tu Israel.* Pergunto: Que motivo teria Deos para dar ao povo este titulo nesta occasiaõ, o que nam fez em outra alguma: & em que consistiria a bemaventurança deste povo? Ora notem, que do mesmo Texto colho a razaõ. Disse Deos ao povo, que o avia de situar em hum lugar fertil de paõ, & vinho: *Populus Iacob in terra frumenti, & vini*; & que em Deos avia de estribar a sua salvação: *Qui salvabis in Domino.* Este paõ, & vinho he sem duvida figura do divinissimo Paõ, & Vinho sacramentado: serem os Sacerdotes Deoses similitudinarios, tambem nam tem duvida, que assim o diz David: *Ego dixi: Dij estis, & filij excelsi omnes*, commummente assim explicado. O que supposto, pòr Deos este povo em hum lugar, figura do divinissimo Sacramento, feito sacrificio de salvaçaõ por Sacerdotes Deoses figurados, que outra cousa he, senam o que fica proposto, que saõ as almas dos Sacerdotes bemaventuradas, por terem estas Missas dos Sacerdotes: *Beatus es tu Israel?* E esta he a differença que ha nesta materia, entre os suffragios dos Sacerdotes, & os dos seculares; que os seculares pòdem fazer jejuns, disciplinas, esmolas, & outras obras pias; porèm só os Sacerdotes pòdem fazer os sacrosantos sacrificios das Missas, & este he o melhor remedio de todos. Eis-aqui a vossa felicidade, ô bemditas almas dos Sacerdotes; & para que todos vejaõ, & conheçaõ bem o valor deste suffragio, ouçaõ os exemplos seguintes.

Sacerdotes que fazem bem às almas saõ bẽaventurados.

Con-

Exemplos.

Conta Jacobo de Voragine, que huns peſcadores no tempo dos Caniculares acháraõ em hum rio hum grande pedaço de caramelo, & muito admirados diſto o leváraõ por novidade ao ſeu Biſpo, que ſe chamava Theobaldo, & como eſte Biſpo padeceſſe huma grande deſtemperança de quenturas nas plantas dos pés, punha-os ſobre eſſe caramelo, & continuando iſto ouvio hum dia hũa voz, que ſahio do caramelo, & eſtremecendo com iſto eſconjurou a voz, para que diſſeſſe quem era, & a que vinha? Ao que ſe reſpondeo: Sou hũa alma, que padeço o meu Purgatorio neſte caramelo, ſe em trinta dias continuos me diſſeres trinta Miſſas, logo ſerei livre delle. Começou logo o Biſpo a fazer iſto que a alma lhe pedio, & avendo jà dito ametade das Miſſas, eſtando reveſtido para continuar a outra ametade, ſe chegáraõ a elle huns homens gritando que acodiſſe depreſſa a apartar huma grande briga, ſobpena de lhe imputarem os danos que della ſe ſeguiſſem, & foi traça de que o Demonio uſou, para que interrompeſſe os ſacrificios continuados, como depois ſe vio por experiencia. Deixou o Biſpo de a dizer, & por iſſo começou de novo o trintario; mas tendo jà dito vinte, & eſtando reveſtindoſe para dizer outra, lhe trouxeraõ nova de que eſtava a Cidade cercada de inimigos, que acodiſſe logo a ſoccorrella; & foi tambem traça diabolica. Foi acodirlhe obrigado da perſuaçaõ, & interrompeo outra vez o trintario. Tornou terceira vez a começalo, & chegando à ultima, lhe deraõ novas, de que ardia toda a ſua caſa, que acodiſſe logo a remediar o incendio, mas a iſto reſpondeo o devoto Biſpo, que bem entendia jà a traça diabolica, & que inda que ardeſſe toda a Cidade, nam deixaria de dizer a Miſſa. Acabada ella deſapareceo o caramelo, & ceſſou o incendio ſem fazer

algum

algum dano, com que todos claramente conhecéraõ a traça diabolica, porque conhece o valor do ſacrificio da Miſſa, & por iſſo tanto o impede.

No Speculo Exemplorum ſe conta, que hum Sacerdote era taõ devoto das bemditas almas, que nunca dizia Miſſa, que nam rezaſſe no fim della algum Reſponſo pelas almas, & o meſmo fazia cada vez que paſſava por algum adro, ou cemeterio. Enfermando pois, levaraõlhe o Viatico, o qual recebeo com muita devoçaõ, & voltando para a Igreja o Miniſtro, que lho avia levado, chegando ao adro vio a porta da Igreja aberta, ſendo que a avia deixado fechada, & que hũa ſecreta força o prendia de ſorte, que nam podia dar paſſada. Neſte tempo ouvio hũa voz, que diſſe: Jà he morto o Sacerdote noſſo bemfeitor, levantemſe todos os que jazem neſte cemeterio, & vamos fazer oraçaõ por elle, jà que elle em vida tanto orou, & celebrou por nòs; & logo ouvio hum eſtrondo grande, como de oſſos, que topavaõ huns com outros, & compoſtos ſahiraõ logo defuntos das ſepulturas, & ſe foraõ à Igreja, a qual eſtava cercada toda de luzes, & nella fizeraõ hum Officio por aquelle defunto, ao modo que cà ſe fazem, & acabado ſe voltáraõ para as ſepulturas, & entaõ foi o Miniſtro pòr o vaſo da ſagrada communhaõ em ſeu lugar, admirado do que avia viſto, ſendo dalli por diante mui devoto das bemditas almas, & finalmente recebeo o Habito de Religioſo, & acabou mui ſantamente a vida.

Eis-aqui como ſaõ as almas agradecidas aos ſeus Irmãos Sacerdotes, & o valor que tem os ſeus ſacerdotaes ſacrificios. Pelo que ſirvaõ de exhortaçaõ eſtes dous exemplos referidos, para que os ſenhores Sacerdotes ſe exercitem muito neſta occupaçaõ taõ pia, & ſe atégora o fizeraõ com muito zelo, daqui por diante o façaõ com muito maior empenho, como bons, & leaes

Irmãos,

Irmãos, que moſtraõ ſelo depois da morte, como o forão em vida. Aſſim o creyo deſte primor que vemos. E vòs bemditas almas, pois ſois taõ primoroſas, & agradecidas, intercedei por eſtes voſſos Irmãos Sacerdotes, para que ſendo perfeitos na vida, depois da morte vaõ acompanharvos na gloria: *Ad quam nos perducat Dominus meus Euchariſticus Ieſus. Amen.*

Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento, & a Immaculada Conceyçaõ da Virgem Maria S.N.

SER.

SERMAM VIII.

No Anniverſario dos Irmãos da Senhora da Conceyçaõ no Convento do Porto, 1678.

LOVVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Qui me invenerit, inveniet vitam, & hauriet ſalutem à Domino. Sap.c.8.

SAõ eſtas palavras do Sabio Rey Salamaõ, que lhe foraõ pelo Eſpirito Santo ditadas, & no Cap.8. da Sabedoria eſtaõ eſcritas, mas na peſſoa da Virgem Maria Senhora noſſa cõmummente eſtaõ recebidas, por quanto a Igreja Catholica pelo Eſpirito Santo guiada as aplica na Epiſtola das Miſſas da Senhora, em quaſi todas as ſuas ſolẽnidades. O q̃ ſuppoſto, conſidero eu hoje dizellas a Virgem Santiſſima Senhora noſſa, fallando neſta acçaõ preſente com os ſeus Confrades, aſſim vivos, como defuntos; advertindo

tindo a huns, & consolando a outros com ellas, pois querem dizer no nosso Portuguez traduzidas: Ditosos todos vòs aquelles, que me tendes escolhido por vossa Padroeyra. Venturosos todos, os que por Mãy vossa me tendes aceitado, fazendome como filhos amorosas assistencias: *Beatus qui vigilat ad fores meas quotidie, & observat ad postes ostij mei*; porque estes taes tem certa a vida, & para com o Senhor tem a salvaçaõ certa: *Qui me invenerit, inveniet vitam, &c.* De sorte, que promete vida aos vivos, & a gloria aos mortos, ou para melhor dizer, a vida da salvaçaõ aos mortos, & mais aos vivos. Ditosos pois mil vezes ô Irmãos vivos, os que agora sois daquella Virgem da Conceyçaõ Confrades. Mil vezes venturosos ô Irmãos defuntos, todos os que nesta Confraria fostes Irmãos, pois tendes hũa tal promessa, como he esta, que por esta soberana Senhora vos fica feita, & como as palavras della, que estaõ referidas, saõ muito mysteriosas, para comprehendermos os seus mysterios, muito ajustado serà que nos empenhemos nos seus discursos. Demos jà principio a elles.

Qui me invenerit, inveniet vitam, &c.

Diz esta soberana Senhora nestas palavras, que todo aquelle, que a escolher por Mãy, & Padroeyra sua, & como tal lhe fizer amorosa assistencia, terà vivo, & morto a vida da salvaçaõ segura com muita saude nesta vida. O primeiro reparo que nisto faço, he em dizer a Senhora, que teráõ vida, & saude, como se foraõ cousa differente ter saude, & vida: *Inveniet vitam, &c.* Pergunto: A saude naõ he a conservaçaõ da vida? He certo que sim. Pòde por ventura conservarse muito a vida, faltando a saude? Certo he que naõ, porque na falta da saude periga logo evidentemente a vida. Como

faz

faz pois differença esta soberana Senhora entre a vida, & a saude? Ora notem. A Virgem santissima no sentido mixtico, a meu ver, nam trata aqui tanto da vida, & saude do corpo, como da vida espiritual, que he a salvaçaõ da alma; porque aquella palavra *salutem*, nam significa aqui tanto saude corporal, como salvaçaõ espiritual, pois diz que a alcançaráõ do Senhor, o qual he absoluto dispenseiro da nossa salvaçaõ, & como isto assim seja, quiz sem duvida mostrarnos a Senhora com este modo de dizer, que só a vida da salvaçaõ da alma he a verdadeira vida, & pelo contrario a vida do corpo menos muito he vida, do que morte. Provemos o assumpto, & ficarà corrente o conceito. He só verdadeira vida a vida da alma. Diz Ezechiel fallando da vida de hum Justo estas palavras: *Iustus vita vivet, ait Dominus omnipotens.* O Justo vive com a vida. Ha mais estranho modo de fallar, sendo Deos o que falla? Que quererà Deos dizernos nisto: O Justo vive com a vida? Claro he q̃ assim se vive naturalmente, porq̃ ninguem atè hoje viveo com a morte, antes a morte he huma exclusaõ da vida. Com que intento pois fallaria Deos por este modo? Ora quanto a mim he o que fica dito. Como hum Iusto trata só da vida da alma, que he a salvaçaõ para a vida eterna, quiz Deos por este modo darnos a entender, que só esta vida he vida verdadeira, & por isso diz, que o Iusto vive com a vida: *Iustus vita vivet.* Assim tambem a morte do Iusto nam he verdadeiramente morte, porque como naõ morre para a vida da salvaçaõ, muito menos he morte, & mais trasladaçaõ de hũa caduca vida, para outra vida muito melhorada. Diz David em o seu Psalmo 112. hũas palavras para a nossa intellecçaõ humana bem difficultosas: *Non moriar, sed vivam.* Eu nam hei de morrer, porque sempre hei de viver, & louvar as grandezas do meu

Vida verdadeira he só a da salvaçaõ da alma.

Ezech. 18.

Iustos nam morrem.

Psalm. 112.

Deos. Ha tal propoſiçaõ de David como eſta? Parece concluſaõ temeraria. Se atè Chriſto com ſer Deos morreo por ſer homem, & S. Paulo diz, que he ley irrefragavel morrer hũa vez todo o vivente humano: *Statutum eſt hominibus ſemel mori*; como affirma David, que nam ha de morrer: *Non moriar*? Vejaõ os termos em que David falla, & logo entenderáõ o motivo porque aſſim falla David: *Narrabo opera Domini.* Fallava na vida da alma, a qual no Ceo eſtà louvando a Deos, & como deſta vida fallava, para nos dar a entender, que a morte do corpo nam he verdadeiramente morte, ſenam ſó a da alma perdida, por iſſo fallou deſte modo: *Non moriar, ſed vivam, &c.* Mais claramente o diſſe ainda o Eſpirito Santo no ſeu Livro da Sabedoria: *Iuſtorum animæ in manu Dei ſunt, & non tanget illos tormentum mortis, viſi ſunt oculis inſipientium mori, illi autem ſunt in pace.* Os Iuſtos nam morrem, porque andam da maõ de Deos os Iuſtos, & ſó a ignorantes parece que elles morrem, quando ſempre eſtaõ em paz com a morte. E bem? como he iſto poſſivel, ſe nòs vemos cada dia o contrario? Quantos Iuſtos morrem todos os annos, & todos os dias? Aſſim o experimentaõ noſſos olhos. Como pois affirma o contrario diſto o Eſpirito Santo? Oh! que eis-aqui a noſſa cegueira. Nam vem que falla o Eſpirito Santo na vida das almas dos Iuſtos, que andaõ da maõ de Deos preſas: *Iuſtorum animæ in manu Dei ſunt*? Ah ſim? pois que muito diga o Eſpirito Santo, que eſtas almas nam morrem! porque como vaõ a viver com Deos eternamente, eſta morte temporal nam he propriamente morte, & ſó neſcios lhe pòdem dar eſte nome: *Viſi ſunt oculis inſipientium mori*; he hũa ſó trasladaçam de huma vida caduca, para outra muito melhor vida: *Et non tanget illos tormentum mortis.*

Paul.

Sap. 3.

Sendo iſto pois o que paſſa acerca da vida, & morte

te

te dos Iuſtos, muito differente he a moeda quē corre acerca da vida, & morte dos peccadores, porque a vida do peccador mais he morte, que vida, & ſó a morte do peccador he verdadeira morte. Fallando Chriſto Senhor noſſo com hum mancebo, que lhe pedia licença para enterrar hum ſeu pay morto; reſpondeolhe o Senhor o ſeguinte: *Sequere me, & dimitte mortuos ſepelire mortuos ſuos*. Mancebo, trata de acompanharme, & deixa aos mortos, que enterrem os ſeus mortos. Aqui o reparo. Pergunto: Como pòde hum morto enterrar outro morto? que os viuos enterrem os mortos, muito embora, obra grande he de miſericordia; porém que os mortos ſe enterrem huns aos outros, como he poſſivel? Confeſſo que o nam entendo, & que muito, quando eſta difficuldade fez jà vacillar a S. Ambroſio, mas com o ſeu coſtumado engenho ſoltou muito ao noſſo intento a difficuldade: *Quomodo mortui ſepelire mortuos poſſunt, niſi geminam intelligas mortem? mortuos ſignificat peccatores*. Os mortos de que Chriſto aqui falla (diz o grande Padre) ſaõ os peccadores em primeiro lugar, & no ſegundo ſaõ os defuntos deſta vida temporal, & poemſe em primeiro lugar os peccadores pela culpa mortos, porque ſó a morte da alma he verdadeira morte, & aſſim mais lhes compete aos peccadores o titulo de mortos, que o de vivos. A vida do corpo do peccador, naõ he verdadeira vida, & ſó a morte da alma do peccador he verdadeira morte. Diſſe Deos a Adaõ, que na hora em que peccaſſe, quebrando o preceito divino, neſſa meſma morreria com a morte: *In quocunque enim die comederis, morte morieris*. Pergunto: Para que diz Deos a Adaõ que ha de morrer com a morte? Iſto nam era neceſſario que Deos o diſſeſſe, pois com a morte he que naturalmente ſe morre: ninguem morreo nunca com a vida. Com que miſterio pois diria Deos iſto a Adaõ,

Sò a morte do peccador he verdadeira morte.

S. Ambr.

Sò a morte da alma he verdadeira morte.

Gen. 2.

Adaõ, porque Deos nada diz sem mysterio. Direi o que considero. Fallava Deos nos termos da morte com que o peccado mata a alma, & mais ao peccador, que cõ ella se anima, & para nos dar jà a entender, que só esta morte he morte verdadeira, por isso disse a Adaõ, que avia de morrer de morte no dia em que peccasse: *In quocumque enim die comederis, &c.* Oh! se tomassem hoje todos bem esta liçaõ! Que grande doutrina (almas) esta que nos propoem para nossa salvaçaõ este discurso! Resolvaõse hoje todos, que só a vida da graça na alma he verdadeira vida, & só a morte do peccado na alma do peccador he verdadeira morte. Pouco, & nada importa que morra o corpo, se a alma vive: muito vai em que a alma morra, posto que a vida do corpo se conserve. Assim nolo ensinou Jesu Christo: *Quid prodest homini quod, &c. Ne terreamini ab his qui occidunt corpus, animam autem non possunt occidere; timete eum potius, qui postquam occiderit, habet potestatem mittere in gehennam: ita dico vobis, hunc timete.* A vida do corpo he hũa temporalidade breve, mudavel, & muito mal segura, a da alma he hũa eternidade infinita, constante, sem limite, nem termo perduravel. A morte do peccador he a cousa mais torpe, & fea que dar se pòde: *Mors peccatorum pessima,* a morte do justo he hũa preciosidade grande: *Pretiosa in conspectu Domini mors sanctorum.* Aprendamos pois hoje esta postila, que para a nossa salvaçaõ nos he taõ necessaria, & jà que nos prezamos de devotos da Senhora, naõ desprezemos esta sua liçaõ, que hoje nos dà nestas suas palavras, com que nos segura para a vida, & para a morte o seu amoroso amparo: *Qui me invenerit, inveniet vitam, & hauriet salutem à Domino.*

Quando nam queiramos explicar esta palavra (*salutem*) no sentido em que fica ponderada, explicandose ao pè da letra no sentido da saude temporal. Digo,

 que

que diverſificou a Senhora aqui a vida da ſaude, para moſtrar por eſte modo, que nos conſerva com ſeu favor ſoberano a vida perfeita, fazendonos com perfeiçaõ eſte ſeu beneficio; & a razaõ diſto he, porque vida ſem ſaude nam ſe pòde chamar propriamente vida, antes mais morte, a vida perfeita he a vida ſem achaques, & aſſim morto ſe pòde reputar, quem com achaques vive, & ſómente vivo pòde nomearſe, quem males naõ padece. Digaõ no Iob, & mais David. Fallando Iob de ſy, diz eſtas palavras: *Dies mei tranſierunt: Nihil enim ſunt dies mei.* Os dias da minha vida paſſáraõ, porque jà agora naõ ſaõ couſa algũa os meus dias. Pergunto: Os dias da vida que ſaõ paſſados, nam ſe chamão os dias dos mortos? Aſſim paſſa, porque inda vòs coſtumais dizer ordinariamente de hũa peſſoa, que eſtà eſpirando: Fulano eſtà em paſſamento; & tanto que eſpira, dizeis delle: Fulano jà paſſou; & fallando de hum defunto dizeis: Ià os dias de fulano paſſàraõ. Como pois diz Iob, que os ſeus dias ſaõ paſſados, ſendo inda dias preſentes: *Dies mei tranſierunt*? Como ſe conta entre os mortos, eſtando vivo: *Nihil enim ſunt dies mei*? Direi: Eſtava Iob cheo de chagas: *Tegula radebat ſaniem*, eſtava todo cercado de males: *Percuſſit Job ulcere peſſimo à planta pedis uſque ad verticem*; & como Iob ſe vio neſte taõ miſeravel eſtado, achou diſcretamente, que a ſua vida ſe devia de reputar por morte, & que elle ſe devia contar mais por morto, que por vivo. Tem ouvido a Iob? ouçaõ agora a David, nam menos diſcreto que Iob. Falla David de ſy meſmo, & diz por eſte modo: *Æſtimatus ſum cum deſcendentibus in lacum, factus ſum ſicut homo ſine adjutorio inter mortuos.* Eu eſtou reputado na cõta dos que jà baixárão à região inferior da morte, & contado eſtou entre os mortos, como ſe jà na realidade o eſtivera na minha eſtimação. Pergunto: Donde

Vida verdadeira he a que naõ tẽ achaques.

Iob. 2.

de

de naſceria a David eſta ſua reputaçaõ ? Que motivo lhe occaſionaria eſte ſeu eſtado da morte taõ encontrado com o ſeu da vida ? Vivo, & mais morto, como he poſſivel ? Ora o meſmo David dà a razão em outro verſo pouco mais acima: *Quia repleta eſt malis anima mea.* A minha vida he hum centro de males, carregado eſtou de achaques ſobre o meu mal da velhice, que he o peor de todos, & huma vida com eſtes contrapezos, nam he vida, ſenam morte, ou huma morte viva. Verdade he, que nam poſſo ſer vivo, & mais morto; porém ſe o nam poſſo ſer na realidade pelo eſtado em que me vejo, na minha eſtimaçaõ bem poſſo ſelo, & por iſſo morto me reputo, quando vivo me vejo: *Quia repleta eſt malis anima mea, æſtimatus ſum cum deſcendentibus, &c.* Iá eſta tambem devia de ſer a razaõ, porque o Sabio Rey Salamaõ fallou de ſy como ſogeito paſſado, ſendo ſogeito preſente: *Ego Eccleſiaſtes Rex fui Ieruſalem.* Notem dizer que foi, ſendo que inda era: *Fui*; mas fallou deſta ſorte, porque como conſiderou a vida hũa vaidade aparente: *Vanitas vanitatum, & omnia vanitas*, & huma vida cercada de trabalhos: *Quid habet amplius homo de univerſo labore ſuo, quo laborat?* por iſſo como ſabio que era, achou que tanto montava ſer, como nam ſer; o meſmo era ſer de preſente, que ter já paſſado, tanto vinha a montar o ſer vivo, como o ſer morto: *Ego Eccleſiaſtes Rex fui.*

Exclamaçaõ contra a vida.

Oh! ſe nos deſenganaramos hoje com eſta noſſa vida, conhecendo cabalmente ſua debil, & fragil exiſtencia! Dizeime os que me ouvis, por vida voſſa: Eſtá aqui alguem por ventura, que ſe poſſa gabar, que nam tem, nem teve algum achaque, algum deſgoſto, ou algum trabalho? Imagino que naõ, & mais imagino bem. Se pois eſta noſſa vida he toda de achaques, de males, de trabalhos, & de enfermidades, como diz David: *Et*

in laboribus à juventute mea; porque fazeis caſo deſta vida? Se dentro de vòs meſmos tendes o deſengano da voſſa miſeria, porque naõ acabais de deſenganarvos com vòs meſmos? Para que viveis taõ cegos, ſendo os deſenganos taõ claros? Tudo quanto ha na vida vos deſengana; os annos,& os mezes, porque ſe tem primavera florida, tambem tem outono ſeco,& inverno deſabrido; os dias, porque ſe tem a gala da luz que alegra, tambem tem o triſte capuz da noite, que aſſombra; as arvores, porque ſe em Mayo ſe vem enfeitadas, em Dezembro ſe achaõ deſpidas; as fontes, porque ſe no veraõ ſaõ breve ſangria de criſtal diſcurſivo, no inverno ſaõ turva enxurrada eſtrondoſa; as riquezas, porque muitos que foraõ Creſſos, em breve tempo ſe viraõ Iobs; as Mageſtades, porque vendoſe tronos adorados, brevemente ſe viraõ muitos conculcados dos pès; & finalmente as fermoſuras, que por ſerem accidentes, ſó com hum accidente ſe trocáraõ fealdades. Sendo pois iſto aſſim; q̃ vos engana peccadores mũdanos? Que vos cega, para não vos deſenganares? Tomai agora com toda a aprehenſaõ eſta tão neceſſaria doutrina, que hoje neſtas ſuas palavras a Virgem Maria vos inſinua, ſegurando a todos os vivos, que pondo ſuas eſperanças em ſua protecçaõ amoroſa, & ſendo ſeus devotos Confrades, como ſaõ eſtes que vemos, lograráõ ſaude perfeita com que a vida ſe conſerva: *Qui me invenerit, inveniet, &c.*

Cuido que temos ſatisfeito o primeiro reparo pertencente aos Irmãos vivos, ſegueſe agora o ſegundo, que pertence às bemditas almas dos Irmãos defuntos. O reparo conſiſte em dizer eſta ſoberana Senhora, que todo o ſeu Irmão devoto Confrade alcançarà a vida da ſalvação das mãos do Senhor: *Qui me invenerit, inveniet vitam, &c.* Em eſta palavra *à Domino*, fundo o meu reparo, & para elle pergunto: Porque não diz a Senhora, que

que eſtes ſeus devotos Irmãos alcançaráõ a ſalvaçaõ das mãos de Deos,ou das mãos de Chriſto , ou das mãos de ſeu Filho, ſenaõ das mãos do Senhor: *A Domino*? Iſto ſem duvida deve ter algum myſterio, pois ſaõ palavras da Senhora, ou do Eſpirito Santo em nome della? Sim tem,& ao noſſo intento muito grande. Eu o direi. Chama aqui a Senhora, a meu ver, Senhor antonomaſticamente a Ieſu Chriſto ſeu Filho , porque o conſiderou neſta occaſiaõ occupado em purificar os reatos dos peccados, aſſim mortaes, como veniaes , & imperfeiçoens porque as bemditas almas no Purgatorio padecem terriveis penas, & como neſta occupaçaõ charitativa o cõſiderou empenhado, por iſſo lhe deu eſte titulo de Senhor antonomaſtico, achando que nunca Chriſto podia eſtar mais Senhor, do que quando occupado neſta taõ miſericordioſa acçaõ. Peço atençaõ à prova , que pòde ſer agrade pela novidade. Occupado Chriſto em aquelle prodigioſo acto do lavatorio, depois que o acabou, olhando para os Diſcipulos, lhes diſſe eſtas palavras: *Scitis quid fecerim vobis? Vos vocatis me, Magiſter, & Domine,& bene dicitis,ſum etenim, ego Dominus , & Magiſter.* Diſcipulos meus, tendes viſto o que agora acabei de fazer? Agora pois vos digo, que vòs coſtumaveis chamarme voſſo Meſtre,& Senhor , & diſſeſtes bem , mas agora mais Senhor que nunca. Eu ſou voſſo Meſtre,& Senhor , & como tal quero que me trateis. Aqui a difficuldade.Pergũto:Como affirmaChriſto,que agora eſtà Senhor ſoberano, ſe agora eſtà em fôrma de ſervo ajoelhado : *Formam ſervi accipiens*? Como pòde eſtar governando, quem eſtà ſervindo? Mageſtades, & abatimentos , acçoens ſaõ mui opoſtas : como affirma pois Chriſto hũa couſa taõ encontrada com a outra? Direi o que niſto conſidero. Eſtava Chriſto lavando os pés a ſeus Diſcipulos. Eſte lavatorio dos pés repreſen-

Entaõ eſtà Chriſto mais Senhor,quando ſe occupa no ſoccorro das almas.

tava o lavatorio espiritual dos peccados veniaes, & das imperfeiçoens, dizem Santo Ambrosio, S. Bernardo, S. Vicente Ferreyra, & outros muitos Padres, que por isso Christo disse, que aquelle que estava lavado (entendese dos peccados mortaes) necessitava sómente de que lavasse os pès (vem a ser as sobreditas imperfeiçoens, & peccados veniaes, dizem os mesmos Santos): *Qui lotus est, non indiget nisi ut pedes lavet.* Advirtaõ agora, que as bemditas almas padecem no Purgatorio rigorosas penas, purificando com ellas os sobreditos peccados veniaes, & imperfeiçoens, no que assenta toda a Theologia mistica, & especulativa. Advirtaõ mais, que o Purgatorio està situado no centro da terra, & assim por serem os pés a parte mais infima do corpo humano, no sentido figurativo, representaõ nesta occasiaõ o lugar do Purgatorio. O que tudo supposto, aclamarse Christo aqui Senhor supremo, foi a meu ver, porque no remedio das penas das bemditas almas se considerou occupado, quando nam em realidade, ao menos em figura; pois nunca mais Senhor, que quando em taõ piedosa occupaçaõ. Eis aqui o fundamento que tomei para dizer, que a Virgem Maria Senhora nossa chamou nestas suas palavras Senhor soberano a Iesu Christo seu Filho, porque nellas o considerou aplicado ao remedio das bemditas almas do Purgatorio: *Qui me invenerit, inveniet vitam, &c.*

Continùa. Reforcemos esta minha consideraçaõ piedosa com aquelle verbo (*Hauriet*) de que a Senhora usou neste nosso Thema: *Hauriet salutem à Domino.* Ora vaõ comigo. Este verbo (*Haurio*) na energia Gramatical, quer dizer propriamente, Tirar agua de algum poço fundo. Prova disto seja aquella occasiaõ em que Christo se achou com a Samaritana junto de hum poço, porque pedindolhe o Senhor hum pucaro de agua, a Samarita-

na

na escusandose que nam tinha balde com que a tirasse, usou desta palavra: *Dicit ei mulier: Domine, neque in quo haurias habes, & puteus altus est*; & S. Joaõ referindo esse successo, tambem usou da mesma palavra: *Venit mulier haurire aquam.* Isto supposto, notem, que as bemditas almas do Purgatorio estaõ em hum poço taõ fundo, como saõ as entranhas da terra, & poço fundo lhe chama a Igreja na offerenda da Missa, que às bemditas almas canta: *Libera eas de profundo lacu.* Pelo que, tirar huma alma do Purgatorio, he o mesmo que tirar hũa alma de hum poço muito fundo, & assim nesta supposiçaõ usar a Virgem Maria de hũa palavra taõ emphatica como esta, na occasiaõ em que promete a vida da salvaçam da maõ do Senhor, muito fundamento dá para se poder considerar, que a Senhora representa nesta occasiaõ a Iesu Christo seu Filho, no remedio das penas das bemditas almas todo occupado, concorrendo igualmente com o Filho para este taõ piedoso empenho, como tudo destas palavras da Senhora se colhe: *Qui me invenerit, inveniet, &c.* E nam me admiro de que assim seja, porque, a meu ver, assim devia ser. Faltára a Senhora a ser quem he, se assim nam fora. Eu o mostro.

Joann. 6.

No segundo livro dos Machabeos se dizem hũas notaveis palavras para a devoçaõ das bemditas almas, & com ellas prova a Igreja Catholica contra os Hereges, & Atheistas, aver depois desta vida lugar, em que as almas padecem penas para purificaçaõ de suas culpas. As palavras saõ estas: *Sancta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis solvantur.* Santa, & mui saudavel occupaçam he rogar a Deos pelos fieis defuntos, para que os livre das penas que padecem por seus peccados. Digo agora, que sendo esta occupaçam hũa acçaõ santa, & piedosa, como nestas palavras se

Naõ pòde faltar Christo, nẽ a Senhora às bẽditas almas. E porque?

2 Machab. 12.

affirma, he impoſſivel faltar eſte empenho em Chriſto, & na Virgem Maria, pois fora faltarlhes eſta parte de ſantidade, & piedade ſanta, & como em Chriſto ouve toda a enchente de ſantidade pela uniaõ hypoſtatica da natureza divina, como diz S. Paulo: *Quia in ipſo inhabitat omnis plenitudo divinitatis corporaliter*, & na Virgem Maria S. N. pela maternidade divina ouve toda a enchēte de graça poſſivel a hũa pura creatura, como diz S. Bernardino de Sena: *Excepto Chriſto, tanta gratia à Deo virgini collata eſt, quantum uni puræ creaturæ dari poſſibile eſſet*; daqui ſe colhe com evidencia, que ha em Chriſto, & na Virgem Maria eſte taõ ſanto, devoto, & piedoſo empenho, & ſe nos governarmos pelas palavras da Senhora, parece que muito maior he o empenho da Senhora, do que o de Chriſto, pois diz a Senhora neſtas ſuas palavras, que os que quizerem achar a vida da ſalvaçaõ em Deos, haõ de buſcala pelo meyo de ſua interceſſaõ poderoſa: *Qui me invenerit, inveniet, &c.* Vejamolo em huma figura, que, a meu vér, he mui propria para eſte noſſo intento.

2. ad Coloſ.

S. Bern.

Para as almas bemditas maior he o poder da Virgem Maria, que o de Chriſto.

Tendo ſahido o povo Iſraelitico do tirano jugo do Egypto, & vendoſe impedido com o Mar Vermelho para poder paſſar da outra parte, arrazados os olhos em lagrimas, & ſoçobrados com ſoluços os coraçoens à viſta da ſoldadeſca Egyptana, que já os vinha picando na retaguarda, começáraõ a clamar todos contra Moyſes, porque ali à falſa fé os trouxera: *Cur eduxiſti nos de Ægypto, ut moreremur in ſolitudine?* Ouvindo Moyſes eſtes laſtimoſos queixumes, poz-ſe em oraçaõ, pedindo a Deos o ſeu divino auxilio em taõ grande aperto; porèm não o ouvio Deos em todo o diſcurſo da noite; mas apenas começou a romper a manhãa, aparecendo a Eſtrella da Alva, do dia precurſora, quando pondo Deos no affligido povo os olhos de ſua divina piedade, obrou

pro-

prodigioſas maravilhas, abrindoſe as aguas, ſuſpendendoſe as correntes, ficando as aguas alcantiladas feitas muros criſtalinos, & as entranhas do mar de par em par abertas, tornadas odoriferas floreſtas, cõ paſſagem franca para todo o povo Iſraelitico: *Iamque advenerat ſtella matutina, & ecce reſpiciens Dominus, &c.* Eſte foi o ſucceſſo, entra o reparo. Pergunto: Como aſſim? Se Deos em favorecer he tão apreſſado, que mais veloz he ſeu ſoccorro, do que noſſa penſaõ, como diz Santo Ambroſio: *Vberior miſericordia, quàm precatio*; porque aqui ſe ouve Deos tão remiſſo? A eſte meſmo povo acodio Deos mui diligente com Manà, quando teve fome no deſerto, & com agua de penha, quando teve ſede. Porque ſeria pois ſó aqui tão vagaroſo neſte remedio? Porque eſperaria pela manhãa, podendo remediar na noite? Direi o que me parece, fundado no Texto. Os Iſraelitas poſtos junto ao mar em hũa noite eſcura, com tanta ancia, & gemido, perſeguidos do Egyptano, bem pòdem fazer a figura das almas do Purgatorio nò ſentido moral, & miſtico; porque aſſim eſtaõ as bemditas almas atormentadas do Demonio no Purgatorio, impedidas com o Mar Vermelho de ſuas culpas, atè eſtarem purificadas. A Eſtrella da Alva, figura expreſſa he da Virgem Maria, pois aſſim a intitula a Igreja: *Stella matutina.* O que ſuppoſto, eſperar Deos toda hũa noite que apareceſſe a Eſtrella matutina para obrar o prodigio de dar paſſagem livre ao povo, que outra couſa foi, ſenaõ querer moſtrarnos jà Deos neſta figura, que em empenho de livrar almas do Purgatorio, guarda Deos hum certo modo de reſpeito à Virgem Maria, & quer que ſaibamos, que por ſua interceſſaõ poderoſa, & com ſua preſença ſoberana, logo Deos obra prodigios no livramento das bemditas almas. Temos viſto hũa figura no Teſtamento Velho, vejamos outra no Teſtamento Novo.

Exod.

S. Ambroſ.

Continùa.

Quiz Christo resuscitar a Lazaro, que avia quatro dias estava metido em huma sepultura, & para fazer esta resurreiçaõ miraculosa, mandou a S. Martha, que chamasse sua irmãa a Magdalena: *Voca Mariam.* Assim o fez Santa Martha, & vindo com sua irmãa, disse ao Senhor, que jà ali estava a Magdalena: *Maria adest*; & no mesmo instante em que Christo a vio, logo mandou a Lazaro, que sahisse fóra da sepultura: *Lazare exi foras.* Aqui a difficuldade. Pergunto: Que dependencia podia ter Christo da Magdalena, para que a mande chamar a fim de resuscitar a Lazaro, de sorte que em quanto a Magdalena naõ chegou, Lazaro nam resurgio? Direi. Lazaro metido no horror obscuro de huma sepultura com pés, & mãos preso, & atado, he figura de huma alma metida, & presa no obscuro carcere do Purgatorio. A Magdalena com o seu primeiro nome de Maria, he figura expressa da Virgem santissima, diz S. Pedro Chrysologo: *Veniat Maria, veniat materni nominis bajula.* O que supposto, mandar Christo chamar a Magdalena para resuscitar a Lazaro, & não querer tiralo da sepultura, atè não estar presente a Magdalena, insinuaçaõ foi manifesta, de que não quer o Senhor obrar livramento das almas do Purgatorio sem intercessaõ da Senhora; & quer que se entenda, que por conta da Senhora correm particularmente estes livramentos. Tanto respeito como isto guarda Christo à Virgem Maria nesta materia, & neste negocio este he o empenho da Virgem Maria. O doutissimo, & devotissimo João Gerson nos authoriza muito este discurso com humas notaveis palavras, que escreveo em hum Sermão da Assumpção da Senhora. As palavras saõ estas: *Valde multam secum ex Purgatorio duxit captivitatem.* Vem a dizer: No dia de sua Assumpçaõ gloriosa baixou a Senhora ao Purgatorio, & do carcere delle tirou hum

S. Pedr. Chrysol.

Gerson.

grande

grande numero de almas, & as levou conſigo ao Ceo. Tambem a glorioſa Santa Briſida no livro das ſuas Revelaçoens teſtemunha, que a Virgem Maria Senhora noſſa lhe diſſe por ſua boca, que ouvindo as bemditas almas nomear em ſeu favor o ſantiſſimo nome de Maria, logo no fogo do Purgatorio recebem hum particular goſto, & lhes parece, que jà ſaem das penas, aſſim como os doentes, quando o Medico lhes dà a nova da melhoria eſtando na maior ancia. Aſſim deve de ſer, & eu nenhũa duvida lhe ponho, quando atè em Chriſto agonizando eſte meſmo effeito acho. Eu o moſtro.

Atè Chriſto ſe vale da Virgẽ Maria eſtando penalizado, quãto mais as almas.

Duvida he bem altercada ſobre que tanto ſe tem os juizos apurado: Porque razão negaria Chriſto Senhor noſſo eſtando na Cruz pregado, o nome de Maria à Virgem puriſſima, dandolhe ſó o titulo de mulher: *Mulier*? Se Chriſto ſe prezou ſempre tanto de ſer Filho deſta Senhora, como moſtra agora, que de algum modo ſe deſpreza na ocultaçaõ de Filho? Cuido que por novidade terà agrado a repoſta, ſobre o muito que niſto ſe tem ponderado. A meu juizar callou Chriſto neſta occaſiaõ o nome de Maria Mãy, porque como aqui eſtava goſtando dos tormentos, ſegundo o teſtemunho de S. Paulo: *Propoſito ſibi gaudio ſuſtinuit Crucem*, & tanto, que de mais tormentos eſtava ſequioſo, ſegundo Santo Agoſtinho: *Sitio maiora tormenta*, por iſſo meſmo aqui renunciava tudo o que pareceſſe de algum modo alivio; & como o nome de Maria, & Mãy he muito doce, & cauſa muito alivio, por iſſo o Senhor aqui diſſimulou eſte nome, porque nenhum alivio tiveſſe em ſua pena. Inda nam tenho dito tudo, agora ſim, que fecho o conceito. Notem. Eſtava o Senhor taõ atormentado na Cruz, & taõ cercado de dores, que por auge do ſentimento padeceo ali todos os tormentos ſenſitivos, que atormentaõ no Purgatorio, & no Inferno as almas, como o meſ-

mo

mo Senhor disse pela boca de David : *Dolores inferni circumdederunt me* ; porque as mesmas penas sensus,que ha no Inferno, ha tambem no Purgatorio. Pelo que bem podemos considerar, que no sentido mistico fazia Christo na Cruz, em quanto aos tormentos, a figura de hũa alma do Purgatorio em suas penas. O que supposto,renunciar Christo aqui o alivio de nomear a Virgem Maria Mãy sua, bem mostra ser para as almas do Purgatorio hum grande alivio ouvirem pronunciar em seu soccorro o doce, & suavissimo nome da Virgem Maria , pois Christo por não aliviar suas dores, callou este nome no maior aperto dellas : *Mulier.*

E particularizando mais este empenho da Senhora a respeito deste seu titulo de Conceiçaõ immaculada, digo, que com nenhum outro titulo dos que tem na Igreja a Senhora, he de melhor valor,assim para os Irmãos vivos, como para as bemditas almas dos Irmãos defuntos , do que este da Conceiçaõ immaculada da Virgem Maria. Fundome nisto ; porque só pòde ser intercessor efficaz para com Deos a respeito de perdoar penas de culpas, quem inculpavel as naõ tiver cometidas. Peccou S. Pedro,& diz o sagrado Texto,que reparando logo Pedro no máo procedimento que com seu divino Mestre tivera, & vendo que o divino Mestre com hum pôr de olhos atento o reprehendia, logo os olhos de Pedro se tornáraõ dous mares de agua : *Respexit Petrum, & egressus foras flevit amarè* ; & assim sem dizer nem hũa só palavra, se sahio para fóra do lugar do delito , achando que eraõ escusadas palavras onde fallavaõ seus olhos rethoricamente sentidos. Aqui a difficuldade. Pergunto : Que he isto que fazeis , peccador arrependido ? Parece que a força do sentimento vos fez perder o tino. Se peccastes com a lingua negativo, peça o perdaõ essa lingua culpada : se a boca foi a pecca-

Innocentes. Sò quẽ naõ tem culpa pòde interceder por culpados.

peccadora, ſolicite a boca a miſericordia, confeſſe a culpa,& conſeguirà remedio. Porque ſe callaria pois S. Pedro? Reſponde S. Pedro Chryſologo com ſeu coſtumado pico acodindo pela acçaõ de S. Pedro,que ſó hum Santo falla bem de outro Santo, hum Pedro de outro Pedro. Oh! que andou S. Pedro no que obrou mui diſcreto, naõ foi o fugir para fóra, fugir à ventura, nam foi o ſilencio privarſe do remedio, antes foi ſegurar por eſta via o perdaõ da culpa. Fez a diſcriçaõ de Pedro comſigo eſte diſcurſo: Eu pequei com a lingoa, & aſſim a minha lingoa he a culpada; eu quero meter huma valia para ſahir logo perdoado, & para iſto hei de buſcar em mim hum inſtrumento, que nam tenha culpa, hum valedor que eſteja innocente: ſejaõ pois meus interceſſores os meus olhos, que como elles não intervieraõ nas negaçoens, elles ſó com lagrimas poderáõ ſer os meus efficazes ſolicitadores; nam a lingoa,que como foi a culpada, eſtà incapaz deſte officio: *Vt oculi, quibus non peccaverat,veniam impetrarent.* Da meſma ſorte, & com muito maior fundamento nos noſſos termos. Moſtra eſte titulo da Senhora,ſer ſem macula algũa de peccado concebida, que iſto quer dizer a Conceiçam immaculada da Senhora, & a Senhora da Conceiçam immaculada; pois que melhor,& mais efficaz valia para Deos perdoar penas de culpas, do que eſta Senhora com eſte ſeu titulo? Bem digo eu logo, que he a Virgem Maria Senhora noſſa, huma mui efficaz interceſſora para as bemditas almas do Purgatorio, & por iſſo eſta Senhora diz neſtas ſuas palavras, que todo aquelle que a tem por ſua Padroeira, & a eſcolheo para ſua interceſſora, ſegura a vida da ſalvaçaõ eterna para com Deos: *Qui me invenerit, inveniet vitam, & hauriet ſalutem à Domino.*

Rematemos eſte diſcurſo, & todo eſte Sermaõ com

au-

authoridades dos Santos, & exemplos, que authorizão tudo o que fica discursado. S. Vicente Ferreyra no segundo Sermão de Nativitate Virgin. & S. Bernard. de Sen. no segundo Sermão de Nomine Mariæ, affirmão com largas palavras, que a Virgem Maria Senhora nossa vai consolar, & aliviar ao Purgatorio as almas dos seus devotos, & lhas abrevia com seu Vnigenito Filho, até levalas ao Ceo: & S. Bernardino acrecenta, que a Senhora para este effeito tem pleno poder no Purgatorio: *Ab his tormentis liberat B. Virgo maxime devotos suos*; & o douto Illuminado Fr. Bernardino de Bustes diz, que esta Senhora todos os annos, no dia de sua Assumpçaõ vai ao Purgatorio, ao exemplo do Filho quando sobio ao Ceo, & tira todas as almas dos seus devotos: & S. Dionysio Cartusiano inda diz mais, porque acrecenta no segundo Serm. de Assumpt. que a Senhora em todas as suas festas do anno, & em outras de Christo seu Filho, baixa ao Purgatorio, & tira muitas almas dos seus devotos, & para prova disto que diz, traz o exemplo succedido em seus tempos, de dous amigos, hum dos quaes falecendo no mez de Novembro, apareceo ao amigo vivo passado o dia de Natal, & lhe formou grãdes queixas de chorar tanto na sua morte, & lembrarse tão pouco da sua alma, & rematou dizendo mui sentido: Ah! amigo, que se te ouveras lembrado de mim, cõ me fazeres algũas oraçoens, & suffragios, já eu naõ estivera padecendo tanto no Purgatorio, pois a Virgem Maria Mãy de Deos me ouvera tirado neste dia de Natal, em que baixou ao Purgatorio, & levou muitas almas consigo, como faz todos os annos, & eu fiquei penando por culpa do teu esquecimento; mas agora te advirto, que ha de baixar outra vez no dia da Pascoa de Resurreição a tirar mais almas, por isso não te esqueças agora de mim. Dito isto desapareceo. Fez o amigo vivo sua

S. Vicent.

S. Bernard.

Como he avogada particular das almas a Virgem Maria Senhora nossa.

Bern. Bust.

S. Dionys. Cart.

Exemplo 1.

ſua obrigaçaõ, & no dia de Paſcoa lhe apareceo veſtido de branco, mui alegre, dizendolhe, que hia com outras muitas almas à Gloria, aonde a Virgem ſantiſſima as levava em ſua companhia.

O Cardeal S. Pedro Damião no liv. 3. Epiſt. 10. dizendo o meſmo que diz S. Dionyſio, traz em prova, & para teſtemunho deſta verdade hum ſucceſſo, que em ſeus dias aconteceo em Roma, & foi, aparecer na Igreja, que eſtà no Capitolio, da Invocaçaõ de noſſa Senhora da Aſſumpção, na noite da Vigilia deſta feſta hũa mulher chamada Maroſia, que avia hum anno era falecida, & apareceo a hũa ſua parenta, que eſtava fazendo vigilia na Igreja aquella noite, & admirada de ver a defunta, lhe perguntou como eſtava ali, avendo hum anno que era falecida? Ao que ella reſpondeo: Atè hoje penei no Purgatorio por hum peccado que fiz em minha mocidade, porque inda que o confeſſei, não fiz digna penitencia; porém hoje a Virgem Maria à honra da ſua feſta ha libertado muitas almas do Purgatorio, muito mais do que ha peſſoas em Roma, & viemos todas aqui darlhe hoje as graças deſte favor; & duvidando a amiga viva do que ouvia, acrecentou a defunta: Porque nam duvides diſto, te dou hum ſinal verdadeiro, & he, que dentro de hum anno, em outro dia como eſte morrerás. Dito iſto, deſapareceo, & a viva deſde entaõ ſe aparelhou para a morte com muitas penitencias, & obras meritorias, & finalmente enfermando em Agoſto de hũa febre, morreo no ſobredito dia, dando com iſto abonado teſtemunho do ſobredito.

Exemplo 2.

Ditoſos Irmãos vivos, & muito mais ditoſos vòs, ô Irmãos defuntos, os que ſois, & foſtes devotos Confrades da Virgem Senhora noſſa da Conceiçaõ immaculada, pois tendes em voſſo favor tal Padroeira, tal Mây, tal Interceſſora, & tal Avogada. Piedoſamente creio, que

agora

agora com estes vossos suffragios, & com os que fazeis em toda a roda do anno com tanto primor,& desvelo, sahiràõ hoje com o patrocinio desta Senhora muitas almas dos vossos Irmãos defuntos das suas penas,porque a Virgem Santissima baixarà hoje ao Purgatorio a tiralas. Continuai pois neste vosso fervor, perseverai nesta vossa devoçaõ, para que quando fores defuntos , façaõ por vòs o mesmo os que cá ficarem vivos, pois he esta vida hũa roda igual para todos : *Mihi hodie, tibi cras. Memor esto judicij mei, sic enim erit & tuum.* E vòs ô Virgem immaculadamente pura,sempre limpa de toda a mancha,lembraivos destes vossos filhos devotos, que a vòs suspiraõ neste valle de lagrimas degradados. Volvei a nòs todos esses olhos misericordiosos,vede nossas necessidades,pois podeis, para remedialas,favorecendonos com vosso maternal auxilio, para que vivendo em graça, mortos vamos a gozar em vossa companhia essa eterna gloria : *Ad quam nos perducat meus Eucharisticus Iesus. Amen.*

Louvado seja o Santissimo Sacramento, & a Immaculada Conceyçaõ da Virgem Maria S.N.

Notados para a advocacia da Senhora.

HE certo que todos os Santos oraõ por nòs a Deos no Ceo,& orando pelos vivos,muito mais oraõ pelos defuntos,pois padecem maiores necessidades do que os vivos,& a virtude da charidade assim o pede, & como os Santos tem todas as virtudes no Ceo , exceptas só a Fé,& a Esperança, seguese que lhes nam pòde fal-

tar

tar a virtude da charidade com os proximos. Donde infere Belarmino, que serà temeridade negar o que fica proposto; & isto supposto, claro he, que avendo na Virgem Maria as virtudes todas em muito maior, & mais perfeito grao do que em todos os mais Santos juntos, que muito maior ha de ser a sua intercessaõ para com as bemditas almas, & inda muito mais especial para cõ as dos seus devotos Confrades. Vejaõ o Cardeal Belarmino, que affirma ser tudo o sobredito doutrina commummente recebida na Igreja, & Santos Padres.

Affirma S. Bernardin. Sen. & S. Vicente Ferreyra, referindo outros Santos, & pregáraõ muitas vezes, que a Senhora visita as almas no Purgatorio, & lhes alivia suas penas, dãdolhes boas esperanças da breve liberdade, & alegrando-as com sua vista, como faz a boa mãy aos filhos: & acreçenta o mesmo S. Bernardin. que a Senhora entra no Purgatorio com imperiosa magestade, & poder, por ser Emperatriz do Ceo, & da terra, & Mãy de Deos, & por isso faz particulares merces a seus devotos, & traz para prova disto a Oraçaõ 2. da Missa dos defuntos: *Deus veniæ largitor, &c.* onde se invoca a Senhora em favor dos devotos Confrades, & Irmãos bemfeitores, &c. nomeando particularmente este santissimo nome nesta occasiaõ, & Oração, &c.

SERMAM IX.

No Anniversario da Irmandade do Santissimo, & Chagas de nosso Padre, em Santa Clara do Porto, 1678.

LOVVADO SEIA O SANTISSIMO Sacramento.

Obaudite me divini fructus, & quasi rosa plantata super rivos aquarum fructificate. Ecclef. 39.

Areceme a mim, que estou nesta occasiaõ ouvindo as bemditas almas dos Irmãos que o foraõ, assim do Santissimo Sacramento, como juntamente das Chagas do nosso Serafico Patriarca S. Francisco, dizendo a estes dous mysterios as palavras, que do Ecclef. ficaõ referidas. Ouvinos (dizem ellas) ô divinos frutos taõ proveitosos para nòs, quanto confessamos que saõ, assim Christo sacramenta-

cramentado, como Franciſco chagado, & por iſſo vos pedimos que nos ouçais, ô diviniſſimo Sacramento, ô Franciſco chagado: *Obaudite me divini fructus*; & como roſas plantadas junto às correntes da graça criſtalinas frutificainos: *Et quaſi roſa plantata ſuper rivos aquarum fructificate.* E cuido eu, que naõ me engano niſto que conſidero, porque nam ha duvida, que he o diviniſſimo Sacramento do Altar para todas as almas hum fruto muito ſaboroſo, util, & ſalutifero; que iſto entendo quiz jà dizernos a Igreja, quando duas vezes fruto o intitula: *Fructus ventris generoſi: Fructum ſalutiferum guſtandum dedit Dominus.* E ſendo eſte o diviniſſimo Sacramento, tambem nam tem duvida algũa, que ſaõ para as almas todas fruto mui ſalutifero, util, & ſaboroſo as Chagas Seraficas em Franciſco por Chriſto impreſſas: aſſim o moſtraráõ os diſcurſos. Donde venho a concluir o mui acertado diſcurſo de todos os que ſe fazem Irmãos deſta taõ ſanta, util, & proveitoſa Irmandade, em que ſe grangeaõ tantos intereſſes, & recolhem taõ uberrimos frutos à ſombra deſtes taõ grandes dous myſterios, como no diſcurſo do Sermaõ veremos; & para que iſto fique mais bem fundado, & eſta devoçaõ taõ ſanta fique nos coraçoens mais bem impreſſa, comecemos jà a diſcurſar as palavras, que ficão propoſtas, porque nellas creiõ q̃ deſcobriremos os muitos, & grandes frutos, que à ſombra deſtes dous myſterios grangeaõ todas as almas, aſſim dos vivos, como dos defuntos, que foraõ, & ſaõ Irmãos delles.

Obaudite me divini fructus.

SEm duvida algũa he ſer o diviniſſimo Sacramento do Altar para todas as almas hum fruto mui ſalutifero, util, & ſaboroſo, eſpecialmente para as bemditas

almas do Purgatorio, porque de todos os ſuffragios quantos ha na Igreja Catholica, o mais util, & efficaz de todos he o diviniſſimo Sacramento da Euchariſtia, naõ ſó em quanto ſacrificio, ſenaõ inda em quanto Sacramento: aſſim o moſtrei jà em quanto ſacrificio, no terceiro, & no ſexto Sermão; pelo que agora o moſtrarei em quanto Sacramento, pois eſte he o noſſo primeiro aſſumpto. Lancemos pois a primeira pedra neſta fabrica diſcurſiva, & ſeja hũa pergunta que faz S. Pedro Chryſologo ſobre a Oraçaõ do Padre noſſo. Pergunta o Santo: Que motivo ſeria o de Chriſto em nos enſinar eſte modo de pedir? porque nos mandarà pedir paõ quotidiano? porque o não pediremos para hum anno, para hum mez, ou ao menos para hũa ſomana? porque ſómente para cada dia? E reſponde o Santo, que o motivo com que o Senhor nos enſinou eſte modo de pedir, foi porque o Senhor falla aqui do diviniſſimo paõ ſacramentado, & aſſim como o verdadeiro ſuſtento do corpo he o paõ material quotidiano, aſſim tambem o verdadeiro ſuſtento da alma he o paõ Euchariſtico de cada dia: *Caro mea vere eſt cibus*; & aſſim como nos corpos frutifica, & ſaborea o paõ da terra, da meſma ſorte frutifica, & ſaborea as almas eſte paõ do Ceo: *Hic eſt panis qui de Cælo deſcendit, qui manducat hunc panem vivet in æternum.* E aſſim por ſer eſte diviniſſimo Sacramento fruto de ſuſtento verdadeiro, & para as almas taõ ſalutifero, & util: *Fructum ſalutiferum*, por iſſo Chriſto Senhor noſſo quer que o peçamos cada dia: *Panem noſtrum quotidianum da nobis hodie.* Ouçaõ agora o Santo como diz tudo em breves, & elegantes palavras: *Totum enim voluit animæ præſtare quotidie, qui ſua ſibi prece voluit quotidie ſibi ſupplicari.*

O melhor, & mais util ſuffragio de todos he o diviniſſimo Sacraméto.

Dà logo a gloria.

S. Pedr. Chryſ.

Para iſto meſmo faz hũa mui engenhoſa ponderação Santo Ambroſio, & baſta ſer ſua, para ſer muito engenhoſa.

Continùa.

genhosa. Repara o Santo Milanez em chamar a Igreja ao diviniſſimo Sacramento penhor da gloria: *Futuræ gloriæ nobis pignus datur*; & pergunta, que conveniencia tem o penhor com o Sacramento? em que convem, para que a Igreja dé ao diviniſſimo Sacramento o titulo de penhor? Não gaſtemos mais tempo no reparo, que o empenho de hoje he muito grande. Sabem porque? (Reſponde o Padre) Porque o penhor he huma ſegurança que ſe dà ao acredor pela divida principal, com tal clauſula, que todas as vezes que o acredor entregar o penhor no tempo determinado; eſtà obrigado o devedor a aceitalo, & pagar a divida. Aſſim conſta do Direito Civil *no §. inter pignus inſt. de pignoribus, L. plebs §. pignus ff. de verbor. ſignific.* O que ſuppoſto, intitularſe o diviniſſimo Sacramento penhor dà gloria, foi ſem duvida querer dizernos a Igreja, que eſtà Deos obrigado dar às almas ſua gloria, atè poder ſer demandado por ella em Juizo, todas as vezes que ſe lhe offerecer o penhor do diviniſſimo Sacramento. Ouçaõ agora as palavras do Santo, fallando com Deos ſobre a alma de hum ſeu Irmão, tendo celebrado por ella, & offerecido o corpo de Chriſto ſacramentado. *In hoc* (diz o Santo Pontifice) *ad te pignore venit, non pecuniæ, ſed vitæ pignore.* Eſta he a ponderaçaõ do Santo Pontifice, deixem-me agora fazer a minha conſideraçaõ. No diviniſſimo Sacramento do Altar promete Chriſto repetidamente, a quem dignamente o receber, vida eterna, que he a vida da gloria: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum. Qui manducat meam carnem, & bibit meum ſanguinem, habet vitam æternam.* He certo, que mais depreſſa poderà faltar o Ceo, & a terra, do que a palavra divina: *Cælum, & terra tranſibunt, verba autem mea non præteribunt.* E ſendo iſto aſſim, evidentemente ſe colhe, que he o diviniſſimo Sacramento por empenho da

S. Ambr.

divina palavra, o meio que ha mais efficaz para lograrem as almas, assim dos vivos, como dos defuntos, a gloria desejada, & inda muito mais as dos defuntos, por estarem no Purgatorio em graça confirmadas, o que naõ tem as dos vivos. Vem jà como he o divinissimo Sacramento fruto muito util, efficaz, & salutifero, & isto para todas as almas? Ora inda quero apontar segundo fundamento.

Dà logo a gloria, porque encerra a payxaõ, & morte de Christo.

O segundo fundamento porque o divinissimo Sacramento he fruto taõ efficaz, & salutifero, a meu ver creio que he, porque em sy encerra toda a payxaõ, & morte de Christo representada, como assim o affirma a Igreja repetidamente: *Recolitur memoria passionis ejus*: *Passionis tuæ memoriam reliquisti.* E quem poderà duvidar, que he para todas as almas dos vivos, & defuntos a payxão, & morte de Christo hum efficaz fruto muito salutifero, & hũa çarta de valia de muito porte para se conseguir a gloria certa. Vejaõ a prova disto em hũas palavras do Profeta Isaias, que saõ bem difficultosas: *Abscondere in fossa humo à facie timoris Dei.* Escondeivos em huma cova, quando Deos estiver irado, para que assim escapeis de sua ira escondido. Pergunto: Que cova póde aver na terra mais escondida, & subterranea oculta, em que o homem de Deos se esconda, sendo certo que Deos tudo vè, & està em toda a parte? *Deus est ubique*: *Quo ibo à spiritu tuo, & quo à facie tua fugiam?* Sendo pois isto assim, como affirma Isaias que escondendonos em huma cova, escaparemos do rigor divino? Ora notem a devota delicadeza com que S. Bernardo solta esta duvida: *Si intelligimus fossam humum* (diz Bern.) *illam de qua scriptum est: Foderunt manus meas, & pedes meos: non est ambigendum de salute in ea citius adipiscenda animæ, quæ in ea demorabitur.* Se entendermos por aquellas covas as chagas da sacrosanta Humanidade de

He a payxaõ, & a morte de Christo hũa grãde valia para Deos dar logo a gloria.

S. Bern.

de Chriſto, pouca duvida tem que o peccador eſcondido nellas, eſcapa ſeguramente da maior ira divina, porque à viſta das chagas da payxão de Chriſto, logo Deos ſe abranda, & mitiga a ira, por mais irado que eſteja: & jà por eſta meſma cauſa mandou Deos por hum Anjo a Raab, que penduraſſe hum fio vermelho na ſua janella, para que à viſta delle paſſaſſe pela ſua porta o divino caſtigo, ſem tocar na ſua caſa: *Si ingredientibus nobis terram ſignum fuerit funiculus iſte coccineus, & ligaveris eum in feneſtra, non erit in vobis plaga.* Notem, que eſte fio vermelho no cõmum ſentir dos Padres, he figura da payxaõ, & morte de Chriſto: & jà tambem por eſta meſma cauſa mandou Deos aos Iſraelitas, que tingiſſem com o ſangue de hum Cordeiro as ſuas portas, para que com eſte ſinal ficaſſem ſuas caſas livres do caſtigo que determinou dar aos Egypcios: *Sument de ſanguine ejus, & ponent ſuper utrumque poſtem, videbo ſanguinem, & tranſibo vos.* E finalmente por eſta meſma cauſa levou ao Ceo as ſuas chagas, para avogar ao Padre por nòs com ellas: *Quid ſunt plagæ iſtæ in medio manuum tuarum?* Pelo que ſendo o diviniſſimo Sacramento (como temos dito) huma recopilaçaõ abreviada da payxaõ, & morte de Chriſto, & de ſuas precioſiſſimas chagas, daqui evidentemente ſe colhe, ſer por eſte motivo hum remedio mui efficaz, & fruto mui ſalutifero para o bem de todas as almas; & aſſim com razaõ muita ſe intitula fruto divino: *O divini fructus.*

Particularizemos agora mais iſto requintando ao noſſo intento, que he a reſpeito das bemditas almas do Purgatorio. Digo pois, que muito mais empenhado ſe moſtra o fruto do diviniſſimo Sacramento com as almas dos defuntos, do que com as almas dos vivos. Diz S. Joam Damaſc. hũas palavras bem eſcuras, & ſaõ eſtas: *Res autem Deo in primis grata, in divinis, præclariſque*

Mais ſe empenha o Sãtiſſimo Sacramento com as almas dos defuntos, que com as dos vivos.

S. João Dam.

ſacris operationibus eorum qui in recta fide deceſſerunt maniſeſtam facere mentionem. Querem dizer: A couſa que ha para Deos mais agradavel he fazerlhe expreſſa menção dos Fieis defuntos nos ſacroſantos ſacrificios da Miſſa. Iſto ſignificão as palavras (*divinis præclaris que ſacris operationibus.*) Iſto ſuppoſto, pergunto: O ſacrificio da Miſſa não he tambem para os vivos? Sim he; porque ſe a Igreja faz hum memento dos mortos, em primeiro lugar o faz dos vivos. Como diz pois eſte Padre, que fazer menção dos defuntos na Miſſa he a couſa mais agradavel que ha para Deos? Reſpondo. Que a razão, a meu ver, he a do noſſo intento: quero dizer; porque o diviniſſimo Sacramento, que no ſacroſanto ſacrificio da Miſſa ſe offerece ao Padre Eterno, he para elle de maior eſtimação, & agrado, ſendo offerecido pelos defuntos, do que ſendo offerecido pelos vivos. Notem a energía das palavras (*eorum qui in recta fide deceſſerunt maniſeſtam facere mentionem.*) Ora ratifiquemos iſto com as inſtituiçoens de dous Sacramentos, da Penitencia, & da Euchariſtia.

Continùa. Queſtão he mui altercada, qual deſtes dous Sacramentos foi primeiro inſtituido? Aſſentão os Theologos, que primeiro foi inſtituido o Sacramento da Euchariſtia, porque a inſtituição foi feita no Cenaculo, & depois foi inſtituido o Sacramento da Penitencia, porque a inſtituição delle foi feita depois que Chriſto reſuſcitou, quando diſſe aos Diſcipulos eſtas palavras: *Quorum remiſeritis peccata, remittuntur eis; & quorum retinueritis, retenta erunt.* E inda a razão pede eſta preferencia, por quanto o diviniſſimo Sacramento da Euchariſtia he mais digno, & fidalgo do que o Sacramento da Penitencia: com tudo os Canoniſtas ſeguem, & affirmão o contrario, fundados em o Texto de S. Matheus, ſegundo o qual conſta, que Chriſto deu o poder de per-

doar

doar peccados, quando diſſe a S. Pedro eſtas palavras: *Tibi dabo claves Regni Cælorum, & quodcumque ligaveris ſuper terram, erit, &c.* & aqui inſtituio o Sacramento da Penitencia, & muito depois no Cenaculo inſtituio o Sacramento da Euchariſtia. Para o meu intento predicativo ſigo por agora a opinião dos Canoniſtas, & ſuppoſta ella, pergunto: Porque razão daria Chriſto eſta preferencia de tempo ao Sacramento da Penitencia, ſendo que para ſe chegar ao Sacramento da Euchariſtia, primeiro ha de uſar o peccador do Sacramẽto da Penitencia (o que nenhũa duvida tem) donde ſe ſegue, que he mais digno o Sacramento da Euchariſtia, pois pede eſta preparação antecedente? Moralizando iſto dou a razão. Notem. O Sacramento da Euchariſtia he Sacramento de vivos, o Sacramento da Penitencia he Sacramento de mortos, que aſſim os intitula o ſagrado Concilio Tridentino, & a Theologia; & como iſto aſſim ſeja, por iſſo Chriſto deu preferencia de tempo ao Sacramento da Penitencia, para moſtrarnos por eſte modo, que o diviniſſimo Sacramento do Altar he mais para mortos, que para vivos: os vivos tem o ſegundo lugar, & os mortos o primeiro. Eis aqui pois como o diviniſſimo Sacramento he eſpecialmente proprio para as bemditas almas do Purgatorio; por iſſo com grande fundamento chamão ellas por eſte divino ſoccorro: *Obaudite me, &c.*

Mais ſe empenha Chriſto ſacramentado cõ os que forẽ devotos deſte myſterio.

E ſendo iſto o que paſſa a reſpeito das bemditas almas em commum, com muito mais particular razão corre a meſma moeda a reſpeito daquelles que foram particularmente devotos, & Irmãos do Santiſſimo Sacramento, porque não ha duvida, que para com eſtes he muito mais apertado o empenho deſte Sacramento ſoberano. Vejão no em hũas palavras, que a Igreja manda dizer no ſacrificio da Miſſa, acabado o acto da conſagração.

graçáo. Dizem ellas assim: *Quorum tibi fides cognita est, & nota devotio*; & valem o mesmo que dizer no nosso idioma Lusitano: Lembraivos Senhor daquellas almas, cuja devoçáo, & fé particular vos foi sempre mui notoria. Assim as explica com Cayetano S. Gregorio Niseno: *Res autem à Deo in primis grata, in divinis, præclarisque sacris operationibus eorum, qui recta fide servierunt*; & assim o revelou jà Deos a Santa Getrudes na occasiáo em que vio a alma de hũa Rainha sua grande amiga, a qual por ser muito devota do Santissimo Sacramento sobia ao ar rodeada de muitos resplandores, & de varias pessoas, que com as máos erguidas hiáo ante ella levantando hũa grande Hostia, de que resultava a esta alma ir sobindo muito ao alto, mui luzida; & perguntando a Santa pelo que isto significava: foilhe respondido pela dita Rainha, que era paga que Deos lhe dava, pela grande devoçáo que em toda a vida tivera ao Santissimo Sacramento; & em conclusaõ assim o ensina o Padre Vasques: & isto mesmo devem seguir todos os Doutores que dizem, que hum Iusto pela mesma razáo de o ser, inda que actualmente nam tenha devoçáo algũa, só pela que tiver ao Santissimo Sacramento receberà grandes favores da divina Magestade, assim nesta, como na outra vida. Vejaõ o Padre Henriq. que cita muitos Autores por esta opiniáo. Oh! que grande consolaçáo esta para todos os Irmáos do Santissimo Sacramento seus devotos, veremse ajudados da sua propria devoçaõ, quando no Purgatorio se virem metidos em crueis penas, & desemparados de merecimentos proprios. Vem jà como o diviniſſimo Sacramento he hum empenho mui particular de fruto salutifero, util, & proveitoso para todas as almas, & com mais especialidade para aquellas, que tiveráo particular devoçáo, & foráo Irmáos da Irmandade do Santissimo Sacramento?

S. Greg. Nis.

Vasq. 3 tom. ad 3. p. d. 231. c. 7. n. 47.

Henr. lib. 9. c. 19. n. 3.

Com

Com muita razão pois clamão hoje as bemditas almas debaixo daquelle funeſto pano, por eſte tão delicioſo, & ſaboroſo fruto ſacramentado, dizendo: *Obaudite me divini fructus.*

Cuido, ſe não me engano, que temos ſatisfeito à primeira parte do noſſo aſſumpto; vamos à ſegunda, que pertence às Chagas de noſſo Serafico Padre S. Franciſco. São as Chagas do Serafico Padre hum delicioſo, & ſaboroſo fruto para as bemditas almas. Provemos iſto, & ſeja com a ſemelhança que tem as Chagas de Franciſco cõ as Chagas de Chriſto. Saõ as Chagas de Chriſto hum fruto mui ſalutifero para todas as almas, pois nada nega Deos do que ſe lhe pede pelas Chagas de Ieſu Chriſto ſeu Filho, & aſſim ſaõ o meyo mais efficaz, & a carta de maior valia que pòde aver para com Deos na terra. Não gaſto tempo na prova, porque jà fica iſto ponderado; & por iſſo Chriſto Senhor noſſo ſobio ao Ceo, levando ſuas Chagas: *Quid ſunt plagæ iſtæ in medio manuum tuarum?* Porque como ſobio ao Ceo para ſer noſſo avogado, *Advocatum habemus apud Patrem Dominum noſtrum Ieſum Chriſtum, & ipſe erit propitiatio pro peccatis noſtris*; achou Chriſto, que com repreſentar ao Eterno Padre ſuas Chagas, ficava tendo maior efficacia a ſua valia; de ſorte, que na allegação de ſuas precioſiſſimas Chagas, fundou o Senhor o bom ſucceſſo da ſua advocacia. Oução a Santo Agoſtinho, fechando a verdade deſte diſcurſo: *Sanandæ miſeriæ convenientem modum alium non fuiſſe, nec eſſe potuiſſe, ut demonſtraretur nobis quanti nos penderet Deus quantique nos diligeret.* Não avia (diz a Fenix Africana) nem podia aver mais conveniente modo para o remedio de noſſa peccaminoſa miſeria, em que Deos moſtraſſe quanto nos favorece, & ama, como as Chagas de Ieſu Chriſto ſeu unico Filho, porque ſaõ eſtas o fruto mais ſalutifero, & de maior utili-

Saõas Chagas de Chriſto efficazes avogadas para com Deos.

Atè Chriſto ſe vale dellas.

S. Agoſt.

utilidade,& as procuradoras mais efficazes quē pòdem aver para o bem de todas as almas.

Sendo pois estas as Chagas de Christo, que sejaõ as Chagas de Francisco hũas mesmas com estas divinas Chagas, assim o publíca a Igreja no dia festivo desta impressaõ sagrada: *Non per martyrium carnis, sed per incendium mentis totum in Christi Iesu crucifixi expressam similitudinem transformandum*; & mais abaixo diz: *Carnem vero crucifixo conformi exterius insignivit effigie.* Outra vez mais abaixo: *Cui ex charitate nimia crucifixi complacuit.* Per maneira, que foi Christo o Impressor destas Chagas miraculosas, medindose corpo a corpo com Francisco, resultando desta medição acharse Francisco chagado cõ as Chagas de Christo. Oh! prodigio unico sem segundo. Oh! portento admiravel sem parelha. Oh! successo nunca ouvido. Assim o testemunha a Igreja: *Novo, & stupendo miraculo claruit retroactis sæculis, cum singulari privilegio non concesso insignitus apparuit*; & mais abaixo diz: *Porro rem admirabilem, ac tantopere testatam.* Claramente pois daqui se segue, que sendo estas as Chagas de Francisco, & sendo aquellas as Chagas de Christo, assim como as divinas Chagas de Christo saõ hum fruto mui salutifero, & util para todas as almas; assim do mesmo modo saõ as Chagas de Francisco para o bem das almas hum fruto muito util, & salutifero. A consequencia colhe manifestamente em fórma Silogistica; & assim considero agora com muito fundamento, que as bemditas almas do Purgatorio Irmãs das Chagas de S. Francisco clamão pelo soccorro destas Seraficas Chagas, com as palavras que do nosso Thema ficão referidas: *Obaudite me divini fructus.*

As Chagas de Christo, & as de S. Francisco, saõ as mesmas.

Valem muito as Chagas de S. Francisco às almas, & porque?

Reforcemos isto com outro fundamento, & he este. Não tem duvida, que fez Christo esta impressaõ sagrada em S. Francisco pelo grande amor que lhe tinha, & pelo

pelo muito amor com que Francisco o amava, & assim foi a impressaõ toda amorosa. Do testemunho da Igreja consta expressamente: *Cui ex charitate nimia crucifixi complacuit: Non per martyrium carnis, sed per incendium amoris.* O que supposto, & como he propriedade do amor affectar muito as semelhanças segundo o Filosofo: *Similitudo est causa amoris*, & logo o veremos; evidentemente daqui se colhe, que para a utilidade das almas saõ as Chagas de Francisco com as Chagas de Christo mui semelhantes, saõ os frutos dellas na semelhança mui parecidos. Provemos a supposição, & ficarà corrente a consequencia. Affecta muito o amor a semelhança, & por isso da semelhança se colhe o amor. Comparou o divino Esposo a sua querida Alma Santa com hũa rosa: *Sicut lilium inter spinas, sic amica mea.* Pergunto: Porque a não comparou com qualquer outra bonina? Porque não com o jasmim, com o cravo, com a assucena, ou com a mosqueta? Direi. A causa a meu ver foi, porque como o divino Esposo queria inculcarse muito enamorado, & tinha dito de sy, que se parecia com hũa rosa camponesa: *Ego flos campi, lilium convallium*, achou que por ley de amante, devião ser ambos na semelhança mui parecidos, porque tanto ha de amor, quanto ha de semelhança. Comprovemos isto com o divinissimo Sacramento, pois he compendio representativo das Chagas de Christo: *Recolitur memoria passionis ejus.*

A semelhãça he consequencia infalivel do amor.

Diz o Senhor, que quem o receber sacramentado, ficará com elle mui unido, & o Senhor ficará nelle transubstanciado: *Qui manducat meam carnem, & bibit meum sanguinem, in me manet, & ego in illo.* Pergunto: De hũa conversaõ naõ se segue outra? He certo que sim, porque se eu me transformo em Christo, tambem consequentemente Christo se transforma em mim; para que acre-

Continùa.

centarà pois o Senhor aqui palavras que parecem superfluas? Ora não, senão a respeito do amor de Christo mui necessarias, & mysteriosas. Notem. Tinha Christo calificado o seu prodigioso amor por dous modos: hum dizendo, que era tão fino amante, que de tempos mui antigos sempre amára: *Cum dilexisset*; outro dizendo, que taõ fino continuára em amar, que nunca atè o fim da vida deixarà de querer: *Dilexit in finem*; & como Christo por estes dous modos abonou o seu amor verdadeiro, achou que devia tambem juntar a estes dous modos, duas semelhanças tão parecidas, quaes saõ a de Christo transubstanciado no homem, & a do homem transubstanciado em Christo, mostrando por este modo, que tanto ha de amor, quanto ha de semelhança, & naõ pòde deixar de aver muita semelhança onde ha muito amor. Donde concludentemente se segue, como fica dito, que pois as Chagas por Christo no corpo de S. Francisco impressas foraõ por hum acto de amor intenso insculpidas, de força haõ de ser em tudo às Chagas de Christo mui semelhantes; & pois estas saõ para as bemditas almas frutos salutiferos, como fica mostrado, da mesma sorte devem selo as Chagas de S. Francisco, & assim hũas, & outras saõ divinos, & salutiferos frutos para as almas: *O divini fructus.*

Tanto ha de amor quãto de semelhãça.

Inda aqui descubro outro fundamento a respeito desta amorosa semelhança, & he o seguinte: Entendo, que o mesmo motivo que Christo teve para deixar no diviniffimo Sacramento taõ recomendada a memoria de suas Chagas, como diz Santo Thomás: *Passionis suæ memoriale perenne reliquit*; este mesmo vejo eu nas Chagas de Francisco por Christo impressas. Vejamos logo os motivos, & correráõ as parelhas. O motivo que Christo teve, a meu ver, para esta recomendaçaõ de suas Chagas, foi porque como este Senhor amante nosso se em-

S.Thom.

empenhou tanto em toda a vida no bem de nossas almas, que chegou a dar a vida por ellas: *In hoc veni in mundum ut vitam habeant*; queria este Senhor à ley de amante fino estar sempre por esta causa padecendo, que por isso, como diz Santo Agostinho, mostrou na Cruz que tinha de mais tormentos sede: *Sitio maiora tormenta: Longiorem vitam postulat, in qua pati possit*. E como elle nam podia padecer depois de morto, depois de resuscitado inventou esta traça amorosa de instituir hum Sacramento, em que sempre atè o fim do mundo estivesse pelo bem das almas padecendo, ao menos em representaçaõ, jà que nam podia ser em realidade, & por este modo socegou a ancia amorosa, que o molestava. Vejo depois o nosso Serafico Patriarca tão parecido com elle nestes anciosos desejos do bem das almas, & padecer pela salvação dellas, que nenhuma outra cousa mais desejava: *Da mihi animas, cætera tolle tibi.* Isto o trouxe de Italia a França, de França a Hespanha, de Castella a Portugal, para deste Reyno passar a Africa só a fim de dar a vida, & o sangue por esta causa; & porque nestes anciosos desejos estava com Christo taõ parecido, deose o Senhor por taõ empenhado para com elle, que por isso chegou a hum tal excesso, como foi o da miraculosa impressaõ de suas santissimas Chagas, manando do corpo de Francisco o sangue dellas, com que ficárão em tudo tão parecidos, & semelhantes, que não ha poder distinguir qual he hum, & qual he outro: donde veyo a chamarlhe hum Discreto dos nossos tempos, Christo feito de burel, por se parecer com Christo; & bem era que assim fosse, para que assim como nos desejos forão tão parecidos, fossem tambem nas Chagas, que fizerão estes desejos, mui semelhantes, sem que em nada ficassem differentes; & tanto assim, que ficou tambem por este modo o Serafico Patriarca feito com esta sagrada

S. Agost.

Christo, & S. Francisco saõ muito parecidos nos motivos das Chagas, & isto como?

grada impressaõ hum retrato do Santissimo Sacramento, mas com a differença que vai do humano ao divino. Dem-me atenção à prova, porque com ella creyo que me desempenho.

S. Francisco cõ as Chagas he o retrato do Sãtissimo Sacramento, & isto como?

Diz S. Joaõ Evangelista entre as visoens do seu Apocalypse, que vio hum Anjo sahir da parte do Nascente, o qual trazia em seu corpo os sinaes de Deos vivo impressos: *Ecce vidi alterum Angelum ascendentem ab ortu Solis habentem signum Dei vivi.* Que este Anjo seja figura do meu Serafico Patriarca, pouca duvida tem, porque em Italia nasceo, que he a parte do Oriente, & teve as Chagas de Christo impressas em seu corpo, que saõ os sinaes de Deos encarnado, & basta para que isto assim seja, que o diga o meu Serafico Doutor S. Boavétura: *Indubitabili fide credendum est hunc Dei nuntium esse B. Franciscum.* O que supposto, reparo agora em dizer o Evangelista, que este Anjo Serafico trazia no corpo os sinaes de Deos vivo impressos: *Habentem signum Dei vivi.* Pergunto: Como he isto possivel, sendo as Chagas de Christo sinaes de Deos morto? Parece que o Evangelista se equivocou nisto? Respondo, que nam foi equivocaçam, como parece, senam demonstraçam da uniformidade similitudinaria, que ha entre as Chagas de Francisco, & o Santissimo Sacramento. Eu me declaro. No divinissimo Sacramento està Christo na realidade vivo, & na representaçam morto com suas Chagas: *Recolitur memoria passionis ejus: Mortem Domini annuntiabitis.* O mesmo vejo na impressaõ das Chagas de S. Francisco, porque no tempo desta impressaõ sagrada estava o Patriarca na realidade vivo, porèm desmayando com a vehemencia da dor que teve na impressaõ da chaga do lado, cahio como morto em terra. Assim o diz a liçãe desta festa: *Dira conspectu Crucis affixio ipsius animam compassivi doloris gladio pertransivit,*

S. Boavent.

dex-

dextrum quoq; latus quaſi lancea transfixum rubra cicatrice obductum erat , ficando por eſte modo hum retrato do Diviniſſimo Sacramento , com elle mui parecido. Pelo que,aſſim como o Diviniſſimo Sacramento (ſegundo o que fica ponderado) he para as bemditas almas hum fruto mui ſalutifero ; da meſma ſorte o he tambem o Seraſico Patriarca chagado, ſe bem com eſta differença,que no Diviniſſimo Sacramento ha Chagas de Chriſto repreſentadas, & em Franciſco ha Chagas em realidade por Chriſto impreſſas, mas tudo ſam Chagas de Chriſto, pelo modo que fica apontado. Oh prodigio! Oh aſſombro! Oh portento! Quem naõ paſma? Quem ſenaõ admira? Com muito fundamento pois conſidero eu , que clamaõ as bem-ditas almas pelas Chagas de S. Franciſco, intitulandoas frutos divinamente ſaluberrimos : *Obaudite me divini fructus* , & roſas cheiroſas,pelas correntes da divina graça plantadas : *Quaſi roſa plantata ſuper rivos, &c.*

Inda me não contento com o que tenho dito,mais adiante paſſo, & pergunto. Para que permitiria Chriſto fazerſelhe a Chaga do lado , ſe com ella, por eſtar jâ morto , he certo que naõ remio o mundo , nem ſentio eſta Chaga para poder remilo, & ſendo iſto aſſim, que ſegredo terà eſta divina permiſſaõ ? Direi o que niſto alcanço para o noſſo intento, & ſe parecer exceſſo, ou temeridade, deſculpome com a devoção amoroſa de filho. Se Chriſto não padeceo na Chaga do lado no monte Calvario, permitaſeme dizer , que preſumo a padeceo de algum modo, quãdo a imprimio em Franciſco no monte Alverne ; donde ſe ſegue, que como para com ella nos remir, nella avia de padecer , padecendo por eſte modo na Chaga do lado,por eſte modo julgo, que de algum modo nos remio no monte Alverne, ficando ſendo por eſte modo S. Franciſco chagado

Foi S. Francisco Chagado hum como Corredemptor cõ Christo.

gado hũ como Corredemptor com Christo das almas de todo o mũdo. Para ficar isto corrente, faltame provar a supoſiçaõ de q̃ Christo padeceo no mõte Alverne, padecendo morto, em Francisco padeceo vivo. Naõ pareça temeridade, que tudo se pòde presumir do grande amor de Christo para com S. Francisco; & que muito, quando já S. Paulo disse, que em seu corpo enchéra alguma cousa, que na payxaõ de Christo faltára: *Adimpleo in corpore meo ea quæ desunt passioni Christi.* E se Christo chegou a imprimir suas Chagas, que saõ suas tão mimosas, q̃ muito padecesse amorosamente nesta impressaõ da Chaga do lado, em que Francisco padeceo? Mas vejamos hum retrato desta supoſição em huma visam do Apocalypse, que cuido contentarà pela novidade.

Padeceo Christo na Chaga do lado de Saõ Francisco, & isto como.

Vio S. Joaõ huma grande multidaõ de gente, que estava assistindo a hum Cordeiro entronizado, & perguntando a hum destes assistentes, que concurso era aquelle: *Qui sunt isti, & unde venerunt?* foilhe respondido, q̃ era hũa gente, que vinha de grandes tribulaçoẽs, & trabalhos, & taes, q̃ chegàraõ a banharse no sangue do Cordeiro: *Hi sunt qui venerunt ex magna tribulatione, & laverunt stolas suas in sanguine Agni.* Que este concurso taõ atribulado represente os Santos Martyres da Igreja, cómum sentir he dos Santos Padres. O que suposto, entra aqui o meu reparo. Pergunto. Como se diz, que os Santos Martyres laváraõ os seus vestidos no sangue do Cordeiro, se elles derramàraõ o seu proprio sangue: *Laverunt stolas suas in sanguine Agni?* Nosso Mestre Nicolao de Lyra satisfaz elegantissimamente o reparo. Ama muito este Divino Cordeiro, que he Christo, a todos os que daõ por elle a vida, (diz o Padre) & como tanto os ama à ley de amante, padece no padecer dos Martyres, & derrama sangue, quando elles o derramaõ, porque esta he a propriedade de hum a-

mor

mor fino: *Ideo merito dicitur ſanguis Agni, quia eſt ſanguis membrorum ejus, in quibus ſe dicit perſecutionem pati.* Naõ ha mais dizer para o noſſo intento. Agora entenderáõ bem a razaõ, porque indo S. Pedro a morrer crucificado em Roma, ſahindolhe Chriſto ao caminho, & perguntandolhe o Santo Apoſtolo para onde hia, reſpondeolhe o Senhor: *Vado iterũ Romã crucifigi*: Vou a ſer outra vez crucificado em Roma: & padecendo S. Frãciſco Xavier no Oriente, ſuou hũ Chriſto crucificado ſangue; & ſendo tudo iſto aſſim, que muito faço eu dizer, que viſto amar tanto Chriſto a Franciſco, que chegou a imprimirlhe aquelles cinco ſinetes da Secretaria do Ceo, & o mimo das ſuas cinco precioſiſſimas Chagas, que muito, digo, foi por empenho deſte Amor Divino padecer o Senhor na Chaga do lado, quando Frãciſco padeceo na impreſſaõ deſta Chaga; & que reputaſſe o Senhor o ſangue deſta Chaga de Franciſco por ſeu proprio ſangue? *Ideo merito diciturſanguis Agni, quia eſt ſanguis membrorum ejus, &c.* Pelo que concluo evidentemente, que aſſim como as Chagas de Chriſto ſaõ hum fruto mui ſalutifero para o bem das almas, da meſma ſorte por participaçaõ amoroſa naõ ſaõ menos as Chagas de Franciſco; & aſſim com muito fundamento conſidero eu, que hoje clamaõ as bem ditas almas pelos frutos ſalutiferos deſtas Seraficas Chagas: *Obaudite me Divini fructus*, como roſas encarnadas das correntes do amor divino, & das aguas da divina graça: *Quaſi roſa plantata, &c.*

Lyra.

Cuido que tenho ſatisfeito aos dous aſſumptos deſte Sermaõ pelo melhor modo que pude; & para q̃ tudo fique mais comprovado, refiro o ſuceſſo q̃ eſtá na vida do B. Pedro Tecelão, filho da Sagrada Ordẽ Terceira da Penitencia Serafica. Foi o caſo, que eſtando eſte Servo de Deos poſto em Oraçãõ extaticamente ar-

Exemplo.

rebatado vio de repente os Ceos abertos, & nelles vio hũa grande procissaõ de varios espiritos bemaventurados, no couce da qual vinha Christo Senhor Nosso, & apos elle nosso Serafico Padre S. Francisco, o qual hia pondo os pès nas passadas deChristo,& cabalmente enchia as ditas passadas. Passou a procissaõ,& logo o Serafico Padre posto de joelhos, pedio ao Senhor pela alma de hum seuReligioso que morrèra em aquella hora, para que a tirasse do fogo do Purgatorio onde já estava. Difficultoulhe o Senhor a petiçaõ, por estar a sentença temporal passada em cousa julgada, mas o Serafico Padre replicou apertando a intercessaõ com a valia das sagradas Chagas,que o Senhor lhe tinha impressas, dizendo: Este Religioso,Senhor,he meu filho,& pois me imprimistes estas vossas Chagas amorosas,por ellas vos peço (& entaõ mostroulhas) que sejais servido à honra dellas saya logo esta alma das penas; & ouvindo isto o Senhor,lhe disse:Francisco,já q não posso negarte agora o que me pedes vendo em ti minhas Chagas, saya embora essa alma doPurgatorio,& venha comigo â gloria. Apareceo logo aquella alma vestida toda com hũa gala mui luzida, & continuando a procissaõ se poz ao lado doSerafico Padre,& assim se foi à gloria,& desapareceo a visaõ, ficando o servo de Deos mui consolado, com isto que extaticamente tinha visto. Vem jà como as Chagas de S. Francisco saõ frutos saborosos, & uteis para as bem-ditas almas, & saõ fermosas rosas da divina graça para ellas? Com razaõ muita pois, as almas dos Irmaõs do Santissimo Sacramento, & das Chagas de S. Francisco, chamaõ por estes divinos frutos,que lhes valhaõ nos apertos de suas rigurosas penas: *Obaudite me divini, &c.*

Ditosos pois vós ó Irmaõs vivos, & cem mil vezes ditosos, os que â sombra de taes arvores vos acolhe-

stes

ſtes para goſtares taõ divinos, & ſaboroſos frutos. Mil vezes bem afortunados Irmaõs defuntos, pois tendes Irmaõs vivos taõ primoroſos, & tam amoroſamente de vós lembrados, que todo o anno vos ſoccorrem cõ eſtes taõ divinos frutos taõ ſaboroſos. Naõ ſei na verdade, como naõ fazem todos neſta taõ rica mercancia ſeu emprego, pois me parece, que eſtou ouvindo as bemditas almas deſtes Irmaõs defuntos dizerem a Deos o meſmo que lá diſſeraõ os de Cafarnaú a Chriſto, quãdo intercedéraõ pelo Centurio. *Dignus eſt* (diſſeraõ elles) *ut hoc illi præſtes, diligit enim gentem noſtram*: Concedei Senhor a eſte homem o que vos pedimos, porque he muito amigo da noſſa gente, & por iſſo com todo o empenho volo pedimos. O meſmo fazem as bemditas almas, intercedendo pelos ſeus Irmaõs, & amigos, moſtrandoſe primoroſamente agradecidas para com elles. Aprendei todos deſte primor devoto, & ſolicitai eſta felicidade venturoſa, que vos promete aſſim Deos ſacramentado, como Franciſco chagado: entrai neſtas partilhas taõ precioſas, em que ſe ganhaõ tantos intereſſes, quantos neſtes dous frutos divinos eſtaõ encerrados, & eu vos ſeguro, que vos acheis no ultimo termo da vida muito ricos de graça, para que logreis ricos tronos de Gloria: *Ad quam nos perducat meus Euchariſticus Jeſus.* Amen.

Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento, & a Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Noſſa.

SERMAM X.

No Anniversario da Irmandade dos Passos na Villa da Azambuja, em 1673.

LOVVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Tu quidem gressus meos dinumerasti, sed parce peccatis meis. Iob cap. 14.

OH! que rigoroso he o juizo de Deos, pois nelle se julga atê a mais pequena passada! & que estreitas saõ as contas, que se tomaõ no Tribunal do divino juizo dos Contos, pois nelle se contaõ atê os mais curtos passos! Diga-o o Santo Job, que com ser santo, sem perder o estado da innocencia, como o mesmo Deos testemunhou: *Adhuc permanens in innocentia sua*, com tudo confessou, que chegando Deos a contarlhe as passadas, se achava en-

vol-

volto em muitos peccados como o moſtrou nas palavras do noſſo Thema, que ficaõ referidas: *Tu quidem greſſus meos, &c.* E que muito iſto, ſe no fim da noſſa vida, quando cada hum de nós entra com Deos em contas, que as pede taõ eſtreitas, & meudas, que ſem lhe eſcapar couſa alguma examina todas noſſas obras, & palavras, & até os mais ligeiros penſamentos, que por acaſo tivemos, tomando tudo com recto pezo, & medida, & taõ ajuſtadamente, que não pòde darſe maior ajuſtamẽto. Aſſim o affirma o meſmo Deos pelo ſeu Profeta Iſaias: *Ponam judiciũ in pondere, & juſtitiam in menſura.* Notem dizer, que he taõ ajuſtado, & eſtreito nas ſuas divinas contas, que ha de pezar o meſmo juizo, & medir a meſma juſtiça, que taõ inexoravel como iſto he o divino juizo: & eu diſto nada me admiro, porque além de ſerem contas de Deos, ſaõ contas do outro mũdo, onde ſe fazem por bem differente modo do que por cà fazemos as noſſas contas, porque cà fazem-ſe as contas ſem pezo, nem medida, & lá fazemſe com muita medida, & pezo: cá furtaõ-ſe muitos pezos, & medidas, là ajuſtaõ-ſe as contas por medidas, & pezos: cá ſe faz muita injuſtiça no pezar, & medir, là tudo he bem pezado, & medido: finalmente cà neſte mundo cada qual peza as couſas conforme o ſeu juizo, mas lá no outro eſte meſmo juizo ha de ir ao pezo: *Ponam judicium in pondere.* E por iſſo ſendo iſto aſſim, muito pouco baſta para que as contas que avemos de dar no tribunal divino ſayaõ erradas, & he neceſſario muito para que ſayaõ certas. E por iſſo o Santo Job com ſer taõ eſperto nas contas, dizia que naõ ſabia como avia de averſe cõ Deos quando o chamaſſe a juizo: *Quid faciam, cum ſurrexerit ad judicandum Deus, & cum quæſierit, quid reſpondebo illi?* E o meſmo receava David eſtando já perdoado: *Non intres in judicium cum ſervo*

Quam apertadas, & juſtas ſaõ as contas no juizo de Deos.

tuo Domine, quia nullus apud te justificabitur vivens. Isto mesmo tremia a alma de S. Hilariaõ, porque naõ acabando a sua alma de se despedir do corpo, sobre ter sessenta annos de penitente metido em huma gruta, fallando com a sua alma disse assim: *Egredere anima mea, quid times? Egredere, sexaginta prope annis Deo servisti, & adhuc times?* E isto he o que fez enterrar tantos vivos, & inventar penitencias quasi incriveis. Eis-aqui o que he o rigurofo juizo de Deos, de que falla Job nas palavras do nosso Thema: *Tu quidem gressus &c.*

Este juizo estreito, apertado, & inexoravel he o que experimentaõ as bem ditas almas no fogo do Purgatorio encarceradas, & delle considero eu, que estaõ dizendo a Deos as palavras de Job que ficaõ repetidas: *Tu quidem gressus meos dinumerasti, sed parce peccatis meis.* Ah Senhor! & que meudamente nos contastes em o vosso divino juizo todas as nossas passadas! que por isso nós agora estamos por nossos peccados padecendo tantos tormentos; & já que fostes taõ meudo nas vossas cõtas, perdoainos os nossos peccados, para se aliviarem as nossas penas. Isto entendo eu, que montaõ no sentido anagogico estas palavras. O que supposto, pergunto. Porque razão serà o mesmo contar Deos as passadas, que ficarem as almas carregadas de peccados, & padecerem tantas penas por elles? Direi. A razão a meu ver he, porque conta Deos tam meudamente as nossas passadas, que lhe não escapa o mais ligeiro passo, & por isso não ha creatura, por mais justificada que seja, que possa aparecer no tribunal divino sem alguma nodoa da culpa. Que bem o entendeo assim David, quando disse: *Non intres in judiciũ cum servo tuo Domine, quia nullus apud te justificabitur vivens.* E Job ainda mais claramente o diz nas palavras seguintes: *Quid faciam miser? ubi fugiam, ubi me*

Todos tem culpas, em Deos contando as passadas.

me abscondam à vultu iræ tuæ, quia peccavi nimis in vita mea. E logo aponta a razaõ. *Observasti omnes semitas meas, & vestigia pedum meorum considerasti.* Vejamolo em hum successo que Daniel teve com El-Rey Nabuco. Desenganando Daniel a Nabuco de hum grande engano que os seus sacerdotes lhe tinhaõ feito, metendolhe em cabeça, que o idolo Bel era vivente, & comia tudo quanto lhe punhaõ diante, sendo isto mẽtira, porque elles hiaõ de noite escondidos, & tudo comiaõ, para o desenganar lhe disse Daniel, que cobrisse a entrada do Templo com cinza, & que no outro dia reparasse bem nas passadas impressas, & por ellas conheceria o falso engano que os seus sacerdotes lhe tinhaõ feito: *Ecce pavimentum, adverte cujus vestigia hæc sunt.* E assim succedeo com effeito, porque logo conheceo o engano dos sacerdotes, & rigurosо castigou-os. *Ecce video vestigia virorum, & iratus est Rex valde.* Pergunto. Porq̃ se valeria Daniel do sinal das passadas, para descobrir o peccado do engano dos sacerdotes? Naõ achou outro melhor meio do q̃ este? Porq̃? Respondo com o que temos dito. Era descobrir peccados, & em se examinando passadas, logo os peccados ficaõ descubertos, inda que sejaõ mui pequenos, & escondidos, & de pessoas taõ sagradas como saõ sacerdotes.

Dan. 14. 18.

Agora entenderaõ a razaõ porque David pedia a Deos com tanto empenho, que lhe encaminhasse seus passos, porque senaõ desencaminhasse: *Perfice gressus meos in semitis tuis, ut non moveantur vestigia mea.* Outras vezes dizia. *Dirige gressus meos secundum eloquium tuum, & non dominetur mei omnis injustitia.* Outra vez: *Beati immaculati in via, qui ambulant in lege Domini.* Outra vez: *Ab omni via mala prohibui pedes meos, ut custodiam verba tua.* Outra vez: *Lucerna pedibus meis verbum tuum, & lumen semitis meis.* E outros

mais

mais lugares q̃ deixo por brevidade. Daqui colheràõ agora quanto vai em ferem eftes, ou aquelles os noffos paffos. Ah peccador, que agora me ouves, fe confideráras bem que Deos te anda contando os teus paffos, que menos culpas cometéras! Se bem ponderàras, que Deos fempre anda à tua ilharga tomando conta, & põdo no feu rol as tuas paffadas, & como foraõ muito menos teus peccados! Advertencia foi efta de que fempre David fe valeo para não offender a Deos depois de convertido. *Providebam* (dizia elle) *Dominum meum femper, quoniam à dextris eft mihi ne cõmovear.* Eu fempre confidero que Deos me anda à ilharga contando as paffadas, & com efta confideração trago mui ajuftados os meus paffos. Se tambem affim o fizeras ò peccador, eu te feguro que não offendéras a Deos como o offendes, porque naõ ha duvida, que efta confideração de ter a Deos fobre o hombro, para contar os paffos, & andar à vifta de Deos, faz andar hum peccador mui apontado em feus paffos, & ajuftado em fuas paffadas. Vejaõ-no em o Prodigo quando mais perdido nos defcompaffados paffos de feus peccados.

Exclamação

Eftando o Prodigo na maior miferia do feu peccado, & tornando em fy, porque fe vio nefta miferia, roto, defcalfo, & faminto (que ifto traz comfigo ordinariamente o peccado, & fó entaõ tornamos em nòs, quando nos vemos nefta miferia) arrependido tratou de voltar ao pay que havia deixado, & affim o fez com effeito: *Et furgens venit ad patrem*: & lançandofe aos pès paternaes com lagrimas envoltas em fufpiros lhe pedio perdam com eftas palavras: *Pater, peccavi in Cælum, & coram te, fac me ficut unum de mercenarijs tuis:* Pay meu, pequei contra o Ceo, & diante de vôs, bem fey que eftou rifcado na matricula do voffo filhamento, & jà naõ mereço ter o titulo de filho voffo, eu me con-

Lembrarfe o peccador de que Deos lhe conta os paffos faz emendar o mais eftragado.

Luc. 15.

contento com andar no rol dos voſſos criados, peçovos que me admitais a elle, & farei como criado o que não fiz como filho. Pergunto. Quem fez eſta converſaõ tam repentina? Como eſtà jà o prodigo tam outro differente? Sabem quem? A preſença de Deos que cõſiderou: *Peccavi in Cælũ, & coram te.* Notem bem eſte (*coram te*). Conſiderou que apartandoſe do pay, o pay lhe foi contando os paſſos, & ſempre eſteve á viſta: *Coram te*; & baſtou eſta conſideração, para logo ficar arrependido quando mais eſtragado. Eſte meſmo eſtilo praticou David quando contrito pedio a Deos miſericordia: *Miſerere mei Deus ſecundum magnam miſericordiam tuam: tibi ſoli peccavi, & malum coram te feci.* Ah peccador, repara bem niſto! olha que onde quer que vas, ahi eſtà Deos contando teus paſſos, & te vé Deos, & he grande cegueira ſem deſculpa offender a Deos à viſta de Deos. Eſcarmentem todos a meudeza das contas divinas no que padecem, & porque padecem as bem-ditas almas; tendolhe Deos contados os paſſos, como ellas dizem hoje pela boca de Job: *Tu quidem greſſus meos, &c.*

Cuido que temos ſatisfeita a primeira difficuldade, vamos à ſegunda. He ella, dizerem as bem-ditas almas, que tendolhe Deos contados os paſſos, padecem no Purgatorio por ſatisfação de ſeus peccados: *Sed parce peccatis meis.* Pergunto. Como he iſto poſſivel, ſe as bem-ditas almas morrèraõ em graça de Deos, & por eſta razaõ jà perdoadas em virtude do Sacramento da penitencia? O que naõ tem duvida alguma, & he certa Theologia: & ſendo iſto aſſim, que eſtaõ em graça confirmadas, como podem ter peccados, & eſtarem pagando por elles? Lembrame aqui, que já ventilei eſta duvida em outra occaſiaõ, & nella dei huma repoſta, mas agora darei outra. A meu ver fal-

fallam bem as almas por duas razoens, huma fundada no amor, outra no ſentimento. Eu me declaro logo, que ſempre fui mui amigo da clareza. He verdade, que no Purgatorio padecem as bem-ditas almas ſómente para purificarem os reatos das culpas perdoadas. Os Theologos bem me entendem, os mais baſta que o venerem, jà que não eſtudàram, que o pulpito naõ he cadeira, nem paleſtra literaria. Padecem tambem por venialidades, & algũas imperfeiçoens de que não fizeraõ caſo neſta vida; & ſendo tudo iſto materia leve, intitulaõ-na as bem-ditas almas, peccados graves: *Sed parce peccatis meis*; porque o amor que tem a Deos como almas bem-ditas, lhes faz parecer que ſaõ offenſas muito graves eſtas ninherias; & naõ ſe admirem diſto, porque aſſim o coſtuma fazer o amor, que como ſenaõ governa pela razaõ, ſenaõ pelo affecto, nunca julga as couſas como ſaõ na realidade, ſenaõ como lhe parecem ſegundo a affeição; donde reſulta, que humas vezes o que he muito lhe parece nada, & outras o que he nada lhe parece muito. Vejamos iſto a paſſos contados.

O amor faz parecer muito o que na verdade he pouco.

O amor faz, quando quer, que o que na realidade he pouco, pareça muito. Eſtando Chriſto orando no Horto a ſeu Eterno Padre, começou a ſuar ſangue, & tal foi o ſuor, que as pingas de ſangue parecèram correntes, que banhàraõ a terra: *Factus eſt ſudor ejus ſicut guttæ ſanguinis decurrentis in terram.* Aqui a duvida. Pergunto. Se na realidade era ſómente ſuor, como ſaõ as pingas delle correntes? Se o ſangue corria até banhar, como era ſuor q̃ aparecia na teſta? Direi. Naõ vê que o amor deſejoſo de padecer fez de impaciente ſahir eſte ſangue: *Quomodo coarctor uſque dum perficiatur?* Ah ſim! Pois que muito que faça parecer corrente ſanguinolenta, o que ſómente era ſuor ſanguineo! que

faça

que faça parecer muito o que na realidade era muito pouco! porque aſſim o faz o amor quando quer. O meſmo ſuccedeo nas lagrimas da Magdalena, porque dellas diz S. Lucas, que começando a Santa a chorar, foraõ ſeus olhos rios: *Lacrymis cæpit rigare pedes.* Notem, que na realidade eram ſó principios, *Cæpit*, mas na aparencia amoroſa eram pelo deſejo rios, *Rigare*; & aſſim ſuccedeo, porque era muito amante: *Dilexit multum.* Eis-aqui como o amor faz dos poucos muito; vejamos agora como faz dos muitos pouco, quando niſto ſe moſtra empenhado.

O amor faz dos muitos pouco.

Idolatrando o povo Iſraelitico em hum bezerro, baxou Moyſés do monte, onde eſtava com Deos fallando, & achando-os occupados neſta idolatria os reprehendeo aſperamente com eſtas palavras: *Peccaſtis peccatum maximum:* Hum graviſſimo peccado tendes cometido. Neſte tempo chamou Deos a Moyſés para lhe intimar o caſtigo deſte povo rebelde. *Dimitte me ut iraſcatur furor meus contra populum iſtum*; ao que acodio logo Moyſés, dizendo: *Domine, aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo:* Senhor, ſuſpendei a ira, parai com o caſtigo, que não he juſto ſeja em vòs tam grande a colera por huma culpa tam leve. Notem, que iſto quer dizer no noſſo idioma Portuguez eſte nome Latino, *Noxa.* Agora a minha duvida. Pergunto: Se Moyſés chamou ao peccado da idolatria peccado graviſſimo, & aſſim he na realidade, como diz agora que he huma culpa muito leve? Aqui leve, & acolá graviſſima, como he poſſivel? Direi. Fallou Moyſés ſegundo os termos em que fallava. Na primeira occaſiaõ fallou elle julgando o peccado, pelo que em ſi na realidade era, & na ſegunda fallou, ſegundo o que no deſejo amoroſo lhe parecia. Queria Moyſés muito ao povo, & como amante delle deſejava que o pec-

peccado grave parecesse hum defeito de muito pouca conta,a fim de ser o castigo divino muito leve, & por isso fallou deste modo,porq assim avalia o amor as cousas, não pelo que saõ na realidade, senaõ pelo que parecem na affeição,chamando pouco ao que he muito: *Peccastis peccatum maximum: Dimitte eis hanc noxam,* Agora entenderáõ em confirmação disto, a razaõ porque o divino Esposo fazendo humas arrecadas para as orelhas da Alma Santa, mandou fazelas de ouro, mas prateadas por fóra: *Murenulas aureas faciemus tibi vermiculatas argento.* Quem tal vio já mais mandar fazer? prata por dentro,& ouro por fóra, isto he o q̃ cada dia faz o artifice,para q̃ pareça mais o que he menos; mas o cõtrario nunca vereis q̃ o faz o artifice. Qual seria pois o intento do amoroso Esposo? Oh! que foi o que temos dito. Quiz como amante fino, que se julgasse por menos o que na realidade era mais, que se avaliasse por prata, o que na realidade era ouro,porque assim o costuma fazer o amor, avalia por menos segundo sua affeição, o que na realidade he mais: *Murenulas aureas faciemus tibi, &c.* Assim costuma avaliar as cousas o amor, & por isso muitas vezes erra nas avaliaçoens,que por isso sem duvida o pintou cego a Antiguidade, & menino sem uso de razaõ; & temos visto a causa porque as bem-ditas almas do Purgatorio no amor de Deos abrazadas julgaõ os reatos das culpas,& as venialidades, & imperfeiçoens por gravissimos peccados: *Sed parce peccatis meis.*

Temos ponderada a razaõ a respeito do seu amor; ponderemola agora a respeito do seu sentimento. Estaõ as bem-ditas almas muito sentidamente arrependidas de terem a Deos offendido, & como estaõ disto tam sentidas,este seu sentimento arrependido faz parecerlhes a culpa muito maior do que he na realidade, porque

que assim o costuma fazer nos bem arrependidos a vehemencia deste sentimento peccaminoso. Vejaõ-no em David, que foi hum dos grandes arrependidos dos seus, & dos nossos tempos. Pede David a Deos perdam fundado na divina misericordia: *Miserere mei Deus secundum magnam misericordiam tuam*; & logo acrecenta: *Amplius lava me ab iniquitate mea, & à peccato meo munda me*: Lavaime, Senhor, da minha maldade, & alimpaime do meu peccado. Pergunto: Maldade, & peccado naõ he tudo o mesmo? Sim he; porque naõ ha mayor maldade do que cometer hum peccado: como pois distingue David o peccado da maldade, pedindo a Deos que o alimpe do peccado depois de o ter lavado da maldade: *Amplius lava me ab iniquitate? &c.* A reposta que dá o Incognito, & outros Expositores, he, que David fallou aqui em primeiro lugar da maldade da culpa, & offensa feita contra Deos, & em segundo lugar do reato que a culpa deixa na alma depois de perdoada a culpa, como ensina a Theologia, & por isso David pede, q́ depois de lavado outra vez o purifique: *Amplius lava me*. Bem, mas agora replico. Que David chamasse â culpa maldade, muito embora, porque nam ha maior maldade que cometer hum peccado; porèm chamar ao reato peccado, sendo huma materia muito leve isto he o que não entendo. Ora fallou David com grande misterio. Estava taõ arrependido, & contrito de ter a Deos offendido, que comia cinza em lugar de paõ: *Cinerem tanquam panem manducabam*, & todas as noites banhava o leito com lagrimas: *Lavabo per singulas noctes lectum meum, lacrymis meis stratum meum rigabo*; & como isto assim fosse, a força vehemente deste arrependimento sentido, lhe fez avaliar a pouquidade do reato por hum peccado muito grave, mayor do que na realidade era, porque este he o juizo

A hum peccador arrependido, parecelhe a culpa maior do que he na realidade.

juizo de hum arrependido mui contrito. Que bem S. Ambrosio fechando este discurso! *Non exiguo sed multo aufertur lavacro, ut perfecta pænitentia videatur.* Por isso as bem-ditas almas do Purgatorio sentidamente arrependidas avaliaõ os reatos das suas culpas, & as venialidades por muito graves peccados: *Sed parce peccatis meis.*

S. Ambros.

Estaõ ponderadas as duas razoens porque as bem-ditas almas intitulam peccados aos reatos, & venialidades, porque padecem rigorosas penas; & tambem temos ponderado como o mesmo he examinarnos Deos os passos, do que logo se descobrirem peccados até em almas taõ justas como saõ as bem-ditas almas (& se isto assim he nestas almas, vejaõ que será nas nossas peccadoras?) Que remedio pois, para darmos boa conta a Deos dos nossos passos taõ desencaminhados? Que remedio para ajustarmos com a vontade divina as nossas passadas? Que? O melhor remedio a meu ver he trazermos sempre no coraçaõ, & nos olhos os passos que Jesu Christo N. S. deu por nossa conta. Que remedio para aliviarmos as penas que padecem as bem-ditas almas, melhor que o de lhes aplicarmos os merecimentos dos santos Passos de Christo? porque com elles sempre Deos acodio ao remedio, tanto das almas dos vivos, como das almas dos defuntos. Cuido que a prova me desempenha deste empenho, & tratemos em primeiro lugar dos vivos, & fecharemos o discurso com os mortos. Lá no principio do mundo baxou Deos à terra compadecido de Adaõ, que se tinha escondido de envergonhado por se ver despido, & tinha a sua alma arruinada por huns passos desordenados, que avia dado, & para remediar a Adam, diz o Sagrado Texto, que deu Deos passos multiplicados: *Audivi vocem Dei deambulantis ad auram post meridiem.* Querendo depois resgatar

Os santos passos de Christo, saõ o melhor remedio das almas dos vivos.

gatar todo o genero humano por causa do peccado de Adam perdido deu passos de gigante, & tantos foraõ, quantos vaõ do Ceo à terra: *Exultavit ut gigas ad currendam viam à summo Cœlo egressio ejus.* Humanado o Verbo Divino na terra, para reduzir huma Samaritana perdida tantos passos deu, que se sentou de cansado: *Fatigatus ex itinere sedebat sic.* Para converter a Zacheo, que com as onzenas trazia a alma estragada, passeou primeiro por toda huma Cidade: *Ingressus Iesus perambulabat Iericho, & ecce vir nomine Zacchæus.* Para salvar a dous Irmaõs, que traziaõ as almas no trafego da pescaria muito embaraçadas andou passeando todo hum dia na praya do mar de Galilea: *Ambulans Iesus juxta mare Galilææ, vidit duos fratres, & vocavit eos.* Para segurar a salvação de S. Matheus, que hia de remate condenado sentado no telonio, passeou Christo junto a elle: *Cum transiret Iesus vidit hominem quendam Matthæum nomine, & dixit ei: Sequere me.* E em conclusaõ, para salvar todas as almas do mundo deu desde o Horto até o pretorio de Pilatos 4580. passos, & desde o pretorio de Pilatos até o Calvario, onde o crucificáraõ, deu 1336. passos com huma pezada Cruz sobre seus lastimados hombros: *Bajulans sibi Crucem exivit.*

Sempre para salvar almas deu Christ passos.

Vem já como Christo S. N. deu multiplicados passos pelo remedio das almas dos vivos? Ora vejaõ como deu passos multiplicados pelo respeito das almas dos defuntos: se os deu pelos q̃ andam no mundo, tambẽ os deu pelas q̃ estaõ no Purgatorio, & muito mais por estas, que por aquellas. Vejamolo. Naõ tem duvida, que no diviniſſimo Sacramento do Altar estaõ todos os passos da payxaõ de Christo recopilados, que assim o diz repetidamente a Igreja: *Recolitur memoria passionis ejus: Passionis suæ memoriam reliquisti*; & advirtaõ atentamente que todo o Sacrificio da Missa, ainda as vestes

Deu Christo muitos passos por salvar as bemditas almas:

E muito mais por estas, que pelas dos vivos.

Sacerdotaes ſaõ hum compendio recopilado de toda a payxão ſagrada. Iſto ſuppoſto, notem agora, que a Igreja governada pelo EſpiritoSanto decretou,que neſte Sacro-ſanto Sacrificio da Miſſa ſe fação dous mementos, hum pelos vivos, outro pelos defuntos, o dos vivos antes da Conſagração, o dos mortos depois della. Agora pergunto. Com que motivo mandarâ a Igreja fazer eſtes dous mementos? E porque não ſerà o primeiro pelos defuntos, pois ſaõ mais neceſſitados do que os vivos? Porque os vivos podem fazer boas obras para ſy, mas as almas do Purgatorio não eſtaõ em eſtado de poderem merecer. Oh! que eſtà iſto diſpoſto pela Igreja com grande myſterio aſſiſtida do Eſpirito Santo: & o myſterio he; q̃ como no primeiro memento inda o Corpo deChriſto não eſtà conſagrado, & já eſtá conſagrado no ſegundo memento, & no diviniſſimo ſacramento eſtaõ encerrados todos os paſſos da payxão de Chriſto: quiz moſtrarnos por eſte modo a Igreja, que Chriſto com ſeus paſſos acode ao remedio das almas dos vivos, & defuntos,& com mais aſſiſtencia aos defuntos,do que aos vivos, & por iſſo ordenou por eſte modo no ſacrificio da Miſſa eſtes dous mementos differentes; & ſendo iſto aſſim para todas as almas dos defuntos que eſtam no Purgatorio,tenho por ſem duvida, que muito mais particular aſſiſtencia amoroſa farà Chriſto com os merecimentos de ſeus ſantos Paſſos àquellas almas,que em vida foraõ irmans delles, por ſerem deſta ſorte mais caſeiras, & familiares. Eu o provo.

Empenhaſe muito Chriſto com as almas dos que foram devotos dos Santos Paſſos.

Manda Chriſto que conſagremos o ſeu precioſiſſimo ſangue com eſtas palavras: *Hic eſt Calix ſanguinis mei,qui pro vobis,& pro multis effundetur in remiſſionem peccatorum.* Eſte he o Caliz do meu ſangue, que por vós, & por muitos ha de ſer derramado. Naõ

E porque.

re-

reparo por ora em dizer o Senhor, que o ſeu ſangue ha de ſer por muitos derramado, ſendo que foi por todos, porque eſtava prevendo que muitos naõ aviam de querer aproveitarſe do ſeu ſangue. O em que por ora ſó reparo, he,em por o Senhor eſpecificadamente no primeiro lugar os Diſcipulos: *Qui pro vobis*, como ſe o ſangue fora derramado com alguma preferencia de maior efficacia, mais pelos Diſcipulos,do que por todos,ſendo que igualmente foi por todos derramado, como affirmaõ os Theologos, & o moſtra o Simbolo Apoſtolico:*Qui propter noſtram ſalutem deſcendit de Cœlis, crucifixus etiam pro nobis paſſus, & ſepultus eſt.* Sendo pois iſto aſſim,o que he certiſſimo ſem duvida alguma, como moſtra o Senhor o contrario neſtas palavras da ſua conſagração? Reſpondo. Verdade he,que a efficacia ſubſtancial do ſangue de Chriſto derramado foi para todos igual ſem mais, nem menos, mas a efficacia accidental reſpectiva, foi primeiro pelos Diſcipulos,do que pelos mais todos, por quanto os Diſcipulos eram mais de portas a dentro familiares: *Vos amici mei eſtis,ego elegi vos,*&atéChriſto para eſtes guarda particulares reſpeitos. Bem digo eu pois,que por ſerem eſtas almas do Purgatorio, ou terem ſido irmans dos Santos Paſſos da payxão de Chriſto,tem particular aſſiſtencia amoroſa deſtes divinos Paſſos para o remedio de ſuas penas, & alivio de ſeus tormentos.

Oh mil vezes ditoſas almas, aquellas que foſtes em vida irmans dos Santos Paſſos, & aquelles viventes que ſois dos Santos Paſſos irmaõs,pois lograis tanta vẽtura,como he a que fica propoſta: & tendes, ô bemditas almas, irmaõs tam primoroſos,como ſaõ eſtes,que com tanto primor,& leal amizade vos aplicam em toda a roda do anno os merecimentos dos Santos Paſſos da payxaõ de Chriſto em tantos Sacrificios, & neſte

 anni-

anniverſario que vemos feito com tanta pompa, & ornato, com que hoje muitas almas ſoltas do carcere do Purgatorio iraõ gozar o deſcáço da viſaõ beatifica. Ora fechemos já o Sermaõ com hum exemplo mui proporcionado ao que fica propoſto, para que vejais todos, como me naõ engano no que conſidero. Eſcreve o Veneravel Pedro, Abbade de Cluni, celebre em todo o mundo, aſſim por ſua grande Religiaõ, como por ſer o primeiro que ſe eſmerou muito em fazer ſuffragios pelas bem-ditas almas, de quem depois tomou a Igreja eſte tam ſanto coſtume: eſcreve (digo) no Capitulo 10. que paſſando pelo ſeu Convento hum Religioſo chamado Bernardo, peſſoa de grande opiniaõ, & pernoitando nelle, ao paſſar de hum corredor para a Igreja a orar, ſendo jà alta noite, lhe ſahio ao encontro hum Religioſo chamado Eſtevaõ, o qual alli tinha ſido Abbade, & chamou-o com palavras brandas, & ſentidas. Parou o Religioſo a eſtas vozes, ſem ſaber que eraõ de defunto, & perguntandolhe quem era: o defunto lhe diſſe o ſeu nome, & o officio que tivera, declarandolhe as terriveis penas que no Purgatorio padecia, pelas faltas que no ſeu officio avia cometido, por conſervar a amizade dos ſeus ſubditos, & amigos, & q́ ſem duvida ſe condenaria, ſenaõ fora a muita devoção que tivera aos Paſſos da ſagrada payxaõ de Chriſto, em que toda a vida ſe avia exercitado, & ella lhe valéra, & que agora lhe pedia o ajudaſſe com Miſſas, & meditação da dita payxão ſagrada, & algumas penitencias, & aſſim o pediſſe a outros Religioſos, para ſe ver livre das ditas penas. A iſto replicou Bernardo, que lhe naõ dariam credito; mas o defunto reſpondeo: Sim daràõ, ſe tu lhe apontares o ſinal, que dentro de oito dias morreràs, & aparelhate nelles para ſeres noſſo companheiro; & dito iſto deſapareceo, & o ſobredito ſe confirmou com o ſuc-

Exemplo.

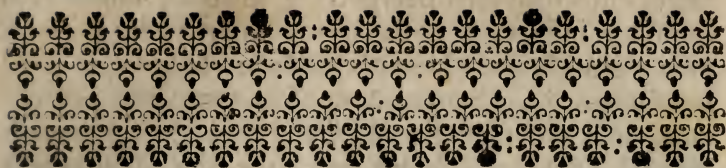
o ſucceſſo da dita morte, para a qual Bernardo ſe diſpoz com muita preparaçam, & os Monges fizeram muitos ſuffragios pelo dito Abbade Eſtevaõ, & Padre Bernardo, que morreo com grandes demonſtraçoens de predeſtinado.

Vem neſte exemplo o que monta para as almas a devoçaõ dos Santos Paſſos da Sagrada Payxão de Chriſto? Quem averá pois que naõ ſeja Irmaõ, & muito devoto dos Santos Paſſos? Jà por iſſo Chriſto Senhor Noſſo depois de rematar os Paſſos da ſua payxaõ, logo tanto que a ſua Santiſſima Alma ſe apartou do Corpo, foi tratar das almas dos Santos Padres, que eſtavam no carcere do Limbo, tirando-as para fóra delle, & por iſſo os ſeus Vigarios na terra concedêram a quem correſſe a Via Sacra dos Paſſos de Chriſto, naõ ſô para os vivos trezentas, & ſeſſenta Indulgencias plenarias; ſenam tambem para as bemditas almas, que cada peſſoa tiraſſe 24. do Purgatorio, cada vez que correſſe a Via Sacra deſtes divinos Paſſos. A hum Religioſo enſinou Chriſto S. N. que eſta meditação era hum breviſſimo atalho para o Ceo, & de grande goſto para Deos. A hum noviço tentado do Demonio para que voltaſſe aos paſſos do mundo, & largaſſe a Religiaõ, apareceo o Senhor com a Cruz às coſtas, & moſtrandolhe ſuas precioſiſſimas Chagas lhe diſſe, que quando ſe viſse tẽtado puzeſſe os olhos em ſua Cruz, & nos laſtimoſos paſſos, que com ella deu, & logo ſahiria vencedor, & aſſim lhe ſuccedeo morrendo mui perfeito Religioſo. Confeſſa Santa Thereſa, que por eſte caminho logrou grandes favores de Deos, & huma ſabedoria taõ alta, que ficou ſendo mais Doutora, do que ſe por vinte annos eſtudára Theologia. A outro Religioſo diſſe hum Anjo, que já mais aſſim ſe medita, que logo o Senhor benignamente nos naõ olhe acompanhado de toda a

Corte do Ceo. A Santa Getrudes disse Christo o seguinte, como refere Blosio: Qualquer pessoa póde tomar animo, & respirar com esperança de perdaõ, inda que se sinta oprimido com grande carga de peccados, se offerecer devotamente a meu Eterno Padre os Passos dolorosos de minha Payxaõ, & Cruz afrontosa; porque nenhum remedio ha tam efficaz na terra como este. Muitas outras revelaçoẽs pudéra apontar com q̃ a utilidade desta devoçaõ se comprovasse, se o tempo de hũ Sermam o permitíra.

O que de tudo isto resta he, que aquelles que tendes os passos errados, encaminheis vossos passos, desandai para vos salvar, o que tendes andado para vos perder. Vede que vos anda Deos contando as passadas, & que vos ha de pedir mui estreita, & meuda conta de todas. Caminhai pelos Passos da Payxaõ de Christo, & aplicay-os ao bem das almas do Purgatorio, para que assim tenhais avogadas obrigadas, que arrezoem por vòs no divino Tribunal, para que aqui nesta vida persevereis em graça, & na outra vos eternizeis na gloria: *Ad quam nos perducat, qui sine fine vivit, & regnat, &c.*

Louvado seja o Santissimo Sacramento.

SER-

SERMAM XI.

No Anniverſario dos Irmãos da Miſericordia da Cidade do Porto; em 1680.

LOUVADO SEJA O SANTISSIMO Sacramento.

Miſericordiam, & judicium cantabo tibi Domine. Pſalm. 99.

DOUS Tribunaes conſidero eu hoje neſte lugar, em que hoje aqui nos achamos juntos todos: hum he o Tribunal do Ceo, outro he o Tribunal da terra: hum de Deos, & outro dos homens: hum de Juſtiça, outro de Miſericordia; & por ambos julgo eu que com eſtas palavras, que ſam cortadas do Pſalm. 99. de David, rendem as bemditas almas a Deos muitas graças, & cantam repetidos louvores: *Miſericordiam, & judiciũ cantabo tibi Domine.* Muitas graças, meu Deos, vos damos, (dizem ellas) hymnos gratulatorios entoamos, aſſim pelo recto pro-

cedimento da vossa irrespectiva justiça, como pela bondade infinita da vossa divina misericordia, & divina permissam da humana piedade, & porque tudo igualmente nos agrada, & consola, tanto esta justiça, como esta misericordia: *Misericordiam, & judicium cãtabo tibi Domine.* Notem agora, que estas palavras tem dous sentidos, hum delles he considerada em Deos a sua justiça junta com a sua misericordia, o outro he cõsiderada a justiça divina com a misericordia humana, & ou se tomem estas palavras em hum, ou outro sentido, o meu reparo dellas por hora està sómente na collocaçam destas palavras, & vem a ser, em juntar David, & as bem-ditas almas por boca delle a misericordia unida com a justiça, & dar o segundo lugar à justiça, dando o primeiro à misericordia: *Misericordiam, & judicium.* O que suposto, difficulto assim, & pergunto: Como pòde unirse huma cousa com a outra, sendo a misericordia hum atractivo da affeição, & a justiça hum tedio da vontade; porque a misericordia com a brandura atrahe, & a justiça com o rigor intimida: a misericordia vestese da affabilidade, a justiça quasi sempre conduz aspereza: a misericordia he flor que recrea, a justiça he vara que magoa: a misericordia favorece, a justiça castiga; finalmente a misericordia he filha do amor, a justiça he mãy da crueldade, porque se a misericordia sempre he brandura, a muita justiça passa a ser tyrannia? Sendo pois isto assim, como he possivel unirem-se em amoroso laço misericordia, & justiça: *Misericordiam, & judicium*? Segunda duvida. A misericordia, & a justiça sam em Deos iguaes atributos, que assim o ensina a Theologia, & tanto honra, & se preza Deos do attributo da misericordia, como do attributo da justiça, tam exaltado he por huma cousa, como pela outra, & tam virtude he esta, como aquella, o que

naõ

não tem duvida alguma: como pois dà David o primeiro lugar à misericordia, & o segundo à justiça: *Misericordiam, & judicium*? Ambas as duvidas sam boas, queira Deos que assim o pareçam as repostas, & creyo que assim seraõ, pois assim o pede tanto esta acção presente, que he de tanta misericordia, como este lugar em que estamos, que he a Santa Casa da Mãy della; & assim este será todo o empenho deste preséte Sermaõ, fũdado nas repostas das duas duvidas, que ficam ponderadas. Comecemos pois já os discursos.

Era a primeira duvida, como se podiam unir justiça com misericordia, quando a misericordia diz brandura, & a justiça diz aspereza? Respondo, que para hum bom governo com acerto assim se deve obrar, ha de andar junta a justiça com a misericordia: & a razam disto he; porque a muita justiça passa a ser crueldade, & a muita brandura chega a ser remissam; & o verdadeiro Prelado q̃ bem governa, nam ha de ser tam justiçoso que pareça cruel, nem ha de ser tam brando que pareça remisso, porque nesta materia, tanto se perde por carta de mais, como por carta de menos. Vejamolo. Diz Isaias, que sahirà huma vara da raiz de Iesse, & que da mesma raiz pulará huma flor: *Egredietur virga de radice Iesse, & flos de radice ejus ascendet.* Aqui a minha duvida. Que a vara saya do tronco, muito embora, porque naturalmente assim rebentam as varas; mas a flor, como he possivel, se as flores nascem das pontas das varas? Direi. No sentido mystico, a vara he geroglifico da justiça, mas a flor he figura da misericordia, & como isto assim seja, achou o Profeta que da mesma raiz devia sahir vara, & flor, quero dizer, a misericordia, & a justiça: *Egredietur virga de radice, &c.* & assim he bem que seja, para que como vara seja temido, & como flor seja amado. Assim o fez Moysés divino

No Principe, & Prelado ha de haver misericordia, & justiça, rigor, & mais brandura.

Ha de haver mais de brãdura, que de rigor.

divino Prelado,como feito pela mão de Deos:*Conſtitui teDeũ Pharaonis*,porq̃ hũas vezes rogava cõ todo o empenho pelo povo: *Aut dimitte eis hanc noxã,aut dele me de libro tuo*,outras vezes degolava aos fios da eſpada velhos, & mininos: *Ceciderunt in die illa quaſi viginti tria millia hominum.* Neſtes dous polos ſe eſtriba, neſtas duas colunas ſe ſuſtenta o governo Monarquico, & Economico, & por iſſo David unio a miſericordia com a juſtiça: *Miſericordiam, & judicium cantabo tibi Domine.* Ora fechemos eſte diſcurſo com Chriſto, que foi hum perfeitiſſimo modelo de Prelados, & Miniſtros da Iuſtiça.

O meſmo. Sempre reparei, em que no meſmo tempo em que hũ ladram ſe ſalvou,outro ſe perdeo. Pergunto: E porque ſenam ſalvariam, ou condenariam ambos? Hum tam mofino,outro tam venturoſo; porque? Se o ſalvarſe Dimas foi obra da divina miſericordia, tam limitada era a miſericordia divina, que nam podia abranger a ambos? Qual ſeria pois a cauſa deſta differença? Direi ſegundo o juizo humano pòde dar alcance ao juizo divino. Eſtava o Senhor na Cruz como Prelado, & Miniſtro, porque a Cruz lhe ſervia de vara,& de trono, & quiz moſtrar por eſte modo, que como perfeito Prelado, & Miniſtro, unia acçoens de juſtiça com acçoens de miſericordia, tinha rigor, & brandura, pois no tempo em que a hum caſtigava, tambem a outro perdoava, para hum,Iuiz ſevero, para outro,Pay piedoſo,porque aſſim deve proceder o perfeito Miniſtro,& Prelado:*Miſericordiam,& judicium, &c.*

Cuido que temos reſpondido à primeira duvida, reſpondamos à ſegunda. Era ella. Porque razam poem David em primeiro lugar a miſericordia,& no ſegundo a juſtiça? Em que deſmerece a juſtiça da miſericordia: *Miſericordiam, & judicium*? Reſpondo. Nam poſſo negar,

gar, que ſam em Deos attributos iguaes,& iguaes virtudes moraes ſaõ a juſtiça, & a miſericordia; porèm com iſto ſer aſſim na verdadeira Theologia, com iſto eſtà,que na eſtimação da bondade divina muito melhor lugar tem a Divina miſericordia,do que a Divina juſtiça, & para o dar aſſim a entender, por iſſo David poz em ſegundo lugar a juſtiça, pondo no primeiro a miſericordia: *Miſericordiam, & judicium.* Naõ he menos abonado fiador deſta verdade que o Apoſtolo Sam-Tiago. *Miſericordia*(diz elle) *ſuperexaltat judicium.* A juſtiça em Deos he ouro fino ſem liga alguma, porèm a miſericordia he o eſmalte, que faz ſobreſahir mais eſte ouro. Em concluſam,ſempre Deos ſe moſtrou mais inclinado para a miſericordia,do que para a juſtiça. Vejamolo em Chriſto outra vez nos braços da Cruz poſto. Diz S. Joaõ,que inclinando Chriſto a cabeça eſpirou: *Inclinato capite emiſit ſpiritum.* Que eſta inclinação foſſe para a parte direita, aſſim o moſtra a commua pintura, & tradiçaõ da Igreja. O que ſuppoſto, pergunto agora: Porque razaõ ſe inclinaria o Senhor mais para a parte direita, que para a parte eſquerda? E porq̃ quereria morrer com eſta inclinaçaõ? Direi. Servia a Cruz a Chriſto de balança,diz a Igreja: *Statera facta corporis*, & neſta balança era o fiel della Chriſto crucificado;em hũa balãça eſtavaõ os peccados do mundo, que pediam caſtigo por via de juſtiça,na outra balança eſtavaõ os merecimentos de Chriſto,que imploravam miſericordia, & como Chriſto era o fiel, por iſſo ſe inclinou para a parte direita da miſericordia, & nam para a eſquerda da juſtiça, & como morria por amoroſa piedade,por iſſo quiz morrer com eſta inclinação,para que aſſim mais realçaſſe a ſua miſericordia: *Et inclinato capite emiſit ſpiritum.*

Primeiro lugar tem a miſericordia, que a juſtiça.

Mais ſe inclina Chriſto para a miſericordia,que para a juſtiça.

Subamos mais de ponto o diſcurſo. Faz Deos

tam

tam grande eſtimação da ſua divina miſericordia, que parece, & moſtra que ſe envergonha de ſe verem nelle lanços de juſtiça, & nam os da miſericordia. Lá diſſe a Alma Santa, que o ſeu querido Eſpoſo, em que Chriſto eſtà figurado, metéra a maõ eſquerda debaixo da ſua, & com a maõ direita lhe déra hum laço amoroſo: *Læva ejus ſub capite meo, & dextera illius amplexabitur me.* Pergunto: Com que intento eſconderia o Divino Eſpoſo a mam eſquerda ao tempo que moſtrava a mão direita? & porque nam eſconde ambas, ſenão ſó a eſquerda? Reſpondo, que a razão a meu ver foi, porque (como jà fica dito) a mão eſquerda he ſimbolo da juſtiça, & a direita he figura da miſericordia, quiz moſtrar Chriſto neſta figura, que nam quer que ſe vejam nelle ſombras de juſtiça, & parece que ſe envergonha de o verem com faltas de miſericordia. Agora entenderàm em comprovação diſto muitos lugares, que na comprehenſam ſam bem difficultoſos. Por iſſo no dia do Juizo ha de haver tanto eclypſe, com que ha de ficar ás eſcuras todo o mundo: *Erunt ſigna in Sole, Luna, & Stellis:* & a razam he; porque neſte dia ha de apparecer Chriſto Deos todo de juſtiça ſem miſericordia algũa. Por iſſo prometendo eſte Senhor o Ceo ao bom Ladram, & conſtando do Evangeliſta que ſe ſalvou, nam conſta expreſſamente do caſtigo com que ſe condenou o mao ladram; porque quer eſte Senhor, que conſte da ſua miſericordia, & q̃ ſenão ſaiba do rigor da ſua juſtiça. Por iſſo promete a vida eterna a quem o recebe ſacramentado: *Qui manducat hunc panem, vivet in æternum*, & cala a condenação do divino Juizo a quem indignamente o recebe: *Qui indignè manducat, judicium ſibi manducat.*

Envergonhaſe Deos que ſe vejaõ nelle lãços de rigor de juſtiça.

Inda requinto mais eſte diſcurſo dizendo, que tal he a eſtimação que Deos faz da ſua divina miſericordia, que ſendo hum ſó, quer no lãço della parecer muitos.

Aſſim

Aſſim o diz Tertuliano: *Deus miſericordiæ plurimus.* Vejamolo em huma figura do Teſtamento Velho. Appareceo Deos em caſa de Abraham figurado em tres mancebos: *Apparuerunt tres viri ad oſtium tabernaculi,* & reconhecendo Abrahaõ ſer Deos trino,& uno,como tal o adorou: *Tres vidit, & unum adoravit.* Pergunto: Para que ſe multiplicaria aqui Deos? naõ baſtava que appareceſſe hum ſó? Neſta occaſiam naõ. Notem. Faltava a Abrahaõ ſucceſſor para ſua caſa, era Abraham velho, & Sara ſobre velha era eſteril,hia Deos a remediar eſta neceſſidade dandolhe hum filho, & como hia uſar eſte lanço de miſericordia: *Uxor tua habebit filium,* por iſſo ſendo hum ſò quiz parecer muitos: *Apparuerunt tres viri.* Inda digo mais, q̃ parece em certo modo, que perde Deos o ſer, & a vida quando lhe faltaõ occaſioens em que uſe lanços de miſericordia. Diz S. Paulo, que ſomos por ſeus filhos ſeus herdeiros, & coherdeiros com Chriſto: *Quod ſi filij Dei, hæredes quidem Dei, cohæredes autem Chriſti.* Grande duvida. Pergunto: Como he iſto pòſſivel, ſe Deos he immortal, & nam póde haver herdeiro ſem morrer o teſtador, como diz o meſmo Apoſtolo: *Teſtamentum nondum valet dum vivit qui teſtatus eſt?* Como pois ha de verificarſe o que diz o Apoſtolo,ſendo certo que Deos naõ pòde morrer? S. Bruno acertou com a ſoluçam,& muito ao noſſo intento. Notem,que Deos na gloria naõ tem occaſioens para uſar de miſericordia com os bemaventurados, porque elles lá naõ podem peccar, & o meſmo he naõ poder Deos uſar lanços de miſericordia, que morrer Deos. *Quia in futura Beatitudine* (diz o Santo) *quodammodo morietur Deus.*

Quer Deos parecer muitos quando uſa lanços de miſericordia.

Parece que perde Deos a vida, & o ſer quando naõ uſa lanços de miſericordia.

Inda não eſtou ſatisfeito,paſſo avante,& digo que naõ deſcança Deos, nem ſocega em quanto não tem com quem uſe lanços de ſua miſericordia. Reparei em

Naõ focega Deos em quanto naõ tem com quem ufe lanços de mifericordia.

em naõ defcanfar Deos, quando creou o mundo, fenaõ fô no fetimo dia: *Requievit die feptimo*. Pergunto: E Deos pòde canfar? Alem de que dado que Deos canfaffe, porque naõ defcançou em qualquer dos feis dias, & fó no fetimo? Porque? Refpondo. Porque no fetimo formou Deos o homem, com o qual ufou lanços de mifericordia: *Fecit Deus tunicas pelliceas*, & por iffo em quãto Deos nam teve com quem ufaffe lanços de mifericordia, naõ teve focego, porèm tanto que vio o homẽ com quem podia ufar lanços de mifericordia, logo com focego defcançou: *Requievit die feptimo*. Ouçam a Sam Leam Papa: *Tunc requievit habens cui peccata dimitteret*.

S. Leam.

Daqui nafce, que anda fempre Deos bufcando no peccador ao modo do ar algum modo para que ufe com elle da fua mifericordia. Notem, que o ar tem efta particularidade, & he, que fe lhe fechais a porta, ou a janella, anda bufcando algum refquicio, por eftreito que feja, por onde poffa ter entrada. Tal como ifto he Deos com a fua mifericordia. Ora vejaõ-no na occafiam em que Chrifto deu a feus Difcipulos poder para perdoarem peccados, Diz o Texto Sagrado, que lhes deu efte poder com hum fopro: *Infufflavit eos dicens: Quorum remiferitis peccata, remittuntur eis, &c.* Pergunto: Com hum fopro deu efte poder? Ifto tem muito myfterio. E qual ferà? Direi. Perdoar peccados ninguem pòde duvidar, que hum lanço de grande mifericordia, o fopro he o mefmo que o ar, & o ar entra por qualquer refquicio que acha, pois eisaqui a razam porque Chrifto deu efte poder com hum fopro, porque efte he Deos para com-nofco nos lanços da fua divina mifericordia, que anda bufcando o peccador por onde poffa ter entrada. Repara muito nifto ô peccador, & confidera quanto deves à mifericordia de Deos.

Simile,

Anda Deos bufcando a quẽ perdoe a modo do ar que bufca por onde entre.

Ora fechemos efte difcurfo com hum encarecimento,

mento, que cuido agradarà por ter ſua novidade. Digo pois, que os lanços da miſericordia ſaõ, & parecem muito proprios de Deos; pelo contrario, os da juſtiça, inda que ſejam de Deos, naõ parecem ſeus, ſenam humanos. Notem a prova. Duas maõs acho na Sagrada Eſcritura muito encontradas, ſendo de Deos ambas: hũa he a que apareceo a Balthaſar, outra a que acompanhou ao Bautiſta. A maõ que apareceo a Balthaſar, ſendo maõ de Deos na realidade, parecia maõ de homem: *Apparuerunt tres digiti quaſi manus hominis ſcribentis.* A maõ que acompanhou ao Bautiſta era, & parecia maõ de Deos: *Etenim manus Domini erat cum illo.* Pergunto agora. Porque cauſa ouve eſta differença entre eſtas duas maõs? Porque ha de parecer huma mais, & outra menos? Naõ gaſtemos mais tempo no reparo, eu aponto a ſolução. A maõ que appareceo a Balthaſar vinha por ordem da juſtiça, & por iſſo eſcrevia a ſentença do caſtigo: *Thecel: diviſum eſt imperium*; pelo contrario, a maõ que acompanhou ao Bautiſta veyo por ordem da miſericordia: *Magnificavit Dominus miſericordiam ſuam cum illa*; & como iſto aſſim era, por iſſo a maõ de Balthaſar, ſendo maõ de Deos, parecia maõ de homem: *Manus quaſi hominis*; porèm a mão do Bautiſta era, & mais parecia maõ de Deos: *Etenim manus Domini erat cum illo.*

Os lanços da miſericordia ſempre parecẽ proprios de Deos, nam aſſim os da juſtiça.

Cuido que tenho reſpondido âs duas duvidas, que no principio do Sermaõ ponderamos. O que à viſta diſto reſta, he, que ſaibamos ſer agradecidos a tanta miſericordia divina, & que naõ offendamos a Deos à conta deſta divina miſericordia, porque iſto ſente Deos muito, & muito rigoroſo caſtiga. Ouçáo a S. Gregorio Magno: *Peccata committere, & de Dei clementia præſumere pelago juſtitiæ ejus exponi eſt*; & he iſto tanto aſſim, que affirma o Eſpirito Santo no Eccleſiaſtico,

Exclamaçaõ.

S. Gregor.

ſer

ſer maldito, mal-aventurado todo o que aſſim confia: *Maledicti qui peccant in ſpe.* O que S. Bernardo explica deſta ſorte: *Maledicti qui ita miſericordia ejus blandiuntur, ut à peccatis ſuis non emendentur, vana eſt omnino ſpes iſta*; & por iſſo já diſto meſmo ſe moſtrou Deos muito ſentido pelo Evangeliſta S. Joaõ: *Dedi illi tempus, ut pænitentiam ageret, & non vult pænitere*; ſobre o que exclama S. Joaõ Chriſoſtomo dizendo: *Averſati ſumus vocantem, & undequaque illectantem, & nec ſic quidem de nobis pœnas ſumpſit.* Oh naõ ſejamos como Pharao, que mais ſe endurecia à viſta dos prodigios, que para convertelo Moyſés obrava! Naõ digamos (exclama aqui S. Agoſt.) Jà Deos me perdoou duas vezes, tambem me perdoará a terceira: *Ne dicamus, ecce feci heri, & pepercit Deus, facio hodie, & Deus parcet, cras faciam, & parcet Deus.*

Naõ quer Deos que à conta da ſua miſericordia deixemos de emendarnos.

Temos ponderado o que toca à miſericordia divina; ſegueſe ponderarmos o tocante a eſta voſſa miſericordia humana deſta acçaõ tam pia, & tam primoroſa como eſtamos vendo. Digo pois, que com ella grangeais muitos intereſſes para vós, & para as bemditas almas dos voſſos Irmaõs fieis defuntos, porq̃ cõ eſta miſericordioſa acçáo prendeis as maõs a Deos. Vejamolo em hum ſucceſſo a eſte ſemelhante. Querendo Deos caſtigar ao povo Iſraelitico por haver idolatrado, diſſe a Moyſés eſtas palavras: *Dimitte me ut iraſcatur furor meus contra populum iſtum.* Largame Moyſés, nam me prendas as maõs, que quero caſtigar eſte povo rebelde, & ingrato. Pergunto: E a vós meu Deos quem vos pòde prender as maõs? que prendais vòs a todos, iſto ſim, mas o homem que vos prenda a vós, iſto como pòde ſer? Oh! vejam o que Moyſés neſta occaſiam fazia. Eſtava Moyſés tam empenhado em huma obra de miſericordia tam pia, como era interceder pelo perdam deſte

Quem uſa lanços de miſericordia prende as maõs a Deos.

povo

povo, até querer ficar riscado da matricula dos moradores do Ceo: *Aut dimitte eis hanc noxam, aut dele me de libro tuo*; & porque Deos vio esta obra tam pia de misericordia, achou que esta lhe prendia as maõs para não poder castigar como queria, & por isso pedio a Moysés que o largasse: *Dimitte me,&c.* Vem quanto póde huma obra da misericordia humana? pois ainda passo adiante. He tam poderoso hum lanço desta misericordia, que faz trocar peccados muito graves em peccados veniaes muito leves. Neste mesmo lugar temos a prova, dem-me atençaõ a ella.

Faz trocar peccados graves em peccados leves.

Disse Moysés, que estava empenhado em Deos perdoar ao povo aquella ninheria venial q̃ tinha cometido. Notem que isto quer dizer na propria significaçaõ esta palavra Latina (*Noxa*), & nisto he que reparo. Se o peccado que o povo cometeo foi o da idolatria que fez, o qual sem duvida he gravissimo peccado, & por tal o avaliou o mesmo Moyses: *Peccavit populus peccatum maximum*, como agora o intitula peccado venial de pouca importancia: *Hanc noxam*? Isto he encontro manifesto? Naõ he nesta occasiam presente, porque Moysès nesta occasiam estava fazendo huma obra de misericordia tam pia, como era avogar o perdaõ do povo (segundo já fica dito), & esta obra de misericordia fez trocar o que era gravissimo peccado em huma ninheria leve: *Hanc noxam, peccatum maximum.* Inda quero ratificar mais isto. Mandou Pharaó a todas as parteiras, que matassem a todos os meninos Israelitas, porém as parteiras compadecidas dos innocentes naõ se atrevéram a executar tal crueldade, & escusàraõ-se, affirmando com juramento, que as mulheres Hebreas naõ chegavaõ ainda ao tempo completo do parto, no que sem duvida mentíraõ, & juràraõ falso. Pergunta aqui Hugo de S. Victor. se peccáraõ estas parteiras

no crime de perjuras? & responde, que por ser a mentira em huma obra de misericordia, & tam pia como era esta de livrar da morte aos innocentes, foi culpa sómente venial muito leve. *Mentitæ sunt* (diz o Padre) *obstetrices, sed propter pietatem veniale fuit mendacium.* Eis-aqui como os lanços da misericordia humana tem efficacia para trocarem peccados muito graves em venialidades muito leves. Vedes já o que interessais com este vosso lanço da misericordia, taõ util para vós, como para as bem-ditas almas dos vossos irmaõs? ora requinto mais este discurso, dizendo que hoje com esta vossa obra de misericordia sobem muitas almas dos vossos irmaõs ao Ceo direitas. Eu o mostro com evidencia.

Com esta obra de misericordia sobem as almas ao Ceo.

No dia do Juizo chamarà Deos os predestinados para sua gloria, & o fundamento que Deos tomarà para chamalos, he terem feito obras de misericordia, como elle mesmo diz. Tive sede, destesme de beber: tive fome, destesme de comer: estava nú destesme vestido: estive enfermo, curastesme: cheguei à vossa porta, & recolhestesme, Vinde bem-ditos & entrai no Reyno dos Ceos: *Sitivis, dedistis mihi bibere: esurivi, dedistis mihi manducare: nudus eram, operuistis me, &c. Venite benedicti Patris mei, percipite Regnum, quod vobis paratum est.* De sorte, que todo o fundamẽto de Deos chamar os predestinados para o Ceo, he terem feito obras de misericordia. Bem digo eu pois, que fazendo hoje os Irmaõs desta Santa Casa esta obra de misericordia taõ pia, iraõ muitos dos seus irmaõs defuntos ao Ceo a lograrem essa patria bem-aventurada. Assim o permita esse mesmo Ceo. E em conclusam, atè para Deos parece que he huma particular gloria accidental. Assim o mostrou Christo na occasiam de Lazaro resuscitado, que foi figura de huma alma do

S. Gregor. Nazianz. compendiaria hæc ad salutem via facilis in Deum ascẽsus.

Purga-

Purgatorio. Reſuſcitando o Senhor a Lazaro, diſſe aos circunſtantes, que aquella morte era para Deos ſer mais glorificado: *Hæc infirmitas non eſt ad mortem, ſed pro gloria Dei, ut magis glorificetur.* Pergunto: E em que eſtaria neſta occaſiaõ a maior gloria de Deos? & a gloria infinita de Deos como pòde ter augmento? Direi. Inda que o naõ pòde ter eſſencial, pòde tello accidental, ſegundo nos enſina a Theologia, & grande gloria accidental he para Deos, obrar huma obra de tanta miſericordia, & piedade, como foi a de reſuſcitar Lazaro morto, figura de huma alma que ſahe do Purgatorio, & vai para a vida eterna. Oh que grande gloria accidental terà hoje Deos no Ceo vendo ſubir tantas almas a elle livres do fogo do Purgatorio em virtude deſta obra de miſericordia tam pia, como he a deſtes ſuffragios, que hoje aqui vemos, com eſta eça taõ decoroſamente ornada, & com tãtos ſacrificios, como teſtemunhaõ eſtes Altares! Pelo que bem podem cantar hoje as bem-ditas almas com David aquelle cantico gratulatorio: *Miſericordiam, & judiciũ cantabo tibi Domine.*

Obra de miſericordia he gloria accidental para Deos.

E vós Irmaõs vivos, tomai eſta liçaõ, que vos daõ os voſſos Irmaõs defuntos, continuando eſtes lanços da miſericordia com as bem-ditas almas, porque o Senhor promete ter tambem com-voſco miſericordia, como diz por S. Matheus: *Beati miſericordes, quoniam miſericordiam conſequentur*; & aſſim explica eſtas palavras Santo Agoſtinho, fallando com Deos acerca de ſua Mãy: *Ne intres cum ea in judicium, ſuperexaltet miſericordia judicium, quoniam eloquia tua vera ſunt, & promiſiſti miſericordia n miſericordibus*; & jà tambem Deos aſſim o tinha prometido no Eccleſiaſtico, quando diſſe fallando nos noſſos termos: *In tem-*

Exclamaç.

pore casus sui inveniet firmamentum. Assim o explica nosso Mestre Liran. *In tempore casus sui inveniet firmamentum, quia (sicut dicit Augustin.) sola misericordia comes est defunctorum.* Dous exemplos confirmam muito isto mesmo. O primeiro he do Cardeal Paschasio, o qual (como conta Saõ Gregorio Papa) padecia no Purgatorio graves tormentos, inda que por culpas leves, dos quaes alcançou ser livre pelos suffragios, que Germano Bispo offereceo por elle, mas o que principalmente lhe valeo, foi a grande misericordia que avia tido em sua vida com os pobres, porque tãto como isto se paga Deos de quem usa obras de misericordia. O segundo exemplo he do Emperador Otho, o qual foi Deos servido que aparecesse a hũa sua parenta muito virtuosa, & Religiosa em hum Cõvento, & fallandolhe, lhe disse, que padecia no Purgatorio muito, & que por tanto mandasse a varios Conventos, nos quaes se rezassem repartidamente dez mil Psalterios por elle, & que a cada Psalmo tomassem dez golpes de disciplina, & que em quanto se tomassem as disciplinas, se rezasse o Psalmo de Profundis, porque isto fez q̃ elle sahisse do Purgatorio depois de morto, por ter juntamente feito em sua vida huma grande obra de misericordia, & foi mandar repartir grande quantidade de paõ a pobres, & Conventos na occasiaõ de huma grande fome, & que por este lanço de misericordia que avia usado, por isso Deos ouvera com elle misericordia. Sirvaõ pois estes dous exemplos de espelho, para que todos se exercitem muito nos lanços da misericordia, principalmente com as bem-ditas almas do Purgatorio, porque assim agradamos a Deos, interessando sua divina misericordia, com que perdoados nesta vida morramos em

Lyra. Exemplos.

gra-

graça, & depois da morte logremos eternos deſcanços na gloria: *Ad quam nos perducat qui ſine fine viuit, & regnat in ſæcula ſæculorum.* Amen.

Louvado ſeja o Santiſſimo Sacramento, & a Immaculada Conceição da Virgem Maria Senhora Noſſa.

SERMAM XII.

Na Procissaõ dos Finados que faz a Misericordia em dia de todos os Santos. Porto em 1681.

LOUVADO SEIA O SANTISSImo Sacramento.

Exultabunt Domino ossa humiliata. Psalm. 50.

HUMA acção a mais piedosa, hum officio de piedade o mais religioso, hum empenho da Misericordia humana o mais heroico, & hum concurso desta Cidade o mais Catholico, he a meu ver este que hoje vemos emprego deste meu funesto panegyrico: & a razaõ disto he; porq cõsta esta ação taõ louvavel annualmente repetida do enterro, & suffragios de huns homens defuntos, que no lugar do supplicio

plicio sobterrados careciaõ de sepultura, & suffragios, acodindo hoje a Misericordia da terra a soccorrelos cõ lhes fazer suffragios a suas almas, & darlhes sepultura a seus ossos; desorte que o que atègora padeciaõ nas maós da Justiça, hoje se converte em gosto pelas maõs da Misericordia; & bem era que assim fosse, para que em hum mundo onde ha tanta Justiça para os vivos, se visse que tambem a Misericordia tinha seu dia atè para os mortos; & que se o rigor da Justiça parou na morte com seu officio, a Misericordia estendeo o seu officio da piedade atè depois da morte, pois faz que os ossos mirrados,& abatidos se alegrem hoje muito cõtentes,vendose com esta magestosa pompa mui authorizados,& com os suffragios mui enriquecidos. Assim imagino eu que o testemunha o Real Profeta David nas palavras do nosso Thema, no sentido anagogico explicadas: *Exultabunt Domino ossa humiliata.* Querem dizer estas palavras: Dia virà em que ossos mirrados,secos, & abatidos se alegrem muito por se verem dentro da Casa de Deos metidos, & em sua divina presença moradores. Notem para isto o emphatico sentido daquellas palavras,*Exultabunt Domino.* Isto suposto,pergunto: Como he possivel que huns ossos mirrados, & secos possaõ alegrarse carecendo de penas,porque carecem de sentidos? Queira Deos que assim como a duvida parece boa,assim o pareça tambẽ a reposta. Digo pois,q̃ hoje muito se alegraõ estes ossos desanimados,por dous motivos,q̃ os fazem em certo modo muito alegres, & capazes de gosto. Hum he a respeito do corpo,& outro a respeito da alma. A respeito do corpo,pela honra q̃ hoje logra õ cõ taõ honrada sepultura: a respeito da alma, pelos suffragios que se lhes fazem, com que muitos subiràõ ao Ceo a possuir tronos gloriosos; & disto se segue, que ficaõ sendo hoje estes

ſeus goſtos duplicados. Provemos o aſſumpto, para que fique corrente o conceito, & ha de ſer dentro das palavras antecedentes ás do noſſo Thema.

Auditui meo dabis gaudium, & lætitiam. Senhor, (diz David) a minhas vozes ſentidas dareis ſoccorro de goſto, & alegria, deſorte que meus oſſos ſecos, & mirrados ſaltem com o prazer de tal ventura: *Et exultabunt oſſa humiliata.* Pergunto: Para que duplica David eſtas palavras de goſto, & alegria, que parecem deſneceſſarias na duplicaçaõ, porque goſto, & alegria fazem o meſmo ſentido? Que ſegredo terá pois eſta duplicaçaõ que naõ carece de myſterio? Mais. Se os oſſos eſtavaõ ſecos, & mirrados, como podiaõ eſtar de goſto capazes? Se por inanimados naõ podiaõ padecer, como ſe podiaõ alegrar? Reſpondo, que na ſupoſiçáo do ſentido que temos dado, bem podem hoje eſtes oſſos eſtarem muito alegres, por dous motivos, que ficaõ já apontados; porque como os oſſos do corpo em virtude da uniaõ phyſica dizem reſpeito à alma inda depois de ſeparada, tomada a parte pelo todo ſegundo a figura Sinedoche da Rhetorica humana: bem podemos dizer, que ſentem, ou feſtejam os oſſos do corpo, o que a alma ſente, ou feſteja, & como o ter hum corpo ſepultura honrada, & ter a alma ſuffragios dos fieis he o maior goſto, & intereſſe que darſe póde, por iſſo David diſſe, que teraõ ſeus oſſos ſecos, & mirrados duplicados goſtos: *Auditui meo dabis gaudiũ, &c.* Provemos eſte aſſumpto, & vejamos logo, como he grande goſto para hum corpo defunto ter ſepultura honrada.

Gabaõ muito os Santos Padres a grande ventura, & conſolaçáo que teve o corpo de Abner defunto, ſendo que Abner morreo na flor da idade a maõs de Joab atreiçoado: *Adduxit eum ut loqueretur in dolo, & per-*

percussit eum in inguine, & mortuus est. Sendo pois isto assim, em que esteve o gosto, & consolaçaõ de Abner? morrer na flor da idade, & à treyçaõ póde dar gosto? póde ser felicidade? Casiodoro soltou a difficuldade muito ao nosso intento. Foi o corpo de Abner sepultado em Hebrom (diz Casiod.) lugar este que era muito honrado, porque aqui estavaõ sepultados todos os Principes de Israel, & como isto assim fosse, achou o Texto Sagrado, que naõ podia ter o corpo defunto de Abner mais felicidade, nem maior ventura, do que estar em taõ honrado lugar sepultado: *Sepulti enim ibi fuerant Principes Israel, & non parva fuit consolatio.* Encareçamos mais isto. He ter sepultura honrada taõ grande gosto, & interesse, que muito mais monta isto, do q̃ ter hum muito rico morgado. Vendeo Esau hum morgado que tinha taõ barato, que o vendeo só por hũa tigela de lentilhas: *Vendidit primogenita, & sic accepto pane, & lentis comedit.* Jacob pelo contrario, comprou hum pedaço de hum campo para huma sepultura taõ caro, que o comprou por cem carneiros do seu rebanho os mais fermosos: *Emit partem agri centum agnis.* Pergunto: Como assim? compra Jacob hum pedaço de terra taõ estreito que naõ tem mais que sete palmos de cõprido, & tres de largo, por taõ alto preço; & vende Esaú hum morgado taõ afazendado por hum preço taõ baixo? Porque? Donde nasceria taõ grande differença? Direi. Nasceo de ser aquelle pedaço de terra comprado para servir de huma sepultura honrada, & muito mais val, muito mais se interessa, em ter huma honrada sepultura, do que em ter hum muito rico morgado; & naõ só se interessa na fórma que tenho dito, mas tambem muito grande honra para a pessoa se interessa.

He grande gosto ter hũa sepultura honrada.

Casiod.

Monta mais isto do q̃ ter hum morgado muito rico.

Chamou S. Ambrosio ao preço porque Judas vendeo

deo a ſeu divino Meſtre, preço de grande honra, & preço muito honrado: *Pretium honorati.* Notavel dizer! Como he poſſivel que foſſe preço honrado o que parece preço da ambiçaõ, & aleivoſia mais infame? Em que ſe fundaria S. Ambroſio para dar eſte titulo a eſte preço? O Santo o não diz, & aſſim eu direi o que imagino que elle quiz dizer. Com eſte preço ſe cõprou hum campo para ſervir de ſepultar peregrinos: *Emerunt ex illis agrum figuli in ſepulturam peregrinorum*; & achou S. Ambroſio, que o meſmo foi ſervir eſte preço de ſepultar peregrinos, do que ſer preço muito honrado, inda que pela venda aleivoſa foſſe muito infame: *Pretium honorati.* Inda digo mais, que he iſto a maior felicidade, & honra que darſe pòde, inda para os oſſos de hum corpo morto. Pedio Ioſeph a ſeus irmaõs, q̃ levaſſem com-ſigo os ſeus oſſos quando ſe foſſem para a terra de Promiſſaõ a ſeus aſcendentes prometida: *Aſportate oſſa mea vobiſcum de loco iſto.* Pergunto: E que importava a Ioſeph eſtarem aqui, ou alli os ſeus oſſos mirrados depois de morto? Reſpondo: Importava muito, porque aqui em Egypto eſtavam os ſeus oſſos entre dous idolatras, & tinhaõ hum lugar muito pequenino, como diz o Texto: *Repoſitus eſt in loculo in Ægypto*; pelo contrario, na terra de Promiſſaõ aviam de eſtar ſeus oſſos entre os Iſraelitas venerados, & em huma honrada ſepultura recolhidos, & achou Ioſeph, que inda depois de morto feſtejariaõ os ſeus oſſos mirrados huma taõ grande honra, & ventura, como era eſta de terem huma ſepultura tam honrada, porque naõ ha maior felicidade, inda para huns oſſos ſecos, como eſta felicidade; como tambem pelo contrario, naõ ha mayor motivo de ſentimento para eſtes meſmos oſſos, como faltarlhes hũa honrada ſepultura, pois monta para elles naõ menos, que eſtarem na ſepultura menos no-

He muito honrado o preço com que huma ſepultura ſe compra.

S. Ambroſ.

Matth. 27.

He iſto a mayor felicidade que pòde darſe.

nobre como crucificados. Chegando as Santas Marias ao Sepulcro de Christo achàraõ dous Anjos no Sepulcro sentados, que lhes perguntàraõ se buscavaõ a Iesus crucificado: *Iesum quæritis crucifixum? non est hic.* Notem, que para bem aviaõ de dizer: Se buscais a Iesus sepultado? pois o buscavaõ na sepultura. Como trocáraõ pois os termos estes Anjos? Naõ trocáraõ, antes falláraõ como huns Anjos. Como Christo estava em huma sepultura alhea, a qual estava situada no lugar que para os maos era de suplicio, que se dava aos malfeitores, achàraõ os Anjos, como espiritos que eraõ tão entendidos, que o mesmo era estar o Corpo de Christo defunto em huma tal sepultura, do que estar nella crucificado, & por isso fallàraõ por este modo: *Iesum quæritis crucifixum?*

Naõ ter sepultura hõrada, & sepultura propria, he como estar na sepultura crucificado.

Inda hei de encarecer mais este assumpto. Custa tanto faltar a hum corpo defunto sepultura honrada, q̃ dissimulando Christo tantas afrontas, quantas se lhe fizeram em sua payxaõ sagrada, com tudo não dissimulou huma occasiaõ em que seus discipulos quizeraõ impedir a honra que se fazia à sua sepultura. Notem. Ungio a Magdalena a Christo em casa de Simaõ Leproso, & murmuráram os Apostolos do demasiado gasto dos aromas preciosos, dizendo que escusado era aquelle gasto, & muito melhor fora fazelo cõ os pobres necessitados: *Ut quid perditio hæc? poterat enim unguẽtum istud venundari multo, & dari pauperibus.* Acodio Christo pela Magdalena, reprehendendo asperamente os Discipulos: *Quid molesti estis mulieri huic? bonum opus operata est in me:* Deixai essa murmuração, ou zelo (diz o Senhor) que me desagrada muito, o que esta mulher fez está muito bem feito. Pergunto: Se Christo sofreo tantas afrontas, & tormentos, porque nam sofreo este indiscreto zelo, se he que foi indiscreto?

Impedir a honra da sepultura sentesemais do que quãtas afrontas se podem imaginar.

Res-

Respondo que o não sofreo, porque lhe tocava na honra da sua sepultura. Vejam como o Senhor o disse expressamente: *Mittens enim unguentū hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit.* Esta mulher tratou de honrar a minha sepultura, & este empenho he o do meu mayor agrado, tudo quanto se faz para elle he muito bem feito, por isso Christo nam sofreo que delle se murmurasse. Que bem S. Basilio! *Ne mihi ritus sepulchrales invideas, licet vita spoliaveris.* Grande dizer para o nosso intento; porque tanto como isto sente Christo tocaremlhe nas honras da sua sepultura; & com muito fundamento, porque as sepulturas servem de coração aos defuntos. Eu o mostro.

As sepulturas servem de coração aos defuntos.

A sua sepultura chamou Christo coração: *Sicut fuit Jonas in ventre ceti. ita erit Filius hominis in corde terræ*: Assim como Jonas esteve tres dias no ventre de hũa Balea: assim estarà o Filho do homem tres dias no coração da terra. Notem, que diz tem a terra coraçam. Só nas cousas viventes ha coração, a terra he insensivel, & assim mal póde ter coração a terra. Como fallou pois Christo deste modo? Oh que fallou da sua sepultura, & por isso a intitulou coração, para nos mostrar com isto, que servem aos defuntos de coração as sepulturas: no coração se guarda, & agazalha, & isto mesmo faz a sepultura, & por isso he coração em que o defunto se agazalha, & guarda. Sendo pois tudo isto assim, vejão agora, & ponderem bem, que pena teriam atê hoje os ossos dos padecentes estando tantos tempos no lugar do suplicio sem sepultura propria, & sómente em sepultura infame. Pelo contrario, que grande gosto teram hoje estes mesmos ossos, vendose já fóra deste lugar, trazidos com tanta pompa funeral a esta Santa Casa, para nella se lhes dar hũa muito honrada sepultura. Oh ditosos ossos! bem podeis alegrarvos com

Da-

David,inda que secos, & mirrados, dizendo com David: *Exultabunt Domino ossa humiliata.*

Cuido que bastantemente temos ponderado o primeiro motivo; ponderemos agora o segundo. Consideramos atégora o que tocava ao corpo, agora consideremos o que toca à alma. O segundo motivo dizia eu era a grande alegria, que hoje teraõ as almas destes padecentes por tantos suffragios,com que brevemente sahiràõ de suas penas; & eu nada disto duvido, assim o tenho por muito verosimil, porque naõ ha duvida, que suffragios tem muito grande efficacia para livrarem das penas as bem-ditas almas. Iá em outro Sermaõ fica largamente feito este discurso.

Sendo pois isto assim, ô que grande acçáo he esta vossa,Irmaõs da Santa Casa da Misericordia, empenho he de taõ Catholica piedade este vosso annualmente repeti do, que segundo o meu juizo todas as mais acçoens de piedade, em que esta Santa Casa continuadamente se occupa, ficaõ a este presente lanço de piedade muito inferiores: & a razaõ disto he; porque aqui exercitais piedade com mortos desemparados, & aver quem se lembre do desemparo dos mortos,quando sam muito poucos os que se lembraõ do desemparo dos vivos, he muitas vezes grande lanço de piedade. Vejam-no em Tobias, que foi o melhor Provedor da Misericordia que ouve em seus tempos. Diz o Sagrado Texto, que este Provedor era grande esmoler,muito caritativo, porque visitava os enfermos, recolhia os peregrinos, sustentava os famintos,vestia os nús, & em conclusam enterrava os mortos. Notem agora,que consta do Capitulo I. vir do Ceo o Anjo S. Rafael a relatar a Tobias, como Deos estava muito contente delle pela grande caridade que tinha em enterrar os corpos dos padecentes dentro de sua casa: *Quando sepe-*

Grande lanço he de misericordia enterrar os mortos,porque? Muito mayor he que todos os mais.

Tob.2.

peliebas mortuos,&relinquebas prandiũ,ego obtuli orationẽ tuam Domino,quia acceptus eras Deo. Aqui a duvida. Pergunto: Porque não fez o Anjo caſo das mais obras de miſericordia em que Tobias ſe occupava? Deſorte, que ſó de enterrar mortos he que faz caſo? Porque? Direi. Enterrava Tobias os padecentes em huma tam honrada ſepultura,qual era a ſua meſma caſa,& como iſto aſſim fazia, à viſta deſte lanço de piedade achou o Anjo diſcurſivo que todas as mais obras deſapareciam. Que bem S. Ambroſio ao intento! *Si viventes operire nudos lex præcipit,quanto magis debemus operire defunctos, nihil hoc officio præſtantius?* Eis-aqui a preferencia que tem eſta voſſa acção preſente a todas as mais que pela roda do anno fazeis; & requintando iſto acrecento,que he eſte lanço de piedade muito proprio de gente ſanta que he muito do coração de Deos.

S. Amb.

De Moyſés ſe diz, que indo para a terra de Promiſſam, levou com-ſigo os oſſos de Ioſeph, & nenhũ outro do povo de Deos ſe lembrou de os levar: *Moyſes tulit oſſa Ioſeph ſecum.* Pergunto: Porque ſó Moyſés tomou a ſeu cargo eſta trasladação dos oſſos de Ioſeph? Reſpondo, que a razão a meu ver foi, porque Moyſés andava à falla com Deos, como hum amigo falla com outro: *Sicut loqui ſolet amicus ad amicum ſuũ,* & era tãto do coraçam de Deos,que morreo em amoroſos oſculos cõ elle: *Mortuus eſt Moyſes in oſculo Domini,* & como Moyſés era tam cordeal amigo de Deos, por iſſo por conta delle ſòmente correo eſta piedoſa lẽbrança, & eſta trasladação miſericordioſa. Já tambem por eſta meſma cauſa David agradeceo muito aos ſeus Generaes do exercito,& lhes prometeo grandes bens do Ceo por averem ſepultado o corpo defunto de Saul: *Benedicti vos à Domino,quia feciſtis miſericordiam hanc cum Saul, & ſepeliſtis eum, pro quo retribuet vobis*

Eſta occupação he propria de gente ſanta que he do coraçaõ de Deos.

Do-

Dominus miſericordiam, & empenharſe tanto David niſto foi, porque era hum homem muito do coraçaõ de Deos: *Inveni hominem ſecundùm cor meum.* Inda digo mais, que he eſte lanço muito proprio de gente muito illuſtre. De Joſeph diz S. Lucas, que era hum homem illuſtre: *Ioſeph nobilis decurio.* Pergunto: E porque encarecerá o Sagrado Texto eſta nobreza de Joſeph? Direi. Diz o Sagrado Texto, que ſe empenhou Ioſeph em dar ſepultura ao corpo de Chriſto: *Petijt corpus Ieſu*, & como ſe empenhou em eſte taõ piedoſo lanço, por iſſo o Texto o gabou de muito illuſtre, porque naõ ha duvida que prova de muito illuſtre, quem em lanço de tanta piedade ſe empenha. Digamos já o ultimo encarecimento. He iſto tanto aſſim, que eſtima Deos em certo modo huma deſobediencia que ſe lhe faz, a troco de que ſe dê a hum corpo morto ſepultura. Notem a prova.

He de gente muito illuſtre.

Mandou Deos a Iehu, que naõ enterraſſe a Iezabel depois de morta, mas que a deixaſſe ficar ſobre a terra para ſer dos caens deſpedaçada: *In agro Iezrael comedent canes carnes Iezabel.* Mandando depois Iehu botala de hũa janella abaixo, ordenou que logo a enterraſſẽ: *Ite, ſepelite maledictam.* Feito o enterro, & a ſepultura, lhe diſſe Deos o ſeguinte: *Studioſe egiſti quod placebat in oculis meis, & omnia quæ erant in corde meo feciſti*: Fizeſte hũa acçaõ muito do meu agrado, & adivinhaſte o que eu tinha no meu coração. Aqui a duvida. Pergunto: Se Deos lhe poz preceito que naõ ſepultaſſe a Iezabel, & Iehu a ſepultou contra o preceito de Deos, como lhe diz Deos que fez o que tinha no ſeu divino coração? Reſpondo, que he Deos tam empenhado, & he couſa tanto do ſeu coraçaõ darſe ſepultura a mortos, que parece eſtima fazerſelhe hũa deſobediencia a troco de que hum corpo defunto ſe ſepulte: *Quod erat in*

Eſtima Deos hũa deſobediencia ſendo para ſe dar ſepultura ao defunto.

4. Reg. 9.

Esta acção merece ser afamada em todo o mundo.

corde meo fecisti. Em conclusaõ, acção he esta, que pòde ser prégada em todo o mundo, como hum Evangelho divino. Assim o affirma Christo Senhor Nosso por sua divina boca, fallando da unção que a Magdalena lhe fez em casa de Simaõ Leproso, dizendo q̃ era para sua sepultura (como jà fica ponderado) *Mittens enim unguentum hoc in corpus meum, ad sepeliendum me fecit*, & porq̃ tal era esta unção, por isso o Senhor disse q̃ era Evangelho digno de ser em todo o mundo prégado: *Amen dico vobis, ubicumque prædicatum fuerit hoc Evangelium in toto mundo, dicetur*; & acrecenta mais o Senhor, que por esta acção taõ heroica ficaria a Magdalena muy afamada em todo o mundo: *Et quod hæc fecit in memoriam ejus.*

Exclamaç.

Sendo pois tudo isto assim, já agora se vè com muita evidencia, quanto primorosa, santa, illustre, pia, heroica, & afamada acção he esta vossa, Senhores Irmaõs da Misericordia: foi esta acção sobre todas quantas na roda do anno fazeis. Com esta agradastes hoje muito a Deos, & ficastes muito dẽtro do seu coração. Hoje destes honra, & gloria a estes ossos deshonrados, & afrõtados, no lugar do suplicio, muito melhor, & cõ mão mais larga do q̃ Tobias, Iehu, & Ioseph, porq̃ aquelles, quando muito, enterraraõ os corpos inteiros, mas vòs hoje fostes buscar até os ossos secos, mirrados, & espalhados, descubrindo-os, & ajuntando-os com tanta diligencia, como se em cada osso achasseis hum thesouro, & isto só para lhes dares dentro desta Santa Casa huma muito honrada sepultura, fazendo suffragios a suas almas, cõ que ficaõ hoje estes defuntos padecentes mui sublimados assim no corpo, como na alma, & podem dizer a boca chea com David: *Exultabunt Domino ossa humiliata.* Hoje considero eu no campo desta Igreja, o que là succedeo ao Profeta Ezechiel em hum campo, porque

que eſtando cheyo de oſſos eſpalhados, tanto que ſe ajuntaraõ huns aos outros, ficáraõ com vida todos: *Ecce cõmotio, & acceſſerunt oſſa ad oſſa, & inſufflavit interfectos iſtos ut reviviſcant.* Aſſim tambem hoje vejo jũtos todos eſtes oſſos ą atégora eſtavaõ no lugar do ſuplicio eſpalhados, & aqui os conſidero vivos: digo vivos para a vida da honra, & vivas as almas para a vida do Ceo. O que ſupoſto, conſidero eu tambem, que pois eſta acção foi a Deos taõ agradavel, o meſmo Deos lança hoje a todos os Irmaõs da Santa Caſa da Miſericordia aquella meſma benção, que David lançou a todos os que ſepultáraõ o corpo de Saul morto na campanha: *Benedicti vos à Domino, quia feciſtis miſericordiam hanc cum Saul, & ſepeliſtis eum, pro quo retribuet vobis Dominus miſericordiam:* Abendiçoados ſejais huma, & muitas vezes, a benção de Deos vos cubra, ô verdadeiros Irmaõs da Miſericordia humana, & filhos legitimos da divina miſericordia, pois hoje obraſtes huma tam heroica acção da piedade Catholica, como he eſta preſente de dares a eſtes oſſos huma tam honrada ſepultura; eſtai certos, que por ella ha de ter Deos com-voſco grande miſericordia, porque aſſim o prometeo hoje no Evangelho que ſe cantou de manhãa: *Beati miſericordes, quoniam miſericordiam conſequentur*; & diſto nada me admiro, porque naõ tem duvida que uſa Deos miſericordia, com quem uſa lanços de miſericordia com oſſos.

Quiz hum pomareiro cortar huma figueira, porque avia annos que naõ dava fruto, & para iſto pedio licença ao dono do pomar, porem o dono lhe diſſe, que tiveſſe miſericordia com ella, eſperandoa mais hum anno, & que entaõ ſenaõ déſſe fruto a cortaria: *Dimitte illam & hoc anno, ſin autem, in futurum ſuccides eam.* Pergunto: Porque uſaria Deos eſte lanço de miſericordia

Vſa Deos lanços de miſericordia com quem a uſa com oſſos de defuntos

 cordia

cordia com eſta figueira? Que moveria eſte dono, q̃ he Deos, a ter piedade com eſta arvore, q̃ he figura da vida humana? Reſpondo com Origenes. Lembremſe, que no principio do mundo quãdo Adaõ peccou ficou logo deſpido: *Cognoverunt ſe eſſe nudos*, & a figueira compadecida de ver eſta deſnudez, uſou hum lanço de miſericordia com Adaõ, & foi, fazerlhe hum veſtido de folhas, com que lhe cobrio os oſſos: *Conſuerunt folia ficus, & fecerunt ſibi perizomata.* Ah-ſim? & a figueira uſou eſte lanço de miſericordia? pois terà Deos miſericordia com ella: *Dimitte illam & hoc anno, &c.* O certo he, que quem trata do enterro dos mortos, tira deſta ſanta occupaçaõ muito grandes frutos. Vejamolo.

Sepultando Abrahaõ a Sara, diz o Sagrado Texto, q̃ o cãpo da ſepultura eſtava cheyo de arvores pomiferas: *Confirmatusq; eſt ager quondã Ephronis, in quo erat ſpelunca duplex, & omnes arbores ejus in terminis ejus per circuitum.* Pergunto: Para que faria o Texto eſta declaraçaõ, que parece eſcuſada? Abul. reſponde, que ſe fez para o q̃ temos dito, convem a ſaber, para nos advertir que de enterrar mortos ſe tiraõ copioſos frutos: *Non ſolum exprimitur quod Abraham emeret illum agrũ, ſed agrum cum omnibus arboribus, quæ in eo erant.* Por iſſo ſe juntou a ſepultura com o campo fructifero, para que ſe ſaiba, que ſe colhem muitos frutos de tratar da ſepultura dos mortos. Inda paſſo avante.

Gen. 23.
De enterrar os mortos ſe tiraõ copioſos frutos.

Abulenſ.

He hum ſeguro valhacouto contra as adverſidades todas occuparſe na ſepultura dos mortos, principalmente dos oſſos delles. Hum Profeta de Deos morreo em caſtigo de huma deſobediencia que cometeo, & ſabendo deſta morte hum Profeta falſo, tratou de ſepultalo em hũa ſua ſepultura: *Poſuit cadaver ejus in ſepulchro ſuo*, & depois neſte meſmo ſepulcro foi tambem ſepultado o falſo Profeta: veyo algum tempo depois

El Rey

El Rey Iosias a buscar os ossos dos Profetas falsos para queimalos,& perguntando quem estava nesta sepultura, foilhe respondido que hum Profeta Santo, & ouvindo isto, mandou que nenhũa pessoa alli chegasse, nem bolisse nos ossos delle: *Dimitte eum, nemo cõmoveat ossa ejus*; & acrecenta o Sagrado Texto, que valeo este Profeta Santo sepultado ao Profeta falso, para que seus ossos naõ fossem queimados: *Intacta manserunt oßa illius cum ossibus Prophetæ, qui venerat de Samaria.* Notem aqui de caminho, quanto monta a companhia de hum Iusto inda depois de morto. Mas reparo para o nosso intento: que merecimento teve este Profeta falso, para escaparem do fogo os seus ossos? Digo para o nosso intento, que o merecimento foi, ter dado aos ossos do Santo Profeta sepultura honrada, & isto he o que lhe valeo para escapar de hũa taõ grande afronta, como era ficarem os seus ossos queimados, esta misericordiosa piedade lhe servio de carta de favor para ficar eximido do universal incendio. Que bem nosso Mestre Liran. *Potest dici quod falsus Propheta fecerat se ibi sepeliri, ut parceretur ossibus ejus propter merita Prophetæ Sancti ibidem sepulti, cui sepulchrum paraverat.* Assim succedeo, para que acabemos de entender, que honrar os ossos dos defuntos traz comsigo grandes utilidades.

Dar sepultura a mortos faz livrar de castigos, & incendios inda depois da morte.

Lyr.

Inda digo mais: que he hum glorioso triunfo empenharse huma pessoa neste exercicio taõ pio. Quando David alcançou a vitoria contra os Idumeos, diz o Texto Sagrado, que levantou para si hum grande nome: *Fecit David sibi nomen grande.* Tem outra letra: *Fecit sibi arcum triumphalem.* Pergunto. E isto como? de que sorte? Rabi Salamaõ responde, que a causa disto foi, porque David mandou enterrar todos os corpos dos Soldados mortos inimigos, que estavaõ sem sepultura no campo espalhados: *Quia erant sepulchra occisorum in*

Esta santa ocupação he hum glorioso triunfo.

prælio insepulta, & esta acção taõ pia lhe servio de arcõ triunfal, de triunfo glorioso, & grande nome, com que ficou muy afamado. Rematemos jà com o ultimo encarecimento dizendo, que atè os Anjos do Ceo ficaõ parecendo mais fermosos, quando aparecem em hũa sepultura, do que se estiveraõ em hum Palacio magestoso. Ao Presepio de Christo chamou S. Gregorio Nazianz. Palacio: *Purpura panis, paleæ sceptrum, speluncæ palatiũ*; & notem que assistindo aqui exercitos de Anjos: *Facta est multitudo cælestis exercitus*, naõ se diz no Texto que os Anjos eraõ fermosos, sendo que isto declara o Texto na occasiaõ em que assistiraõ no sepulcro: *Erat autem aspectus ejus sicut fulgur, vestimenta autem facta sunt alba sicut nix*. Pergunto agora: Qual seria a razaõ, porque se declara a fermosura dos Anjos, quando assistem no sepulcro, & naõ quando assistem no Presepio? Porque mais em hũa parte, que em outra? Respondo com o que fica dito. Porque o Presepio era Palacio, estava a lapinha feita huma Corte, & muito mais fermosos parecem os Anjos assistindo a Deos em huma sepultura enterrado, do que no Palacio do Presepio feito Corte. Oh que fermosos Anjos me pareceis hoje, Senhores Irmaõs da Misericordia humana, tratando de honrar estes ossos de defuntos, que careciaõ de sepultura, alegrando-os com a sepultura taõ honrada que hoje lhes dais! *Exultabunt Domino, &c.*

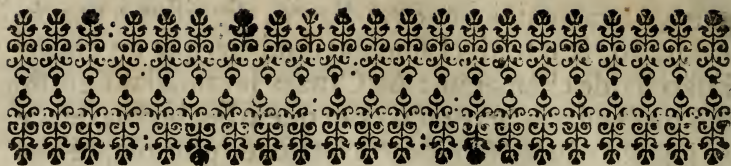
Atè os Anjos junto a hũa sepultura sam mais fermosos assistindo ao defunto sepultado.
S. Gregor. Nazianz.

Tenho acabado o Sermaõ, & o que delle eu quizera he, que todos os Catholicos levassem para suas casas a piedosa imitaçaõ destes Irmaõs taõ zelosos, & que conheção bem todos, que esta presente obra de misericordia he a Deos taõ grata, & aceita, que jà o Santo Tobias lhe chamou fundamento da Religiaõ: *Tanquam fundamentum Religionis, quasi fundamentum construe*; & com razão, porque todas as ceremonias de hum enterro saõ hũa demonstração do artigo de nossa Santa Fé, que cõ-

Tob. 4. Glos.

fessa a resurreição das carnes, diz o Douto Honcala, porque a campainha, que vai diante, significa a voz do Archanjo, & o terrivel som da trombeta, que no dia do Iuizo ha de chamarnos: As Cruzes levantadas significaõ o estendarte arvorado, com que o Senhor ha de vir ao juizo: As luzes significaõ a claridade gloriosa, de que se ham de vestir entam as almas, & corpos dos justos resuscitados: A tumba, que he de madeira, significa a Cruz, em que Christo pregado nos livrou da morte da culpa. Finalmente, vaõ alguns defuntos com flores, como sam os meninos, moças donzellas, & Religiosos, porque saõ simbolo da pureza: ou porque como as flores daõ novas da Primavera, que he huma resurreição das arvores; assim tambem daõ estas a nova da resurreição das carnes a todos os viventes; & sendo tudo isto assim, vejam que uteis, & proveitosas saõ para nós todas estas ceremonias dos enterros, principalmente deste, em que se acha hũa taõ grande caridade, como he a que fica ponderada, & quando naõ ouvera outra razaõ, sobejava a de confundirmos com este piedoso acto os Hereges, que com canina rayva zombaõ desta nossa tam pia, & devota ceremonia do enterro dos defuntos dentro dos adros, & Igrejas, como testemunhaõ Belarm. contra os Bohemitas, & Hugonotes. Pelo que façamos todos muita estimaçaõ deste acto por credito da Fé, para elogio da Igreja, para honra da Religiam Catholica, & para que mereçamos ante a Divina Magestade a felicidade da graça, & o eterno descanço da gloria: *Ad quam nos, &c.*

Que significaõ os enterros, & acompanhamentos dos defuntos.

Louvado seja o Santissimo Sacramento.

SERMAM XIII.

Nas Exequias da Senhora Rainha D. Luiza Franciſca de Guſmaõ em a Sé de Leyria, Anno de 1666.

Judith præclarior erat univerſæ terræ Iſrael: defuncta eſt, ac ſepulta in Bethulia, luxitque illam omnis populus. Judith cap. ultim.

LOUVADO SEJA O SANTISSIMO Sacramento.

Ateria grave, triſte aſſumpto, & lugubre empenho muito merecedor de eterna memoria, & ſentimento eterno he eſte que hoje ſe vos repreſenta neſſe tumulo ſumptuoſo, neſſe eſtendarte negro, neſſa funeſta Coroa, neſſas hoje triſtes armas reaes ao redor deſſa pira, & mauſoleo penduradas. Reparai bem ô Fieis Portuguezes, neſſa funeral pompa, que ahi vedes. Conſiderai bem, ô leaes vaſſallos, neſſe tumulo honorario, quẽ ahi tendes. Ponderai bem, ô verda-

verdadeiros Catholicos,esse triste theatro cuberto de negros lutos entre estas paredes, & columnas funesta, & luctuosamente armadas, & dizeime,que outra cousa vos intima tudo isto, que outra cousa vos adverte, & ensina, mais que huma tragica representaçaõ de hũ certo desengano a todos os mortaes,& de hum termo infallivel hoje mais particular a todas as Magestades mais soberanas? Esse theatro da morte que vedes, todos esses negros lutos, essas luzes funeraes, & aquella Coroa, sabei que nenhũa outra cousa vos està intimando, prègando, & persuadindo com sua muda eloquencia, & rethorico silencio, senam a causa de nossas lagrimas, o motivo de nossos sentimentos, & a justa razam de nossas tristes saudades,que toda se encerra na morte da Senhora D. Luiza Francisca de Gusmão, nossa Rainha que foi atègora, a qual depois de nos governar no discurso de quatro annos por morte do seu consorte o Senhor Rey D. João o IV. de eterna, & saudosa lẽbrança, & depois de se retirar ao seu mosteiro de Agostinhas Capuchas,que fundou junto a Xabregas fóra da Cidade, entregando o governo do Reyno a seu filho o Senhor Rey D. Affonso o VI. que hoje de presente nos governa, reinando com tanta felicidade, como he notorio: depois, digo,que viveo recolhida neste seu penitente retiro por tempo de tres annos,mais com os apertos asperos de Religiosa, que com pompas magestosas, & delicias de Rainha,foi Deos servido querer darlhe os premios mui devidos a seus grandes merecimentos, tirandoa desta vida para a ter com-sigo na gloria, que assim o confio eu da divina bondade,& piamente do modo de sua morte assim o creyo, deyxandonos a todos os Portuguezes seus fieis Vassallos nesta sua ausencia muito saudosos,& tristemente sentidos. Exequias, & honras funeraes chamâram os Antigos a estes pios, & re-

ligiosos cultos dedicados aos defuntos,em testemunho da leal affeição que conservavaõ depois da morte,assim como a aviaõ professado na vida, & para abono calificado da amorosa lembrança, que no coração se continuava. O que suposto,a quem mais devidos estes amorosos cultos, que a hũa Rainha nossa defunta, a quem sempre seus Vassallos foram sempre, & seraõ eternamente devedores pelos acertos,com que nos governou cinco annos? Lembrame a mim,que em acção semelhante a esta disse S. Joam Chrysostomo, que o verdadeiro prègador era o defunto, & o Thema do Sermaõ era o funebre theatro:*Casus pro doctore fuit*;& assim para bem ouvera eu agora de me descer entregue todo sò a sentir; porém como a obediencia me obrigou hoje a sobir a este lugar, he força que do melhor modo que me der lugar o sentimento, faça sobre as palavras do nosso Thema hum lastimoso discurso.

Contém as palavras,que do nosso Thema ficaõ repetidas, a morte daquella famosa,& afamada matrona Judith,regente,& libertadora dos moradores da Cidade de Bethulia,cuja vida foi exémplar de virtudes a todo o Povo, & cuja morte foi motivo de amargo sentimento a todo o Israelita de Bethulia: *Iudith præclarior erat universæ terræ Israel defuncta est,luxitque illam omnis populus.* Naõ vi retrato mais proprio para acomodação similitudinaria,do que este de Judith para a nossa defunta Rainha Judith Portugueza,não só em quanto às acçoens da vida, senam tambem em quanto ao modo da morte,& luctuoso sentimento do Povo. Ora vamos examinando as cores, & as tintas das pinturas,& por ellas conheceremos os realces,que faz a nossa pintura Portugueza â pintura Israelitica.

Iudith præclarior erat universæ terræ Israel: Judith (diz o Texto Sagrado) era hum exemplar de virtudes,

nella ſe ajuntáraõ os dotes da natureza, & as virtudes com ſingularidade, de tal ſorte, que era a conſolaçam de todo o Reyno de Iſrael. Se agora quizerem ſaber quaes eram eſtas virtudes, & perfeiçoens, em que a todos ſe aventajava, & ella mais ſe eſmerava, leaõ os capitulos a eſte noſſo antecedentes, & acharàõ tudo mais claro. Diz o cap. 8. que a generoſa Matrona Judith era muito perfeita nos acertos, com que tudo obrava, & iſto procedia de ſer mui temente a Deos: *Erat in omnibus famoſiſſima, quia timebat Dominum valde*; & cõ muito fundamento aſſim o diz o Texto Sagrado, porque naõ ha duvida, que quem traz o temor de Deos nos olhos, tudo quanto obra he com muita perfeição, & acerto. David o diſſe: *Initium ſapientiæ timor Domini.* Mas provemolo para ficar mais calificado eſte diſcurſo.

Manda Deos a Moyſes que vâ prégar, & perſuadir Pharaó para que dê liberdade ao povo Iſraelitico, que eſtava no cativeiro: hia Moyſés caminhando pela eſtrada, quando Deos disfarçado lhe ſahio ao encontro, fingindo que queria matalo: *Cumque eſſet in itinere occurrit ei Dominus, & volebat occidere eum.* Pergunto: A que fim faria Deos eſta demonſtração? com que intento? Lipoman. ſolta com agudeza a duvida: *Id totum factum eſt, ut Moyſes, qui Pharaonis timore correptus erat, tanquam à Deo interficiendus mortis ſuæ diſcrimen quam evaſerat ſecum inferret in mente, & clavo clavum truderet.* Elegantiſſimas palavras. Querem dizer no noſſo idioma: Queria Deos que Moyſés fizeſſe a embaixada com muitos acertos, & achou Deos que para iſſo lhe havia de meter no coraçaõ o temor Divino, & para que Moyſés o tiveſſe, por iſſo fingio na eſtrada que queria matalo. Naõ ha mais dizer ao noſſo intento. Daqui naſceo tambem, que indo Jonas fugindo medroſo para Joppem, quando Deos o mandava para Tarſis, indo jà embar-

Quem tem temor de Deos em tudo quanto faz acerta. Exod.

Lipom.

bar-

barcado em hum Navio,por causa de hũa grande tempestade que se levantou, pedio aos Marinheiros que o lançassem ao mar: *Mittite me in mare*, & permitio Deos esta tempestade,para que nella tivesse o temor divino, como elle mesmo o disse: *Dominum Deum Cæli ego timeo*,& por isso com este divino temor obrou tantas maravilhas, & fez em Ninive tantos acertos de prodigiosas conversoens. Oução ao Douto S. Zen. *Timens Dominum, spontaneum non timet naufragium*: & S. Agostinho acrecenta: *Timor Domini spiritus fortitudinis, & scientiæ: timeamus ergo,ut non timeamus*: & em conclusam o Espirito Santo o affirma no Ecclesiast. melhor que todos: *Plenitudo sapientiæ timere Deum, corona sapientiæ timor Domini replens pacem, & salutis fructum.*

O temor de Deos que tinha a Rainha N. S.

Sendo pois isto assim,muito perfeita,sabia,discreta, & valerosa foi em tudo quanto obrou no tempo do seu governo a nossa famosissima Judith Portugueza, a Senhora Rainha D. Luiza Francisca,q̃ Deos tem, pois he mui notorio em todo o Reyno como foi temente a Deos. Daqui resultava ser tam escrupulosa na resolução dos negocios occurrentes,que ainda nos de menor importancia, & deque jà tinha algumas experiencias,senam atrevia a resolvelos sem tomar primeiro conselho com os Ministros mais expertos, & ouvirlhes os votos, advertindo-os por algumas vezes, que ella por ser mulher o naõ entendia, & que por isso nelles desencarregava sua conciencia. Daqui resultava tambem, que gastava muitas noites inteiras estando nos despachos desvelada,só por não dilatar os negocios das partes, até chegar a mandar fazer deprecaçoens divinas por varios servos de Deos, para que não errasse no acerto de suas resoluçoens: & daqui finalmente resultou, que mui poucas forão as suas resoluçoens,em que se lhe puzesse

nota

nota com racional fundamento no discurso de cinco annos do seu governo: & dado caso que alguma nota ouvesse em alguma sua resolução, nestas naõ foi a culpa sua, senaõ de quem com malevolo coraçaõ a aconselhava sem que ella o entendesse, seguindo em boa fé estes conselhos, & se o erro nestes termos ainda no juizo de Deos naõ he peccaminoso, mal podia ser no juizo humano culpavel. Pelo q̃ com muito fundamento lhe podemos aplicar as palavras, q̃ o Sagrado Texto diz de Judith: *Erat in omnibus famosissima, quia timebat Dominum valde.*

Inda eu acrecento a respeito deste seu temor divino, que era taõ grande, que por causa delle rompia por tudo, & se mostrava totalmente irrespectiva nas materias, que por qualquer modo tocavaõ à honra de Deos, & reformação da Igreja Catholica, naõ podendo sofrer que ouvesse offensas Divinas publicas, & escandalosas, mandando logo aplicar os remedios convenientes, como em effeito se vio em varias occasioens gravissimas, que se lhe communicáraõ, dizendo nellas, que primeiro estava a honra de Deos, que toda a conveniencia humana, & desta sorte sem accepção de pessoas por tudo rompia. Oh zelo de hum coração verdadeiramente Real, Catholico, & muito temente a Deos! Atê qui temor de Deos, & zelo da honra Divina; mas nada disto me admira, quando considero ser Rainha Portugueza, & ao nosso Reyno por Deos dada, porque das Rainhas Portuguezas, & das que saõ por Deos dadas, foi sempre este zelo, & temor Divino mui particularmente proprio. Eu mostrarei brevemente tudo. Quanto às Rainhas Portuguezas, lede nossas Chronicas, & achareis pasmos, & assombros.

As Rainhas, & Princezas Portuguezas foram mui tementes a Deos.

Achareis nas nossas Chronicas huma D. Theresa Rainha de Leaõ, & huma D. Mafalda veneradas por

Santas,

Santas: a Rainha D. Urraca, a quem em Coimbra fallárão os nossos Santos cinco Martyres de Marrocos, indo de caminho para o Martyrio, certificandoa de sua morte, quando visse os seus ossos vindos de Marrocos: hũa D. Constança filha da Rainha S. Isabel, que morreo Rainha de Castella, & apareceo depois de morta à Rainha Santa sua Mãy, segurandoa de que estava no Ceo: huma D. Elena de Santo Antonio, filha de El-Rey D. Affonso o III.: a Infanta D. Sancha, a quem nos seus paços de Alamquer, que hoje he Mosteiro Frãciscano, & conserva a benção Serafica, que lhe lançou o Serafico Patriarca, que sempre nelle averia Frade, que guardasse pontualmente a sua Regra Serafica, & aqui no dia do Martyrio aparecérão os Santos cinco Martyres gloriosos a esta Infanta, desempenhando a palavra que disto lhe avião dado: a Infanta D. Joanna, filha del Rey D. Affonso o V. que conserva particular veneração, & disto não ha que espantar, pois veyo sempre herdado nos nossos Reys, de pays para filhos. Começai por El Rey D. Affonso Henriques, & continuai por dezoito Reys, que tem reynado em Portugal, & achareis prodigios nesta materia. Dizeime: Quem foi descobrir o berço em que nasce o Sol na India, & na China, só para dilatar a Fé Catholica, & a honra de Deos? Quem descobrio o novo mundo da America? Quem lançou fóra os Mouros dos Reynos de Portugal, & de Galiza, & os ajudou a lançar fóra de Hespanha à custa de tanto sangue Lusitano derramado? Quem senão os Reys Lusitanos? Este zelo Catholico foi o que levantou dentro do nosso Reyno esse novo Templo de Salamão situado na Batalha, como lhe chamou hum eminente homem estrangeiro: esse Escurial de Belem tão magnifico, que assombra a todos os estrangeiros mais engenhosos: esse Realengo Mosteyro de Alcoba-

ça

ça com o ſeu Lausperene do louvor Divino, ſenhor de ſete Villas,& agoas ao mar vertentes, & outros ſemelhantes Templos,& Moſteiros,que querer referilos, ſeria querer recolher o mar em pequenas conchas. Sendo pois tudo iſto aſſim,bem digo eu que no zelo da hõra de Deos, & temor divino moſtrou a Senhora Dona Luiza,Rainha que Deos nos levou, ſer verdadeiramente Rainha Portugueza, & baſtava ſer mulher de hum Rey taõ pio, Catholico, & zeloſo da honra divina, como foi o Senhor Rey D. Ioaõ o IV. de eterna, & ſaudoſa memoria,por Deos dado, & Mãy de hum Principe o Senhor D. Theodoſio, que com taõ grande opiniaõ de virtude nos levou intempeſtivamente a morte, mas naõ poderà tirarnos a ſua triſte ſaudade, & aſſim por todos eſtes fundamentos bem moſtrou em ſua vida, & governo, que naõ degenerou das Rainhas Portuguezas ſuas anteceſſoras. Vejamos agora como moſtrou ſer Rainha por Deos dada, & da maõ de Deos.

Os Reys q̃ ſaõ dados por Deos, ſaõ muito tementes a Deos.

Os Reis que ſaõ por Deos dados,& ſaõ da maõ de Deos, obſervaõ inviolavelmente duas calidades, convem a ſaber,zelo da honra de Deos, & temor de Deos. Quem foi mais Rey dado por ordem de Deos que David, pois em lugar do cajado de pegureiro lhe meteo nas maõs o cetro,& lhe entregou o Reinado Iſraelitico pelo ſeu Miniſtro Samuel? *Tulit Samuel cornu olei, & unxit eum in medio fratrum.* E qual ſeria o empenho de David neſte ſeu reinado? Elle meſmo o diz. O zelo da honra de Deos que lhe roîa as entranhas: *Zelus domus tuæ comedit me: tabeſcere me fecit zelus tuus*; & o temor de Deos: *Timor,& tremor venerunt ſuper me: Audite filij timorem Domini docebo vos.* Deſorte,que o temor de Deos, & o zelo da honra de Deos eraõ o total empenho deſte Rey. Agora ſe entende bem o miſterio que teve mandar Deos que quando ſe ungiſſem os Reys de Iſrael,

no tempo em que lhe punhaõ a Coroa na cabeça,entaõ em lugar do Cetro lhe metiaõ na maõ o livro da Ley divina,q̃ assim o fez o sacerdote Ioiada a El-Rey Ioas: *Produxit filium Regis,& posuit super eum diadema, & testimonium in manu ejus*, dando nisto a entender o zelo, & temor divino,que deviaõ ter na observancia da Ley divina, & honra de Deos, como Rey por Deos dado. E finalmente, Christo verdadeiro Rey, & exemplar dos Reys, sem embargo de ser manso Cordeiro: *Ecce Rex tuus venit tibi mansuetus*, com tudo levado do zelo da honra de Deos, & do seu Templo, pegou de humas cordas,& açoutou a huns Iudeos contratantes, q̃ achou comprando, & vendendo no Templo: *Apprehendit funiculos, & ejecit ementes,& vendentes de Templo*; de sorte que dissimulou perderemlhe o respeito querendo apedrejalo: *Iesus autem abscondit se, & exivit de Templo*, mas não quiz dissimular profanarse a Casa de Deos. Que cousa esta tam propria para as acçoens da nossa Rainha defunta, que temos insinuado! nas quaes mostrou o seu grande zelo irrespectivo a toda a conveniencia humana,sem accepçaõ de pessoa alguma, calificando por este modo ser naõ sò verdadeira Rainha Portugueza, mas Rainha Lusitana por Deos dada, por quem podemos dizer segundo isto: *Etenim manus Domini erat cum illa*, que era dada da maõ de Deos, & a maõ de Deos andava com ella, & que por isso em tudo quanto obrou, acertou, & pelos acertos do seu governo ficou afamada, como aquella Iudith antiga: *Et erat famosissima in omnibus, præclarior universæ terræ Israel.*

Outra circunstancia muito notavel aponta tambem o mesmo cap. 8. da famosa Matrona Iudith,& he a seguinte. Diz,que sendo magestosa no aspecto respectivo, era muito affavel nas palavras, & muito fermosa

nas

nas feiçoens naturaes: *Non est talis mulier super terram in aspectu, in pulchritudine, & in sensu verborum*; & com razaõ muita nota o texto advertidamente estas tres circunstancias, porque naõ ha duvida que com ellas realça muito hum real sogeito, & he credito da Coroa estar com estes tres requisitos ornada. Ora vejaõ como o divino Esposo assim o entendeo em hum gabo, que deu à Alma Santa acabando de a chamar para coroala: *Veni Sponsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis.* Notem agora o que logo acrecenta: *Quàm pulchra est amica mea, vox tua dulcis, & facies tua decora nimis.* Tendesme roubado o coração, & vejovos com calidades proprias de Rainha, porque nas feiçoens do rosto tendes a gentileza, no gesto da pessoa a magestade, & nas palavras a brandura: agradais com o rosto, fazeisvos respeitada cõ o gesto grave, & rendeis os coraçoens com as palavras brandas, requisitos estes todos, merecedores de coroarvos. Provemolos repartidamente, para ficar este discurso mais bem fundado. A gentileza do rosto he particular especie da regalia. Assim o diz bem expressamente David: *Specie tua, & pulchritudine tua intende, prospere procede, & regna.* Appareceo Christo no monte Tabor a seus sagrados Discipulos taõ fermoso, & galhardo, que o seu rosto dava mate ao Sol, quando em rayos mais luzido: *Resplenduit facies ejus sicut Sol*, & os seus vestidos estavaõ mais branqueados do que a neve mais pura: *Vestimenta autem ejus facta sunt alba sicut nix*, & neste mesmo tempo appareceo, & se ouvio a voz do Padre Eterno, que testimunhou manifestamente ser Christo seu unigenito filho: *Hic est Filius meus dilectus, in quo mihi bene complacui.* Pergunto agora: Porque razaõ faria o Padre Eterno esta demonstração taõ authorizada? Porque sô nesta occasiaõ, & naõ em qualquer outra? A razaõ a meu ver foi, porque vio a Christo

He proprio de Reys a fermosura da cara, & palavras brandas.

A gentileza do rosto he especie de regalia.

sto nesta occasiaõ muito fermoso, & galhardo, & como o Fterno Padre he Rey dos Reys, Senhor dos Senhores: *Rex Regum, Dominus dominantium*, claro he, que sendo Iesu Christo seu verdadeiro filho, he Principe supremo deste Reinado, & como isto assim seja, por isso nesta occasiaõ, em que o Padre Eterno vio a Christo taõ fermoso, o aclamou filho de Rey, Principe supremo, porque anda a regalia vinculada à fermosura, & gentileza. Tem visto o requisito da fermosura, vejaõ agora o do gesto decoroso, & grave.

O gesto decoroso, & grave, he especie da regalia.

Na occasiaõ em que o Divino Esposo convidou a Alma Santa para coroala: *Veni Sponsa mea, veni de Libano, veni, coronaberis*, gabou a por este modo: *Decora tanquam Ierusalem.* Tendes o gesto taõ grave, & decoroso como a Cidade de Ierusalẽ: *Decora tanquam Ierusalem.* Perg. Porq̃ seria taõ decorosa esta Cidade? Porq̃ encerraria em sy tanta magestade? Direi: Era Jerusalem Princeza suprema entre todas as Cidades, como testemunhaõ todos os Expositores das letras Sagradas, & como era esta, por isso era no gesto taõ grave, & decorosa, & por isso o Divino Esposo querendo coroar a Alma S. comparou-a ao decoro grave desta Cidade: *Decora tanquam Ierusalem*; porque naõ ha duvida que he parte, & requisito mui preciso da regalia ter o gesto grave, & decoroso. E sendo tudo isto assim quanto à gravidade do gesto, tambem a mesma moeda corre na brandura, & affabilidade das palavras, porque tambem he parte essencial da regalia. Eu o mostro. Vio S. Joaõ entre as mais visoens do seu Apocalypse a huns anciaõs, que tinhaõ coroas nas cabeças, & nas maõs tinhaõ citharas em lugar de Cetros: *Coronæ aureæ in capitibus eorum, & singuli habebant citharas in manibus suis.* Pergunto: Se estes anciaõs mostraõ que saõ Reys nas insignias das Coroas, porque naõ tem tambem as insignias do

Domina gétium princepsProvinciarum. Ier.

As palavras brandas saõ especie da regalia.

do Reynado,que ſaõ os Cetros? E porque tem em lugar dos Cetros citharas? E que ſemelhança podem ter as citharas com os Cetros? Direi. As citharas,ſaõ hũs inſtrumentos muito ſonoros,doces, & brandos naturalmente,& cõ hũa pẽna apõtada brandamẽte ſe tocaõ para mayor ſuavidade, & tambem pelo ſeu modo fallaõ, porque tocados coſtumais dizer delles que tem boas vozes, mui ſonoras, & brandas, & como iſto aſſim ſeja, por iſſo eſtes anciaõs tendo Coroas nas cabeças, tinhaõ citharas nas maõs, moſtrando por eſte modo que he requiſito mui proprio da Regalia ter as vozes mui brandas, as palavras mui ſuaves, & afaveis: *Coronæ aureæ in capitibus eorum, & ſinguli habebant citharas in manibus ſuis.*

Temos viſto, & provado os tres requiſitos, que ſaõ mui proprios,& inſeparaveis da regalia. Eſtes meſmos ſe experimentàraõ com muita ſingularidade na Real peſſoa da Senhora D. Luiza Franciſca de Guſmaõ noſſa Rainha,que Deos nos levou:nella ſe viram todos juntos com eminencial propriedade; porque teve primeiramente a fermoſura do roſto junta com o talhe proporcionado do corpo mui airoſo: aſſim o teſtemunhàram os olhos dos que a vimos, & niſto mais me nam dilato,porque me parece que cabalmente a deſcrevo, com dizer que a fermoſura, & gentileza do corpo andava em travada competencia com a fermoſa belleza de ſua alma, como jà diſſe Clem. Alex. *Pulchritudo optima in corpore eſt pulchritudo animæ*, & teve a gravidade mageſtoſa no geſto, porque naturalmente ſe fez ſempre mui reſpeitada. Digaõ a occaſiam,em que por morte do ſeu conſorte o Senhor Rey D. Ioam o IV. noſſa ſempre viva, & memoravel ſaudade,ficando viuva, & eſtrangeira com todo o pezo do governo Monarquico, com hum ſobrenatural valor,que todos experi-

Eſtes tres requiſitos teve a Rainha N.S.

mentamos,& de que todos entaõ tanto nos admiramos, já mais ouve vassallo, que se atrevesse a perder nem por sombras o decoroso respeito, que a sua Real Magestade se devia, presidindo nos Conselhos de Estado com tanta prudencia, & magestade, assim nos negocios, & expediçoens da guerra viva com Castella, como nos mais negocios do governo politico do Reyno, vencendo, & dissimulando o sentimento funesto com o valor do coração taõ dilatado, para naõ faltar às obrigaçoens de Rainha Regente do Reyno, em que com a magestosa pessoa se fez sempre mui respectiva, & sendo isto assim, igualmente foi de todos mui querida, & amada, porque entrando todos a fallarlhe com o temor que inculcava o titulo de Rainha, achavaõ tanta consolação, & sahiaõ de sua Real presença taõ contentes, como se estiveraõ fallando cõ hũa mãy, de sorte q̃ entrãdo os pertendentes temerosos, taes eraõ as vozes q̃ ouviaõ nesta real cithara animada com palavras taõ doces, & brandas, que todos sahiaõ mui satisfeitos. Assim unia a Real Magestade com a maternal ternura, que se fazia temer como Rainha, & amar como mãy, sendo huma cithara racional nesta uniaõ mui bem temperada. Naõ posso em tão breve tẽpo referirvos prodigiosas acçoens suas, que comprovam esta verdade, & sómente referirei duas, pelas quaes colhereis as mais.

A compaixaõ que teve como se fora mãy.

Na occasiaõ em que o inimigo tinha sitiado o cerco de Elvas, estando tambem o nosso exercito em campanha, mandou a Senhora nossa Rainha vestidos a todos os Soldados, & para os feridos, & doentes doces de varias castas, & muita quantidade de fios feitos pelas suas mãos reaes, & pelas das suas Damas; & o mesmo fez em outras semelhantes occasioens. Ouve hum motim em huma Cidade deste Reyno sobre o tributo novo do papel sellado, & sabendo delle esta Senhora,

com

com hum notavel valor mandou vir da fronteira Tropas de Cavallos, para assim socegar este povo amotinado, & vindo, mandàraõ pedir perdaõ do torpe desatino cometido por gente plebea indiscursiva, & logo a dita Senhora, que estava como Leaõ, se trocou em mansidaõ de Cordeiro, mandando voltar logo as tropas, & dando perdaõ aos delinquentes, & porque certo Ministro reparou nisto dizendo, que o perdaõ naõ convinha a respeito do exemplo que outros tomariaõ: Respondeo, que aos Reys tocava conservar, & naõ destruir. Oh reposta digna de eterna memoria! Nisto me parece que imitou o dictame do Rey do Ceo, porque os verdadeiros Reys da terra devem imitar as acçoens do supremo Rey da gloria. Vejamolo. Vio S. Joaõ que do trono de Deos sahiaõ trovoens, rayos, & relampagos: *Et procedebant de throno fulgura, & tonitrua.* Diz Saõ Paulo: *Accedamus ad thronum Dei, thronum gratiæ, & misericordiæ*: Corramos ao trono de Deos, q̃ he todo de graça, & de misericordia. Aqui a difficuldade. Pergunto: Qual neste dizer se engana, S. Joaõ, ou S. Paulo? Se o trono de Deos encerra a ira divina de trovoens, rayos, & coriscos, como he todo benigno de favores, & misericordias? Ha cousa mais encontrada que isto, & aquillo? Como pois havemos de conciliar esta antinomia de textos taõ encontrados? Respondo com o que fica dito. O trono deste supremo Rey da gloria na apparencia dos ameaços he todo de ira, porêm na realidade todo he de misericordia; parece hum, & he outro. Da mesma sorte a Senhora Rainha similitudinaria, parecia Leaõ nos ameaços, & era Cordeiro na realidade, temperando o rigor com a brandura, desorte que naõ faltando ao respeito da Magestade de Rainha, usava amorosas piedades de Mãy, prevalecendo nella mais esta, do que aquella; & nada disto me admiro, pois era Rai-

O Principe perfeito ha de mostrar rigor, mas os effeitos ham de ser brandos.

nha Portugueza, & por Deos dada, & propriedade foi ſempre da regalia Luſitana prezaremſe os Reys Portuguezes de ſerem mais pays de filhos, que Reys de vaſſallos. Vejamolo nas noſſas Chronicas.

Os Reys de Portugal prezaramſe ſempre de ſerem mais pays do que Reys.

Eſtando o noſſo Rey D. Affonſo o V. na batalha do Touro taõ affamada, em Campanha deſcuberta com El-Rey D. Fernando de Caſtella, blaſonou hum Fidalgo Caſtelhano, que o partido de Caſtella era muito mayor que o de Portugal. Ao que reſpondeo o Rey Caſtelhano: E iſto que monta, ſe eu trago vaſſallos, & El Rey de Portugal traz filhos? Eſtudava em Coimbra o filho de hum Fidalgo, & veyo à noticia de El-Rey que eſte eſtudante faltava muito no eſtudo por ſe occupar no jogo, eſcreveo logo El-Rey, que era D. Joaõ o III., huma Carta ao Reytor da Univerſidade, na qual lhe dizia aſſim: Sei que fulano falta muitas vezes no eſtudo, aviſailhe da minha parte que logo ſe emende, & ſenaõ q̃ mãdarei caſtigalo. Que mais podia fazer hum pay a hum filho? Veyo certo fidalgo da Corte pedir a El-Rey D. Joaõ o II. hum officio, que vagou na Beira, para o dar a hum ſeu afilhado, & reſpondeolhe ElRey: Vieſtes tarde, que já eſtá dado a quem toca: & puxando de hum rol que tinha, nomeou a hum homem ordinario da Beira, a quem pertencia. Que vos parece? he iſto ſer pay de filhos, mais que Rey de vaſſallos? Muitos outros exemplos trouxera, ſe o tempo deſta Oração fora capaz de taõ larga digreſſaõ. Eis aqui pois quaes eraõ os Reys Portuguezes, & aſſim bem digo eu, que moſtrou evidentemente a Senhora Rainha que Deos tem, ſer verdadeira Rainha de Portugal ao noſſo Reyno por Deos dada, pelas circunſtancias que ficaõ apontadas, & por iſſo como Abſalaõ roubava os coraçoens de todos ſeus Vaſſallos, *Furabatur corda virorum Iſrael,* com a gazûa de ſua brandura maternal:

Blan-

Blande loquebatur omnibus; & em conclusaõ, justamente lhe competem as palavras de Judith no nosso Thema: *Non est talis mulier in universa terra Israel.*

Agora cabia aqui ponderar o raro sofrimento com que ouvia as partes nas audiencias, consolando a todos, & valor que mostrou nos successos adversos da guerra, acodindo às conducçoens militares com todos os aprestos necessarios, como se fora hum soldado nas Campanhas mui experto, conseguindo em seu tempo aquella sempre memoravel batalha das linhas de Elvas, levantando o inimigo o cerco do cordaõ que tinha posto, & fugindo vergonhosamente, deixando toda a Artelharia, & Bagagem, pela qual se lhe pòde cantar com muito fundamento, o que os moradores de Bethulia cantáraõ á nossa Judith do nosso Thema, quando trouxe a cabeça de Holofernes cortada: *Tu gloria Ierusalem, tu lætitia Israel, tu honorificentia populi nostri.* Naõ he possivel ponderarmos todas estas acçoens, sendo que cada huma dellas he muito para ponderada. O que supposto, no que eu por ora sómente reparo para ponderar, & com isto remato as acçoens de sua vida, he em huma acção mui louvavel que fez, despedindose do governo do Reyno, entregandoo ao Senhor Rey Dom Affonso o VI. seu filho: & a acção foi a mesma que fez Iudith, como refere o nosso Texto cap. 8. Diz este Texto, que aquella famosa Matrona Iudith fez para si hum Mosteiro secreto, no qual encerrada, & despedida do mundo, perpetuamente estava occupada em oração, & lição espiritual, acompanhada das suas criadas com traje penitente, & jejum continuo: *Secretum sibi fecit cubiculum, in quo cum ancillis suis clausa morabatur, & habens cilicium jejunabat omnibus diebus vitæ suæ.* Explicando estas palavras S. Pedro Dam. diz o seguinte, que he muito para o nosso intento: *Ad hoc usque in*

O valor que teve a Rainha N.S.

S. Ped. Dam.

Sancta Religione processerat, ut jam non sola, sed cum ancillis suis fieret eremita, de domo communi reclusorium fecit, & ab urbe solitudinem, & religionem reperit. Portouse esta desenganada Matrona com tanta perfeição, diz o Santo, que converteo o seu Paço em hum Mosteiro Religioso de eremiticas recoletas, com as quaes morava, & na oraçaõ sempre assistia, fazendo da Cidade ermo, & da casa commua clausura apertada. Vistes cousa mais propria que esta para o caso presente, do que obrou a Rainha N. S. que Deos tem, quando do governo do Reyno se despedio? Ora eu naõ faço mais que cotejar hum com outro caso. Dem-me atenção.

O que fez largando o governo do Reyno a seu filho.

Apenas largou a Rainha N. S. o governo do Reyno, quando logo determinou fazerse morta ao mundo de todo, & sei eu muito de certo, que ja muitos tempos assim comsigo o avia decretado, mas pelos muitos inconvenientes que se lhe representáraõ, dissimulou a execução deste decreto, & finalmente veyo a resolverse em fazer hum Mosteiro de Religiosas descalsas eremiticas recoletas, & recolherse dentro delle, & assim o fez com effeito, fundando o Mosteirinho de Agostinhas eremiticas descalsas em Xabregas, & a elle se retirou com muito poucas criadas, sem pompa algũa de Rainha, mais que a de qualquer mulher ordinaria, & taõ encerrada, que ninguem mais a vio, nem de fóra com ella fallou mais que as suas recoletas, com que espiritualmente conversava. Assim viveo aqui tres annos, seguindo todos os apertos de perfeita Religiosa. Eram tam poucos os criados de seu serviço, que ouve dias em que nem huma criada teve que lhe trouxesse a horas o jantar da Cozinha, porque fiadas no pouco tratamento que fazia de sua real pessoa, cometiaõ estes descuidos, sem ella se mostrar jà mais queixosa, nem sentida, como se fora insensivel. Os seus jejuns eram mui continuos,

tinuos, as esmolas quotidianas,& a oração mui frequente, & taõ grande o seu retiro, que sô huma vez por occasiaõ de huma Embaixada,que era força admitila,foi vista em publico, & inda secretamente só com o seu Thesoureiro fallava, ou algum criado familiar a que era necessario dar audiencia. Nunca admitio visita alguma de pessoas ainda da mayor calidade. Nem huma sô janella teve para a rua,& nas que tinha para o mar jàmais se vio pessoa alguma nellas. Permaneira, que antes de morrer assim se fez ao mundo morta, & assim se enterrou viva, juntando o Paço com o Mosteiro,ermo com Cidade,& clausura com Magestade. Oh prodigio! Confesso que isto me assombra. Que muito! quando já David fazendo menos que isto de si mesmo se admirou. Notem.

Diz David estas palavras: *Ecce elongavi fugiens, & mansi in solitudine.* Notai,& pasmai, isto significa esta palavra, *Ecce*,em muitos lugares da Sagrada Escritura. Quando o Bautista vio a Deos humanado feito hum Cordeiro: *Ecce agnus Dei*: Pilatos quando vio a Christo sem figura humana: *Ecce homo*: Christo quando revelou aos Discipulos o q̃ havia de padecer em Jerusalẽ: *Ecce ascendimus Ierosolymã, & Filius hominis tradetur, &c.* Diz pois David: Notai,& assombraivos de que sendo eu hum Rey fugi da Corte, & parei em hum deserto solitario. De sorte que David se admira de si mesmo por esta acçaõ que fez taõ extraordinaria: & ô que admiração fizera, se vira nos seus tempos a acção portentosa da nossa Rainha,que fica ponderada! Grande louvor este para ella, mas naõ está ainda aqui o meu reparo,porque o reparo mayor consiste em dizer S. Vicente de Ferreir. que não consta de Texto algum Sagrado, que David depois de ter o Cetro se retirasse a algum monte solitario: *Non legitur quòd David ex quo coronatus*

Grande maravilha largar hum Rey o Reyno, & ir para hum deserto, ou fazelo em sua Casa.

tus fuit, in desertũ fuerit. Como pois affirma David que se foi para o deserto? A duvida he boa, mas o mesmo Santo a solta: *Mansit in solitudine cameræ suæ*, diz o Santo. Foi David para o deserto, quando vendo que era forçado naõ largar o Cetro, & o governo, fez do Paço deserto, ocupandose em oração, & penitencias na Camera em que dormia fechado, unindo por este modo a Mageſtade de Rey com o retiro de Religioso, & isto he o de que David tanto se admira: *Ecce elongavi fugiens, & mansi in solitudine.* Esta mesma admiração fez já Socrates vendo o Emperador Theodosio retirado no Paço, como que estivera metido em hum Mosteiro: *Palatium sic disposuit, ut haud alienum esset à Monasterio.* Isto mesmo pois he, o q̃ hoje muito me admira, & assõbra, & com muito mayor razaõ, ver que a Rainha N. S. que Deos tem, naõ só tivesse valor para largar o governo do Reyno, & aborrecello, mas que soubesse juntar o Paço com Mosteiro, & converter em Mosteiro o Paço, ficando como hum deserto, unida a clausura com a liberdade, a regia pompa com o aperto Religioso, bem assim, ou muito melhor que aquella famosa Judith do nosso Thema: *Secretum fecit sibi cubiculum in superioribus domus suæ, in quo clausa morabatur cum ancillis suis.*

A mortificação que avia no Paço.

Inda nisto noto outra circunstancia, que ouve neste seu retiro, & inda no tempo em que no Paço morava já entaõ o avia, de que eu sou boa testemunha, & he, q̃ em qualquer das Damas, & mais criadas de sua casa, se vio sempre huma particular, & notavel modestia com huma sezudeza, & brandura taõ admiravel, que mais parecia de Religiosas, que não de seculares: & naõ cuideis q̃ he isto encarecimento, porq̃ por algũas vezes me succedeo ir fallar a Damas, ou Donas do Paço, & sahi mais edificado, & confuso, do que se sahira de huma Cartuxa: & confesso ingenuamente, que algumas vezes

bem

bem envergonhado de mim mesmo, & Dama conheci eu, que por debaixo das galas palacianas andava cingida com hum aspero cilicio, & outras com braceletes de ferro. No mais alto da noite se ouviaõ disciplinas largas em os cantos do Paço, nas maõs se traziaõ livros espirituaes, & as praticas entre todas eraõ sobre a oração, sem se fallar huma palavra menos licenciosa, & se algũa galáteria acaso se dizia, era logo de outras mui estranhada: em conclusaõ, tal era a reformação da vida inda nos criados de fóra, & com tanta cortesia trataváõ a todos os pertendentes, & com tanta brandura, que posso dizer pareciaõ mais noviços Religiosos, que seculares Palacianos. Naõ especifico alguns particulares por naõ offender o geral de todos, & só digo, que he isto tudo grande credito, & abono da Rainha N. S. pois he certo que os criados tomaõ o exemplo de seus amos. Dizeme com quem vives, dirtehei quem es: *Regis ad exemplum totus componitur orbis.* Assim passa, & eu o mostro em hum Texto Sagrado.

Mandou Deos a Noè que entrasse na arca, & toda a sua familia com elle: *Ingredere tu, & omnis familia tua*, & logo Deos apontou a razaõ: *Te enim inveni justum:* Porq̃ eu achei que eras justo. Repara nisto Santo Ambrosio difficultando assim. Se Deos diz, que sò a Noé achou justo, & que por isso entra na arca, como manda entrar a mais familia de que naõ consta ser justa? Entre embora Noé, mas os mais naõ entrem. Oh! naõ, responde o mesmo Santo. Todos haõ de entrar por justo, pois Noé por justo entra, porque sendo Noé o Senhor da casa justo, naõ podiaõ deixar de ser justos todos os familiares da sua casa: *Laudem justi in eo intelligimus, qui talem instituit domum suam, ut virtutis fulgeret consortio.* Por isso Christo manda que cada hum de nós o siga com sua Cruz: *Qui vult venire post me, tol-*

Taes saõ os criados, quaes saõ os amos.

S. Amb.

lat crucem suam, & sequatur me; porque como he Principe supremo, & vai diante com a Cruz, quer que a seu exemplo todos com Cruz o sigamos. Este exemplo diz S. Jeronimo que foi hum dos mayores louvores, que pòde darse àquella famosa Matrona Judith: *Ingens laus! imitabilem Deus dedit non solum fæminis, sed etiam viris.* Da mesma sorte na nossa Judith Portugueza a Rainha N. S. grande louvor merece, muy devido lhe he todo o aplauso pelo exemplo que deu a todo a sua real familia, naõ só em o tempo de casada, mas inda mais no de viuva, & muito mais com todo o excesso depois q̃ se despedio do governo do Reyno, ficando sendo, como diz S. Jeronimo, imitavel exemplar de Rainhas soberanas: *Imitabilem Deus dedit non solum fæminis, sed etiam viris*, & com isto temos concluido em epilogo abreviado as heroicas acçoens da sua vida, a que podia dar lugar o apertado tempo desta minha lamentação lachrimosa, com as quaes acçoens creyo que ficarà nos annaes da fama eternizada, melhor que Judith em todo Israel, como diz o nosso Thema: *Iudith præclarior erat in universa terra Israel.*

S. Ieron.

Defuncta est, ac sepulta in Bethulia. Diz o nosso Thema, que por ultimo remate de tudo morreo Judith, & foi sepultada na Cidade de Bethulia. Notavel caso! q̃ naõ perdoasse a morte a hũa taõ afamada Matrona, & em tudo taõ perfeita, sem reparar em seu sangue, em seu valor, nem em sua virtude, & conveniencia do povo! Grande rigor! que sendo a Rainha nossa Senhora aquella que tenho dito, se lhe atrevesse a morte, & lhe nam valesse a Coroa, nem a virtude, nem o valor, nem a nossa dependencia! Ah morte! oh mundo! oh vida! quem te teme, ou te estima? Este he o poder da morte, que a nada perdoa, & aos mais levantados tronos se atreve. *Nullum sævæ caput Proserpinæ fugit*, disse

jà hum gentio, & outro disse: *Pallida mors æquo pulsat pede pauperum tabernas, Regumque turres.* Quem mais virtuoso que Moysés, pois fallava com Deos tam confiado, como cà falla hum amigo com outro: *Sicut loqui solet amicus ad amicum suum?* & com tudo morreo para desengano dos justos, diz a Glosa: *Quia nulli etiam ex electis parcit.* Quem mais valente que o alentado Mathathias, & o valeroso Samsaõ, pois com huma caveira de hum bruto matou tantos mil homens, & lançou abaixo as columnas do Templo, & com tudo morreo para desengano de valentes, disse S. Ambrosio: *Humatus est proprio tectus triumpho.* Quem de sangue mais real do que Christo Filho de Deos vivo, como testemunhou S. Pedro: *Tu es Christus Filius Dei vivi?* porèm tambem morreo para desengano de Illustres, & de Reys, que por isso Deos mandou que no mesmo tempo, em que os Reys se coroassem, tambem se ungissem. Por esta Ley pois taõ inviolavel: *Moritur omne quod nascitur*, se atreveo a morte à Rainha N.S. tirandoa de nossa companhia: *Tandem defuncta est*, & sepultandoa debaixo da terra: *Et sepulta est.* Oh que de cousas taõ admiraveis pudera eu referir agora acerca de sua morte, & disposição para ella! porèm a brevidade do tempo me não dá lugar para ellas, & assim ponderarei só algũas, que succedéraõ no conflito de sua morte, que saõ muy dignas de reparo.

Estava a Rainha N.S. quasi espirando, quando acabando de receber a Santa Unção, levantando os olhos ao Ceo, & com as maõs levantadas disse estas palavras: Bem-dito sejais meu Deos, pois morro com todos os meus cinco sentidos, venha embora jà agora a morte, pois me apanha com todos os Sacramentos da Igreja. E estas foraõ as ultimas palavras q̃ disse antes de espirar. Oh que admiraveis palavras, & de toda a ponderação

O modo cõ que morreo a Rainha N.S.

ção mui dignas! A primeira ponderação que nisto faço, he dar a S. Rainha graças a Deos, porque morria conhecendo a morte: & com muito fundamento; porque naõ pòde aver morte mal afortunada com este previo conhecimento, he esta morte propria de hum predestinado, he morte mui luzida, & gloriosa, naõ para acabar, mas para renascer. Notem a morte do Sol. Morre para nòs o Sol, quando no Occidente se poem, & em tumulo cristalino se sepulta, & se bem advertires, vereis que então mais seus rayos espalha, nunca mais os estende, que quando assim morre, & de tal sorte para nòs morre, q́ aos antipodas nasce, & se hoje para nòs morre, a manhãa para nós renasce feniz sempre luzido, juntando por este modo o tumulo com o berço. Agora pergunto: Porque succederá isto assim na morte do Sol? David o diz: *Sol cognovit occasum suum.* O Sol morre conhecendo a sua morte, & como com este conhecimento morre, por isso morre taõ luzido. Da mesma sorte todo o vivente, que morre conhecendo a morte, porque morre com propriedade de Sol muy luzido, morre para renascer, & naõ para acabar. Assim morreo a Rainha N. S. porque morreo com todos os seus cinco sentidos, conhecendo que morria, & por isso bem podemos crer, que foi a sua muy luzida como o Sol: morreo na terra, para renascer no Ceo com melhor vida, & assim com muita razaõ deu graças a Deos por morrer com todos os seus cinco sentidos, tendo pleno conhecimento de sua morte.

Morre muito luzido quem morre conhecẽdo de antes a morte.

Outra ponderação me offerecem as seguintes palavras que disse, & foraõ estas: Venha já agora a morte embora. Pergunto: Como assim? Jà ha creatura que naõ tema a morte? Chamou a Senhora Rainha a morte como que a naõ temia? Diz que venha embora a morte?

Oh

Oh caſo novo! mas já delle me naõ admiro quando vejo que conheceo,como fica ponderado, a ſua morte, & declara,que a morte a apanha com os Sacramentos da Igreja, porque quem morre com eſtas duas circunſtancias , he certo, que naõ teme a ſua morte. Chriſto S.N. he teſtemunha fiel deſta verdade. Eſtava o meu amoroſiſſimo Senhor nos braços de huma Cruz pregado entregando o Eſpirito nas maõs de ſeu Eterno Padre, & neſte tempo inclinou para morrer a cabeça: *Et inclinato capite emiſit Spiritum*. Que o Senhor inclinaſſe a cabeça depois da morte, iſto vemos nós fazer naturalmente a todos , mas que antes de eſpirar incline a cabeça para morrer,iſto he o que naõ entendo por novidade. Muito he o que ſe tem diſcurſado ſobre eſta myſterioſa inclinação, & muito niſto tenho dito. O commum dizer he, que acenou Chriſto com a inclinação da cabeça à morte para que chegaſſe, porque eſtava a morte medroſa. Bem; mas agora entra nova duvida. E porque eſtaria Chriſto taõ alentado,que neſta occaſiaõ chamou a morte deſtemido?Direi. Tinha o Senhor hum anticipado conhecimento de ſua morte: *Sciens Ieſus quia venit hora ejus*, & eſtava com os Sacramentos dentro do peito : *De latere Chriſti exierunt Sacramenta*, & como o Senhor eſtava aſſim armado,por iſſo não temeo a morte, & a chamou deſtemido: *Inclinato capite*. Morreo a Rainha N.S. conhecendo anticipadamente a ſua morte,& eſtando cõ todos os Sacramentos da Igreja recebidos, pois q̃ muito q̃ deſtemida diſſeſſe: Venha embora agora a morte. Eis-aqui as duas circunſtancias q̃ teve a morte da Rainha N.S. *Defuncta eſt*.

Naõ teme a morte quem morre com os Sacramẽtos da Igreja.

A ultima ponderaçaõ que faço neſta morte he ſobre o modo da ſepultura, porque deixou em ſeu teſtamento declarado,que o ſeu corpo foſſe ſepultado onde quizeſſem ſeus filhos , os quaes diſpuzeraõ que foſſe o

ſeu

ſeu corpo depoſitado na Igreja nova do Sacramento. Oh prodigio maravilhoſo! que morra a Rainha de Portugal taõ deſapegada de tudo o da terra, que nem ſete palmos certos tenha della para ſua ſepultura! Verdadeiramente, que ſó em Chriſto Rey do Ceo,& da terra acho acção ſemelhante, pois ſendo Rey ſupremo do mundo todo, nem hũa ſepultura propria teve, & foi enterrado em huma ſepultura alhea: *Poſuit illum in monumento ſuo.* Ioſeph o depoſitou na ſua ſepultura, & notem que era ſepultura nova: *In quo nondum quiſquam poſitus fuerat.* Da meſma ſorte, a Rainha N. S. foi depoſitada em huma ſepultura nova da Igreja nova, & com particular myſterio da divina providencia, porque como a Rainha N. S. foi fundadora deſta nova Igreja intitulada do Sacramento em acção agradecida do miraculoſo ſuceſſo, que o diviniſſimo Sacramento obrou quando livrou ao Senhor Rey D. Ioaõ o IV. da ſacrilega, & torpiſſima trayção,com que ſe intentou darlhe violenta morte, foi juſto juizo do meſmo Senhor, que tiveſſe deſcanſo o corpo de quem levantou hum taõ ſumptuoſo edificio a ſeu corpo ſacramentado, porque aſſim coſtuma pagar na terra eſte Senhor a quem honra ſeu corpo na terra. Diz hum Evangeliſta, que reſuſcitou Chriſto,& as Santas Marias o foraõ buſcar ao Sepulcro muito de madrugada, *Valde mane*: outro diz que inda ſe viaõ as eſtrellas no Ceo: *Cum adhuc tenebræ eſſent*: outro diz que jà era o Sol nado: *Orto jam ſole.* Muito trabalhaõ os Sagrados Expoſitores para conciliarem eſtes Textos Evangelicos, & ordinariamente convem com S. Pedro Chryſolog. que naturalmente ſegundo o curſo do Sol inda era muito de noite,porèm neſta madrugada ſe adiantou o curſo tres horas antes do coſtumado: *Chriſto reſurgenti Sol valde antelucanus fuit.* Pergunto agora. E porque ſe adiantou o

Morreo ſem ter ſepultura propria.

Grande prodigio de Rainha.

Paga Deos no Ceo como o ſervē na terra.

Saõ Pedro Chryſ.

Sol

Sol no curso tres horas antes? E porque senaõ adiantou mais, ou menos tres horas? Direi. Tinha o Sol por hóra do Corpo de Christo crucificado perdido na sesta feira tres horas do seu luzimento: *Tenebræ factæ sunt ab hora sexta usque ad horam nonam super terram*, & como isto assim fosse, quiz este mesmo Senhor que pelo respeito do seu corpo resuscitado restaurasse o luzimento perdido honrandoo por este modo; & isto mesmo similitudinariamente he o q̃ hoje vemos por juizo divino na sepultura da Rainha N.S. depositada na Igreja sua nova: *Sepulta est in Bethulia.*

O que agora resta he, fazermos todos o que lá fizeraõ os moradores de Bethulia à sua famosa Matrona Judith: *Luxitque illam omnis populus.* Chorarmos esta ausencia da nossa querida Rainha junto ao seu sepulcro, & àquelle tumulo representação delle, dizendolhe com Jeremias: *Defecit gaudium cordis nostri, versus est in luctum chorus noster, cecidit corona capitis nostri*; & as melhores lagrimas saõ as que melhor voaõ ao Ceo, que saõ os nossos suffragios, oraçoens, & boas obras, com que pagaremos as que da nossa Serenissima Rainha recebemos todos. E vós, ô Alma ditosa, que assim mostrastes presumpçoẽs de predestinada, & piamente creyo que cedo ireis com a ajuda de tantos suffragios, quantos em todo o Reyno se vos tem feito, gozar da visaõ Beatifica por toda a eternidade; lembraivos deste vosso Reyno, & de vossos Vassallos, & principalmente do Senhor Rey vosso filho, que nos governa, & todos agora lhe rezemos cinco Padre nossos por sua Alma com hum *Requiescat in pace.* Amen.

Ier. Thren. 5

Louvado seja o Santissimo Sacramento.

SER-

SERMAM XIV.

Nas Exequias de Diogo Lopes de Souſa primogenito dos Marquezes de Arronches, Condes de Mirâda, no Convento de S. Franciſco do Porto.

Dilectus Deo, & hominibus, cujus memoria in benedictione erit. Eccleſiaſt. cap. 45.

LOUVADO SEJA O SANTISSIMO Sacramento.

Riſte aſſumpto ſobre todo o encarecimento eſte que hoje corre por minha conta para ſer diſcurſado, ſe he que ſentimentos deſmarcados cabem nas regras ordinarias dos diſcurſos. Lugubre empenho eſte que hoje vos toca para ſer ouvido, ſe he que a força do ſentimento taõ devido vos naõ fizer perder a atenção. Acto he eſte na verdade taõ lachrimoſo para todo o Portuenſe, que aſſim

como

como he muy merecedor de hũa eterna memoria, assim bem he muy digno de hum como eterno pranto, & se para toda esta Cidade he muito flebil, muito mais para toda a familia Franciscana, porque se a Cidade perdeo hum Governador Protector, os Franciscanos perdéram hum amantissimo Irmaõ, que era hum querido Pay. Reparai bem, ò Portuenses nesta funeral pompa que ahi vedes. Considerai bem, ô Franciscanos, nesse funesto aparato que ahi tendes. Atendei bem, ô Catholicos, nessa triste pyra que ahi está levantada, & nesse negro mausoleo, que ahi vos offerece aos olhos hum cadaver frio, & dizeime: que he o que nessa luctuosa pompa se encobre? que he o que esse funesto aparato encerra? que he o que debaixo daquelle lugubre pano se esconde? Sabei, que nenhuma outra cousa he mais, que huma tragica, & lamentavel memoria para hum total desengano da vida, cifrado este nas frias cinzas da morte intempestiva do nosso querido amor, Irmaõ, Pay, & Protector, o Senhor Diogo Lopes de Sousa, nossa amada, & eterna saudade, taõ amado, & amante de Deos, como amado, & querido dos homens: *Dilectus Deo, & hominibus*, cuja saudosa memoria ficarà como em benção na lembrança dos coraçoens Portuẽses para a lançarem a seus filhos, & netos, dizendolhes abendiçoando-os: Deos te faça como hum Diogo Lopes de Sousa: *Cujus memoria in benedictione erit.* Eis aqui o motivo de nossas lagrimas, a causa de nossos sentimentos, & toda a occasiaõ dos nossos saudosos suspiros a tal objecto como este dedicados. Ah morte cruel, & desigual! A quantos desta vez cortou tua fouce com hũ sò golpe? pois morrendo Diogo, com elle acabàraõ todos nossos gostos, & taõ bem fundadas esperanças: *Cecidit corona capitis nostri, versum est in luctum gaudium nostrum.* Mas naõ sei em verdade se me queixe

hoje menos de ti,& mais do Ceo,pois para o levar para si no lo roubou a nôs: *Raptus est*,& porq o nosso Diogo era de Deos taõ querido, por isso o levou com tanta pressa: *Placita enim erat Deo anima illius, ideo properavit educere illum.* Piamente assim o creyo,& da divina bondade assim o confio, porque sua vida,& morte assim o insinua. Verdadeiramente, que naõ sei como hoje me hei de aver nesta luctuosa lamentação, que corre por minha cõta,porq saber hoje fallar he desfazer no sentir, q̃ quem naõ perdeo o tino, naõ atinou com o sentimento, mas inda assim, já que me ordenàraõ que eu fosse hoje o triste relator,do melhor modo que me for possivel irei medindo os discursos pelos motivos sentidos, & farei muito por me naõ apartar das palavras do nosso Thema, que ficaõ repetidas.

Dilectus Deo, & hominibus,cujus memoria in benedictione erit. Eccles. 45.

FEz o Espirito Santo no Ecclesiastico hum panegyrico de Moysés,& diz nelle,q̃ foi Moysés hũ homem muy amado de Deos, & querido dos homens: *Dilectus Deo, & hominibus*, & que em benção ficaria a sua saudosa memoria lembrada: *Cujus memoria in benedictione erit.* Pergunto agora. Porque motivo seria Moyses taõ amado de Deos, & querido dos homens? O mesmo Texto aponta logo o motivo. Foi, diz elle, taõ amado, & querido de Deos, porque foi muito crẽte, & muito brando amante: *In fide,& lenitate ipsius sanctum fecit illum*, & não ha duvida,que com fé,& amor, ou huma amorosa fé, que val o mesmo, se faz hum sogeito mui amado de Deos, & querido dos Ceos. Vamos provando esta proposta. A fé amorosa nos faz de Deos muito amados. Deu-se Christo por muito pago

A fé amorosa faz hũa pessoa muito amada de Deos.

da

da Magdalena em casa do Fariseo, & taõ pago se mostrou della, que logo lhe perdoou tudo quanto avia cometido: *Remittuntur ei peccata multa, vade in pace.* Notavel perdaõ! Com tanta pressa dá Christo hum perdaõ géral? isto porque? Seria por ventura pelas lagrimas que derramava taõ copiosas: *Lacrymis cæpit rigare?* Naõ, porque eraõ lagrimas de mulher, & as mulheres saõ naturalmente mui enternecidas, & tem cada vez que querem as lagrimas nos olhos. Seria pelos osculos, & abraços que repetia nos pès: *Osculabatur pedes ejus?* Tambem naõ, que estes nas mulheres, saõ algũas vezes como os de Dalila falsos. De que se obrigaria pois tanto Christo da Magdalena? No mesmo Texto cuido que descobri a razaõ. Notem. Teve a Magdalena hũa grande fé, & muito amorosa: *Dilexit multum: Fides tua,* & como Christo vio na Magdalena grande fé com muito amor, resolveose, que naõ podia aver nisto engano, & com este fundamento se mostrou mui enamorado da Magdalena, perdoandolhe logo tudo quanto avia cometido: *Remittuntur ei peccata multa, vade in pace.* Já tambem da mesma sorte se ouve este mesmo Senhor com S. Pedro. Dem-me atenção.

Constituío Christo a S. Pedro cabeça universal de toda a sua Igreja: *Tu es Petrus, & super hanc petram ædificabo Ecclesiam meam.* Pergunto: Porque naõ deu o Senhor esta dignidade a S. Ioaõ, pois era o mais amado, *Quem diligebat Iesus?* Porque naõ a S. Bartholomeu, pois era o mais fidalgo? Porque naõ a Sam-Tiago, ou Saõ Simaõ, pois eraõ mais parentes? Porque naõ a S. Felipe, pois era o melhor conselheiro? Porque mais que a todos só a S. Pedro? Direi. Foi a razão, a meu ver, porque sómente S. Pedro soube juntar amor com fé: *Tu scis quia amo te:* Eis aqui o grande amor. *Tu es Christus Filius Dei vivi:* Eis-aqui a grande fé; & como só

Continua.

em S. Pedro ſe ajuntou hũa grande fé com hum grande amor, por iſſo ſò elle mais que todos mereceo ſer Principe da Igreja, & Vigario ſucceſſor de Chriſto na terra, porque aſſim he querido, & amado de Deos, quem tem huma grande, & amoroſa fé, & por iſſo Moyſés foi de Deos taõ querido, & amado: *Dilectus Deo, in fide ſanctum fecit illum, & in lenitate, &c.*

Que amado, & querido de Deos devia de ſer o noſſo defunto Diogo, pois em todo o diſcurſo de ſua vida inda que breve foi ſingular, & com mui notavel ſingularidade o ſeu amoroſo zelo da fé, & de tudo o que tocava à honra, & gloria, aſſim de Chriſto, como da Virgem puriſſima ſua Mãy! Oução em abono deſta verdade liſa, ſem nenhum modo de encarecimento, algumas prodigioſas acçoens, que ſaõ pelas circunſtancias mui admiraveis, & de que eu ſou teſtemunha de viſta em algũas dellas. Primeiramente na laſtimoſa occaſiaõ daquelle execrando, ſacrilego, & barbaro deſacato do roubo do Santiſſimo Sacramento na freguesia de Odivelas, fizeraõ os Irmaõs da Sagrada Ordem Terceira da Penitencia Seraphica hũa Prociſſaõ de ſentimento, em que foraõ penitencias taõ prodigioſas, & extraordinarias, quaes todos entaõ vimos com grande admiração, ſe he que entaõ puderaõ ver noſſos olhos cegos com lagrimas, & creyo que ſempre ſeraõ memoraveis aos vindouros. Neſta Prociſſaõ pois, em que todos os Terceiros ſem exceição de peſſoa alguma foram deſcalços, acompanhados dos Religioſos Franciſcanos, ſoube eu por aviſo que ſe me fez, que o noſſo defunto, o qual entaõ era Miniſtro da dita Ordem Terceira, ſe eſtava deſcalçando na Caſa do deſpacho, & receando todos que a deſnudez dos pés lhe foſſe mui prejudicial à ſaude, por quanto era mui achacado do eſtamago, & padecia grandes vertigios, apertei com elle

O que fez na occaſiam do deſacato de Odivelas.

elle,que ou ſenaõ deſcalçaſſe,ou ficaſſe no Convento,& q̃ aſſim lho mandava como ſeu Comiſſario, & Prelado que era, dizendolhe os fundamentos com que aſſim lh ordenava. Ao que me reſpondeo o ſeguinte, eſtando jà deſcalço: Padre Commiſſario, para que aceitei eu ſer Miniſtro? Naõ ſaõ eſtas as occaſioens, em q̃ nenhũa peſſoa faça reparo na ſaude, & pouco vai em que ſe arriſque a vida; & aſſim foi com effeito deſcalço ſem reparar em nada. Oh portentoſa repoſta digna de hũ coração tão pio, & Catholico! Oh amoroſo zelo da fé, & honra divina! Que mais pudéra reſponder hum Abrahaõ fiel, hum Elias zeloſo, & hum amoroſo Moyſés? A tudo parece que excedeo, & quando menos, ſe aſſemelhou eſte noſſo Moyſés, Elias, & Abrahaõ da Ley da graça neſte lanço que fica ponderado.

Na Quareſma proxima, & dias ſubſequentes, em que por occaſiam deſte meſmo ſentimento fizeram os Irmãos Terceiros, & outras peſſoas devotas de noite varias, & extraordinarias penitencias pelas ruas repartidos em bandos, tinha o noſſo defunto eſcolhido a ſua eſquadra, que conſtava de alguns criados, de q̃ ſe fiava, & de varios Sacerdotes, alguns delles muſicos, & todos deſcalços hiam correndo as Igrejas em que havia Sacrarios, & nos alpendres tomavão rigoroſas diſciplinas, entoando o *Miſerere* à Capucha com vozes tão afinadas, & devotas, que parecia baxavão os Anjos do Ceo à terra, & não avia quem pudeſſe reter as lagrimas, capitaneando o noſſo defunto eſta penitente eſquadra, no que gaſtavão grande parte das noites, fazendo eſtremecer os coraçoens mais empedernidos. Caſo admiravel, mui merecedor de todo o aſſombro, que no tempo em que juſtamente ſe pudéra imaginar, que o noſſo defunto eſtava com ſua Eſpoſa em cama regalada deſcanſando com os melindres de fidalgo, & recatos de

 acha-

achacado, entaõ com inſtrumentos penitentes andava correndo as ruas, de que ſaõ boas teſtemunhas de viſta alguns, que aqui me eſtaõ ouvindo, & o acompanháraõ. Quem tal cuidára de hum Conde taõ gentil-homẽ na flor da idade, de poucos annos caſado! Oh prodigio, & aſſombro muito mais do Ceo, que da terra! E cuido que niſto me naõ engano. Eu o moſtro.

He prodigio ver hũ mancebo illuſtre largar a terra por buſcar a Deos. Iſto he mais do Ceo que da terra.

Vio S. Joaõ em huma das viſoens do ſeu Apocalypſe hum prodigio no Ceo taõ raro, que aſſombrado, & ſuſpenſo rompe dizendo: *Signum magnum apparuit in Cælo*; & o prodigio declara elle, que conſiſtia em ver huma mulher toda veſtida, calçada, & toucada de luzes: *Mulier amicta Sole, Luna ſub pedibus ejus, & in capite ejus corona ſtellarum duodecim.* Aqui a duvida. Pergunto: Que maravilha he eſta, de que o Evangeliſta tanto ſe admira? De ver huma mulher no Ceo? porque? no Ceo naõ eſtaõ muitas mulheres? quem poderà negalo? & que maravilha he eſta? Pois de aver cõ tantas luzes enfeitada? menos; porque no Ceo he que tẽ ſua natural habitação as luzes. Que prodigio pois he eſte, de q̃ o Evangeliſta tanto ſe aſſombra: *Signum magnum, &c?* Ora notem, que do meſmo texto colho eu o ſegredo da admiração. Diz o Evangeliſta, que eſta mulher tinha nos braços hum menino ſeu filho: *Peperit filium maſculum*, o qual era Principe illuſtre, viſto ſer filho de hũa Raĩnha coroada: *In capite ejus corona*, & ſendo eſte o menino, largou os braços, & afagos carinhoſos da Mãy ſó para buſcar a Deos, & o Ceo: *Raptus eſt filius ejus ad Deum, & ad thronum ejus*; & ver o Evangeliſta fugir eſte menino, ſendo quem era, Principe mimoſo, fugir dos braços, & carinhos maternos ſó para buſcar a Deos, & o Ceo, ſaber trocar delicias da terra pelos regalos de Deos, eſta foi a ſingular maravilha, de que tanto o Evangeliſta ſe aſſombrou: *Signum*

magnum apparuit in Cælo. Da mesma sorte, & inda com mayor razão na occasiaõ presente. Foge Diogo ao thalamo nupcial, larga as horas do socego em companhia da sua muito para querida consorte, & isto só para nos desvelos da noite lastimar o corpo com disciplinas, correndo descalço as ruas, postrado às portas das Igrejas: quem não pasma? Quem senaõ admira de ver na terra este prodigio do Ceo? Oh prodigio! Oh assombro! *Signum magnum apparuit in Cælo.* Naõ sei se o diga, mas pudéra dizer, que vejo aqui trocada a terra em Ceo, ou o Ceo baxado â terra, & esta he a mayor maravilha: *Signum magnum.*

Temos visto como foi o nosso defunto muito amado de Deos pelo abrazado zelo que teve da fé: *Dilectus Deo in fide.* Vejaõ agora, como tambẽ foi muito amado de Deos pelo encendido amor, que teve, assim ao Santissimo Sacramento, como às Chagas de Christo, & à Virgem Maria sua Mãy, que foraõ as suas tres especiaes devoçoens mais ardentes. A estas tres ancoras andou sempre taõ aferrado, que naõ pòde darse maior empenho devoto do que este seu, que em toda a vida teve. Ora vaõ ouvindo, & pasmem de ouvir. Quanto à devoçaõ do Santissimo Sacramento, em alguns annos que residio com a Marqueza sua Mãy em a Villa de Aveiro, por occasiaõ da ausencia que fez o Marquez seu pay estando Embaixador em Castella, foi sempre Juiz do Senhor na sua Freguesia, que era a Igreja de S. Miguel, onde exercitou este cargo com taõ amoroso desvelo, que apenas se tocava a Campainha para sahir o Senhor fora, quando jà estava na Igreja com a sua opa vestida, & por algũas vezes succedeo, q̃ tocandose o sino a deshoras da noite, se levantou da cama com tanta pressa, que em pernas só com as chinelas nos pès, & quasi em camisa se foi à Igreja com a opa vestida. Sempre pega-

As devoçoens que teve.

Devoção ao Santissimo Sacramento.

va na toalha do hombro, & levava a Caldeirinha, de que eu ſou teſtemunha de viſta por algumas vezes, & porque depois veyo com ſeus pays para eſta Cidade, deixou encomendado, que ſempre na dita Freguefia ſe fizeſſe a feſta do Senhor por ſua conta,ſendo Iuiz perpetuo della, & porque entre os mordomos do Senhor ouve humas duvidas em hum anno,com que ſenaõ fazia a feſta, ſentido diſto, abrazado no amoroſo zelo, que tinha a eſte Euchariſtico miſterio, mandou fazer por ſua conta hum ſepulcro magnifico, em que o Senhor eſtiveſſe collocado na quinta feira Santa,& apenas eſteve morador neſta Cidade,quando logo ſe fez Juiz perpetuo do Senhor no Moſteiro das Freiras de Santa Clara, inſtituindo os Sermoens dos Terceiros Domingos de cada mez,que inda agora vaõ continuando. Eisaqui quanto à devoção do Santiſſimo.

Devoção das Chagas de Chriſto.

Quanto à devoção da payxão de Chriſto,taõ afectuoſamente era ſeu devoto, que jà mais paſſou por Cruz, inda que foſſem duzentas no dia,ſem que deſcuberto lhes naõ fizeſſe inclinação profunda, & rezaſſe tres Padres noſſos em memoria dos tres cravos, com q̃ Chriſto foy crucificado, para o que interrompia a pratica, inda que a tiveſſe com peſſoas muito authorizadas; & eſta devoção lhe tinha enſinado,& encomendado hum Varaõ Religioſo de grande virtude noſſo Franciſcano. Quando huns Religioſos noſſos Miſſionarios Caſtelhanos vieraõ a eſta Cidade,(& foraõ os primeiros que aqui ſe viraõ com univerſal aplauſo do Povo)plantàraõ a Via Sacra com os Irmaõs Terceiros: entaõ o noſſo defunto foi o primeiro que deſcalço,& em corpo pegou na Cruz do Calvario, & a levou aos hombros todo o caminho,ſem embargo de ſer muy pezada, com tanta devoção, & humildade,que fazia derreter os coraçoens em lagrimas, como outro Emperador Conſtanti-

no,

no, & Heraclio, quando a levou por Ierusalem. Instituío o nosso defunto a devotissima Procissaõ do enterro do Senhor, que sahe de S. Clara, & vem aqui a este nosso Convento em sesta feira Santa, & dava toda a cera necessaria para este acto taõ pio, & Catholico, & fez sempre todos os gastos dos aprestos necessarios para as figuras, que saõ muitas, como temos visto todos estes annos: procissaõ esta a melhor das melhores que tem esta Cidade, do que todos vòs o dizeis, & sois boas testemunhas. E eis aqui quanto à sua devoção da payxão de Christo.

Devoção à N. S. da Côceiçaõ.

Pois quanto à sua amorosissima, & cordealissima devoção que teve à V. Maria Senhora Nossa da Conceição, aqui he pouco todo o papel, & todo o encarecimento a respeito do seu amoroso empenho. Taõ abrazado se portou sempre nesta devoção, que naõ só se fez Iuiz perpetuo da confraria da Senhora, mas com seu exemplo persuadio a todos os Confrades, que trouxessem murças azuis com medalhas de prata em todos os ajuntamentos publicos: reformou os Estatutos do Cõpromisso. Por sua ordem, & à sua custa dispoz, que nas vesporas do dia da Senhora à prima noite com o Senhor exposto se cantassem cõ a solemnidade da noite do Natal Matinas ante o Altar da Senhora: & tãbem instituío que nos sabbados da Quaresma de tarde ouvesse Completas solemnes com Sermaõ no fim, & tudo à sua custa, o que durou em quanto viveo. Na dita vespora infallivelmente jejuou sempre a paõ, & agoa, & no dia se confessava gèralmente, cõmungando cõ huma bem notavel devoção no Altar da Senhora pela manhãa cedo, a respeito do concurso da gente, & do Altar senaõ afastava todo o dia. Por mayores que fossem as suas occupaçoens, & inda que chovessem rayos, nunca jà mais faltou neste nosso Convento à Ladainha

da

da Senhora nos Sabbados, do que todos ſomos boas teſtemunhas,& para remate de tudo na ultima deſtas ſuas taõ devotas, & amoroſas jornadas, andando jà muy achacado, & enfraquecido, veyo do melhor modo que pode aſſiſtir à Ladainha, ſem embargo das perſuaçoens, que em contrario ſe lhe fizeraõ,& o que diſto ſe ſeguio foi, que depois de acabada a Ladainha ſe foy logo dos pés da Senhora lançar na cama, donde em breve o leváraõ para a ſepultura. Oh que boa camada foi a deſtas jornadas! E em concluſaõ, como Deos lhe tinha dado huma taõ linda parte, como era a de compoſitor de contraponto muſico (entre outras muitas de que era dotado) jà mais compoz tonilho, nem couſa outra algũa, que foſſe profana; antes muito as aborrecia,& ſò chanſonetas ao Divino, & Pſalmos compunha, como ſe vé nos papeis que ſe lhe achàraõ, & eſte era o ſeu eſtudo continuo, & o ſeu entretenimento, fazendoſe por eſte modo hum David da Ley da graça. Oh prodigio! Quem tal cuidára de hum fidalgo mancebo, muy prendado de todas as artes liberaes, na flor da ſua idade, primogenito ſucceſſor da Illuſtriſſima Caſa de Miranda,& do governo abſoluto deſta Cidade, & Provincia! Quem averà que diſto ſenaõ admire?

De tudo iſto pois que fica referido, infiro eu agora, que poſto hoje choremos por amantes ſaudoſos ao noſſo querido defũto, bẽ podemos aliviar a pena de ſua mortal auſẽcia, por ſabermos q̃ morreo como ſenaõ morrêra, porque a ſua morte naõ póde chamarſe morte, tẽdo muitas propriedades de melhorada vida eterna, pois morreo para melhor viver: de nós ſe auſentou na terra, para ir ſer morador do Ceo. Aſſim piamente o creyo,& aſſim deſtas ſuas devoçoens o infiro; pelo que choremolo embora auſente, mas naõ morto: ſintamos embora a noſſa ſaudade, mas naõ a ſua morte; porque

que a ſua morte foi ſómente huma trasladação da vida caduca para a eterna vida : foi huma ſubſtituição melhorada da que tinha. Provemos agora o fundamento donde colho eſta minha pia preſumpção, & ſeja cõ dous lugares, hum do Teſtamento Velho, & outro do Novo Teſtamento. Diz David mui confiado, que ſempre ha de viver ſem nunca morrer : *Non moriar, ſed vivam.* Pergunto: Quem daria a eſte Santo Rey eſta taõ grande confiança? Se até Chriſto com ſer Deos morreo, por ſe fazer homem, como diz David, ſendo puro homem, que naõ ha de morrer? Se o Eſpirito Santo affirma, q̃ he ley inviolavel morrer todo o naſcido: *Statutum eſt hominibus ſemel mori,* como affirma David o contrario? & donde lhe veyo eſte unico privilegio? Ora notem. Tinha David tomado muito à ſua conta a veneraçam da arca, dançando publicamente diante della : *David percutiebat in organis, & pſallebat totis viribus ante arcam.* Era eſta arca, figura da Virgem Maria, diz Santo Ambroſio com Theophil : *Quid per arcam niſi Maria Sanctiſſima deſignatur?* Dentro deſta arca eſtava o Manà, figura do Santiſſimo Sacramento, & a vara de Moyſés, figura da Cruz de Chriſto nella crucificado, & morto, & como David ſe tinha empenhado em ſervir, & venerar eſtes tres myſterios, como teve cordealmente eſtas tres devoçoens do Santiſſimo, da Cruz, & da Virgem Maria, por iſſo achou, que a ſua morte propriamente naõ podia chamarſe morte, porque era ſó huma traſladação da vida caduca para outra muito melhor vida, & por iſſo diſſe confiado, que ſempre avia de viver ſem nunca morrer: *Non moriar, ſed vivam.*

Quem tem as devoçoẽs ſobreditas, morrendo he como ſe naõ morrèra

Tem iſto o lugar do Teſtamento Velho, vejaõ o do Teſtamento Novo. Perguntando o Principe da Igreja S. Pedro a Chriſto, que avia de ſer de Ioaõ: *Domine, hic autem quid?* Reſpondeolhe o Senhor : *Sic*

eum

eum volo manere. Ioaõ ha de ficar aſſim. Acrecenta o Evangeliſta que iſto eſcreve, que naõ quiz o Senhor dizer niſto, que Ioaõ não avia de morrer: *Et non dixit Ieſus: Non moritur, ſed ſic eum volo manere.* Agora pergunto eu. Se Ioaõ com effeito morreo, como ſupponho com graviſſimos DD. & Chriſto neſtas ſuas palavras naõ affirma que Ioaõ não ha de morrer, para que uſou Chriſto deſtas palavras taõ equivocas? Porque não diz expreſſamente, que Ioaõ ha de morrer? Direi o que entendo. Deu Chriſto na Cruz pregado a Virgem Maria ſua Mãy ao Evangeliſta para ſer Mãy ſua: *Ecce Mater tua,* & o Evangeliſta logo ao pé da Cruz a recebeo, & tomou muito à ſua conta para ſervila, & veneral: *Et ex illa hora accepit eam Diſcipulus in ſua:* explica o Douto Salmeir. eſte, *ſua,* aſſim: *Obſequia, & ſervitia,* & ſó eſte Evangeliſta como Capellaõ da Senhora lhe deu ſempre a Cõmunham, & elle ſò foi o que aſſiſtio ao pè da Cruz, & acompanhou o Senhor na via Sacra de ſua payxão, como o moſtra a pintura cõmua da Igreja. O que ſupoſto, como o Evangeliſta tomou à ſua conta a veneração da Senhora, & acompanhou a Chriſto na Via Sacra da payxão, & aſſiſtio ao pè da Cruz no Calvario, & trazia cada dia o Diviniſſimo Sacramento nas mãos, com que dava a Communham à Senhora, por iſſo Chriſto nam quiz chamar morte, à morte do Evangeliſta, dando a entender por eſte modo, que eſta morte não era tanto morte, como traſladação de vida, de huma vida para huma vida eterna: *Sic eum volo manere.* Que couſa tão propria para o noſſo ſucceſſo preſente? Nam ha mais differença ao parecer humano, que trocar o nome de Joam no de Diogo. Morreo finalmente Diogo tendo eſtas tres devoçoẽs tam fervoroſas, como ficam ponderadas, & aſſim bem podemos dizer que não morreo, mas foi a ſua morte

para

para nós huma ausencia, & para elle huma trasladação de vida para outra melhorada: *Non moriar, sed vivam: sic eum volo manere.* Eis aqui o alivio, que pòde hoje ter a magoa da nossa penosa saudade mortal.

Iá que tocamos na morte do nosso querido defunto, mostrando o modo da morte que teve taõ admiravel com propriedades de vida; ponderemos algumas circunstancias bem notaveis, que concorrèraõ nesta sua ditosa morte. A primeira foi, conhecer algũs dias de antes a sua morte, porque dizendoselhe que tivesse muita confiança na Senhora da Conceição, que assim como milagrosamente o tinha livrado de hum accidẽte, tambem agora o livraria; respondeo o seguinte: Olhem, não se cansem, que nossa Senhora naõ quer sempre fazer milagres. Querendo os seus criados afastarlhe o leito da parede para ficar com melhor vista na cama, disse aos criados o seguinte: Pouco importa, para que se cansaõ? isto saõ quatro dias mais, ou menos de vida; & assim sucedeo com effeito. Digo eu agora, que morrer Diogo conhecendo tanto de antemaõ a morte, foi ter huma morte muy luzida. Morre o Sol sepultado em hum tumulo argentado de prata derretida, quando no Occidente se enterra, porque nunca tãto como entaõ seus rayos espalha, & depois de escondido, com a reverberação dos rayos entam o nosso Orizonte mais aclara, & finalmente de tal sorte para nós morre, que para os antipodas entam nasce, sendo seu tumulo berço, & sua morte nascimẽto. *Sol oritur, & occidit,* diz o Espirito S. E isto porq̃ serà assim? Que circunstãcia tem o Sol na morte, para que tenha nella tanto luzimento, & seja a sua morte principio de huma vida? David a meu ver o diz: *Sol cognovit occasum suum.* Morre o Sol conhecendo muito de antes o seu occaso, & como morre com este taõ anticipado conhecimento,

O modo da morte que teve taõ admiravel.

Morrer conhecendo a morte he morte muito luzida.

por

por iſſo morre taõ luzido,& por iſſo a ſua morte he principio da vida: morre para renaſcer, & não para acabar, porque aſſim morre quem anticipadamente a ſua morte conhece. Eis-aqui pois o fundamento, que tenho, para crer piamente que o noſſo querido Diogo hoje vive, & ſendo Sol animado na vida, juntou na morte o tumulo com o berço, & grangeou na morte huma vida melhorada, morrendo por eſte modo mui luzido: *Oritur Sol, & occidit: Sol cognovit occaſum ſuum.*

Temos viſto huma circunſtancia, vejamos outra, & he eſta em que moſtrou hũa admiravel conformidade com a vontade divina. Notem. Eſtava a Marqueza ſua Máy moſtrando nos olhos o ſentimento materno do ſeu coração amoroſo à ſua cabeceira,& em minha preſença. Vendoa o noſſo Diogo tão ſentida, voltandoſe para ella lhe diſſe o ſeguinte: V. Senhoria para que chora? morrelhe por ventura o marido? Apontoulhe a Marqueza com o amor de Máy a cauſa, derretida em lagrimas; ao q̃ reſpondeo o animoſo filho com Deos mui conforme. Notem bem a repoſta, & aſſombremſe os q̃ a ouvem,& aprendam a morrer conformes. Pois,Senhora,ſe Deos aſſim he ſervido, nòs podemos querer outra couſa contra a ſua divina vontade? Oh prodigioſa repoſta, portento admiravel de huma conformidade humana com a divina diſpoſição! Digo agora, que por eſte motivo preſumo nam devia de temer Diogo a ſua morte, ſeguindo por imitação a Chriſto neſta conformidade. Vejam como niſto me não engano. Morre Chriſto com a cabeça inclinada: *Et inclinato capite emiſit ſpiritum.* Pergunto: Porque inclinaria Chriſto a cabeça antes de morrer? Que a inclinaſſe depois de morto,muito embora, que iſto faz todo o humano depois que morre; mas antes de morrer, iſto tem grande miſterio: qual ſerá pois o myſterio que niſto ſe encer-

Naõ teme a morte quẽ morre conformado cõ a vontade divina.

encerra? Muito he o que nisto tenho dito, & o que nisto se tem ponderado. Mas eu agora digo, que inclinou Christo a cabeça para chamar a morte, que nam temia, antes a morte estremecia de chegar a elle. Bem, mas agora replico. E porq naõ temeria Christo a morte? Porque taõ destemido a chama? Diga cada hum o que sentir, que o que nisto entendo he: Naõ temeo Christo a morte, porque muito pouco tempo de antes tinha mostrado no Horto hũa grande conformidade com a divina vontade do Padre: *Verumtamen non mea, sed tua fiat voluntas, non sicut ego volo, sed sicut tu*, & como este Senhor mostrou huma taõ grande conformidade com Deos, daqui resultou naõ temer a morte, & chamala destemido com a inclinação da cabeça. Temeo a morte no Horto, em quanto naõ mostrou conformidade: *Transeat à me calix iste*, porèm tanto que a mostrou: *Non sicut ego volo, sed sicut tu*, por isso no Calvario a não receou: *Et inclinato capite emisit spiritum*; que este he o valor destemido que dâ contra a morte a conformidade com a vontade divina. Oh como mostrou o nosso defunto esta sua conformidade no que delle fica ponderado, imitando a Christo no que disse ao tempo da vespora da sua morte! E por isso com muito fundamento presumo eu, que muito pouco, ou nada devia o nosso Diogo de temer a sua morte.

A ultima circunstancia que notei como testemunha de vista, & outros comigo notaraõ, foi, que estando o nosso Diogo espirando, entre os parasismos das agonias mortaes, que lhe duràraõ algumas horas, tinha os olhos quasi cerrados, & sobre o peito inclinados, porèm tanto que lhe fallavamos em ir ver a Deos, ir ao Ceo lograr gozos eternos, logo de repente espertava, & abria os olhos, levantando-os ao Ceo com hũa

bem

bem notavel devoção, como quem por taõ ditosa jornada suspirava, no que todos reparamos pelos muitos actos repetidos; & daqui infiro eu tambem agora, que com estas acçoens parece queria imitar a Christo em sua morte quando na Cruz pregado. Estando este Senhor para espirar na Cruz, tres vezes levantou os olhos ao Ceo, & foi huma, quando pedio perdaõ pelos que o crucificavaõ, *Pater, ignosce illis*: foi a segunda, quando se queixou ao Padre Eterno do desemparo: *Deus meus, Deus meus, ut quid dereliquisti me?* Foi a terceira, quando entregou sua alma nas maõs do Padre Eterno: *Pater in manus tuas cõmendo Spiritum meum.* Isto fez Christo nas ansias da morte, & a mesma acção de levantar os olhos ao Ceo nas ansias da morte fez sete, & oito vezes o nosso defunto Diogo: se Christo consolou sua Mãy, *Mulier, ecce filius tuus*, tambem o nosso Diogo consolou nesta occasiaõ sua Mãy a Marqueza; & finalmente se a Cruz foi para Christo hum leito muy rigoroso de dores, tambem para o nosso Diogo foi o leito em que estava lançado muy desabrido pelas medicinas muy violentas que lhe fizeraõ. A acomodação he só na apparencia, com a grande differença que ha entre o divino, & o humano. Circunstancias na verdade saõ todas estas que ficaõ ponderadas taõ prodigiosas, que bem podemos seguramente inferir que a morte do nosso querido defunto foi morte de predestinado, & morreo como viveo, porque cada hum como vive assim morre: *Talis exitus, qualis introitus*; & em conclusaõ bem se mostra que foi o nosso querido Diogo na vida, & na morte mui amado de Deos pelo amoroso zelo, & devoção ardente que sempre em toda a vida teve á honra, & gloria de Deos, & da Virgem Maria sua Mãy, pelo que justamente lhe competem as primeiras palavras do nosso Thema: *Dilectus Deo in fide.*

Parece q̃ em certo modo quiz imitar a Christo na morte.

Te-

Temos visto como foi amado de Deos o Senhor Diogo lopes de Souza, seguese vermos agora como tambem foi muy querido dos homens por sua natural brandura, & affabilidade: *Dilectus & hominibus in lenitate.* Neste discurso tenho tençaõ de ser muito breve, porque isto he a todos assim presentes como ausentes taõ notorio, que he offender a notoriedade gastar tempo em manifestalo. Naõ me admiro que fosse dos homens taõ querido, & amado de todos, suposto foi naturalmente brando, & affavel em termo superlativo, como bem sabemos, particularmente todos aquelles que o tratamos; & naõ ha duvida, que a brandura affavel rende os coraçoens mais empedernidos, & faz a huma pessoa muy querida de todos. Provemolo com dous lugares, hum do Testamento Velho, & outro do Novo Testamento. Lançou Jacob huma benção a seu filho Nepthali, & foy esta segundo a traducção da Glosa interlin. *Nephthali satur erit voluntatum.* Filho meu Nepthali, eu te deixo em benção que te fartarás de vontades, & coraçoens. E isto como, de que sorte? Notem o que Iacob acrecentou: *Eris comis, & blandus*: Seràs muy brando, & affavel; & como Nepthali avia de ter esta condição, por isso avia de render todas as vontades, & coraçoens de todos: *Satur erit voluntatum.* Tem visto o lugar do Testamento Velho? vejaõ o do Testamento Novo. Apenas nasceo Christo em hum Presepio, quando logo baxàram da montanha pastores a trazerlhe offertas, do Oriente vieraõ tres Reys a renderlhe adoraçoens, & até dous brutos fizeram a sua adoração ajoelhados. Morre este mesmo Senhor crucificado entre dous Ladroens cheyo de oprobrios, mas aqui o adoráram os mesmos que o tinham crucificado, & até os insensiveis o respeitáram com eclipses, & terremotos, & até os mortos sahíram das sepulturas.

A brandura faz a huma pessoa mui querida de todos.

Aqui o meu reparo. Pergunto: Porque rende Christo, & avassala todas as creaturas no Presepio, pobre,& na Cruz afrontado? Se este Senhor rendéra com ostentaçoens magestosas, eu me não admiràra, porque com estas se avassalam no mundo todos os povos; mas com huma desnudez pobre, & huma humildade abatida? isto he o que estranho por novidade. Qual seria pois o fundamento della? Direi o que nisto considero. Viram todos que Christo no Presepio nasceo mui affavel & benigno, como diz S. Paulo: *Apparuit benignitas Salvatoris Domini nostri Iesu Christi*, & esta tam affavel benignidade bastou para fazer render atè gentios, & brutos. Viram os Judeos, que Christo na Cruz avia amorosamente inclinado a cabeça para a terra, mostrando ter para ella esta boa inclinação, & logo morto abrio o coração, como que queria meter a todos nelle, & isto bastou para ficarem logo todos rendidos, até os insensiveis, como o mesmo Senhor de si avia dito: *Cum exaltatus fuero à terra, omnia traham ad me ipsum*; porque sem duvida alguma todos estes effeitos occasiona huma affavel brandura, & hũa amorosa benignidade; que por isso Moysés segundo o nosso Thema foi mui querido dos homens: *Dilectus & hominibus in lenitate.*

Foi muito affavel.

Sendo pois isto assim, oh que amado foi de todos & como se fartou de coraçoens Portuenses a nossa querida saudade defunta o Senhor Diogo Lopes de Sousa! porque ninguem mais benigno, affavel, & brando do que elle, sempre para todos, sem exceiçam de pessoa, com a boca cheya de riso, & cõ o aspecto naturalmente alegre, porque era muy gentil homem: *Speciosus forma*, admitindo a todos à sua conversaçaõ discreta, sem soberania alguma, sendo por sangue tam illustre, que basta dizer delle que era Conde primogenito successor da illustrissima Casa, & muy antiga dos legitimos

Sou-

Souzas do Real solar de Miranda, no que me naõ detenho, por ser isto mais claro que o Sol no meyo dia, & por este modo seu taõ lhano, se fez doce ladraõ de todos os coraçoens, principalmente dos Portuenses. Dizei o vós que sois boas testemunhas, pois todos o amaveis, & a elle recorrieis em todos vossos apertos, como a pay, irmaõ, & amigo, sem aver pessoa que naõ experimentasse estes amorosos affectos. Em conclusaõ era tanto hum para todos, que em certa occasiaõ em que elle apertou com hum Desembargador da Relação para que favorecesse a certo criminoso prezo, & desemparado, o Ministro lhe disse galanteando com sotaque discreto: Vossa Senhoria he nesta Cidade o pay dos velhacos. Mas o que sobre tudo mais me admira he, que fosse este que temos dito, sendo hum mancebo na flor da idade, no verdor dos annos, filho primogenito de hum Marquez, em vesporas da successaõ do governo da Justiça, & das Armas desta Cidade. Eis aqui a muita razaõ com que hoje choramos todos nosso desemparo, & nossa saudade: *Cecidit corona capitis nostri, versum est in luctum gaudium nostrum.*

Ah morte cruel, morte tirana, quantas esperanças tambẽ nascidas cõ hũ só golpe cortou a tua gadanha injusta! Bem iniqua posso hoje chamarte, pois contra toda a Ley da justiça intempestivamente tiraste huma vida que merecia ser mui dilatada. *Flores apparuerunt in terra nostra, tempus putationis advenit.* Sabe porèm ô morte, que se pudeste privalo da vida, naõ poderàs fazer q̃ esqueça esta amorosa dor em nossa memoria, & deixe de viver o seu amor nos nossos coraçoẽs, porque o nosso querido Diogo se morreo para a vida, para nos naõ he morto: *Mortuus est pater, & quasi non est mortuus*, & inda que esteja o seu corpo sepultado na terra, por affecto amoroso nos nossos coraçoens

he q̃ tem a ſua mais propria ſepultura; que jà Chriſto aſſim o diſſe de ſi em caſo ſemelhante: *Filius hominis erit in corde terræ tribus diebus, & tribus noctibus.* Notem dizer o Senhor, que eſtaria ſepultado no coraçam da terra: *In corde terræ*, ſendo que a terra inanimada naõ tem coraçaõ; mas fallou aſſim, porque como na terra ſe entendem os homens, que foraõ formados della: *De terra formaſti me*, & o Senhor era tam benemerito do noſſo amor, por iſſo para nos dar a entender que deviamos darlhe ſepultura nos noſſos coraçoens, fallou por eſte emphatico modo. Pelo que bem digo eu, que nos noſſos coraçoens por affecto amoroſo eſtà o noſſo querido defunto ſepultado: *Filius hominis erit in corde terræ.* Só eſta he a unica conſolação que póde ter eſta noſſa magoa, vermos que menos jaz na terra, & muito mais nos noſſos coraçoens; & como iſto aſſim ſeja, daqui infiro eu agora, que ficarà ſua amoroſa memoria de pays a filhos, & de filhos a netos como em benção perpetua: *Cujus memoria in benedictione erit.* Dirá hum pay a ſeu filho de hoje em diante: A benção de Deos te cubra, para que ſejas taõ devoto, & amigo de Deos, & da Virgem Maria, aſſim como era Diogo Lopes de Souza. Dirá o Avo ao neto abendicoandoo: Deos te faça taõ querido, & amado de todos, taõ brando, & tam cortes, como foi o noſſo Conde, filho do Marquez de Arronches: *Cujus memoria in benedictione erit.*

Tenho ponderadas todas as palavras do noſſo Thema, reſta agora ſómente, para acabar eſta luctuoſa Oraçaõ, fazer com a vehemencia do ſentimento hũa pergunta a Deos (ſe he que o homem pòde fazer a Deos perguntas): Perguntovos meu Deos, á imitação de Iob em ſemelhante ſucceſſo: *Quare de vúlva eduxiſti me, qui utinam conſumptus eſſem, ne oculus me videret?* Porque permitiſte Senhor, que morreſſe Diogo taõ

vosso amigo, & taõ zeloso da vossa honra? Se assim taõ depressa na flor da sua idade se avia de acabar sua vida, para que dispuzestes que nascesse? naõ fóra melhor naõ nascer, para que naõ tivessemos tanto que chorar, & sentir? *Quare de vulva eduxisti illum?* Oxalà que naõ nascera, & escusaramos este pranto taõ justamente sentido: *Utinam consumptus esset, ne oculus illum videret!* Ora rastejando pelo que pòde alcançar o juizo humano, respondo, que levou Deos para si a Diogo com tanta pressa sendo taõ seu querido: *Dilectus Deo,* porque quiz apressar o premio ao seu merecimento, mostrandose nisto muito seu amigo; desorte que assim o levou por favor amoroso, pois he particular favor, que Deos faz aos seus mais amigos, levalos desta vida em breves annos. Naõ he o testemunho disto menos authorizado que da boca do Espirito Santo: *Placita enim erat Deo anima illius propter hoc properavit educere illum Dominus,* & já assim succedeo com effeito no principio do Mundo. Morreo Abel filho do primeiro pay que ouve na terra, & foi o primeiro defunto, que ouve no mundo. Pergunto: Porque naõ morreo Caim, que era irmaõ mais velho, & assim o pedia a ordem da natureza? Porque se trocáriaõ as sortes? Direi. Porque Abel era justo, & Caim era reprobo, & o mimo que Deos faz aos justos seus amigos he levalos desta vida muito apressados: dá Deos ao peccador vida larga por castigo, & ao justo vida breve por favor; que por isso já o Espirito Santo comparou a vida do justo à palma: *Iustus ut palma florebit*; onde notem que fez a comparação com a flor, & naõ com o fruto: *Florebit,* para assim dar a entender, que a vida do justo he como a flor, que naõ tem mais de duração que hũa sò manhãa, apenas amanhece gala do campo, mimo de Flora, &

He favor que Deos faz aos seus amigos levalos muito depressa.

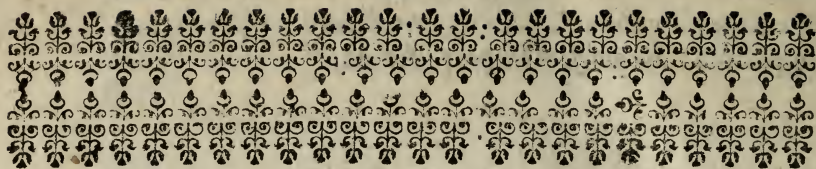
 lou-

louçania da primavera, quando ao inclinar do Sol ſe inclina amortecida deſengano do garbo,& laſtima da floreſta.

Eſta pois foi a morte intempeſtiva da noſſa flor animada, da noſſa amoroſa ſaudade, do Senhor Diogo Lopes de Souſa, taõ amado de Deos,como dos homẽs: *Dilectus Deo,& hominibus*, cuja memoria ſerà para todos os Portuenſes, & muito em particular para todos os Franciſcanos perpetua: *Cujus memoria*, *&c.* & com razaõ muita, pois mais morava neſte Convento; do que no ſeu paço, donde procedeo, que galanteando com elle as Senhoras ſuas irmãs, lhe chamavaõ o Hermitaõ de S. Franciſco. Sendo pois tudo iſto aſſim, com muito fundamento vos quero exhortar agora a todos a taõ devido ſentimento com as meſmas palavras,com que David exhortou ao povo na morte do Principe Abner: *Scindite veſtimenta veſtra* (dizia David) *& accingimini ſaccis,& plangite ante exequias Abner*: Veſtivos de luto todos, chorai muitas lagrimas mil a mil, ſuſpirai, & gemei,que muito juſto he que aſſim ſeja, pois debaixo daquelle funeſto tumulo jaz ſepultado o noſſo querido Principe Abner, o noſſo Governador taõ deſejado, o noſſo taõ amado Diogo na flor da ſua idade, *Verno tempore*, no melhor dos ſeus annos: *Sol in aſpectu.* Pára o diſcurſo, ſuſpende a voz ô lingua emudecida, que jà fazem ſeu officio as lagrimas em correntes nos olhos, jà ſe aſſomaõ à boca os ſuſpiros, & pois naõ tem já lugar as palavras, proſtrados ante aquelle Deos Sacramentado,de quem o noſſo defunto foi taõ devoto,encomendemoſlhe muito eſta alma, para que com noſſas deprecaçoẽs, & ſuffragios livre do Purgatorio vá lograr o deſcanço da gloria para que foi criada, & agora logo lhe rezemos

cinco

cinco Padre nossos à honra das cinco Chagas a que teve taõ grande devoçáo,& digamoslhe todos por ultima despedida: *Requiescat in pace.* Amen.

LAUS DEO.

Alphabeto de tudo o que neste livro se contèm ordenado pelo A, B, C.

A*Lmas*. Grande cousa he tratar dellas: grangea isto grandes favores do Ceo, p. 15.
Com esta devoção se grangeaõ grandes graos de gloria, pagin. 16.
Quem livra estas do Purgatorio he como huma divindade, pagin. 17.
He como hum Anjo, p. 53.
Naõ acodir ao bem dellas he condenaçaõ certa, & porque, pag. 95.
Até Deos parece que está colerico contra ellas, p. 97.
Entaõ està Christo mais Senhor, quando se occupa na salvação destas, p. 149.
Naõ póde Christo faltar, nem a V. Maria ao soccorro destas, & porque, p. 151.
Para o soccorro destas, mayor he o poder da Virgem, que o de Christo, p. 152.
Atè Christo se val da Virgem para este effeito, p. 155.
Só a vida da salvação destas he a verdadeira vida, p. 142.
Empenha com ellas Christo as suas Chagas, & os seus passos,

Vid.

Vid. Chriſto. *Vid.* Suffragios.

Amigos. Mais depreſſa ſe falta a hum pay do que a eſtes, pag. 34.

He verdadeiro aquelle que ſe lembra depois da morte como ſe lembrava na vida, p. 113.

Amor. A quem ama tudo lhe parece pouco, atè os annos lhe parecem breves dias, p. 9.

Todo o amante he muy lembrado em todo o tempo, & hora, p. 41.

O verdadeiro apenas vè a neceſſidade, quãdo logo a remedea, & della trata, p. 43.

He conſequencia infallivel delle a ſemelhança, & tanto ha deſte como daquella, 173.

Faz parecer muito o que na verdade he pouco, p. 188.

Auſencia. Naõ ſe guardaõ reſpeitos aos auſentes, p. 25.

B

B*Em.* Tanto mais ſe ſente o perdido, quanto por mais tempo foi logrado. O meſmo he quando a grandeza delle muito avulta, 125. & 128.

Brandura. Faz a huma peſſoa mui querida de todos, p. 273.

C

C*Hriſto.* A ſua payxão, & morte dà logo a gloria, & para iſto he grande valia, p. 166.

As ſuas Chagas ſaõ efficazes valias para com Deos, & atè eſte Senhor ſe val dellas, p. 171.

As ſuas Chagas com as de Saõ Franciſco ſaõ hũas meſmas, pag. 172.

He

He mui parecido com S. Francisco no motivo das Chagas, & porque, p. 172.
Os seus Santos Passos saõ a melhor valia, & remedio das almas dos vivos, p. 192.
Sempre para salvar almas se empregou em dar passos, specialmente para as almas do Purgatorio, & mais por estas do que por aquellas, p. 193.
Empenhase muito com aquellas almas dos que saõ devotos dos Santos Passos, & porque, p. 194.
Mais se inclina para a misericordia do que para a justiça, p. 203.
Quem he devoto da sua Cruz, & payxão, morre como senaõ morrera, p. 267.
Confissaõ. Nestes Sacramentos se commutaõ as penas eternas em temporaes, p. 74.
Aqui regula Deos o tempo das penas do Purgatorio segũdo a disposição do penitente com que vai confessarse, p. 75.
Criados. Taes saõ os criados quaes saõ os amos, p. 249.

D

Deos. TAnto montaõ nelle promessas de futuro, como posses de presente, p. 67.
Estar privado da sua vista inda por muito breve tempo, he o tormento mais insofrivel, p. 84.
Quam apertadas saõ as contas do seu divino juizo, p. 183.
Quando elle conta os nossos passos, todos atè os mais justificados tem culpas, p. 184.
Nelle primeiro lugar tem a misericordia do que a justiça, p. 203.
Envergonhase de que se vejaõ nelle rigores de justiça, pag. 204.

Quer

Quer parecer muitos quando usa lanços de misericordia, p.205.
Parece que perde a vida,& o ser, quando naõ usa estes lanços,ib.
Naõ socega, em quanto não tem com quem use lanços de misericordia, p.206.
Anda buscando ao modo de ar por onde entre a sua misericordia,p.206.
Saõ muito proprios delle os lanços da misericordia,mas naõ os da justiça,p. 207.
Naõ quer que à conta da sua misericordia deixemos de emendarnos, p. 208.
Prendelhe as maõs quem usa lanços de misericordia, p.208.
Saõ gloria accidental para elle os lanços da misericordia, pag.211.
O seu divino temor faz acertar cõ tudo a quẽ o tem,p.233.
Paga no Ceo como o servem na terra, p. 254.
He grande favor que faz aos seus amigos levalos para si depressa, p.277.
Deprecaçoens. Saõ de maior valor,& de maior agrado divino as que saõ feitas em cõmunidade,muito mais que as particulares, p.49.

E

Enterros. QUe significão estes que se fazem indo o corpo à sepultura, p.229.

F

Fé. ESta faz a huma pessoa muito querida de Deos,principalmente se for junta com amor, p.259.
S. Francisco. As suas Chagas valem muito para o bem das

Saõ o mesmo com as de Christo, p 172.
He mui parecido com Christo nos motivos das Chagas, & porque, p.175.
Com as Chagas he hum retrato do Santissimo Sacramento, & isto como, p.176.
Chagado foi hum como Corredemptor com Christo, pag. 178.

G

Gosto. VElo trocado em pena custa muito, p.132.

I

Imaginação. EStes tormentos saõ insoportaveis, p.85.
Ella os representa maiores do que saõ, p.87.
Inimigos. Padecer a maós delles he rigoroso tormento, p.83.
Innocentes. Só estes podem interceder por culpados, p.156.
Iustos. Vid. Santos.

M

Males. Vid. Tormentos.

Mancebo. VElo buscar a Deos largando o lugar da terra he grande prodigio, & muito mais sendo illustre, pag. 261.
Mostra no sobredito ser mais do Ceo que da terra, p.262.
V. Maria. He muito grande o seu patrocinio para o bem das almas, p.157.
He particular Advogada das bemditas almas, p.158.

Os ſeus devotos morrem como ſenaõ morrèraõ,p.267.
Miſſa. Entre todos os ſuffragios eſte he o de maior valor, & utilidade para o bem das almas, p.46.
Miſericordia. Uſala com alguem, faz ſer huma peſſoa bemaventurada,p.112.
Os lanços deſta prendem as maõs a Deos, p. 208.
Fazem trocar peccados graves em venialidades,p. 209.
Com eſtas ſobem depreſſa as almas ao Ceo, p.210.
Eſtas ſaõ gloria accidental para Deos,p.211.
He grande lanço della enterrar os mortos,& he muito maior que todos os mais, & porque, p. 221.
He lanço proprio de gente ſanta, & do coração de Deos, & de gente muito illuſtre, p. 222.
Eſtima Deos huma deſobediencia, quando della ſe ſegue a obra de Miſericordia de ſepultar hum defunto, p. 223.
Eſta acção merece ſer affamada em todo o mundo,p 224.
Uſa Deos os lanços deſta com quem a uſa com os oſſos dos finados, p. 225.
Diſto ſe tiraõ copioſos frutos, p. 226.
Faz livrar de caſtigos, & incendios, inda muito depois da morte, p. 227.
He iſto hum glorioſo triumpho, ibid.
Atè os Anjos ſaõ mais fermoſos aſſiſtindo a hum ſepultado por obſequio, 228.
Que ſignificaõ as ceremonias de hum enterro,p.229.
Vid. Deos.
Morte. Com eſta ſe acabaõ as mayores amiſades,& finezas,p.6.
A ſua lembrança eſtende a vida, & o ſeu eſquecimento a abrevia,p.28.
Em nada repara, & a tudo ſe atreve.
Quem morre conhecendo-a de antes,morre muito luzido, pag. 252.
Naõ a teme quem morre com os Sacramentos da Igreja, p. 253.

O mesmo he quando morre conforme com a divina vontade, p.270.

Mortos. Na lembrança dos vivos valem o mesmo que esquecidos, p. 4.

Para se crer que a estes se guardaõ alguns respeitos na vida, saõ necessarias testemunhas mui calificadas, & divinas, pag. 5.

Para o enterro delles. *Vid.* Misericordia.

O

Oraçoens. AS que saõ feitas em Cõmunidade, saõ de mayor valor, & efficacia, & mais do divino agrado que as particulares, p.49.

P

Parentes. Mais apertados saõ os do espirito que os do sangu[e] pag. 34.

Peccados. Quanto montaõ os veniaes, & o que se segue delles, pag. 72.

Sô a morte destes he a verdadeira morte, p. 144.

Peccador. Logo se emenda, inda que seja mui estragado, em [se] lembrando que Deos lhe conta as passadas, p.186.

A hum arrependido parece a sua culpa maior do q̃ na rea[a]lidade he, p.191.

Penas. *Vid.* Tormentos.

Prelado. No perfeito ha de aver misericordia com justiça, [&] rigor com brandura, p. 201.

Premio. Velo faltar ao serviço, & merecimento custa muit[o] p.131.

Purgatorio. Porque causa se padece nelle, p.70.

Ou

Qual he o ſeu lugar, p. 82.
Quaes ſaõ os Miniſtros dos tormentos, p.83.
Que tormentos aqui ſe padecem, p. 84.
Ha nelle lugar deputado para ſe purgarem os veniaes antes de ir ao Ceo, p. 103.
Porque o ordenou Deos, p. 105.
He hũ bautiſmo de fogo, como he o bautiſmo de agoa, 107.
Se o naõ ouvera, parece que deſeſperaramos de podermos entrar no Ceo, & porque, p. 108.
Com o temor delle ſe evitaõ muitos peccados, p. 109.

R

Rainhas. AS de Portugal foraõ mui tementes a Deos, pag. 234. & 235.
Reys. Nos perfeitos ha de aver miſericordia com rigor de juſtiça, mas mais de brandura que de rigor, p. 234.
Os que ſaõ dados por Deos, ſaõ mui tementes a Deos, p. 237.
He mui proprio nelles a gentileza do roſto, & a brandura das palavras, p. 239.
Tambem o he o geito decoroſo, & grave, p. 240.
No que he perfeito ha de verſe no exterior rigor, mas as execuçoens todas haõ de ſer de brandura, p. 243.
Os de Portugal prezaramſe ſempre de ſerem mais Pays de filhos, que Reys de Vaſſallos, p. 244.
He grande maravilha largarem o governo do ſeu Reyno para ſe irem viver a hum deſerto, ou fazelo no Paço, p. 245.
Morrer hum deſtes taõ pobre que nem tenha huma ſepultura he prodigioſo ſucceſſo, p. 254.
Remedio. O que he realengo, he commum para todos ſem exceptuar peſſoa algũa, p. 115.
Tello à viſta, & naõ poder aproveitarſe delle, he grande tormento. p. 1[illegible]2,

O

O mesmo he quando o tem de portas adentro, p. 123.
Dalo a hũa necessidade grãde he ser hũa cousa divina p. 134.

S

Sacerdotes. OS que fazem bem às almas, saõ bem-aventurados, p. 136.
Santissimo Sacramento. He de grande valia para o bem das Almas, & logo lhes dá a gloria, p. 266.
Mais se empenha com as almas do outro mundo, que com as deste, 167.
Empenhase muito particularmente com as que foraõ devotas deste misterio, p. 169.
Santos. Conformaõse muito nos seus trabalhos com a divina vontade, p. 60.
Estes naõ morrem inda quando morrem, pag. 142.
Sepultura. He grande gosto tella honrada, p. 217.
Mais monta isto do q̃ ter hum morgado muito rico, p. 217.
O preço com que esta se compra he preço muito honrado, p. 218.
He a maior felicidade que pòde darse na vida, ibid.
Naõ a ter propria, & honrada, he como estar nella crucificado, p. 219.
Mais se sente impedirse esta, do que quantas afrontas podem padecerse, ib.
Estas servem de coração aos defuntos, 220.
Vid. Misericordia.
Suffragios. Tem grande efficacia para fazerem sahir as almas do Purgatorio, p. 13.
Parece que quebraõ as portas do Ceo, & lhe fazem força, &c. p. 14.
Estes aliviaõ logo as penas das bem-ditas almas, & as metem no Ceo, p. 44.

Quem

Quem neſtes ſe empenha,naõ morre inda quando morre, & ſalvaſe ſeguro,& tem certa a graça, & miſericordia de Deos, p. 52.
O melhor de todos he o do Santiſſimo Sacramento que logo dà a gloria, & porque,p.146.
Vid. Almas.

T

Tormentos. HE muito grande eſtar privado da vida de Deos inda por breve tempo,p.84.
He grande padecer a maõs de inimigos, p. 83.
Quaes ſaõ os que ſe padecem no Purgatorio, p. 84.
Os da imaginaçaõ ſaõ inſoportaveis,p. 85.
Os que aſſentaõ ſobre outros ſaõ intoleraveis, p. 88.
Saõ inſoportaveis quando vem da parte donde o alivio ſe eſperava, p. 89.
Saõ inſoportaveis quando eſtando perto de hum bem naõ ſe pode lograr, p.91.
Tambem o ſaõ quando tocaõ na alma, p. 92.
Tambem o ſaõ quando ſe vé alguem deſemparado onde cuidou que achaſſe o melhor ſocorro, p. 94.
He grande morrer de fome tendo o paõ de caſa,& vendo-o comer aos de fóra p. 129.
Saõ mais crueis, & muito ſe aumentaõ na lembrança dos bens paſſados,p.132.
Trabalhos. Ninguem neſta vida ſe lembra de quem eſtá nelles, ou padece deſgraças,p.23.
Neſtes ſe conformaõ muito os juſtos com a vontade divina,p.60.
Fazemſe muito doces, & ſuaves,ſe poem quem os tem os olhos no Ceo, p. 61.

Pelo modo de os padecer ſe lograõ os premios noCeo,p.64.
Fazemſe muito ſuaves,quando ſe conſidera que ſaõ juſto caſtigo de Deos , & dos peccados, p.65.
Quem conſidera que ha de verſe em alguns,logo ſe compadece dos alheos,p.110.

V

Vida. A verdadeira he ſó a da ſalvação da Alma, p. 142.
Tambem o he ſó aquella que naõ tem achaques, p.146.

F I M.